

**d15189e8-
c69a-40a6-86fc-2ab
60b048b26**

**d15189e8-
c69a-40a6-86fc-2ab
60b048b26**

Forgive Me Father



AND SO I BECAME HIS
GREATEST SIN

K A T E R I N A S T C L A I R

Índice

[Capítulo 3](#)

[Uma mensagem para meus leitores:](#)

[Lista de avisos de gatilho](#)

[Lista de reprodução](#)

[Dedicação](#)

[2. Capítulo 1](#)

[3. Capítulo 2](#)

[4. Capítulo 3](#)

[5. Capítulo 4](#)

[6. Capítulo 5](#)

[7. Capítulo 6](#)

[8. Capítulo 7](#)

[9. Capítulo 8](#)

[10. Capítulo 9](#)

[11. Capítulo 10](#)

[12. Capítulo 11](#)

[13. Capítulo 12](#)

[14. Capítulo 13](#)

[15. Capítulo 14](#)

[16. Capítulo 15](#)

[17. Capítulo 16](#)

[18. Capítulo 17](#)

[19. Capítulo 18](#)

[20. Capítulo 19](#)

[21. Capítulo 20](#)

[22. Capítulo 21](#)

[23. Capítulo 22](#)

[24. Capítulo 23](#)

[25. Capítulo 24](#)

[26. Capítulo 25](#)

[27. Capítulo 26](#)

[28. Capítulo 27](#)

[29. Capítulo 28](#)

[30. Capítulo 29](#)

[31. Capítulo 30](#)

[32. Capítulo 31](#)

[33. Capítulo 32](#)

[34. Capítulo 33](#)

[35. Capítulo 34](#)

[36. Capítulo 35](#)

[37. Capítulo 36](#)

[38. Capítulo 37](#)

[39. Capítulo 38](#)

[40. Capítulo 39](#)

[41. Capítulo 40](#)

[42. Capítulo 41](#)

[43. Capítulo 42](#)

[Agradecimentos](#)

[Também por](#)

Forgive Me Father



AND SO I BECAME HIS
GREATEST SIN

K A T E R I N A S T C L A I R

Índice

[Uma mensagem para meus leitores:](#)

[Lista de avisos de gatilho](#)

[Lista de reprodução](#)

[Dedicação](#)

[2. Capítulo 1](#)

[3. Capítulo 2](#)

[4. Capítulo 3](#)

[5. Capítulo 4](#)

[6. Capítulo 5](#)

[7. Capítulo 6](#)

[8. Capítulo 7](#)

[9. Capítulo 8](#)

[10. Capítulo 9](#)

[11. Capítulo 10](#)

[12. Capítulo 11](#)

[13. Capítulo 12](#)

[14. Capítulo 13](#)

[15. Capítulo 14](#)

[16. Capítulo 15](#)

[17. Capítulo 16](#)

[18. Capítulo 17](#)

[19. Capítulo 18](#)

[20. Capítulo 19](#)

[21. Capítulo 20](#)

[22. Capítulo 21](#)

[23. Capítulo 22](#)

[24. Capítulo 23](#)

[25. Capítulo 24](#)

[26. Capítulo 25](#)

[27. Capítulo 26](#)

[28. Capítulo 27](#)

[29. Capítulo 28](#)

[30. Capítulo 29](#)

[31. Capítulo 30](#)

[32. Capítulo 31](#)

[33. Capítulo 32](#)

[34. Capítulo 33](#)

[35. Capítulo 34](#)

[36. Capítulo 35](#)

[37. Capítulo 36](#)

[38. Capítulo 37](#)

[39. Capítulo 38](#)

[40. Capítulo 39](#)

[41. Capítulo 40](#)

[42. Capítulo 41](#)

[43. Capítulo 42](#)

[Agradecimentos](#)

[Também por](#)

Forgive Me Father



AND SO I BECAME HIS
GREATEST SIN

K A T E R I N A S T C L A I R



KATERINA ST CLAIR



Perdoa-me Pai

Autora: Katerina St Clair

Editado por: Caitlin Cook

Direitos autorais © 2024 por Katerina St Clair

Todos os direitos reservados.

Impresso em: Estados Unidos da América

Isenção de responsabilidade: Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a autorização prévia por escrito do autor, exceto por breves citações usadas em resenhas.

Conteúdo

[Uma mensagem para meus leitores:](#)

[Lista de avisos de gatilho](#)

[Lista de reprodução](#)

[Dedicação](#)

[2. Capítulo 1](#)

[3. Capítulo 2](#)

[4. Capítulo 3](#)

[5. Capítulo 4](#)

[6. Capítulo 5](#)

[7. Capítulo 6](#)

[8. Capítulo 7](#)

[9. Capítulo 8](#)

[10. Capítulo 9](#)

[11. Capítulo 10](#)

[12. Capítulo 11](#)

[13. Capítulo 12](#)

[14. Capítulo 13](#)

[15. Capítulo 14](#)

[16. Capítulo 15](#)

[17. Capítulo 16](#)

[18. Capítulo 17](#)

[19. Capítulo 18](#)

[20. Capítulo 19](#)

[21. Capítulo 20](#)

[22. Capítulo 21](#)

[23. Capítulo 22](#)

[24. Capítulo 23](#)

[25. Capítulo 24](#)

[26. Capítulo 25](#)

[27. Capítulo 26](#)

[28. Capítulo 27](#)

[29. Capítulo 28](#)

[30. Capítulo 29](#)

[31. Capítulo 30](#)

[32. Capítulo 31](#)

[33. Capítulo 32](#)

[34. Capítulo 33](#)

[35. Capítulo 34](#)

[36. Capítulo 35](#)

[37. Capítulo 36](#)

[38. Capítulo 37](#)

[39. Capítulo 38](#)

[40. Capítulo 39](#)

[41. Capítulo 40](#)

[42. Capítulo 41](#)

[43. Capítulo 42](#)

[Agradecimentos](#)

[Também por](#)

Uma mensagem para meus leitores:

este trabalho não é de forma alguma um reflexo de como eu vejo o catolicismo, o cristianismo ou qualquer religião T em geral. Este trabalho é meramente uma peça de ficção e não deve ser tomado literalmente em nenhum sentido. Se você é sensível a histórias relacionadas ao uso da religião em um contexto negativo, por favor, não prossiga com a leitura. Por favor, leia atentamente a lista de avisos de

gatilho antes de mergulhar na história.

Agora, aproveite a leitura.

Lista de avisos de gatilho

Leia atentamente esta lista de gatilhos antes de prosseguir com a história:

- Auto-mutilação
- Menções de criança SA (Insinuadas nunca mostradas no papel)



- Abuso
- Tráfico de crianças
- Abuso de drogas/álcool/vício
- Perseguição/Assédio
- Violência gráfica/Morte na página
- Jogo Dom/Sub
- Sexo não consensual
- Ações sexuais não consensuais
- Jogo de Sangue
- Escravidão

Lista de reprodução

Problema (Despojado) - Halsey

Deus deve me odiar - Catie Turner

Canção de ninar do incendiário - Hozier

As Frutas - Paris Paloma

Faça isso por mim - Rosenfeld

Profano - Sam Smith e Kim Petras

Você é outra pessoa - Flora Cash

Luz do dia - David Kushner

Em Seus Braços - SOMBR

O Amor É Uma Cadela - Dois Pés

Hotel- Montell Fish

Black Out Days - Fantograma

Mais velho- Isabel LaRosa

Universo- David Kushner

Dedicação

***Para todos aqueles que passaram muito tempo sonhando acordados na
missa de domingo.***

Perdoe-me, Pai-







Capítulo 1

Éden

domingo.

S O Dia do Senhor.

“É o dia em que somos gratos pela família e pela fé”, a voz reverente da minha mãe ecoa pelo corredor, “vamos ser gratos por podermos nos reunir como uma família e ir à igreja.

Nem todo mundo tem essa bênção.” É difícil dizer se ela está tentando nos convencer ou a si mesma de que somos algo além de disfuncionais.

Um dia por semana, essa família age como se o papai não estivesse traindo a mamãe, eu não fosse uma fracassada e Aiden não fosse um grande maconheiro.

Que pena que minha bunda lamentável teve que voltar da faculdade para casa por tempo indeterminado e estragar tudo para todos eles.

No papel, parecemos uma família perfeita. Um filho, pronto para ganhar uma bolsa integral por suas realizações no time de futebol americano do ensino médio, um marido comandando um dos escritórios de advocacia



mais bem-sucedidos desta pequena cidade inútil, e uma esposa sempre a primeira a participar de todos os eventos sociais do bairro.

Para quem não olha muito de perto, nossas vidas refletem o epítome de uma família nuclear amorosa e estável. Até mesmo a maldita casa de cerca branca no meio de quem se importa, subúrbio.

Mas há rachaduras no verniz. Eu as vejo quando olho para minha mãe. Não tenho certeza de como enterrar suas mágoas em uma garrafa de vinho todo sábado à noite e assistir a reprises de The Office conserta uma vida desprovida de amor do homem que roubou seus vinte anos. Acho que eu também poderia afogar minha dor com martinis de sexta-feira com as meninas no quintal, fingindo que todos os maridos não se irritam ao ver quem consegue prender a garota ainda jovem o suficiente para ser confundida com uma adolescente no bar.

Eles eram perfeitamente felizes vivendo em negação, colocando seus pecados para descansar antes do café da manhã todos os dias, sob uma imagem emoldurada dos Dez Mandamentos.

Honra teu pai e tua mãe.

Não cometerás adultério.

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Que hipócritas de merda.

Mas, por um dia da semana, podemos agir como se tudo estivesse bem.

Podemos fingir que mostramos a cara na catedral como modelos de fé em vez da necessidade vã de apresentar a todos os outros que somos perfeitamente normais.

"Mamãe disse que você tem cinco minutos", Aiden suspira, olhando para as caixas empilhadas desordenadamente no canto do meu quarto. Eu ainda não tinha conseguido desempacotá-las desde que joguei tudo no meu carro e fugi do meu dormitório para voltar para casa.

"Eu sei dirigir", murmuro, mexendo nas configurações da minha câmera, sentindo-me incomodada quanto mais Aiden me observa da porta.

O cabelo castanho de Aiden está desgrenhado sem esforço. Sua camisa social recém-passada e calças têm uma aparência ligeiramente desgrenhada

— sua gravata afrouxada, camisa para fora da calça e seu blazer está despreocupadamente jogado sobre seus ombros. A atitude estereotipada de estudante católico é uma ameaça à castidade de qualquer garota, da qual tenho certeza de que ele tira vantagem.

"Bom para você. Mamãe quer ter certeza de que você realmente apareça", ele boceja, empurrando uma das caixas de isqueiro para baixo da pilha ao lado dele.

Artigos de higiene e outros itens não essenciais caem da caixa e rolam para baixo da minha cama mal arrumada. Olho para cima e vejo um sorriso de merda estampado em seu rosto.

"Ops."

Batendo a câmera na mesa, pego as chaves do carro na cama, pronta para chutar meu irmão com tanta força na bunda que ele anda estranho durante a comunhão.

"Cai fora, Deus me ajude...", começo, pronta para jogar sua cara presunçosa na porta.

"Linguagem, Eden!", grita minha mãe, me repreendendo como se eu não tivesse ouvido coisas consideravelmente piores vindas dela cada vez que ela se arruma para meu pai, fazendo o que pode para ganhar um pouco de sua afeição.

"Estamos indo embora agora!", ela continua, batendo a porta com muita raiva.

"Você não está falando sério sobre isso?", ele questiona, meus olhos seguindo os dele até meu suéter azul escuro enorme e meu moletom preto surrado.

"Vou ficar sentado, ajoelhado e de mãos dadas com um monte de estranhos por uma hora e meia, e você quer que eu me vista como se fosse meu maldito casamento?", questiono, empurrando Aiden para fora do caminho.

"Cai fora."

"Casamento?" Ele ri. "Esqueci que você acredita em coisas irrealistas.

Casamentos, se tornar um fotógrafo, passar por um ano de faculdade-"

Abafando a necessidade incessante do meu irmão de me derrubar de qualquer maneira que puder, eu cubro meus ouvidos, deixando o barulho das minhas chaves batendo umas nas outras se tornar meu foco principal.

Um desejo profundo de entorpecer a onda de emoções que rola por mim ameaça me consumir enquanto eu saio do quarto. Eu reprimo a vontade de pegar a lâmina envolta em pano que eu mantenho escondida no meu quarto, minha mente já evocando imagens de mim arrastando a lâmina fina de metal pela minha pele até que o vermelho afogue a dor. Verificando duas vezes para garantir que todas as partes do meu corpo estejam escondidas no espelho mais próximo da porta da frente, eu levanto meu dedo médio para meu irmão, rezando para que pela primeira vez Deus ouça minha mensagem e vire meu carro antes que eu possa chegar ao estacionamento da igreja.

Por mais que eu tema estar cercado por rostos desconhecidos querendo saber por que voltei para casa, a catedral nunca deixou de me surpreender.

Na grande extensão da catedral, uma vasta piscina de água benta brilha sob a luz suave e filtrada que flui através dos vitrais. A água, sem dúvida contaminada pelas mãos sujas de pecadores que se esgueiram preguiçosamente para o espaço, ocupa um lugar central na nave, sua superfície refletindo os mosaicos intrincados e arcos ornamentados acima.

As bordas da piscina são emolduradas com elegantes trabalhos em pedra que são semelhantes aos pilares de bétula intrincadamente esculpidos que adornam o espaço.

Centralizadas no altar em uma plataforma elevada, as cadeiras do padre e do diácono são posicionadas diante da Eucaristia. Pequenos assentos e almofadas de joelhos para os servidores do altar são dispostos na parte de trás do grande pódio, que é usado para a leitura das Escrituras.

O coro fica na parede do fundo, escondido e destinado a ficar fora da linha de visão dos discípulos. Posicionado à esquerda do grande espaço, uma sala separada destinada à confissão permanece desimpedida. Sua porta será destrancada e aberta trinta minutos antes da missa para as pessoas limparem suas almas pesadas. Ao contrário de muitas igrejas católicas, a Saint Michael's escolheu uma abordagem mais direta para a confissão, posicionando a cadeira do padre na frente do penitente, forçando você a olhar o homem nos olhos enquanto

confessa seus pecados.

Ao longo dos anos, a confissão pareceu mais um jogo do que um ato real de arrependimento.

Mentir para o Padre Kevin sobre meus pecados se tornou mais fácil. Ele está velho e frágil, seus melhores anos já passaram. Às vezes, eu me

pergunto se ele está ansioso para ouvir meus pecados selvagens, ansioso para saber a quais tentações Satanás me levou.

Na semana passada, contei a ele que experimentei metanfetamina pela primeira vez, o que foi hilário, considerando que na única vez em que experimentei maconha, vomitei tanto que jurei que nunca mais tocaria em drogas depois daquele dia.

Na semana anterior, contei a ele que participei de uma orgia e que seria melhor não beber do cálice comunitário ao receber o sangue de Cristo.

Jogar esses jogos com o velho me deu algo pelo que ansiar enquanto evito os verdadeiros demônios que atuam dentro da minha alma.

Minha mãe acha que a confissão acabará me dando coragem para contar a ela por que voltei para casa.

Meu pai não se importa nem um pouco que eu tenha desistido. Menos dinheiro para ele gastar com uma criança caloteira. Ele mal falou vinte palavras comigo desde que voltei para esta pequena cidade da floresta.

Vergonha.

Vejo Aiden conversando com alguns de seus amigos do time de futebol.

Aiden sempre foi popular na escola, mas não tenho certeza se alguém o conhece de verdade.

Bebendo minha terceira xícara de limonada de cortesia, isolei-me do bando de membros excessivamente vestidos da congregação, ficando sozinho em um dos sofás no espaço de reunião que seria utilizado antes da missa.

Navegando pelas redes sociais no meu celular, leio nervosamente as postagens dos meus amigos da faculdade, desligando meu celular completamente quando vejo o rosto *dele* em uma das fotos do grupo postadas nas férias de primavera.

Depois de terminar o que sobrou da minha bebida, jogo o copo em uma lata de lixo próxima, franzindo a testa quando ele erra a borda.

"Ela atira, ela erra", sua voz familiar ressoa. O sofá se move sob o peso adicionado enquanto ela se junta a mim com um largo sorriso no rosto.

Com cabelos escuros cacheados, olhos cor de mel dourado e pele morena rica, Zoey Lee é o epítome da perfeição humana. Ao contrário dos meus cabelos castanhos descontrolados, olhos castanhos turvos e pele pálida

sardenta, ela sempre parece cheia de vida, beijada pelo sol, seus dentes brancos como a neve.

Se ela não fosse uma amiga de infância que odiava a religião organizada tanto quanto eu, não tenho certeza se teríamos algo em comum.

"Quantas mulheres fofocaram sobre minha mãe hoje?", pergunto, inclinando-me para ela.

Seu corpo curvilíneo e seios fartos são acentuados pelo lindo vestido estampado de flores que ela está usando.

"Seis. Dahlia sempre tem algo a dizer depois que seu pai olha para ela com ar sedutor", ela sibila, apontando para a jovem mulher que está desconfortavelmente perto do meu pai.

"E o que Aiden estava dizendo?"

Eu sei muito bem que ele já liderou a onda de boatos sobre mim, dentro e fora da igreja.

"Aparentemente, sua piada sobre metanfetamina ganhou alguma força", ela diz contritamente, dando-me um tapinha nas costas. "Mas eu sei que não é verdade", ela sussurra, dando um pequeno beijo em seu colar de cruz.

"Assim como o grandalhão", ela sorri. Sinto o metal frio da minha própria cruz

pressionado no centro do meu peito, pedindo atenção.

Passando os dedos sobre o rosário no bolso, uso o sacramental destinado à oração como uma distração, mantendo meus pensamentos longe das cicatrizes em meus pulsos.

"Eu deveria acender uma vela", murmuro, a sensação dos olhares penetrantes das pessoas de repente se tornando muito mais aparente.

"Eu queria te contar uma coisa", Zoey sorri, movendo os olhos ao redor da sala. Puxando meu braço, ela me faz sentar de novo, seus lábios pressionando meu ouvido. "O padre Kevin está se aposentando."

"Padre Kevin? O homem que disse que iria "morrer no altar antes de partir" está se aposentando?"

Zoey balança a cabeça animadamente.

"Ele foi até o clero, solicitando uma aposentadoria antecipada para aproveitar algum tempo em Jerusalém. Eles aprovaram seu pedido e nomearam um novo padre. O anúncio deve acontecer hoje-"

"Ei, Eden", grita um dos amigos de Aiden, um coroinha, do outro lado da sala. Seu sorrisinho maligno é mais do que suficiente para me dizer onde isso vai dar. "Você acha que o Senhor aprovaria você usando metanfetamina?" Vejo o cotovelo do meu irmão atingir seu lado.

Eis o que dizer sobre respeitar o próximo.

Ouvindo os sussurros na sala aumentarem, meu pai olha para onde estou, seus olhos fixos na mesma forma rígida e fria que eu costumava temer quando criança. Ouvindo o som da fivela do cinto dele no fundo da minha mente, limpo minha garganta e deixo Zoey para trás no espaço de reunião lotado.

Empurro as grandes portas de carvalho e mergulho meu dedo na piscina de água benta.

"Em nome do Pai, do Filho e do-" Faço uma pausa, olhando para os bancos

vazios, me perguntando qual o sentido se ninguém estava olhando.

"Foda-se isso", eu sibilo, parando no meio da benção. Meus olhos espreitam em direção à sala de confissão vazia, decidindo confrontar o padre Kevin.

Indo em direção ao quarto, jogo os ombros para trás, levanto a cabeça e me preparo para encarar o velho com toda a coragem que consigo reunir.

Forçando a porta a se abrir, começo a falar, mas paro, perplexo com a visão diante de mim.

Faltam dez minutos para a missa.

Ele ainda deveria estar aqui.

Ele está sempre aqui.

Mas em vez disso, encontro outra pessoa aqui.

Vestido de preto elegante da cabeça aos pés, sua camisa e calças sob medida se agarram a uma estrutura ampla e imponente. Braços cruzados sobre o peito, ele se eleva acima da maioria dos homens na congregação, medindo cerca de 1,93 m. Seu cabelo escuro, cortado em um corte inferior desbotado, emoldura intensos olhos castanhos que se fixam nos meus, as íris verdes quase me engolindo inteira. Um arrepio percorre meu corpo —

mentir para o padre Kevin é uma coisa, mas eu nunca conseguiria enganar esse homem. Tinta preta traça a lateral de seu pescoço, uma cruz prateada

brilhando em sua garganta. Jovem, mas endurecido, ele se inclina para a porta, seu olhar penetrante até que sou forçado a desviar o olhar. Bonito e assustador ao mesmo tempo, o homem não é alguém que eu já tenha visto na catedral antes. Sua boca se move, mas não consigo ouvir um som.

"O-O quê?", questiono, lutando para encontrar as palavras, o suéter grande abraçando meu corpo agora consideravelmente mais quente.

Enquanto ele se afasta da parede, uma aliança de ouro brilha em seu dedo antes que ele coloque as mãos nos bolsos.

"Perguntei se posso ajudar você?" Ele reitera, olhando para a cadeira vazia do Padre Kevin.

"Onde está o padre Kevin?", pergunto, mantendo meu foco em qualquer coisa, menos nos olhos dolorosamente marcantes do homem.

"O padre Kevin terminou cedo hoje. Entre você e eu, acho que ele está desanimado por hoje ser sua última missa", ele suspira, parando diante de mim. "Você precisava de algo dele?" O maxilar do homem fica tenso quanto mais ele me observa. "Você parecia bastante lívido ao entrar aqui."

Tento recuperar o fôlego, mas a presença do homem é sufocante. Sua voz profunda e seu corpo grande são o suficiente para fazer qualquer um questionar suas ações na casa do Senhor.

"Vim aqui para me confessar", minto, forçando meu rosto a assumir uma expressão neutra. "Mas não pretendo que um estranho me absolva dos meus pecados", retruco, com um pequeno sorriso se espalhando pelo rosto atraente do homem.

"Você tem uma lista de pecados para compartilhar?", ele questiona, quase como se estivesse zombando de mim.

"Não tantos quanto seus coroinhas", resmungo. "Você acha que Deus sabe com que frequência o Padre Kevin sentiu a necessidade de compartilhar minhas confissões com seus bajuladores oportunistas?", questiono, as sobrancelhas do homem se erguem diante do comentário.

"Bajulador?"

"Pequenos discípulos perfeitos, todos vestidos de branco, ajoelhados aos pés do homem como se ele fosse uma divindade, implorando para lambe seus pés e seguir cada comando seu. Como você os chamaria se não servos?"

"Eu os chamaria de filhos de Deus. Subservientes ao Pai", ele sussurra, dando um passo mais perto. Sinto o calor preso atrás das minhas bochechas, minhas unhas arranhando violentamente as palmas das minhas mãos fechadas.

"Eu nunca fui de me submeter tão cegamente a alguém ou a alguma coisa,"

eu sibilo, sem deixar de lado minha posição. "Talvez seja por isso que o Pai escolheu revelar meus segredos."

Ele me examina, deixando seus olhos permanecerem no meu pescoço por muito mais tempo do que eu gostaria.

"Ainda assim, você usa essa cruz?", ele questiona.

"A fé nominal é melhor que nada."

Assentindo, ele olha para trás, a conversa animada daqueles que estavam começando a se infiltrar no espaço rompendo o ar tranquilo entre nós.

"Eden Faulkner, eu acho?" ele questiona.

A maneira como ele diz meu nome desperta cada nervo do meu corpo. Meu estômago revira de ansiedade, minha pele fica vermelha de calor.

"Então, eu estava certo. Ele falou sobre mim?" Eu questiono. "Você está pronto para me julgar também?"

Ele inclina a cabeça para o lado diante da acusação em meu tom.

"Como eu poderia ter algo além de empatia por uma viciada em metanfetamina e amante de orgias?" Ele pergunta sarcasticamente. "Embora eu não possa dizer que nada disso se encaixa na garota que vejo diante de mim", ele diz, como se tivesse me descoberto completamente.

"Então o que você vê..." Eu paro, dando-lhe espaço para revelar sua identidade.

"Romano", ele esclarece, seus caninos brilhando enquanto seus lábios se curvam em um sorriso malicioso.

O zumbido baixo do coral cantando louvores chega aos meus ouvidos, o primeiro aviso para me sentar antes do início da missa.

Desejando agora mais do que nunca poder escapar e me esconder no banheiro, balanço a cabeça, deixando meus dedos tocarem minhas

têmporas. A última coisa que tenho paciência para fazer é ficar ao lado de Aiden

por uma hora e meia e bancar o bonzinho.

"Acho que essa é sua hora de ir embora", diz Roman, estendendo o braço em direção à porta aberta.

Lanço-lhe um olhar irritado e então lentamente dou um passo para trás, soltando um sorriso desdenhoso.

"E você?", questiono, estreitando meu foco.

"Eu participarei, só que de uma forma diferente", ele dá de ombros, me dando pouca clareza sobre quem ele é.

"Certo", eu sibilo, revirando os olhos ao ver o quão relaxado e indiferente ele parece.

Girando nos calcanhares, sigo em direção à porta, assustado quando um braço bloqueia meu caminho.

Seu corpo se inclina na direção da porta, me impedindo de ir mais longe.

"Para responder à sua pergunta, Eden," ele sussurra, sua voz baixa enquanto sua respiração roça a parte de trás do meu pescoço. "O que eu vejo é uma garota que abre a boca antes de pensar muito,"

Ele estala, seus lábios a centímetros da parte de trás do meu pescoço. "Você se beneficiaria em aprender a fechar esses seus lábios. Talvez tente concentrar toda essa energia emocional que você está cuspidando em algo mais gratificante."

Quando viro a cabeça, ele permanece imóvel, com o nariz a poucos centímetros do meu e seu corpo se elevando sobre mim na porta.

"Sim?", questiono, pensamentos maliciosos em relação a esse homem apodrecendo em minha mente. "Bem, talvez você possa pensar em algo para eu focar, então."

Eu balanço a cabeça para ele. Observando seus olhos me seguirem enquanto eu me afasto, seu corpo rasteja para trás na sala de confissão até que ele não esteja mais visível.

Ando pelos bancos, ignorando o fogo sob minha pele, mantendo a cabeça baixa até encontrar os olhos da minha família, que ficará para sempre decepcionada comigo.



Quarenta e cinco minutos de escritura, trinta minutos de hino e vinte minutos de ajoelamento depois, o Padre Kevin finalmente tira seu foco dos servidores do altar. Limpando a garganta, as pessoas começam a se aquietar enquanto ele se move em direção à frente da sala.

“Antes de recebermos o Espírito Santo, tomarmos o sangue de Cristo e nos despedirmos pela noite, quero me dirigir ao elefante na sala”, diz o velho com um sorriso, enquanto sussurros ecoam pelos bancos.

Ele junta as mãos à sua frente enquanto olha solenemente para cada parte da área do altar, esperando que a conversa animada diminua.

"Tenho certeza de que muitos de vocês ouviram um boato sobre minha saída da igreja-"

"Ei," Aiden retruca, agarrando meu cabelo para chamar minha atenção, sua boca a centímetros da minha orelha. "Prometi a alguns dos meus amigos que poderia fumar com eles depois da missa. Você se importa em me levar até o The Overlook?"

"Por que diabos eu faria isso?" Afastei a mão dele do meu cabelo, respondendo baixo o suficiente para evitar os ouvidos atentos dos meus pais.

"Não faria mal nenhum ter meu apoio quando mamãe e papai decidirem gritar com você quando chegarmos em casa", ele sibila, mantendo sua posição com meus pais sobre minha cabeça como um maldito adesivo dourado. "Concordo, ou direi a eles que todos os rumores são verdadeiros."

Recuando, certifico-me de que ele pode sentir a frieza no meu olhar. "Foda-se."

"Vou considerar isso um sim", ele responde bruscamente, dando um tapa na parte de trás da minha cabeça antes de voltar a atenção para o Padre Kevin.

Mantendo minha cabeça baixa, uma presença irritante começa a me corroer.

Incapaz de ignorá-la por muito tempo, olho ao redor, virando-me para encontrar Roman encostado em uma parede no fundo da sala, seus olhos se fixando nos meus instantaneamente.



Olhando feio para o homem, puxo uma das mangas do meu suéter, pensando na aliança de ouro de Roman, imaginando onde sua esposa poderia estar.

Há quanto tempo ele está olhando nessa direção?

"Infelizmente, decidi deixar meu tempo aqui e dar um salto em direção à minha próxima aventura trazida pela fé", exclama o padre Kevin. Meu foco é desviado de Roman.

"Mas não pense que o deixei de mãos vazias."

Ao encontrar Zoey no meio da multidão, ela me lança um olhar de "eu avisei".

As pessoas ao meu redor começam a bater palmas e soluçar em choque.

Alguns até saem da sala dramaticamente para esconder suas emoções intensas após ouvir as notícias.

Quem diabos iria querer assumir o controle-

"Padre Briar", o Padre Kevin gesticula em direção ao fundo da sala, meu corpo fica rígido enquanto Roman se afasta da parede e confiantemente segue em direção à frente do altar.

O queixo de Zoey cai quando ela observa Roman, seus olhos arregalados de admiração. É claro que sua aparência marcante deixou ela e as outras mulheres nos bancos sem fôlego. Enquanto ele

aperta a mão do Padre Kevin, a atenção das mulheres está fixada nele, seus olhares se demorando com fome indisfarçável. Enquanto isso, seus maridos sentam-se fervendo de frustração mal contida, suas mãos firmemente cerradas em uma mistura de ciúme e raiva enquanto observam o fascínio óbvio de suas

esposas por ele. "Este é o Padre Briar", o Padre Kevin sorri.

"Ele acabou de terminar suas funções em uma igreja anterior e está emocionado por assumir o meu lugar-"

"Ele não é um pouco jovem para o papel, Padre Kevin?", meu pai questiona, cutucando minha mãe, cujos olhos estão grudados em Roman.

Os olhos do Padre Kevin brilham de orgulho ao apresentar o novo padre.

“O Padre Briar demonstrou uma promessa extraordinária desde jovem”, ele começa, sua voz tingida de admiração. “Seu brilhantismo no seminário foi igualado apenas por sua fé e dedicação inabaláveis. Ele superou provações pessoais significativas, incluindo a perda de sua família em tenra idade, o que aprofundou sua compaixão e determinação. Apesar de sua juventude, ele já demonstrou uma compreensão profunda da vontade de Deus e um raro dom para guiar os outros. Sua jornada tem sido de notável resiliência e propósito divino, e ele está excepcionalmente preparado para liderar esta congregação com sabedoria além de sua idade.”

Sob essa luz, Roman parece muito mais acessível do que quando estava na sala de confissão, mostrando ao público seu sorriso caloroso e seus olhos suaves e acolhedores.

Pegando o microfone do padre Kevin, ele pigarreia, e o ronco baixo de sua voz faz meu estômago dar uma cambalhota.

"Obrigado, Padre", Roman sorri, respirando fundo. "Eu sei o que todos vocês devem estar pensando agora. Quem diabos é esse garoto parado aqui?" Suspiros audíveis escapam de alguns dos membros mais tradicionais da congregação diante da linguagem grosseira.

Sentindo um sorriso surgir em meus lábios, forço a expressão a diminuir, olhando para a aliança de ouro enrolada em seu dedo.

Então, não é a uma mulher que ele é devotado, mas sim a Deus.

"Sei que tenho grandes desafios a enfrentar seguindo os passos do Padre Kevin, e não posso esperar igualar o legado que ele construiu. No entanto, prometo liderar esta congregação com fé e dedicação inabaláveis. Estou comprometido

em conhecer cada um de vocês pessoalmente e guiá-los com sinceridade e compaixão. Juntos, buscaremos seguir o caminho de Deus e fortalecer nossa fé." Seus olhos permanecem nos meus enquanto ele examina a sala.

Sentindo como se a última parte fosse um ataque pessoal, reajo sem pensar, levantando meu dedo médio no centro do peito.

Vendo um sorriso irônico se espalhar em seus lábios momentos após o gesto, eu rapidamente abaixo minha mão, me sentindo mais exposta sob seu olhar do que eu estive a noite toda, apesar dos olhares persistentes que eu enfrentei durante todo o serviço. Abaixando minha cabeça, eu olho para meus pés, mantendo meu foco longe do Padre Briar e sua atitude irritante e arrogante.

"Com isso", interrompe o Padre Kevin, "acho que é hora de começar a Comunhão."

Nossa família é uma das últimas a afunilar nosso caminho até o altar.

Seguindo Aiden, piso em seus calcanhares sempre que posso. Reprimindo a necessidade de gritar comigo de frustração, ele continua a seguir nosso pai obedientemente sem dizer uma palavra. Enquanto isso, observo a congregação passando cestas ao redor, a igreja coletando doações persistentemente como se ainda estivesse precisando, apesar da riqueza aparente exibida ao nosso redor.

Pisando no calcanhar com tanta força que quase perde o sapato, Aiden finalmente se vira, levantando o punho. Aponto meu dedo para a grande cruz pendurada acima do altar.

"O que Cristo diria?", questiono, forçando um tom simpático.

"Que você deveria ter sido abortada", ele sibila, seu insulto não fazendo nada para perfurar meu interior. Quando finalmente é nossa vez de receber a comunhão, Aiden rapidamente coloca um sorriso gentil enquanto nossos pais tomam seus lugares diante dos coroinhas segurando o cálice.

Meu irmão se aproxima do padre Kevin, que gentilmente coloca um pedaço de pão em sua língua. Eu me movo para o único lugar vazio, evitando intencionalmente o cálice devido ao meu relacionamento complexo com o álcool. Quando estou diante do coroinha, abro minha boca para receber a Eucaristia, apenas para me assustar quando uma mão, autoritária e

impressionante, com dedos longos e fortes que se afinam para pontas firmes e quadradas, inesperadamente agarra o ombro do jovem coroinha ao lado dele.

"Eu assumo." Roman sorri, pegando a tigela de metal cheia de pão. Ele se move para ficar na minha frente, e eu estou apenas um pouco ciente de que posso estar olhando boquiaberta para ele.

"Não sou do tipo que gosta de sangue?", ele questiona, e minha boca se fecha de repente.

Sem dizer nada, não alimento seu comentário provocador. Com isso, estou pronto para rejeitar todos os sacrifícios de Cristo. A essa altura, parece que já estou condenado.

Quando começo a descer do altar, uma pressão repentina e inesperada no meu lábio inferior me faz congelar. Sua mão encontra meu rosto, seu

polegar desliza entre meus lábios com um toque autoritário. Ele gentilmente, mas firmemente, arrasta meu maxilar inferior para baixo, forçando minha boca a abrir. Enquanto ele mantém uma pressão constante no meu maxilar, seu olhar abaixa, estudando-me atentamente. Eu o encaro de volta, meus olhos arregalados com uma mistura de confusão e intriga.

"Mostre sua língua", ele exige. Minha família está muito focada em receber a comunhão para perceber o que está acontecendo.

Hesitante, faço o que ele diz. Roman coloca o pão na minha língua, seu polegar puxando levemente meu lábio inferior antes de sua mão se afastar lentamente. Uma névoa tonta se arrasta sobre meus sentidos, a pressão se enrolando entre minhas coxas com o gesto.

"O corpo de Cristo", Roman sussurra, fechando minha boca rapidamente.

"Amém", digo instintivamente, ainda chocada com a sensação do seu dedo no meu lábio.

"Boa menina. Viu, você pode se submeter. Tente se lembrar disso da próxima vez que você se sentir inclinada a abrir essa boca bonita de raiva", ele sussurra, seus olhos baixos rapidamente iluminando no momento em que minha mãe se aproxima dele.

Recuando, toco as partes do meu rosto que ele havia tocado, incomodada com a facilidade com que ele conseguia me fazer fazer o que ele queria.

Incapaz de me livrar do nervosismo, respiro fundo e tomo a decisão executiva de deixar o prédio e passar o resto da missa pensando demais no meu carro.





Capítulo 2

romano

faço meu caminho para o vestibulo. As mulheres da igreja demoram, tomando um tempo extra para me cutucar na minha história de vida, luxúria e fome pingando de cada palavra que elas me dizem.

Ao observar vários maridos se reunindo no fundo do espaço de reunião, vejo muitos me olharem com desgosto, inseguros demais com seus frágeis egos masculinos para expressar o quão furiosos estão ao ver que suas esposas são capazes de se prostituir por alguém.

Forçando um sorriso apreciativo, olho ao redor do espaço de reunião, imaginando em que ponto vou parar de tentar localizar seus cabelos castanhos e corpo malvestido na onda de vestidos excessivamente justos e camisas sociais passadas. O padre Kevin parece tranquilo, inclinando-se para despedidas afetuosas e palavras gentis de seus seguidores leais. Eu o pego olhando para mim toda vez que alguém menciona o quanto ele fará falta.

"Odeio ver você partir", grita uma das mulheres do coral, envolvendo o velho com os braços, enquanto me olha pelo canto do olho.

Dando-lhe alguns tapinhas, o velho pede licença e se inclina para mim para proteger suas palavras.

"Você pensaria que eles poderiam pelo menos ser sinceros na presença de dois

padres", ele brinca, levantando uma sobrancelha.

"Ela parecia genuína", provoco, sorrindo um pouco mais quando o homem revira os olhos.

"Eu acho que nem sabia que havia tantas mulheres na congregação antes de hoje", ele sorri, fazendo o melhor que pode para evitar que os discípulos o usem como uma maneira de me olhar mais de perto. "Eu posso ter dedicado minha vida a Deus, assim como você, mas, meu Deus, um aumento de confiança como esse teria sido bom uma ou duas vezes."

Dando um tapinha em suas costas, tento aliviar seu desconforto.

"Espero que não esteja preocupada. Nunca tive problemas com tentação", digo com total honestidade, me chutando pela falta de controle que tive antes com Eden. Sua atitude desafiadora tinha feito algo comigo que eu ainda não estava disposta a explorar.

Na maior parte do tempo, olhar além das mulheres tem sido simples, minha mente sempre retornando à minha promessa a Deus, meus pensamentos pecaminosos e depravados trancados nas profundezas da minha mente.

Então por que diabos não consigo me livrar do quanto o comportamento recalcitrante dela mexe com algo dentro de mim?

Acenando um grande papel branco no ar, um dos coroinhas mais jovens, Nathan, se aproxima com um olhar presunçoso no rosto.

"É essa a lista?", pergunta o padre Kevin, e a resposta do menino é apenas um leve aceno de cabeça.

"Você não vai acreditar quem se alistou para servir neste outono", o garoto zomba, olhando-me de cima a baixo.

Respirando fundo, sinto o cheiro persistente de maconha e deixo um sorriso malicioso surgir em meus lábios.

"Você é um grande fã de remédios?", pergunto, e seu olhar presunçoso desaparece rapidamente.

"Eden Faulkner?" O padre Kevin parece surpreso, mas o nome dela imediatamente desperta meu interesse, mais rápido do que qualquer interação que tive desde o fim da missa.

Ainda sentindo o fantasma dos seus lábios envolvendo meu polegar, eu me mexo desconfortavelmente no lugar, cerrando o maxilar enquanto sinto o aumento do fluxo sanguíneo passando entre minhas pernas.

Merda. Talvez seja hora de uma reinicialização divina. Imagens de pecados malignos e profundamente enraizados surgem na minha mente, me lembrando das partes de mim que deixei para trás depois que fui ordenado.

Dediquei minha vida a Deus para espantar meus demônios, não cair direto em suas garras.

Tentar descobrir por que ela está em meus pensamentos desde nossa interação no confessionário é melhor deixar sem solução.

Ou talvez seja o fato de eu saber exatamente por que ela está em minha mente que está me consumindo.

"Ela se alistou voluntariamente?", questiona o padre Kevin, e ele não se conteve em compartilhar comigo seus sentimentos em relação a Eden.

Tendo sido grandes contribuidores para a remodelação da igreja, os Faulkners são bem conhecidos nesta cidade. Seu pai, David, e sua mãe, Morgan, são ambos alguns dos católicos mais devotados à igreja. Seu filho, Aiden, é um coordenador de jovens engajado e eficaz e é um dos favoritos aqui. Eden, no entanto, é "a maior criação de Satanás", de acordo com Kevin.

"Não exatamente-"

"Eu a inscrevi", um homem de meia-idade diz. Ele e Kevin sorriem um para o outro, uma mulher parecida com Eden em aparência segue atrás do homem. Os dois homens são claramente familiares, e minha presença parece não ter nenhuma consequência para qualquer relacionamento que esses dois tenham um com o outro.

"Sua última tentativa de ajudá-la a encontrar redenção?", brinca o padre Kevin, e minha boca se abre antes que eu tenha tempo de processar minhas palavras.

"Seu controle sobre sua filha é tão fraco que você teve que recrutar um padre para lhe ensinar alguma orientação moral?", pergunto, observando os olhos do homem se arregalarem de surpresa.

"Desculpe, não consigo lembrar seu nome, pai", o homem sibila, com a mão estendida entre nós.

Eu sorrio, pegando sua mão e apertando com toda a força que posso. Ele estremece enquanto seu rosto fica vermelho de raiva.

"Roman Briar, mas aqui você me conhecerá como Padre Briar", eu me gabo, observando o homem zombar.

"David Faulkner," ele retruca, olhando de volta para sua esposa. "Esta é Morgan." A cabeça da mulher mal se levanta para me reconhecer.

Parece que ela provavelmente recebeu uma bronca por seu olhar descarado para mim durante a missa.

"Eden e Aiden são seus?", pergunto, enquanto ele olha ao redor do espaço.

"Aiden, sim. Eden, infelizmente", ele suspira, suas palavras me fazendo apertar sua mão um pouco mais forte.

"E onde está o menino de ouro?", pergunto, pronto para conhecer a criança de ouro da família Faulkner.

"Ele está passando um tempo com a irmã no The Overlook. Ela não estava se sentindo muito bem depois da comunhão", diz David, parecendo despreocupado com o estado em que a filha pode estar ou por quê.

Soltando a mão dele, eu lentamente aceno, pegando a lista do coroinha. O nome dela está rabiscado bem no final da página.

"E ela sabe que foi inscrita?", pergunto, enquanto ele revira os olhos.

"Como se fazê-la fazer algo altruísta fosse possível. Esse era o único jeito", ele retruca.

O ego dele está me sufocando.

"Ok, então ela será informada de que servir exige horas fora da missa dominical, correto?", questiono, estreitando os olhos.

"Ela não terá escolha no que faz. O padre Kevin mal conseguiu mantê-la na linha. Gostaria de ver do que você é capaz."

"Eu lhe asseguro, David", o padre Kevin sorri, sentindo a tensão, "o padre Briar transformará sua filha em uma mulher merecedora de estar na casa do Senhor."

Sem olhar para lugar nenhum em particular, encontro a placa do escritório e educadamente me desculpo e abandono a conversa.

"Tenho que terminar de preencher a papelada da moradia", sorrio, ainda sem saber o quanto estou ansioso para morar no mesmo terreno da igreja.

Com um leve aceno de cabeça, o padre Kevin me dispensa e continua a conversar com os Faulkners.

Colocando o papel de inscrição no bolso, abro caminho no meio da multidão, ignorando as tentativas das pessoas de falar comigo, dando-lhes um sorriso grande o suficiente para saciar sua necessidade de serem reconhecidas.

Quando chego ao escritório, fecho e tranco a porta rapidamente.

Suspirando, vou até a mesa, sentando-me na cadeira de couro polido atrás dela.

Eu aliso o papel na mesa. Tateando meu cantil ainda guardado no bolso, eu seguro a vontade de tomar uma bebida enquanto tomo nota das horas obrigatórias de treinamento escritas depois do nome de cada servidor.

Por estar na igreja há anos, Eden é quem tem menos horas.

Olhando para a pintura de Maria Madalena pendurada na parede à minha frente, pego uma caneta e bato com ela no canto da mesa.

"Bem, já que eles acham que ela é irredimível", eu digo, apontando a caneta para a pintura,

"O que são mais algumas horas?"

Rabiscando o máximo de horas necessárias para um acólito ao lado do nome de Edens, guardo o papel de volta no bolso e digito um e-mail para o boletim informativo da igreja para anunciar os compromissos do acólito.

Mateus 6:11-13: “Dá-nos hoje o alimento que necessitamos, e perdoa-nos os nossos pecados, assim como nós perdoaste aqueles que pecaram contra nós. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos nos livrar do maligno.”



Capítulo 3

Éden

passando os dedos pelo volante, sigo a melodia rítmica de The T

Lumineers, abafando meus pensamentos em espiral. Os eventos que se desenrolaram durante a missa se repetem na minha mente, a lembrança de sentir a mão de Roman no meu rosto, infelizmente, causando mais excitação do que

raiva.

Ser tocada por alguém me joga de volta àquela noite em *seu* dormitório. A névoa do álcool borra sua figura, meus pulsos estão doloridos de contenção, meus gritos dolorosamente abafados - Aiden bate a mão na minha janela do lado do passageiro, me assustando para fora da memória. Seus dois amigos, Nathan e Zack, esperam impacientemente atrás dele. Ele gesticula bruscamente para que eu destranque o carro. Eu aperto o botão de destrancar e, após um clique suave, os meninos se amontoam no meu Kia, chutando minha cadeira enquanto todos clamam para dentro. Roubando o assento do passageiro, Aiden cutuca meu braço, tentando chamar minha atenção.

"Você não ficou a missa toda? Agora você realmente vai precisar que eu ateste por você", ele retruca, sentindo o cheiro forte de maconha saindo da mochila de Nathans.

"Você pode calar a boca e me deixar acabar logo com isso?", questiono, segurando o volante.

"Tanto faz, Eden", ele suspira, puxando o aux chord do meu telefone. "Não vamos ouvir essa merda enquanto somos forçados a lidar com sua bunda mal-humorada."

Vinte e cinco minutos de rap entorpecente depois, entro no The Overlook, tendo uma vista aérea da nossa casa e da igreja daqui de cima. Dando tapinhas nas costas um do outro enquanto saem do carro, Zack fica ali, seus olhos observando os amigos antes de olhar para mim no espelho retrovisor.

"Você precisa de alguma coisa-"

"Venha e junte-se a nós", ele diz com um sorriso, seu tom muito mais gentil do que o de qualquer outro amigo do meu irmão.

Arrastando os joelhos até o peito, olho para ele com uma sobrancelha levantada.

"Não sou fã de maconha", retruco, surpresa ao vê-lo sorrir ainda mais.

"Não estou pedindo para você fumar. Claramente você não está se sentindo bem, e seu irmão pode ser um mega babaca. Apenas tome um pouco de ar fresco. Provavelmente vai chover, e essa é a melhor hora para uma boa inspiração", ele

diz, passando os braços pelas costas da minha cadeira, seu cabelo castanho caindo sobre os olhos.

Sacudindo a frente do meu carro, Aiden levanta um dedo do meio para Zack, murmurando "Que porra é essa?" enquanto Nathan vasculha vigorosamente sua bolsa em busca de seu bong caseiro. Ele ignora as provocações do meu irmão enquanto espera que eu responda.

"Diga sim para que eu não precise mais olhar para o Aiden fingindo se masturbar", ele insiste, meus olhos revirando ao ver meu irmão fazendo exatamente isso.

"Tudo bem", eu sibilo. "Mas eu vou deixar você aqui se você tentar me forçar a fumar." Eu sorrio, e há satisfação estampada em seu rosto.

"Prometo de mindinho que não vou", ele diz brincando.

Abrindo minha porta, Zack me segue.

Esperando impacientemente que Nathan acenda o cigarro, sento-me no capô do carro, girando as chaves no meu dedo e observando meu irmão dar uma tragada longa e gananciosa.

Aiden passa o bong para Zack, e ele dá uma pequena tragada, soprando a fumaça no ar. Ele o devolve para Aiden antes de se juntar a mim no capô.

"Foi um golpe fraco, cara", Aiden zomba, observando Zack dar de ombros enquanto ri dos amigos.

Eles continuam passando o bong de um lado para o outro, queimando seu estoque de merda e caro muito rápido.

"Afimal, quem é o traficante do meu irmão?", pergunto a Zack, enquanto ele esfrega a nuca com a mão.

"Zack é," Aiden ri. "Você esqueceu que vocês estavam na mesma classe antes de se formarem?"

Quebrando a cabeça, finalmente descobri por que suas feições me eram tão familiares.

"Espera. Zack *Lerman* ?", questiono, sorrindo como um idiota. "De jeito nenhum, pensei que você tinha ido para a faculdade?"

"Eu fiz por um tempo", ele suspira, seu rosto ficando com um leve tom de rosa. "Não era realmente minha praia.

Agora estou trabalhando para meu pai, vendendo Teslas para os idiotas ricos desta cidade."

Juntando as peças, repreendo a mim mesmo por ser tão esquecido.

"Eu nunca soube que você era-"

"Sua idade? É legal. Nós só nos víamos de passagem, e mesmo assim, nossos grupos de amigos nunca se misturavam de verdade."

Rindo da declaração dele, balanço a cabeça.

"Que grupo de amigos?", questiono. "Eu mal tinha amigos. Ainda não tenho."

"Chocante", murmura Aiden.

"Por que você não continua inalando essa merda de Sativa e para de ser um babaca?" Zack grita. Nathan ri do olhar chocado de vergonha no rosto de Aiden.

Esfrego meus braços, sentindo o cheiro das nuvens que se aproximam.

"A faculdade também não era minha praia", suspiro.

"Você ainda tira fotos?"

"Tentando", admito. "Estou me sentindo um pouco sem inspiração ultimamente."

Sorrindo mais uma vez, puxo a manga do meu suéter, tentando nervosamente me concentrar em algo diferente do olhar de Zack.

"Eu tenho uma pergunta", Nathan exclama, com os olhos injetados de sangue. "Por que diabos você veio para casa?"

Sentindo o estômago embrulhar, encolho os ombros, mantendo meu rosto o mais indiferente possível.

"Como eu disse, a faculdade realmente não era minha praia-"

"Ela teve um surto psicótico", Aiden interrompe.

"Aiden, eu não acho-"

"Vamos, Eden. Você pode muito bem compartilhar, já que o resto dos seus segredinhos estão espalhados pela cidade. Vocês dois deveriam ter visto o quão fodidamente bagunçada ela parecia quando chegou em casa.

Hematomas por todo o corpo, olhos vermelhos. A teoria do meu pai é drogas, mas acho que agora é uma teoria menos válida-"

"Aiden-"

"Ou talvez fosse um vício sexual paralisante. Você sempre foi uma puritana.

Talvez ela tenha conhecido o pervertido errado e-"

"Aiden", grita Zack. O sorriso de Nathan desaparece instantaneamente quando o foco do meu irmão finalmente volta para mim.

Sem saber quando as lágrimas começaram a escorrer livremente dos meus olhos, sinto-as rolares pelas minhas bochechas. Respiro fundo, trêmulo, minha mandíbula cerrada; minhas unhas cravadas nas palmas das mãos.

Deslizo para fora do capô do meu carro, ofegante enquanto respiro, a presença iminente de um ataque de pânico respirando no meu pescoço, perto da superfície. Vou para a parte de trás do carro e deito-me contra o porta-malas, grato por um pouco de espaço para me acalmar.

Ouvindo os sons de Nathan e Aiden discutindo, pressiono minha cabeça no vidro frio da minha janela traseira, esperando que o pânico diminua. Passos se aproximam de mim, minha mão pronta para acenar para meu irmão e sua sequência de desculpas insinceras.

"Estou bem, Aiden-"

"Como eu disse, seu irmão é um babaca", Zack reitera, com remorso estampado em seu rosto.

Inclinando-se no banco de trás do meu carro, ele cruza os braços, observando-me atentamente enquanto enxugo minhas lágrimas na manga do meu suéter.

"Eu não queria ter essa reação", soluço, repreendendo-me por ser tão vulnerável perto de um grupo de maconheiros.

Zack se ergue até a borda do porta-malas, agarra minha mão e me pede para deslizar para baixo e sentar ao lado dele.

Deixo minha mão permanecer na dele enquanto ele levanta a cabeça para as nuvens ondulantes acima.

"Seu irmão teve que lidar muito mais com a raiva do seu pai desde que você chegou em casa. Acho que ele se ressentiu de você por isso."

Eu rio em descrença. "Aiden nunca gostou de mim." Eu balanço minha cabeça, desejando um pouco que não fosse assim entre nós. "Ele ficou tão feliz quando eu fui para a faculdade, e miserável quando eu voltei."

Balançando a cabeça, Zack endireita os ombros.

"Seu irmão, por mais que eu o ame, é um idiota disfarçado que não pensa em ninguém além de si mesmo. Ele tem merdas que precisa descobrir", Zack admite. "Mas, falando sério, entre nós, por que você voltou para casa?"

Parece que você precisa conversar sobre isso."

Fechando os olhos, enterro as imagens daquela noite que tento ressurgir, mordendo minha bochecha interna para me concentrar na dor em vez do que aconteceu.

"Não vale a pena falar sobre isso", murmuro. "Só saiba que tive um bom motivo para voltar para casa."

Zack esfrega a mão nas minhas costas, mas eu me inclino para longe. Ele para o movimento, mas não levanta a mão enquanto olha para o meu rosto.

Eu me acomodo de volta no toque, deixando seus dedos correrem círculos pela minha espinha, seus olhos ainda procurando algo mais no meu rosto.

"Bem, seja qual for o motivo, tenho certeza de que foi justificado", ele sorri.

Me dando algum conforto, sorrio de volta, respirando aliviado.

Puxando a manga do meu suéter novamente por hábito, ele observa o material grosso e o encara longamente.

"Está meio quente para isso, você não acha?" Ele questiona, puxando a manga.

"Está prestes a chover", eu digo, algumas gotas atingindo o capô do carro.

"Está tudo bem."

Tento puxar minha manga para trás, mas ele mantém o material entre os dedos enquanto algo inunda sua expressão.

Há uma mudança em seus olhos, a mesma mudança que vi em *seus* olhos na noite em que tudo mudou. Um poço de medo se instala em meu estômago.

"Agora que penso nisso, talvez tenhamos interagido no ensino médio", sussurra Zack. "Foi no penúltimo ou no último ano que você rejeitou minha proposta de baile porque eu era um 'drogado acabado'?", ele pergunta, segurando citações com a mão livre.

"Zack, me solta-"

Fico tensa quando ele força a mão por baixo do meu suéter, a sensação da mão dele tocando minha pele é quase insuportável. Quero gritar para meu irmão, mas estou congelada. A mão dele puxa violentamente meu suéter, tentando tirá-lo de mim.

"Aiden-"

"Sabe, todo mundo está curioso sobre o porquê de você estar tão agasalhado o verão todo." Tento me afastar, mas não consigo sem arriscar que ele veja tudo. "Vocês estavam certos, porra! Ela está escondendo alguma coisa!"

Zack grita para os outros, meus olhos ficam vermelhos enquanto o suéter é forçado para cima em volta do meu pescoço. Eu me esforço para me afastar dele, tirando o suéter quando meus pés tocam o chão.

Cambaleando para longe de Zack, vejo meu suéter agarrado em sua mão.

Cruzo meus braços imediatamente. A blusa branca transparente está agarrada ao meu peito enquanto o ar frio da noite fere minha pele exposta.

Com os olhos arregalados e confusos, os meninos se movem em direção à parte de trás do carro em direção a Zack, me observando com expressões variadas. Sem o suéter, não consigo esconder a carne mutilada subindo e descendo pelos meus braços, alguns cortes mais novos que outros. Zack e Nathan cobrem suas bocas enquanto tremem incontrolavelmente com risadas silenciosas. Aiden permanece imóvel, seus olhos arregalados de choque.

"Você olha só para isso? Eden Faulkner, a princesinha perfeita do ensino médio, agora comparável a uma tábua de corte surrada", Zack ri, meus olhos observando os cortes horríveis que se estendiam de cima a baixo pelos meus braços.

Trêmulo, enfiei a mão no bolso para pegar as chaves e me assustei quando não as senti.

Girando as chaves no dedo, Zack sorri para mim, com a mão estendida na direção de Aiden e Nathan.

"Acredito que vocês dois me devem vinte. Eu disse que conseguiria tirar aquele suéter com uma conversa."

Dando uma nota de vinte na mão de Zack, Nathan ri, minha garganta escondendo um soluço enquanto Aiden pega sua carteira.

"V-Vocês," eu começo, indo em direção a eles, minha visão marcada em vermelho. "Seus filhos da puta-"

Aiden empurra meu peito e eu caio no chão, minha bunda raspando na terra e no cascalho.

"Obrigado pela carona", ele zomba, olhando para os amigos em busca de aprovação. "Encontre seu próprio caminho para casa, se puder. Não é como se você desse muito valor à sua vida", ele cospe.

Suicídio era egoísmo e qualquer ato de automutilação era tão ruim quanto, de acordo com nossos pais, então, embora eu não tenha ficado surpreso com o olhar

de desgosto no rosto de Aiden, a dor de sua traição no momento me esmagou. Ignorando meus soluços silenciosos, eles entram no carro enquanto eu luto para ficar de pé com as pernas trêmulas.

"Putá merda, Aiden", eu grito, puxando a maçaneta da porta do motorista, mas ele já tinha trancado todas as portas quando consegui chegar ao carro.

Bati minha mão contra a janela, minha palma ardendo com o impacto.

Abrindo a janela do motorista um pouco, Zack joga algo em minha direção.

Reconheci o pano desfiado no momento em que a lâmina de barbear aninhada no tecido se soltou e quicou no chão.

"Divirta-se com isso. Você provavelmente ainda tem um pouco de pele limpa em algum lugar", Zack ri, prendendo sua mão em volta do meu antebraço, me empurrando de volta para o chão enquanto ele dá marcha ré

no carro para ir embora. As pequenas gotas de água que antes beijavam o chão agora eram densas o suficiente para encharcar minha camisa fina.

Observo meu carro virar na estrada principal e eles irem embora, meu grito abafado enquanto água e sujeira se infiltram em alguns dos meus cortes mais novos. Forçando-me a sair do chão, envolvo meus braços em volta do meu tronco, olhando para o céu, enquanto minha mão se atrapalha para agarrar a cruz em volta do meu pescoço.

Passando as mãos pelos cabelos, puxo o colar o mais forte que posso, furiosa quando percebo que ele não vai quebrar. Tateio em busca do meu telefone antes de perceber que o deixei no maldito porta-copos.

"É você?", questiono, olhando para o céu. "Quando isso vai acabar? Eu não mereço sua graça?"

Como de costume, não há resposta, o que me faz sentir completamente sozinho.

Mas o que há de novo?





Capítulo 4

Éden

Cada gota de chuva batendo contra minha pele é como pequenas agulhas.

Minha camisa, encharcada, gruda em mim, não deixando nada para a imaginação. Eu me abraço com força, sentindo seus olhos em mim novamente, a vergonha queimando mais quente do que o frio que está me fazendo tremer incontrolavelmente. A lama endurece minhas pernas, ardendo as crostas frescas que revestem meus braços, cada uma uma dura lembrança do que foi exposto. Cada passo é uma luta, cada um me puxando para mais longe da segurança do lar e mais fundo na percepção de que meus pais acreditarão em quaisquer mentiras que Aiden lhes alimente.

Eles sempre fazem isso.

A raiva no meu peito aperta, tornando mais difícil respirar, mais difícil pensar em qualquer coisa além de fugir desse pesadelo.

"Eu o odeio pra caramba", eu sibilo, me perguntando como posso ir para casa e não matar meu irmão.

Desde que me lembro, Aiden fez da missão de sua vida me atormentar. Ele sempre foi o segundo melhor antes de eu ir para a faculdade. Desde que voltei, ele distorceu a decepção deles comigo em algo vil, virando-os contra mim em um momento em que eu mais precisava deles.

Escorregando na lama enquanto caminho, tento pensar em algo positivo.

Nada além de negatividade apodrece dentro de mim.

"Eu vou matar, porra-"

Ao ver faróis à minha frente, paro no meio do caminho e avalio os prós e os contras da situação.

Ou paro o carro e corro o risco de ser assassinado, ou tento encontrar outro caminho para casa antes do anoitecer.

Parece que minhas chances são de 50/50.

Correndo para o meio da estrada, agito meus braços cheios de cicatrizes, sem dúvida parecendo um lunático enlouquecido ou algum tipo de monstro do pântano coberto da cabeça aos pés de lama e sujeira. O 4Runner preto para diante de mim, mas as janelas estão muito escuras para que eu possa ver o interior. Eu tropeço desordenadamente em direção à porta do motorista, que agora está se abrindo.

Agarrando a porta, suspiro, incapaz de pensar em uma desculpa válida e crível o suficiente para a situação em que estou.

"Sinto muito-" começo, mas minhas palavras ficam presas na garganta. Os olhos arregalados de Roman encontram os meus, ambos presos em um estado de surpresa.

Quando pedi graça a Deus antes, não era isso que eu queria dizer. Naquele momento, a intervenção divina parecia tão cruel.

Desejando agora, mais do que nunca, poder rastejar para dentro de um buraco. Tornando-me muito mais consciente do meu corpo exposto, posso sentir meus mamilos espreitando através do material encharcado da minha blusa. Eu imediatamente me movo para envolver meus braços em volta da minha cintura.

"Pai-"

Sem dizer uma palavra, ele se afasta do veículo em movimento, ignorando a chuva que encharca suas roupas. A flanela e a camisa preta imediatamente

começam a se agarrar ao seu corpo musculoso. Sua mão grande agarra meu cotovelo e me guia firmemente em direção à porta do passageiro.

"Pai, espere-"

"Entra, Eden," ele grita, seu tom rígido enquanto ele abre a porta do passageiro. A chuva escorre por seu rosto.

Engulo em seco, decidindo não discutir enquanto deslizo para o banco do passageiro. O cheiro de couro de carro e um toque de especiarias enchem o interior. Eu o vejo se mover para o lado do motorista, sua raiva palpável.

Ele bate a porta e agarra o volante com força, sua frustração evidente mesmo sem palavras

Tremendo de frio, passo as mãos pelos cabelos, mortificada pelo quão indecente sou na presença dele.

"Quem fez isso?" Ele questiona, mantendo o foco fora da janela, a chuva batendo no vidro. Ele move a mão para o centro do painel e liga o aquecedor.

Sentindo a rajada de ar quente, eu me acomodo no assento. Mantendo uma distância segura dele, eu inclino minhas pernas em direção à janela, permanecendo em silêncio enquanto tento inventar uma mentira para encobrir isso.

"Não vou perguntar de novo. Quem fez isso?" Ele move os olhos para mim, mantendo o foco no meu rosto. Posso sentir que sua raiva é palpável o suficiente para impedi-lo de olhar para os cortes que sei que ele já viu em meus braços.

"Ninguém-"

Ele agarra a parte inferior da minha camisa, seus dedos quentes roçando minha pele. Meus olhos se arregalam quando ele aponta para as marcas de unha no meu lado, cicatrizes rosa-escuras e ásperas começando a se formar enquanto meu corpo ainda trabalha para se curar da noite que eu preferiria esquecer.

Olhando para ele, o calor inunda minhas bochechas, viajando pelo meu corpo e se acomodando inconvenientemente entre minhas pernas, por mais que eu desejasse que não acontecesse.

"Quem fez isso? Foram os amigos do seu irmão-"

"Isso não foi de hoje", murmuro, lutando contra a vontade de chorar.

Apertando o maxilar, ele puxa a mão, pressionando as pontas dos dedos sobre as pálpebras fechadas.



"Por que diabos você está aqui em cima?"

"Por que você está?", pergunto, irritada com a autoridade em seu tom.

"Seu pai disse que você estava indo para um mirante com seu irmão. Gosto de ficar sozinho com meus pensamentos depois da missa e queria ver se valeria a pena dirigir. Sua vez,"

Ele sibila.

"Aiden... Eu levei Aiden e dois amigos dele até aqui para... fumar, depois da missa."

"Quem eram os outros dois?", ele questiona, não me deixando terminar.

"Zack e Nathan."

"Da congregação?", ele responde.

Concordando, eu me forço a continuar.

"Eles fizeram uma aposta para ver se Zack conseguia ver o que tinha por baixo do meu suéter", soluço, abrindo e fechando as mãos. "Ele estava sendo gentil e arrancou quando eu menos esperava-"

"Pare de falar", Roman sibila, com os nós dos dedos brancos de tanto segurar o volante.

Vários segundos se passam, e ele está focado em tudo, menos em mim.

Por fim, seu olhar encontra seu caminho para meus braços. Espero ver

julgamento escrito em seu rosto, mas sua expressão é algo que não consigo decifrar. Algo como compreensão misturada com tristeza.

"Quanto tempo?"

"Três meses", admito, sentindo como se fosse a primeira vez que realmente sou honesto com uma confissão.

"E as marcas de unha?" Ele questiona. "Quando você as conseguiu?"

Mordo meu lábio enquanto engulo meu orgulho.

"Três meses, duas semanas e um dia", digo friamente.

Ele olha pela janela antes de colocar o 4Runner em movimento e se afastar do The Overlook.

O som da chuva abafa o silêncio entre nós.

Não precisei dar muitas instruções a Roman para chegar em casa. Meu sobrenome é bem conhecido o suficiente nesta cidade, o que o torna de conhecimento comum onde morávamos. Ao entrarmos no condomínio fechado, dou a ele o pin, e o portão se abre. Ele estaciona o carro a algumas quadras da minha casa. A chuva forte torna impossível que alguém saia. Ele desliga a ignição e muda seu foco para mim.

"Obrigado, mas preciso esclarecer, meu irmão-"

"Devemos ter cuidado", Roman sibila, minha desculpa silenciada.

Balançando a cabeça, estreito os olhos.

"Aiden é facilmente influenciável-"

"Não é deles que o Diabo mais se aproveita?", questiona Roman, a divisão entre nós dois prevalecendo nesses momentos.

Ele acredita que a fé é o único caminho. Eu acredito – bem, eu nem sei no que acredito, mas não foi nada desde aquela noite.

"Você não pode culpar o Diabo quando todos têm livre arbítrio. Todos têm uma

escolha nos pecados que cometem", eu sibilo, balançando meu braço em seu rosto. "O Diabo não me fez cortar minha pele para lidar com –"

"Você gosta de dor?" Roman pergunta, sua mão se curvando em volta do meu pulso. Observando-o estudar os cortes, balanço a cabeça.

"Eu gosto de esquecer."

Ele olha para cima e me penetra com o olhar por um momento antes de responder.

"Você acha que isso vai fazer você esquecer?" Ele arrasta o dedo pelo meu pulso. Minha respiração fica presa nos pulmões, meu corpo me traindo com uma pulsação surda entre as pernas.

Porra, o que estou fazendo?

Minha casa fica a apenas alguns quarteirões de distância, eu poderia simplesmente ir embora-

"Aceito outras sugestões", eu deixo escapar. Sua expressão fica sombria, algo que soa como um rosnado baixo ressoa em sua garganta.

Ao contrário de Zack, Roman não me trata como se eu fosse sua presa. O jeito que ele olha para mim vem de outro lugar.

Talvez desejo?

Talvez ódio?

Ele olha para o bolso da minha calça, a pequena lâmina envolta em um pano fino aparecendo.

Quando vejo que ele percebeu, rapidamente me abaixo para escondê-lo.

"Você guarda isso com você?", ele questiona.

"Não, eu-"

Agarrando o pano, ele o desdobra diante de mim. Ele aninha a lâmina na palma

da mão, beliscando seu lado cego enquanto mantém meu pulso firmemente ao meu lado com sua mão livre.

"A dor pode ser liberada do corpo de muitas maneiras diferentes. Alguns veem a dor como o maior teste de força de Deus", ele empurra, segurando a lâmina perto do meu pulso, meus olhos se arregalando.

"O que você está fazendo-"

"Seu plano era se trancar no seu quarto e fazer isso consigo mesma, não era?" Ele pergunta.

"Diga-me, você sente alívio neste momento?"

Observando-o gravitar a lâmina para mais perto, viro minha cabeça para longe. Ele agarra meu queixo entre os dedos, me forçando a olhar para trás.

"Observe", ele insiste, tocando o ponto no meu pulso. "Se é realmente assim que você acha que sua dor deve ser tratada, você não vai se importar em observar."

Eu arranco a lâmina dele e me inclino sobre o console central, minha raiva me envolvendo como um cobertor protetor enquanto chego perto do rosto de Rowan.

"Foda-se", eu sibilo. "Você não é melhor que eles-"

Sua voz me interrompe com um rosnado baixo.

"Deite-se", ele retruca, sem nenhuma gentileza em seu comando.

"O que?"

Empurrando-me de volta para o assento, ele se estica sobre mim e agarra a alavanca para mover o encosto em direção ao banco de trás. Seu rosto está a centímetros do meu enquanto eu me deito, quase completamente horizontal quando ele solta a alavanca.

"Relaxa, Eden," ele retruca, me olhando de cima a baixo. "Você pediu uma sugestão, agora eu estou te dando uma."

Sentindo seu corpo pairar sobre mim, espero pela vontade repentina de fugir, mas meu corpo se solta, o desejo desfazendo o aperto que estava apertando o centro do meu peito por muito tempo.

O que diabos está acontecendo?

"Dê-me sua mão", ele exige, enquanto minha cabeça já balança.

"Eu não sou-"

Agarrando minha mão gentilmente, ele a move em direção ao meu estômago, deixando-a se acomodar acima da minha cintura. Ele segura o lado do meu rosto, o cotovelo descansando no console central para apoio.

"Alguns acham que a dor ajuda a alma a se curar", Ele sussurra. "Outros como eu acham que essa é uma abordagem melhor."

Com a mão livre, ele empurra minha mão abaixo da cintura. Meu coração bate forte enquanto meus dedos roçam minha calcinha, a sensação de sua respiração roçando meu rosto só aumenta a necessidade crescente entre minhas pernas.

"Você cometeu um pecado, você confessou, agora recite sua Ave Maria para mim como parte de sua penitência", Ele exige.

"O que você está fazendo, Roman?", pergunto, enquanto sua mão continua guiando a minha.

"Você precisa de alívio", Ele sussurra. "Então se toque enquanto me diz sua oração."

Assustada com suas palavras, eu me impeço de me afastar, me perguntando se isso é alguma piada cruel.

"Eu não sou-"

"Faça isso, ou eu farei isso por você."

Sentindo outra onda de desejo percorrer meu centro, mordo meu lábio inferior com força, sentindo o sangue escorrer para minha boca. Roman se concentra no vermelho pintando meus lábios. Levantando sua mão livre, ele usa seu polegar

para desfazer meu lábio entre meus dentes. Minha moral desaparece quando sua mão e a minha deslizam por baixo da minha calcinha e tocam a pele macia.

"Comece aqui", ele rosna, roçando meu clitóris com seus dedos que ainda estão enrolados nos meus. Meu centro goteja de antecipação pelo único toque.

Sua respiração roça o lado do meu rosto enquanto ele puxa seus lábios para minha orelha. Meu rosto fica quente de repreensão pelo toque.

"Agora, faça sua oração."

Tento racionalizar o que está acontecendo. Viro a cabeça para poder encontrar seus olhos e encontro sua expressão vazia de brincadeira. A viscosidade cobre minhas coxas internas, a necessidade de sentir seu toque quebrando toda a determinação que me resta.

"A-Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus-"

Sua mão guia meus dedos trêmulos em direção ao feixe sensível de nervos, explorando a área em pequenos movimentos circulares. Um gemido ofegante escapa de mim enquanto seu corpo se aproxima de mim.

"Simplesmente assim", ele elogia, olhando para meu lábio sangrando.

"Continue."

"Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores-"

"Você precisará de todas as orações que ela puder fornecer enquanto estiver comigo-"

Suas palavras param de repente enquanto ele empurra os dedos dentro de mim. Outro gemido inebriante sai dos meus lábios, a sensação dele inegavelmente prazerosa. Eu agarro sua camisa de flanela enquanto ele desliza para dentro e para fora com facilidade, o som da minha umidade aumentando minha excitação. Enquanto ele se move, eu também me movo, focando no meu clitóris inchado enquanto ele continua a bombear os dedos mais fundo e mais rápido. Eu aperto meus olhos enquanto tento controlar os sons que ameaçam escapar de mim. Algo quente e úmido roça meus lábios.

Meus olhos se abrem enquanto Roman lambe meu lábio inferior ensanguentado para limpá-lo.

"Termine sua oração enquanto meus dedos estão enterrados dentro de você", Ele exige.

Como diabos eu vou fazer isso?

Como terei alguma chance de superar isso?

Por que não quero esquecer isso?

"Agora e na hora de nossa morte, amém-"

Ele se move mais rápido, curvando os dedos, tocando um ponto dentro de mim que envia ondas de prazer através do meu estômago inferior. Eu abro minhas pernas mais largamente, sentindo o roçar de seus junta na minha entrada enquanto ele enterra os dedos ainda mais fundo. Ele agarra meu queixo, fazendo com que eu me concentre nele.

"Eu quero ouvir isso", ele insiste. "Eu quero ouvir seu prazer", ele empurra, bombeando para dentro e para fora de mim, exigindo minha liberação.

Puxando sua flanela para trazê-lo para mais perto de mim, não consigo evitar deixar um suave grito de prazer escapar dos meus lábios. Meus quadris se erguem em seu toque. Aquela noite com *ele* é a última coisa em minha mente.

Sentindo seu nariz tocar o meu, sou guiada pela luxúria enquanto minha mão se estende para tocar a protuberância impressionante entre suas pernas, querendo lhe dar o mesmo prazer que estou sentindo agora.

Eu gentilmente acaricio a parte dele que está apertada contra suas calças, mas ele rapidamente agarra meu pulso, lentamente soltando seus dedos de mim.

"Acabou a aula", ele sussurra, colocando minha mão de volta no meu colo.

Sem palavras, eu o observo levar seus dedos brilhantes cobertos com minha umidade até sua boca.

Ele absorve cada gota de mim, deixando seus olhos se fecharem enquanto

devora o gosto. Eu continuo pasma, um tanto seduzida pelo quão eroticamente cativante eu o acho neste momento.

A cruz pressionada contra meu peito parece queimar minha pele enquanto ele abaixa a mão para longe da boca. Sentindo-me vazia e carente, penso em agarrar sua mão e colocá-la de volta onde estava. Uma dor latejante me diz que essa fome por mais dele não vai embora tão cedo.

Roman me ajuda a levantar o assento do carro antes de criar algum espaço entre nós. Minhas bochechas estão vermelhas, meu olhar se fixando na grande protuberância ainda ameaçando estourar de suas calças. Uma faísca de satisfação passa por mim sabendo que ele foi tão afetado por isso quanto eu.

"II."

"Você é *meu* coroinha", ele diz, mudando de assunto como se não tivesse acabado de me foder com os dedos segundos atrás. "Você começa seu horário de serviço amanhã." Ele reajusta descaradamente a tensão em suas calças, mantendo seus olhos fixos nos meus o tempo todo.

"Você só-"

"E eu farei isso de novo. Essa é a última vez que essa lâmina toca sua pele", ele ferve, algo pecaminoso rastejando em minha mente.

"Você fez um juramento a Deus-"

"Não sou estranho à tentação, Eden", Ele diz. "E embora minha devoção a Deus seja inabalável, temo que você possa se tornar meu maior pecado."

Ainda tentando processar tudo o que aconteceu, meu corpo anseia por sentir seu toque novamente, precisando de mais. A última coisa em minha mente é cortar. O desejo de me libertar de uma maneira diferente desperta algo faminto dentro de mim que eu nunca senti antes. Mas parece delicioso e pecaminoso, e eu quero deixá-lo sair para brincar com Roman.

"E se eu recusar?", questiono.

Um sorriso irônico se forma em seus lábios, suas palavras enviam uma onda de prazer através de mim.

"Acho que isso tornará tudo mais divertido para mim."

Virando-se para mim, ele abaixa os olhos. "Tenho certeza de que você sabe que eu posso guardar um segredo?" Ele questiona. "Porque ninguém além de mim vai te tocar daquele jeito de novo."

Sem dizer mais nada, ele tira o 4Runner de onde estávamos estacionados e dirige em direção à minha casa. Meu centro ainda está quente e pulsando de necessidade, mal saciado.

Pela primeira vez em meses, o desejo de prazer superou a necessidade de dor.

Como diabos eu me recupero disso?

1 Coríntios 10:13: “Não vos sobreveio tentação que não fosse comum a vós outros.

humanidade. E Deus é fiel; ele não deixará que vocês sejam tentados além do que podem suportar.

Mas quando vocês forem tentados, ele também lhes dará uma saída para que possam suportar.”





Capítulo 5

romano

s eu a ajudo a sair do carro, ela parece perdida, suas bochechas coradas com os restos do prazer pecaminoso que acabamos de compartilhar. A lembrança dos meus dedos se movendo implacavelmente dentro dela, a maneira como seu corpo respondeu apesar de suas tentativas fúteis de resistir, ainda está fresca. Lembrar de cada vez que eu empurrava mais fundo, vendo seus olhos revirados, seus suspiros roçando em meu rosto, envia um arrepio pela minha espinha. A tensão em minhas calças é inegável, movida por uma necessidade selvagem de lhe dar prazer — uma necessidade tão avassaladora que nenhuma quantidade de arrependimento poderia apagá-la.

Vê-la no meio da estrada, tão vulnerável e quebrada, cambaleando em direção ao meu carro daquele jeito, com os braços cobertos de cortes... e marcas *de pregos*, só me trouxe raiva.

Uma raiva que pensei ter sufocado com sucesso há muito tempo.

Eu não sou idiota.

As marcas em seu lado contam a história de uma luta à qual ela mal sobreviveu.

Ela mascara bem a dor do que aconteceu, mantendo uma aparência distante enquanto se refugia no caos de sua mente, excluindo todos.

Enquanto ela sai, suas pernas tremendo, ela se segura em mim para se apoiar. No momento em que suas bochechas coradas e lábios carnudos se franzem em uma carranca, sinto o sangue correndo de volta entre minhas pernas. Seu olhar nervoso encontra o meu, e não consigo deixar de imaginar como ela ficaria com minha mão em volta de sua garganta, aqueles lindos lábios ofegantes por ar –

"Eu n-não posso entrar aí desse jeito", ela gagueja, claramente ainda afetada pelo que aconteceu entre nós no carro.

No momento em que ela tocou a protuberância do meu pau acima das minhas calças, a linha que cruzamos me atingiu como um respingo gelado, e a clareza tomou conta de mim. Eu tinha quebrado os princípios que jurei defender durante o seminário. Essa garota é um teste de Deus, me desafiando a ver se os demônios que pensei ter enterrado ainda perduram.

Ela acende um fogo em mim, um que eu pensava que já havia se apagado há muito tempo. Enquanto olho para ela agora, vejo a doce inocência que outros já tentaram explorar, seus desejos egoístas ameaçando consumi-la.

"Meus braços", ela continua, "se meu pai vir os cortes, ele vai me matar."

Pela breve interação que tive com David Faulkner hoje mais cedo, sei que ela não está exagerando.

Você pensaria que a maioria dos pais seria capaz de defender a virtude da empatia ao ver o quão mutilada ela está, tirando conclusões óbvias sobre o porquê de ela ter acabado daquele jeito. Mas acho que os Faulkners não eram tão observadores ou simplesmente não davam a mínima.

Eu removo minha flanela e a coloco sobre seus ombros, guiando seus braços através das mangas. Enquanto faço isso, não consigo deixar de me demorar na visão de seus seios perfeitos visíveis através do tecido transparente de sua blusa. O pensamento de suas mãos puxando meu cabelo enquanto eu a exploro mais me tenta intensamente. Eu me pergunto por quanto tempo mais posso suportar essa frustração antes de ceder aos meus desejos. Percebo seu cheiro grudado em meus dedos enquanto abotoo a frente da minha camisa, tornando a vontade de me tocar com aquela mesma mão mais tarde esmagadoramente atraente.

"Eu vou te acompanhar até a porta-"

"Não," ela grita, balançando a cabeça freneticamente. "Aiden sem dúvida inventou uma história para eles-"

"Tenho certeza de que seus pais prefeririam a verdade do padre deles do que qualquer história que seu irmão maconheiro tenha inventado", eu retruco, seus olhos semicerrados com a lembrança repentina do meu título.

Um padre é o que eu sou para essa garota.

"Padre", ela zomba. "Eu pensei que a xícara de chá geral para padres eram boquetes de garotos jovens a portas fechadas?" Ela brinca, o estereótipo que eu acho abominável, mas infelizmente verdadeiro para alguns dentro da igreja.

Tocar uma criança dessa forma não é apenas pecaminoso. É demoníaco.

Há poucas coisas pelas quais eu arriscaria ir para o Inferno, mas matar abusadores de crianças pode ser uma delas. Eu nunca me arrependeria de algo assim.

"Não é minha praia", eu sorrio.

"Então, qual é a sua praia? Encontrar mulheres jovens impressionáveis, fazer o que quiser com elas?" Ela questiona, procurando por outra coisa.

Ela quer saber se ela é a única com quem permiti que isso acontecesse.

Inclinando-me mais perto, sussurro: "Eden, se você está se perguntando quantas vezes deixei isso acontecer, você pode se surpreender ao saber que sempre resisti à tentação de tocar uma mulher." Minha voz suaviza quando acrescento: "Então você pode imaginar meu espanto, encontrando seu gosto persistindo em minha língua neste exato momento. É tão surpreendente para mim quanto para você."

Suas bochechas ficam vermelhas, e vejo sua confiança em me empurrar mais cair. Não tenho certeza se ela está satisfeita com minha resposta, mas não há razão para ser nada além de sincero com ela.

Ela parece aceitar o que eu disse por enquanto enquanto vira a cabeça em direção à porta da frente de sua casa.

"Bem, isso não vai acontecer de novo", ela retruca, sentindo uma pontada de

raiva percorrer meu corpo diante da ideia de que isso seria algo único.

Ela está certa.

Não posso permitir que isso aconteça novamente.

"Podemos acabar logo com isso?", ela questiona, claramente exausta.

Concordando, eu a deixo passar, deixando-a liderar o caminho. Eu enterro minhas mãos nos bolsos, reajustando meu pau enquanto andamos para frente, minha ereção se recusando a ser ignorada.

Até este ponto, eu estava tão consumido pelo Éden que não tinha realmente apreciado a casa na minha frente. É um símbolo imponente de riqueza. O

exterior branco brilha sob a luz de destaque; janelas enormes com persianas escuras e uma imponente porta da frente preta dão um ar de perfeição controlada. A varanda envolvente, com colunas altas e degraus imaculados que levam à porta da frente, exala uma calma inquietante. Uma grande sacada no segundo andar com portas francesas tem vista para o gramado imaculado e esmeralda, pontilhado de arbustos e árvores majestosos.

Tudo aqui é meticulosamente trabalhado para projetar uma imagem, mas o silêncio ao redor sugere algo mais sombrio por trás da superfície.

Enquanto subimos os degraus para a varanda da frente, tenho que me impedir de tocar na parte inferior das costas dela. Sua mão treme quando ela se estica para tocar a campainha.

Gritos aumentam de dentro da casa, e Eden se encolhe ao som do que só posso supor ser a voz de seu pai. Suas palavras exatas são abafadas, mas a força por trás delas é inconfundível — um som estrondoso e estrondoso que reverbera nas paredes, fazendo o ar parecer tenso e pesado.

A porta se abre, e a raiva estampada no rosto do pai dela é palpável. Ele muda a expressão no segundo em que me nota atrás de Eden.

Aproximando-se furtivamente por trás do marido, Morgan parece aliviada.

Meus olhos gravitam para a escada atrás deles, onde Aiden está sentado.

Nós nos olhamos antes que ele abaixe a cabeça, a vergonha sugando a cor de seu rosto.

"Eden", David suspira, fingindo que não estava prestes a gritar com ela.

Passando pela porta e para a varanda, ele a puxa para um abraço. As mãos dela mal tocam os lados dele enquanto ela fica ali, rígida e sem emoção.

"Padre Briar?" Ele gentilmente empurra Eden até sua mãe. "Está tudo bem?"

"Não, acho que não, David", suspiro, olhando para Aiden novamente. "Você acha que consegue fazer seu garoto vir aqui por um segundo?"

"Aiden?" Morgan questiona, sua voz áspera como se ela tivesse chorado.

"Ele está preocupado demais com a irmã-"

"Está tudo bem, mãe", Aiden responde bruscamente, indo em direção à porta da frente.

"Eden, o que diabos aconteceu?" David pergunta. Aiden olha para sua irmã, um aviso na maneira como ele a encara da porta.

Vergonhoso, mas divertido, incitando-a a mentir na presença de um padre.

Ele tem coragem.

"Eu posso responder isso", sorrio, as mãos de Aiden já tremendo.

"Não precisa, Padre Briar. Obrigado por trazê-la para casa-"

"Ela levou seu filho e os amigos dele para um mirante a pedido deles.

Parece que Aiden e seus companheiros queriam ficar chapados. Então eles deixaram Eden lá em cima no meio de uma tempestade. Fui explorar a área depois que você mencionou isso durante nossa conversa depois da missa.

Imagine minha surpresa quando encontrei sua filha cambaleando pela estrada lamacenta, encharcada, sem telefone e sem carro."

Olhando para a entrada da garagem, vejo seu Kia enlameado.

"Eu também teria dificuldade para voltar para casa se meu irmão deixasse os amigos dele roubarem meu carro e saírem para dar uma volta."

Fechando a boca, David olha para a filha com os olhos arregalados.

"Isso é verdade, Eden?" Ela assente lentamente, e Aiden começa a mudar seu peso nervosamente de um pé para o outro. A mão de Morgan vai até sua boca para esconder o choque.

David inala um suspiro forte, tocando seu cinto. Eu observo enquanto Aiden e Eden recuam.

A raiva ferve o sangue sob minha pele com o que vejo, imaginando a lista muito limitada de coisas que poderiam provocar tal resposta deles. Minhas unhas cravam nas palmas das mãos através dos punhos cerrados enquanto faço o meu melhor para manter o foco na situação atual.

David se vira para Aiden, sua mão se movendo rapidamente, o som do tapa agudo e chocante ao fazer contato com a pele. O garoto cambaleia de volta



para dentro de casa, vindo da porta. Enquanto ele se firma, ele se vira para nos encarar, cuspiendo sangue na varanda. Seu lábio inferior está cortado, e uma marca vermelha está começando a se formar em sua bochecha.

Uma parte de mim fica satisfeita em ver Aiden punido, o que torna mais difícil controlar o sorriso que ameaça surgir no meu rosto.

"Morgan, leve Eden para dentro e limpe-a. O irmão dela virá para se desculpar com ela quando terminarmos de conversar", David sibila. "Padre Briar?" Ele questiona. "Você tem tempo para uma confissão em casa?"

Olhando para os móveis da varanda, vejo duas cadeiras.

"Absolutamente."

Aiden vai até as cadeiras que eu tinha visto antes, cruzando os braços sobre o peito enquanto ele afunda o corpo na almofada. Seus olhos estão vermelhos e

inchados, sua mandíbula tensa de irritação. Sento-me ao lado dele, ciente de que David está lá dentro e provavelmente está observando e ouvindo.

"Escute, eu não fiz nada, foi tudo ideia do Zack-"

A necessidade de estrangulá-lo com minhas próprias mãos ganha vida. O

pensamento dele ofegando por ar me excita mais do que deveria. Algo primitivo influenciando meu desejo por retribuição.

"Diga-me, por que você odeia tanto sua irmã?"

Eu vi a expressão no rosto dela sob os faróis do meu carro.

Aiden permitiu que seus amigos a machucassem.

Ele os desafiou.

"Eu não odeio minha irmã", Aiden diz, se mexendo desconfortavelmente no assento. "Eu não odeio Eden."

"Então por que permitir que seus amigos fizessem o que fizeram? Por que participar de uma aposta como essa?"

O pequeno idiota estreita os olhos para mim e zomba.

"Ela não estava usando aquela flanela quando a deixamos, padre. Você viu os cortes também. Você e eu sabemos como a Igreja se sente sobre o ato de automutilação. Vai contra a crença fundamental na santidade e dignidade da vida humana. Ela deveria ter vergonha de si mesma."

"E permitir que sua irmã seja machucada por outros é melhor?"

Aiden fica imóvel, seus lábios pressionados finamente juntos. O olhar em seu rosto me diz que ele perdeu alguma memória. Não consigo deixar de pensar em David e na maneira como Aiden e Eden se encolheram quando ele pegou seu cinto.

"De quais pecados você deseja se livrar esta noite?"

"Não espero que você entenda a mim ou à minha família. A maneira como eles

tratam Eden agora, a maneira como eles se ressentem dela, foi como eu vivi minha vida inteira antes de ela ir para a faculdade. Ela era a filha de ouro deles. Uma verdadeira filha do Senhor. Então você pode olhar para mim assim, fingindo que você

"Vocês ainda não me julgaram, mas eu prometo a vocês, o que eu fiz com Eden foi um trabalho leve em comparação com o que minhas punições eram enquanto crescia", ele sussurra, mantendo sua voz baixa de propósito.

"Eu não me ressinto da minha irmã pelo que ela fez a si mesma. Eu me ressinto dela por voltar para casa e me jogar de volta no Inferno, que é exatamente o que essa situação é. Claro, eles agem como se eu fosse o novo favorito deles, mas isso não significa que as punições vão embora. Toda vez que ela está por perto, só piora. E quer saber a melhor parte? Ela não tem a mínima ideia de quão ruim fica porque ele sempre a deixava em paz."

"Deixou ela sozinha?", questiono. "Ele bateu em vocês dois", presumo, a cabeça de Aiden balançando lentamente.

"Sim, ele fez, ainda faz-"

Fico em silêncio por um momento, acalmando a raiva que está me incitando a arrancar os braços de David de seu corpo.

"Suas punições para mim eram sempre práticas."

"Aiden", David retruca, batendo o pé impacientemente na porta, observando o filho com um olhar ameaçador.

"Desculpe interromper, Padre Briar, mas o jantar está pronto. Ele está livre para ir agora? Ele recebeu suas preces?"

Quando olho para Aiden, ele engole em seco e vejo um medo profundo gravado em seu rosto tenso.

"Quase", sorrio. "Dá-nos cinco?"

David assente e volta para dentro de casa.

"Acho que meu maior pecado é esperar que ela estrague tudo o bastante e que

ele volte sua atenção para ela pelo menos uma vez", diz Aiden, sua necessidade egoísta de se livrar do pai obscurecendo sua capacidade de ver o quão fodida era sua estratégia para a liberdade. "Agora, eu só piorei para nós dois", ele suspira, levantando-se para entrar.

Agarrando sua mão, eu o paro antes que David possa ver.

"Seu pai está... machucando você agora, Aiden?"

"Isso importa? O padre Kevin o ajudou a se livrar de seus pecados regularmente, então está tudo perdoado, certo? Ele consegue encontrar Deus, independentemente."

Fico no caminho dele, impedindo-o de se aproximar da porta da frente.

"Ele tocou em você?" Eu insisto, seus olhos se estreitando para mim.

Ele tocou no Éden?

"Tenha uma boa noite, Padre Briar."

Passando por mim, ele entra na casa, com a cabeça abaixada enquanto passa pelo pai.

Observando seu irmão, Eden parece petrificada, seus olhos mudando de Aiden para mim, antes de pousar em seu pai, que saiu em minha direção.

Conforme ele se aproxima, eu o vejo sob uma luz inteiramente nova. Sua existência para mim é uma cruel zombaria da boa vontade de Deus. Sua natureza é corrompida e profundamente entrelaçada com a malevolência da

influência de Satanás. Algo escuro e espesso, como piche, se aloja em minha garganta quando olho para ele.

"Sinto muito que meus filhos tenham arrastado você até aqui, Padre Briar", diz David, quase brincando, como se estivesse confuso.

Quantas vezes você tocou em Aiden?

Você tocou no Éden?

Por que Aiden não contou a ninguém?

Como o padre Kevin pôde permitir tais pecados sem contatar as autoridades?

Ou matar o próprio homem.

"Não se incomode, parece que foi um mal-entendido-"

"De qualquer forma, garantirei que Aiden recite suas orações e seja devidamente punido."

Meu sangue gela.

"Não acho que punição seja necessária-"

"Bobagem. É meu dever como pai lembrá-los de que ações têm consequências. Ele cometeu um pecado grave, e me dói profundamente ver qualquer um deles se desviar do caminho que Deus estabeleceu para eles.

Não vou deixar isso passar sem consequências. Ele enfrentará punição, não apenas minha, mas, mais importante, ele deve buscar o perdão de Deus por meio da confissão e penitência. Somente se arrependendo verdadeiramente eles podem começar a fazer as pazes e retornar à graça de Deus."

"Você planeja punir Eden também?"

"Tudo a seu tempo", ele suspira. "Eu pensei que ela tinha superado a necessidade de eu discipliná-la, mas parece que o Diabo encontrou seu caminho de volta para a vida dela-"

Dando um passo mais perto, chego perto do rosto do homem, meu nariz a centímetros do dele enquanto olho para baixo, vários centímetros para ele.

Dando um sorriso falso, dou um tapinha na frente da camisa dele.

"Deus está sempre observando, David", eu sussurro. "Eu também estou sempre observando." Puxando meus lábios para seu ouvido, eu não seguro minha língua. "Eu sempre senti a necessidade de oferecer punição aos pecadores que precisam de motivação extra para retornar ao caminho de Deus, sejam mães ou pais, filhos ou filhas. Eu não tenho certeza de qual é o seu tipo de punição, mas," eu

empurro, teorizando que este homem é um pedófilo glorificado. "Você pode lidar com Eden com suas próprias mãos, ou você pode me dar a oportunidade de dar a ela alguma nova visão," eu sorrio, observando algo mudar em sua expressão.

"Então, você viu a lista?" Ele questiona, um sorriso diabólico se espalhando por seu rosto. "Eu me perguntei se Kevin tinha convidado outro entusiasta para a igreja. Parece que ele tem."

Fiquei em branco, sabendo que a folha de inscrição dos servidores do altar não é a lista a que ele se refere. Minha intuição arrancou um aperto no meu peito enquanto ele sorria.

"Claro", sorrio, fazendo o meu melhor para concordar, apesar de não ter a mínima ideia do que essa porra significa.

"Que escalação esse ano", ele sorri. "Vou te dizer uma coisa, você pode fazer o que quiser com ela."

As punições são todas suas", ele sorri. "Meu filho, no entanto, está fora dos limites."

Meu estômago se revira com suas palavras. Estendendo minha mão, sorrio para o homem.

"Deixe-a sentir a ira de Deus, Pai."

Segurando a mão do homem, eu o impeço de recuar para dentro.

"E a lista? Onde posso obter clareza sobre meu papel em tudo isso?" Eu questiono.

Dando-me um tapinha no ombro, o homem parece alegre.

"Achei que Kevin teria te contado tudo?"

"Ele fez, principalmente", minto. "Foi um longo dia."

A última coisa que preciso é que David descubra que não faço parte do seu círculo íntimo. Preciso saber o que está acontecendo aqui.



Temo que a posição de David Faulkner na igreja seja muito mais influente do que qualquer coisa que eu poderia imaginar.

"Eu deveria entrar. Tenha uma noite abençoada, pai."

Observando-o entrar, permaneço de pé na varanda enquanto tento desvendar a teia pegajosa de detalhes que são vagos demais para eu desvendar.

Fui aceito na igreja e fiz um juramento de servir a Deus.

Mas qual foi o papel do Padre Kevin em tudo isso?

Por que o homem realmente foi embora?

O que isso significa para meu papel em tudo isso?

Olhando por cima do ombro, encontro o olhar de Eden através da janela antes que ela abaixe a cabeça enquanto seu pai se senta à mesa.

Uma coisa é certa.

David Faulkner será levado em um saco para cadáver se ele tocar nela novamente.

Capítulo 6

Éden

sinto um mal-estar ao ver Roman descer as escadas da nossa casa.

"Você se importa se eu me despedir do Padre Briar e agradecer por me trazer para casa?"

"Vá em frente", meu pai diz com um aceno. "Sua mãe pode esquentar sua comida", ele acrescenta com um sorriso. Embora o olhar sem vida em seus olhos sempre que ele olha para ela seja sempre perturbador.

Aiden cutuca suas batatas e me segue com os olhos enquanto saio.

Roman mal chegou ao seu 4Runner quando eu saio. Conforme me movo em sua direção, ele parece perdido em pensamentos, seus olhos fixos inexpressivamente na porta do motorista.

"Ei, desculpe meu pai ter feito você-"

"Me dê seu telefone", ele diz bruscamente, estendendo a mão.

"Por que eu faria isso?", questiono, tirando o dispositivo do bolso.

No jantar, Aiden silenciosamente me entregou o presente por baixo da mesa, evitando os olhos atentos do meu pai.

"Passe para mim, ou eu mesmo pego", ele avisa, mantendo a mão estendida na minha frente.

Hesito antes de desbloquear o telefone e entregá-lo a ele. Ele o pega rapidamente, seus dedos tateando a tela.

"Você precisa de ajuda para encontrar algo? Presumi que você soubesse como usar, já que pediu. A menos que..."

"A menos que o quê?"

"A menos que sua aparência tenha me enganado e você seja velho demais para saber como usar um smartphone."

Ele me lança um sorriso brincalhão enquanto termina e bloqueia o telefone.

"Então não é antigo, hein? Você não pode ter a minha idade. Pelo que eu sei,

padres começam o seminário por volta dos vinte e dois anos."

"Acrescente sete anos. Vou fazer vinte e nove em outubro." Ele me devolve o telefone, nossos dedos se tocando durante a troca.



"Adicionei meu número lá. Quero que você me ligue de manhã, quando estiver acordado. Você começará seu horário de serviço bem cedo."

"Horário de serviço?", questiono. "Meu pai realmente me inscreveu?"

"Ele fez isso", ele murmura, inclinando-se para o lado do carro. "Você tem o maior número de horas de serviço, na verdade."

"Não posso", gaguejo, a ideia de ficar isolada com Roman é ao mesmo tempo aterrorizante e excitante. "Tive que arrumar um emprego. Meus pais estão me fazendo pagar aluguel enquanto estou morando em casa. Trabalho no Idlewood Coffee de manhã, o café no centro da cidade-"

"Então você virá me encontrar depois disso."

"E se eu já tiver planos?" Eu estalo. "É segunda-feira-"

"Você vai arranjar tempo", ele dá de ombros, olhando para a casa. Dando um passo mais perto, ele empurra uma mecha de cabelo perdida atrás da minha orelha. Eu fecho meus olhos, odiando o quanto eu amo a sensação do seu toque, reprimindo a vontade de me aproximar um pouco mais.

"Tranque sua porta esta noite."

"Por quê?", pergunto, enquanto ele inclina a cabeça.

"Faça isso. Não gosto quando você não escuta."

Sua mão sai do meu rosto enquanto ele se afasta, deixando minha pele ansiando por seu toque.

Atordoadada e confusa, eu o observo enquanto ele recua para o carro. Eu volto para casa e, enquanto subo as escadas para a varanda da frente, olho por cima do

ombro para vê-lo ainda esperando na entrada da garagem. Ele não sai até eu fechar a porta da frente atrás de mim.

Jogando-me na cama, mando uma mensagem rápida para Zoey, perguntando se ela vai trabalhar no café pela manhã. Obtendo rapidamente um "sim" de volta, percorro meus contatos, revirando os olhos ao ver o nome de Roman agora no meu telefone. Desligo meu telefone, olho para

baixo e vejo sujeira ainda endurecida na minha pele em alguns lugares.

Minha única prerrogativa pelo resto da noite é limpar completamente meu corpo na esperança de lavar os restos do dia, tanto física quanto mentalmente.

A gola da camisa de flanela de Roman toca meu rosto, e eu sinto seu cheiro.

Penso na maneira como suas mãos exploravam entre minhas coxas, imaginando se ele se ressentia de mim, embora eu não tivesse intenção de tentá-lo em nenhum nível esta noite. Mas agora sou eu quem está tentada a explorar essa conexão entre nós.

"Eden," a voz rouca de Aiden chama, seu corpo permanecendo na minha porta.
"Posso falar com você?"

Olho para o relógio na minha mesa de cabeceira. É tarde, quase meia-noite.

Estou surpresa que ele ainda esteja acordado. Certamente seu pedido de desculpas poderia esperar até de manhã.

"Claro."

Ele entra no quarto, virando-se para fechar a porta silenciosamente até que ela encontre o batente. Quando ele se vira para mim e vai até onde estou sentada, percebo o quão exausto ele parece. Ele passa as mãos pelos cabelos enquanto se senta ao meu lado na cama.

"Falar com o Padre Briar tirou tanta energia de você-"

"Papai está me machucando", Aiden deixa escapar, a compulsão de provocá-lo sobre os eventos do dia morre completamente no momento em que essas palavras saem de sua boca.

Olhando para Aiden, não engulo nada, minha mão agarra meu telefone.

"O que você quer dizer-"

"Você se lembra de como era crescer? Sim, você teve sua cota de merda, mas você sempre foi o favorito deles, e eu nunca consegui fazer nada para agradá-los", ele diz, com a cabeça abaixada enquanto fala. "Papai sempre gostou de usar aquele maldito cinto em você, mas quando ele me levou para o quarto dele para minhas punições, eu nunca vi o cinto", Aiden soluça, um milhão

pensamentos correndo pela minha mente. "Eu adoraria que tivesse sido o cinto."

"Aiden-"

"Quando você foi embora, eu tive a oportunidade de agradá-lo a ponto de ele sentir que suas punições não eram mais necessárias. Então você voltou para casa e, por algum motivo, ele nunca sentiu a necessidade de descontar suas frustrações em você como costumava fazer. Mais uma vez, eu era sua válvula de escape quando ele estava com raiva. Eu não te odeio, Eden. Eu invejo o fato de ele nunca ter ido atrás de você do mesmo jeito que ele vem atrás de mim. Eu me odeio por esperar que você tivesse feito algo sobre um problema que você nem sabia. Eu pensei que você fodendo tudo faria o foco dele ir para outro lugar. Eu estava errado", Aiden continua, lágrimas caindo de seu queixo e manchando seu jeans.

Eu esfrego suas costas, mas ele recua e se afasta.

"Se ele não está usando o cinto, Aiden, o que ele está-"

"Crianças", meu pai grita, e nós dois ficamos assustados com o som.

Empurrando a porta toda para abrir, ele fica de pé com o cinto na mão.

Minha mãe fica atrás dele, um brilho sobre os olhos dilatados, sem dúvida por causa do punhado de Xanax que ela provavelmente tomou depois do jantar.

"Aiden, vamos lá", ele insiste. "Morgan, vá aproveitar seus shows. Eden, descanse um pouco-"

"Não", eu respondo bruscamente, ficando entre meu pai e Aiden, encarando-o.

"Ele já se desculpou e confessou. Estamos velhos demais para castigos físicos, pai", eu sibilo. "Aiden é-"

Minha mãe suspira quando a mão do meu pai se enrola em volta do meu pescoço. Ele usa seu corpo para me forçar a voltar para a cama. Aiden se move rapidamente da cama, arranhando a camisa do meu pai, tentando tirá-lo de cima de mim.

"Foi um desrespeito como esse que tornou fácil para mim deixar o Padre Briar se encarregar de limpar sua mente pecaminosa", ele sibila, a ideia de eles concordarem em qualquer coisa parecendo absurda.

Conforme minhas vias aéreas se estreitam, sou jogado de volta à minha infância, relembrando todas as vezes em que as surras de bêbado do meu pai foram longe demais. Seu aperto aperta um pouco, e de repente, estou no

meu dormitório novamente, com os olhos bêbados *de Eric* me observando enquanto ele—

Aiden chuta meu pai bem na virilha por trás. Ele solta minha garganta, e eu caio no chão, ofegante. A mão fria da minha mãe toca meu rosto, um olhar quebrado em seus olhos enquanto eu olho para ela, minha visão manchada.

Eu ouço os passos do meu pai se movendo rapidamente em direção a Aiden enquanto ele tenta ficar fora de seu alcance.

"Espere-"

"Você vai piorar", minha mãe sussurra, seus lábios pressionados em meu ouvido, meu pescoço latejando de dor pelo aperto do meu pai. Ela me segura enquanto olho para ver Aiden tremendo, o tipo de medo estampado em seu rosto é algo com o qual estou intimamente familiarizada.

Ele foi ferido como eu.

Pelo nosso próprio pai.

E minha mãe sabe.

Agarrando a gola de Aiden, ele começa a puxá-lo em direção à porta enquanto

meu irmão luta para resistir a ele. Empurrando minha mãe para longe de mim, eu os sigo.

Não me importa se isso é uma ideia idiota. Tenho que fazer alguma coisa.

"Eu disse ao Aiden para fumar a erva", eu sibilo, observando meu pai parar seus passos. "Eu disse a ele para fumar a erva e desafiei Zack a dar uma volta no meu carro para assustar o Aiden enquanto ele ainda estava chapado. Nada disso foi ideia dele." Minhas respirações são rápidas e superficiais enquanto minha mente trabalha para encontrar uma maneira de sair disso. Foda-se as consequências.

"Você acredita na fé divina de Deus, assim como na verdade. Não puna Aiden pelos meus pecados", eu imploro.

Ele solta Aiden, com uma mistura de confusão e irritação estampada em sua testa.

"Você permitiu que seu irmão assumisse a culpa pelo seu comportamento imoral?"

Olhando para Aiden, sei o que precisa ser feito.

O foco tem que mudar.

Forçando um sorriso, abaixo a cabeça.

"Felizmente."

Como um animal selvagem com instinto de matar, meu pai me agarra pelos cabelos, me arrastando para o meu quarto. Um grito sai da minha garganta enquanto a dor queima meu couro cabeludo.

"Vão para seus quartos, agora!" Meu pai grita para minha mãe e meu irmão.

Eu posso ouvir seus soluços do corredor, a voz suave da minha mãe dizendo algo para meu irmão que eu não consigo entender.

Batendo a porta do meu quarto, meu pai me puxa para a cama. O pânico toma conta de mim enquanto ele me força a deitar de bruços, me curvando sobre o colchão. Ele puxa meus pulsos para trás das costas, envolvendo-os com seu

cinto. Meu corpo fica rígido quando ele agarra a parte de trás da minha cabeça para me manter no chão.

Não.

Ele não faria isso. Sim, suas punições eram físicas, mas nunca foram assim.

O choque me paralisa, imagens de Eric passam pela minha mente. Isso não pode acontecer de novo. Não posso deixar acontecer de novo.

Chorando no meu colchão, sinto-o puxar meu moletom para baixo, minha bunda completamente exposta para ele, nada além de uma fina camada de calcinha escondendo as partes mais vulneráveis do meu corpo.

Estalando a língua, ele olha para minha pele exposta, os cortes na frente das minhas coxas escondidos da visão dele. Eu me contorço, mas não consigo me soltar, seu aperto no meu pescoço me empurrando mais para dentro do colchão.

Porra.

Aiden não estava mentindo.

"Embora sua punição seja muito diferente da de Aiden", ele sibila, seus lábios perto do meu ouvido. "Acredite em mim quando digo que estou ansioso para ver o Padre Briar e a igreja mostrarem a você como é a verdadeira disciplina."

"O que você está fazendo com Aiden-"

"Shhh," ele murmura. "Aiden está confuso, assim como você. Vocês dois não têm ideia de como é ser pai. Sua mãe e eu demos tudo a vocês," ele murmura, sua mão tocando minha bunda. O colar da minha cruz crava na pele ao redor do meu pescoço enquanto continuo a lutar contra ele.

Querido Deus, se você estiver ouvindo, por favor-

"Pai, tira a porra das mãos de mim-"

Grito de dor quando sua palma aberta se conecta à pele nua da minha bunda, o som do contato ecoando pelo meu quarto.

"Assim como quando você era uma garotinha", meu pai sibila. "Eu pensei que você tinha aprendido a lição, mas –"

Sua mão desce novamente, esse tapa é mais doloroso que o primeiro.

"Acho que não."

Segundos se transformaram em minutos. Sua mão repetidamente descia na minha bunda, minhas pernas ameaçavam ceder cada vez que sua mão encontrava a carne já crua. Quando ele puxa o cinto dos meus pulsos, eu balanço meus braços para fora, pronta para começar uma luta que provavelmente não vou ganhar.

Enquanto tento me levantar da cama, sinto o metal da fivela do cinto bater contra minha pele, minhas costas arqueando enquanto despenco no chão.

Arrastando minhas calças para cima antes que ele possa ver a frente das minhas coxas. Eu caio de lado, meu corpo com uma dor insuportável, um pequeno soluço saindo dos meus lábios. De pé sobre mim, meu pai cambaleia, e eu posso sentir o cheiro do álcool escorrendo de seus poros.

Ele se agacha e me observa, com arrependimento estampado em seu rosto.

"Eu nunca quis machucar minha garotinha, Senhor", Ele sussurra. "Por favor, me perdoe." Seus dedos roçam minha bochecha.

Eu permaneço no chão do quarto, tremendo incontrolavelmente. Levantando-se lentamente, meu pai olha em direção à minha porta.

"Espero respeito de você e do seu irmão daqui para frente."

Abrindo a porta, ele sai do meu quarto, me deixando sozinha no silêncio após seu ataque de raiva bêbado. Quero ir para Aiden, para minha mãe, mas

a dor é quase insuportável. Rolo para a beirada da minha cama, colocando uma mão no meu colchão para me içar. Quando me levanto, o comando de Roman ecoa em minha mente.

Tranque sua porta.

Então eu faço.

O que ele sabe que eu não sei?

Ele sabe das tendências violentas do meu pai?

O que Aiden realmente disse a ele durante a confissão?

Cambaleando até o banheiro, pego meu telefone na cômoda e entro, certificando-me de trancar a porta atrás de mim.

Explosões como essa do meu pai são sempre alimentadas por álcool e uma semana horrível no trabalho.

Ele nunca me tocou assim.

Eu realmente sei até onde ele está disposto a ir?

Ele já parece achar que Roman vai me transformar na mulher perfeita e temente a Deus que ele sempre quis que eu fosse.

Preciso encontrar uma maneira de sair disto.

Preciso encontrar uma maneira de tirar Aiden dessa.

Minha mãe pode até fechar os olhos para o que meu pai é capaz, mas eu não.

Aiden não merece isso.

Eu não mereço isso.

Giro o botão da banheira, deixando a água morna encher com o máximo de bolhas que puder, desesperada para sentir algo além da dor ardente raspando como vidro nas minhas nádegas. Lentamente me levantando, encaro o espelho e começo a tirar minhas roupas, camada por camada.

Examino meu corpo, um mosaico de cicatrizes e cortes recentes traçando meus braços, coxas e laterais, parando perto dos meus seios. Tons de roxo e azul nublam minha pele, com um hematoma feio já florescendo em volta do meu pescoço do aperto de torno que meu pai me deu antes.

p

ç

p

q

p

Olhando para o meu telefone no balcão, sei o quão tolo seria chamar a polícia.

Se eles nunca acreditaram nas poucas vezes que minha mãe ligou quando meu pai passou dos limites, eles nunca acreditariam em mim.

O xerife Acosta dá as mãos ao meu pai todo domingo.

Aiden e eu estamos sozinhos nisso.

"O que diabos aconteceu com a minha vida?", murmuro, não conseguindo mais olhar para meu reflexo.

Rastejando para dentro da banheira, eu mordo a dor da água morna tocando minha pele inflamada. Sentindo as bolhas me cercando, eu me acomodo em uma sensação de alívio ensaboada. Minha mente começa a divagar.

Meu pai descontou sua raiva em mim.

É só para isso que sirvo?

Uma válvula de escape para a dor dos homens.

A dor daquela noite tenta nublar minha mente.

Sinto suas unhas cravando em minhas coxas enquanto ele tenta abrir minhas pernas. Sua voz tem um tom áspero, borda irregular. Como uma lixa enquanto ele se inclina para sussurrar em meu ouvido. O cheiro de álcool é pesado quando ele abre a boca.

"Eu vou devagar por você, Eden," Ele sussurra. "Eu vou devagar, você vai ficar bem," Ele murmura, meus olhos mal se abrem, meus braços ao lado do corpo,

como um peso morto.

"Eric", soluço, a coisa mais distante de estar pronta para sentir o toque de alguém enquanto tento descobrir por que estou não pode se mover.

Há poucos momentos, eu estava bebendo com meu colega de quarto e agora estava esparramado A cama de Eric, seu telefone na mão, a luz de sua câmera me cegando.

Há apenas algumas semanas, eu me descontrolei com Eric nesta mesma sala, contando a ele a história da minha vida, detalhando tudo o que meu pai fez comigo, a sensação de seu cinto e punho permanentemente queimado em meu corpo.

"Eric, por favor-"

"Quieta, Eden", ele rosna, cobrindo minha boca enquanto força seus dedos em mim, meu corpo apertado e pouco receptivo à sua intrusão.

"Meu Deus, meu Deus, eu mal consigo colocá-los-"

Arrastando minha cabeça para fora da água, eu suspiro por ar, o som de toque do meu telefone me afastando das memórias daquela noite. Piscando para afastar a dor, eu olho ao redor, lembrando a mim mesma que eu não estava realmente de volta naquele dormitório.

Conforme minha visão clareia, vejo a tela do meu telefone acender novamente, o toque tocando em seu segundo loop. Eu rapidamente limpo minhas mãos na toalha ao lado da banheira antes de deslizar a tela para atender e segurá-lo no meu ouvido. Meu cabelo pinga água pelo meu rosto e em meus olhos e boca enquanto eu sento de volta na água morna novamente, quase deixando o telefone cair na minha frente entre meus seios.

"O-Olá?"

"Éden?", ele questiona, em voz baixa.

Romano.

"Ah. Ei, desculpe por não ter atendido antes", viro a cabeça para longe do viva-

voz do telefone, escondendo meu soluço, enquanto outra onda de dor percorre minha espinha desde o traseiro.

"Você precisa de alguma coisa?", pergunto.

"Você estava chorando?"

"Não", eu engasgo, ofegando por ar. "Estou bem."

"Onde você está agora?", ele questiona.

Eu rio, esperando que isso esconda os soluços que escapam de mim. "Bem, na verdade estou de molho na minha banheira, aliviando algumas dores e incômodos." Isso é crível, certo? Tecnicamente, era verdade.

"Você tem alguma outra sugestão para aliviar minhas dores, padre?", pergunto, apoiando a cabeça na borda da banheira, sem esperar nada do homem.

Um rosnado baixo sai do alto-falante do telefone antes que ele atenda.

"Você está sozinho?"

"Sim, por que-"

"Coloque-me no viva-voz", Ele exige. "E me escute com atenção."

Provérbios 6:20-22: “Meu filho, guarda os mandamentos de teu pai e não abandones teu pai.

ensinamento da mãe.”





Capítulo 7

romano

s eu sigo pelo corredor até o espaço de escritório que o Padre Kevin deixou para trás, não posso deixar de notar o ar sinistro da catedral tão tarde da noite. Eu espio através das persianas abertas que pendem sobre a janela de vidro que está embutida na pesada porta de madeira. Eu vejo a imagem de Maria Madalena guardando a sala enquanto eu tateio no meu bolso em busca das chaves que o Padre Kevin deixou para mim. Eu entro, as palavras de David ainda ressoando muito depois que nossa conversa terminou.

Achei que Kevin teria te contado tudo.

Tentando descobrir o que David quis dizer, comecei a vasculhar os armários e acabei encontrando uma pasta cheia de extratos bancários e recibos de faturas da Saint Michael's.

Colocando os extratos bancários sobre a mesa, o nome na linha de signatários ao lado do de Kevin Dowe imediatamente chama minha atenção.

David Faulkner

Sócio-gerente | Faulkner & Associates



Cada declaração de despesas e fatura inclui sua assinatura ao lado da do Padre Kevin.

Batendo meus dedos na mesa, dou uma olhada mais de perto no computador diante de mim, o perfil do Padre Kevin ainda configurado no dispositivo. Tudo o que preciso é da porra da senha.

Olho em volta e vejo o que parece ser uma velha Bíblia encadernada em couro, enfiada sob uma pilha de outros livros na beirada da mesa. Empurro os outros livros para o lado e começo a folhear as páginas. Está escrito em latim, provavelmente mais antigo que o primeiro segredo do Vaticano.

Faço uma pausa quando vejo uma página com cores que não deveriam estar ali, uma palavra se destacando, suas letras destacadas em amarelo brilhante.

“Satanas,” eu sussurro.

Satanás, em latim.

Arrastando meus dedos lentamente sobre o teclado, eu digito as sete letras, fazendo uma prece a Jesus para que essa senha funcione. Batendo meu dedo na tecla enter, a tela carrega. Eu bato meu pé vigorosamente sob a mesa enquanto espero.

Vários segundos se passam.

Você está delirando, Roman-

O desktop do padre Kevin aparece na tela, um único aplicativo para e-mail configurado pelo que posso ver. Passo o mouse sobre o ícone do aplicativo, hesitando antes de clicar duas vezes.

Olhando para a imagem de Maria Madalena, ela parece me observar, me julgando por meter o nariz onde sei que não deveria.

"Você pensaria que ter você aqui faria algo para manter o homem honesto", eu zombo.

O aplicativo de e-mail está vazio. Movo o cursor para a esquerda sobre a pasta 'Lixeira'.

Abrindo, tem um e-mail. O assunto é "Inventário".

Prendendo a respiração, clico para abrir. Anexado ao e-mail, há uma planilha de inventário de móveis com preços ridículos listados para cada item. Algumas peças com datas de varejo de aproximadamente onze anos atrás custavam cerca de vinte mil dólares, todas prontas para serem entregues a esta igreja em três meses. A lista continua, com vinte itens no total. Rolando para baixo até o final do formulário de pedido, vejo a assinatura de David Faulkner novamente.

Em que tipo de mobília vale a pena gastar quase quatrocentos mil dólares?

Foi feito à mão pelos descendentes do Apóstolo?

A garrafa de bourbon no carrinho de bar no canto da sala me chama. Meus olhos ficam pesados, a exaustão do dia finalmente se instalando. Este mistério está quase se tornando um fardo mental grande demais para suportar sem dormir.

Olhando a lista uma última vez, uma das peças de mobília se destaca para mim. Sua idade é muito mais antiga do que as demais, e sua descrição é assustadora.

Sofá vintage de vinte anos, em perfeito estado, couro marrom premium,

ótimo para

eventos familiares.

Ampliando a imagem do sofá, percebo que ele não é nada mais do que comum, como algo que você compraria em uma loja de departamentos ou em uma venda de garagem, francamente. Mas ele tem o preço mais alto de todas as peças, quase o dobro do custo dos outros móveis.

"Que porra é essa-"

Minha cabeça se levanta bruscamente, e meu coração troveja enquanto o silêncio do escritório é perfurado pelo toque profundo e ressonante do enorme sino da igreja. O som é estridente, cortando o ar como um trovão, suas vibrações reverberando nas paredes de pedra. A escuridão da meia-noite faz o som parecer mais ameaçador, como se o sino estivesse alertando sobre algo invisível.

Saio do perfil de Kevin e dou uma última olhada em Madre Maria antes de sair

do escritório.

Trinta minutos se passaram desde que saí da catedral e fui para casa. Meus olhos ficaram grudados no meu telefone. Dois copos de uísque não são suficientes para me impedir de me perguntar o que ela está fazendo agora.

Ela me ouviu quando eu disse para trancar a porta?

Como diabos David era quando eu não estava por perto?

Aiden estava falando a verdade?

Andando de um lado para o outro em minha casa, o espaço está quase desempacotado, as caixas ainda lacradas, minha cama é uma das poucas coisas que priorizei colocar em ordem. Depois de tomar banho para clarear meus pensamentos, ando pelo quarto com um par de moletons, o tecido úmido grudado na minha pele. A tatuagem que começa em volta do meu pescoço e desce em espiral pelo meu lado e pelas minhas costas está exposta. Se alguém olhasse bem de perto, veria os desenhos intrincados escondendo habilmente a variedade de cicatrizes que se entrelaçam na minha pele. Espinhos e videiras retorcidos, lindos e escuros, envolver meu corpo como uma entidade viva. A lembrança da picada da agulha contra minha carne cicatrizada permanece. A dor era estranhamente calmante — uma distração bem-vinda em comparação a outros tormentos que suportei. As horas passadas sob a agulha eram uma mistura de agonia e consolo, oferecendo um alívio estranho e catártico.

Jogando-me de volta àquele momento no carro com Eden, meu pau endurece com profundo desejo. Tento pensar em qualquer coisa, menos na ideia de me dar prazer com a lembrança de como ela se sentia enrolada em meus dedos. O breve gosto dela que senti foi mais viciante do que qualquer uma das substâncias mais fortes que experimentei na minha juventude. Não consigo tirar da cabeça a sensação de sua mão roçando meu comprimento duro.

Achei que esse bourbon caro iria dificultar a ejaculação.

Passando a mão pelos cabelos, olho novamente para o meu telefone e rapidamente o pego no criado-mudo.

Eu nunca deveria ter procurado o número dela no formulário de informações dos coroinhas.

Eu deveria ter mantido distância.

Tensionando meu maxilar, tiro a cruz do meu pescoço e a coloco na mesa de cabeceira.

Uma ligação não fará mal.

Não é nada incomum vê-la depois do que aconteceu.

Se eu ligar uma vez e ela não atender, vou deixar por isso mesmo.

Já passa meia-noite e trinta minutos, duvido que ela ainda esteja acordada.

Recostando-me na cabeceira da cama, disco o número dela, colocando o telefone no peito, deixando o barulho do alto-falante me distrair da tensão entre minhas pernas.

Depois de tocar quatro vezes, começo a perder a esperança. A ideia de incomodá-la assim é tão tola-

"O-Olá?"

Ao ouvir sua voz suave, a lembrança de seus suspiros de prazer entra em minha mente. Minha mão encontra seu caminho por baixo do cós do meu moletom, envolvendo a base do meu pau, dando a ele a atenção que ele tem implorado a noite toda.

Está tudo bem.

Depois que termino de falar com ela ao telefone, posso aliviar minhas frustrações sexuais e acabar logo com isso.

"Éden?", questiono, e o jeito como o nome dela soa enquanto acaricia minha língua aumenta a pulsação sob minha mão.

"Ei, desculpe por não ter respondido antes", ela murmura, um pequeno som de dor saindo de sua garganta áspera.

Ela estava chorando?

"Você precisa de alguma coisa?", ela pergunta, e o som de água espirrando ao

fundo me confunde.

"Você estava chorando?", pergunto, de repente mais preocupada do que frustrada.

"Não", ela engasga, mas eu sei que ela está mentindo.

Se eu pudesse puni-la por isso.

"Estou bem", ela força a saída, com um soluço abafado escondido do outro lado da linha.

Porra.

Ela estava chorando.

E o que eu estou fazendo?

Ficando mais duro com o som da voz dela.

"Onde você está agora?", pergunto, fazendo o meu melhor para permanecer neutro.

Ela ri, mas é oco, misturado com derrota. "Bem, na verdade estou de molho na minha banheira, aliviando algumas dores e sofrimentos. Você tem alguma outra sugestão para aliviar minhas dores e sofrimentos, pai?"

Pai. Ela morde o título como se houvesse uma parede entre nós, e ela é o aríete.

A tensão envolve meu interior como um vício. Lentamente, começo a me acariciar novamente, esperando aliviar a dor. Sou atacado pela imagem dela no banho, seu corpo molhado e quente, seus lindos seios saltando enquanto seus lindos lábios gritam meu nome –

"Éden", eu estalo. "Você está sozinha?", questiono, uma solução se formando em minha mente.

"Sim, por que-"

"Coloque-me no viva-voz", exijo. "E ouça-me com atenção."

O som da água em movimento sai do alto-falante, seguido por um baque suave.

"Eu te coloquei na beirada da banheira", ela sussurra. "Então qual é a sua solução?"

Puxando meu moletom mais para baixo, meu pau latejante salta livre.

Envolvo minha mão em volta do comprimento duro dele, tomando meu tempo enquanto subo e desço a base em arrastadas dolorosamente lentas.

"Você quer dor, Eden, ou quer prazer?"

q

,

,

q

p

Depois de esperar alguns segundos, sua voz sai num sussurro.

"Prazer, Pai."

Meus ouvidos devoram suas palavras. Fecho meus olhos para me deleitar com as possibilidades do que vem a seguir, a dor da minha libertação já ameaçando acabar com isso antes mesmo de começar.

"Então vá em frente e faça algo para mim, linda. Pegue sua mão direita e passe-a pelo seu corpo", eu sussurro. "Vá até chegar àquela sua boceta linda, e ouça minha voz enquanto você desliza para dentro de si mesma."

Uma breve pausa precede o som do movimento e um pequeno suspiro de prazer que me faz morder o lábio inferior em antecipação.

Apertando-me ainda mais, continuo a incitá-la a querer mais.

"Agora pegue sua mão esquerda e massageie esses seus seios perfeitos enquanto imagina que são meus dedos te fodendo", eu gemo, uma gota de líquido se

acumulando na cabeça do meu pau duro.

Sua voz falha tentando abafar outro gemido. "E o q-o que você está fazendo agora, Padre Briar?" Ela questiona. "Lembre-se, é pecado mentir."

Sorrindo diante da sua espirituosidade, abaixo minha voz.

"Você quer saber, Angel?" Eu ronrono. "Agora mesmo, estou acariciando meu pau com a ideia de você se dar prazer", eu continuo, "e imaginando como seria ter aqueles lábios lindos me envolvendo, lutando para me absorver por inteiro." Eu gemo, acariciando mais forte enquanto seus suspiros se tornam mais profundos e pesados. "Agora seja uma boa menina para mim e coloque outro dedo."

"Não posso, Roman-"

"Faça isso", eu digo bruscamente.

O som do movimento aumenta, minha mão trabalhando o pré-gozo vigorosamente para cima e para baixo no meu comprimento, a umidade aumentando minha obsessão frenética com a mulher do outro lado da linha.

Por alguns momentos, nos tornamos nada além de uma mistura de sons pecaminosos.

"Você sabe o quão desesperadamente eu quero te provar, Eden? Você sabe o quanto eu quero essa sua boceta linda? Para deslizar meu pau gordo dentro de você, te esticando até você gritar –"

"Romano-"

"Pai", eu sibilo. "Você reza em meu nome. Agora recite as suas enquanto goza em seus dedos."

Ela se força a tentar dizer a oração.

"Nosso pai-"

"Seu pai", eu gemo. "Só seu, Eden."

"M-Meu Pai, que estás no céu, santificado seja o teu nome-"

"Boa menina. Deixe-me ouvir essa boca suja terminar."

"Venha o teu reino; seja feita a tua vontade-"

Seu gemido de liberação ecoa pelo alto-falante, e não consigo mais segurar o meu. Mordendo meu lábio inferior, minha própria liberação envia espermatozoides jorrando em direção ao meu estômago inferior em jorros violentos.

Mantenho minha mão enrolada em meu comprimento, provocando onda após onda de prazer da minha carne. Uma sensação quente e pacífica percorre meu corpo enquanto trabalho para controlar minha respiração irregular. Ainda posso ouvir Eden pelo alto-falante, os sons que saem dela me levam a acreditar que ela está passando por algo semelhante.

Pego um lenço de papel na mesa de cabeceira e limpo minha liberação, meu pau ainda um pouco duro.

Imagino que não seria preciso muito para que eu voltasse a andar.

"Você estava certo", ela sussurra depois de alguns momentos. "Sua sugestão ajudou a aliviar a dor, pai. Durma bem."

Ela encerra a ligação abruptamente. Olho para a tela preta do meu telefone, pensando se devo retornar a ligação. Eu não estava completamente convencido de que não havia mais nada que ela precisasse falar.

Antes que eu possa colocar meu telefone de volta no criado-mudo, a tela acende com uma notificação.

Uma notificação não lida de: Eden Faulkner

Tocando na notificação, sento-me na cama, quase deixando meu telefone cair, meus olhos grudados na imagem à minha frente.

É uma foto de Eden, cabelo molhado e tudo. Ela está lambendo o lado de um de seus dedos brilhantes, seus olhos abaixados enquanto olha para a câmera. Os picos de seus seios perfeitamente redondos e delicados mamilos rosa claro são cortados na borda da minha tela. Minha boca começa a salivar enquanto traço

um dedo sobre a imagem de suas curvas.

Uma única linha de texto aparece depois da foto.

Dando continuidade ao texto único, ela ganha vantagem.

Sua vez, pai.

A tela volta a ficar preta momentos depois.

Éden Faulkner.

O próprio diabo enviou você para me testar?

1 Pedro 5:8: “Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o diabo, anda ao redor de vós.

como um leão que ruge, procurando alguém para devorar.”





Capítulo 8

Éden

O que eu fiz?

W Que pessoa sã faz sexo por telefone com um padre? Como se deixá-lo ouvir eu me foder com os dedos não fosse o suficiente, joguei gasolina em um incêndio já descontrolado com aquela foto.

Posso culpar o Diabo por esse desejo inflexível de tentá-lo mais, ou agradeço a Deus pelo alívio inesperado que Roman me concede do tormento do trauma que ameaça me quebrar quase todos os dias? Eu me curvo ao som de sua voz, caindo em um poço consumidor de luxúria e fome sempre que penso nele.

Isso não é do meu feitio.

Eu quase não enviei nada erótico para o Eric, mesmo quando ele implorou.

Por que diabos eu tentaria meu maldito padre com uma foto minha lambendo meu próprio esperma dos meus dedos?

Roman nunca respondeu depois da minha foto picante ou do texto que poderia ser interpretado de um milhão de maneiras diferentes. No calor do momento, eu me senti no controle.



Eu queria saber até onde Roman estava disposto a ir.

Agora, um clímax e nenhuma nova mensagem depois, estou me perguntando se ele já atingiu esse limite.

A dor do tipo especial de punição do meu pai persiste, e com o Padre Briar agora prestando mais atenção em mim, cortar-me não é uma opção para aliviar a tensão que se acumula no meu peito e irradia pelo resto do meu corpo cansado.

Olhando para a caixa de joias onde escondo as lâminas, conto até dez mentalmente.

Eles sempre estarão lá.

Não há necessidade de adicionar mais ferimentos a um corpo já mutilado.

Se você não parar, não terá mais pele limpa.

Hoje não.

Amarrando a gravata no meu avental, eu aplico várias camadas de corretivo na pele machucada ao redor do meu pescoço. O melhor que eu consegui fazer foi fazer parecer que alguém se divertiu muito chupando meu pescoço em um acesso de paixão.

Deliberadamente levo meu tempo me arrumando, tentando evitar qualquer chance de meu pai insistir que eu me sente para tomar café da manhã. Vou até o espelho inclinado no chão do meu quarto, alisando o vestido preto de gola alta, justo e de mangas compridas, certificando-me de que ele cubra a frente das minhas coxas sob o avental. Na minha pressa de voltar para casa alguns meses atrás, deixei a maioria das minhas roupas no meu dormitório.

Eu sabia que elas seriam jogadas fora depois que eu fosse embora, mas não me importei nem um pouco na hora. Fiquei frustrada ao encontrar as quatro calças que eu tinha em meu nome todas em

a lavagem esta manhã, deixando-me com isto ou um par de shorts de pijama para

usar no trabalho hoje.

Fui até o armário, tirando um par de botas de cano alto para, esperançosamente, combater o ar frio nas minhas pernas nuas. Olhando para o meu telefone, pego minha bolsa e saio correndo do meu quarto antes que eu me atrase.

O cheiro de ovos flutua pelo meu nariz enquanto desço as escadas. Avisto meu irmão caído sobre a mesa de jantar com a cabeça apoiada na palma da mão enquanto ele empurra a comida no prato. Sua pele está opaca, e as bolsas sob seus olhos me dizem que ele dormiu tanto quanto eu na noite passada. Pegando minhas chaves do cabide perto da porta da frente, sou parado pelo som da voz do meu pai antes que eu possa escapar.

"Eden", meu pai gorjeia alegremente como se não tivesse me dado uma surra ontem à noite. "Você não vai se despedir?"

Ao colocar a cabeça na sala de jantar, todos os três membros da minha família olham para mim.

O único que sorri do grupo é meu pai. Ele parece consideravelmente menos desganhado do que ontem à noite, sua aparência elegante e terno sob medida são adequados para alguém que dirige um escritório de advocacia.

"Adeus?"

"Você está ciente de que seu horário de serviço começa hoje com o Padre Briar, correto?" Ele me olha enquanto toma um gole de sua caneca.

"David, ela tem um turno longo, talvez-"

Ele interrompe minha mãe antes que ela possa terminar. "Você deve estar na igreja logo depois do trabalho, Eden. Fui claro?"

"Claro", sorrio, olhando para Aiden. "Com uma condição", insisto, e os olhos do meu pai se arregalam.

"Deixe Aiden vir comigo para o trabalho. Há Wi-Fi gratuito, e ele pode fazer parte do seu trabalho de entrada na faculdade", sorrio. "Podemos estudar as escrituras no meu almoço." Sua expressão suaviza com um sorriso de satisfação. Posso deixá-lo pensar que venceu se isso significar tirar Aiden daqui.

"Aiden-"

"Vou pegar minha bolsa", Aiden diz, quase pulando da mesa. Assentindo em aprovação, meu pai nos observa enquanto saímos, balançando o dedo no ar.

"Éden?"

Meu corpo enrijece enquanto agarro a maçaneta. "Sim?"

"Certifique-se de chegar na hora marcada para o Padre Briar hoje", ele retruca, com um aviso oculto em suas palavras.

Sem dizer uma palavra, giro a maçaneta e vou embora, ansioso para passar metade do meu dia perdido em doses de café expresso e macchiatos caros.

A cabeça de Aiden continua pressionada contra o vidro enquanto ele olha fixamente para fora da janela do lado do passageiro do meu carro. O som corrosivo de qualquer banda alternativa que ele estivesse tocando ecoava alto pelos alto-falantes, me lembrando de algo que meu colega de quarto da faculdade teria gostado. Estávamos quietos até este ponto, o silêncio entre nós era um tanto reconfortante.

"Você não precisava se oferecer para me levar com você hoje."

Olhando em sua direção, dou de ombros.

"Tanto faz. Vou ficar ocupado a maior parte do meu turno. Provavelmente nem vou notar que você está aí," provoco, me forçando a fingir que tudo pode estar normal.

Tenho que acreditar que sim.

"Vamos fazer isso? Vamos fingir que nada aconteceu ontem à noite? Assim como fingimos que está tudo bem toda vez que ele bate na mamãe com um pouco mais de força? Ou como fingimos que ele não me deu um tapa tão forte uma vez que eu tive que perder o dia das fotos? Eu ouvi seus gritos ontem à noite, Eden-"

"E falar sobre isso vai mudar alguma coisa?" Eu agarro o volante com mais força. "Minha bunda está tão dolorida que mal consigo andar, e você quer que eu

fique pensando nisso antes do trabalho? Ignorar essa família bagunçada é muito mais fácil do que encarar o fato de que não tenho mais para onde ir. A faculdade é sua saída, Aiden. Eu estraguei tudo, mas você ainda tem uma chance de sair. Então, em vez de desperdiçar seu verão se drogando com seus amigos fracassados, faça o que eu deveria ter feito —

encontre uma maneira de ficar bem longe."

Ele fica em silêncio por um momento, olhando para os pés antes de olhar para mim e limpar a garganta.

"Por que você voltou se sabia o quão ruim era aqui?" Eu posso ouvir a preocupação genuína em sua voz. Ele não está pedindo para me culpar, mas



porque ele quer ajudar, o que é uma realidade muito mais difícil de encarar.

Seria mais fácil se ele fosse realmente um babaca.

Quero dizer a ele para perguntar ao Eric.

Essa família amava tanto sua bunda evangélica e temente a Deus. Estou surpreso que ninguém tenha entrado em contato com ele depois que nos separamos.

"Havia algo pior na faculdade do que essa família", sussurro.

Eu lentamente recupero a consciência na cama do hospital. O quarto está mal iluminado, com o zumbido suave de equipamento médico ao fundo. Eu pisco, desorientado, tentando entender meu arredores. Minha vagina latejava com uma dor horrível, parecia que tinha sido rasgada e costurados novamente.

Uma mulher de jaleco branco paira sobre mim, sorrindo gentilmente antes de se sentar na beirada da cama. Sua expressão é suave, seus olhos cheios de compaixão.

"Onde... Onde estou?"

"Você ainda pode se sentir grogue por causa da medicação para dor", ela diz, colocando a mão na minha antebraço. "Você tem alguma ideia de como chegou

aqui, querida? Como está seu nível de dor?"

Tento trazer à tona qualquer lembrança do que pode ter acontecido que resultou em mim deitado o hospital, mas minha memória está nebulosa. O

medo aperta os músculos do meu peito.

“Não... minha cabeça... e meu estômago. E meu...eu estou dolorido. Tudo está embaçado.” Eu toco minha cabeça devagar.

"Meu nome é Dr. Moore. Parece que lhe deram algo... um medicamento, provavelmente sem o seu consentimento. conhecimento. Estamos fazendo alguns testes, mas o importante é que você esteja seguro agora."

“ Uma droga? O que você quer dizer? Alguém...” Minha voz falha em realização.

"Tentamos rastrear sua identidade para ligar para alguém, mas não conseguimos encontrá-la em nenhum dos seus roupas. Parece que alguém tentou te machucar. Você foi encontrado inconsciente. Mas você está em boas mãos agora, e nós vamos te ajudar com isso. As feridas com as quais você chegou foram extenso em algumas áreas", ela suspira, olhando para a porta; um homem e uma mulher em uniformes de polícia ficam na entrada da sala, um com uma prancheta na mão. O olhar que eles me dão me diz que eles estão esperando permissão para intervir.

Fecho os olhos por um momento, sentindo as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. A dor e o medo mistura com confusão enquanto tento processar o que ela está dizendo. Respiro fundo e abro minha olhos novamente.

O Dr. Moore aperta meu braço. “Vai levar tempo, mas você vai ficar bem.

Você tem pessoas aqui que se importam com você. A polícia vai querer falar com você só para entender o que aconteceu e ajudar a descobrir quem fez isso. O kit de estupro que administraremos é muito direto...”

"Eden!", Aiden grita, me afastando dos meus pensamentos, meu pé pisando forte no freio, evitando por pouco passar no sinal vermelho.

Ofegante, estendo meu braço sobre o peito do meu irmão.

"Onde você foi?"

Balançando a cabeça, passo os dedos sobre os olhos, tentando me acalmar, focando na realidade em vez da lembrança daquela noite.

"Em lugar nenhum, Aiden", suspiro. "Só estou cansado."

Inspirado pelo cheiro reconfortante de grãos de café torrados, aponto para um sofá isolado no canto da sala, envio a senha do Wi-Fi para Aiden e o deixo fazer o que quiser.

"Quer alguma coisa?"

"Qualquer coisa que me mantenha acordado. Mal dormi ontem à noite", ele suspira, estreitando os olhos para meu pescoço.

"Certo", sorrio, minha garganta ainda inchada.

Zoey acena para mim do balcão, ignorando o cliente na frente dela.

Dando a volta no balcão, eu a empurro de brincadeira para o lado e registro o dinheiro no tablet da caixa registradora.

"Você pode fazer uma dose dupla de expresso para o Aiden?", pergunto, sua boca presa em um beicinho enquanto ela olha para meu irmão. Ele lhe dá seus melhores olhos de corça na esperança de que ela eventualmente ceda.

"Tudo bem", ela suspira, revirando os olhos. "Eu ia fazer uma para mim de qualquer jeito."

Não acho difícil sorrir para Zoey enquanto ela ri e vai até a máquina de café expresso. Seu avental é coberto de broches representando diferentes organizações e causas que alguns podem argumentar que competem com a grande cruz de prata pendurada em seu pescoço. Ela nunca lutou para ter uma mente aberta, o que me atraiu para ela instantaneamente. Nunca me senti inferior ou julgada quando estava perto dela.

Na faculdade, eu nunca tive ninguém que eu considerasse um amigo. Claro, havia pessoas que eu via regularmente, mas tudo sempre parecia tão superficial. Isso me lembrava muito da minha família, o que era irônico, já que eu fui para a

faculdade para ficar o mais longe possível deles.

Minha colega de quarto passava a maior parte do tempo livre dela se encontrando com garotos de fraternidade sempre que podia, às vezes até os trazendo de volta para o nosso quarto, me trancando do lado de fora até que ela terminasse. Passei mais noites do que gostaria de admitir dormindo no corredor do nosso dormitório. Não tenho certeza se ela se importava.

Não consigo imaginar Zoey fazendo algo assim, e é por isso que a considero uma amiga. E embora ela faça um esforço para ir à igreja com os pais todo domingo, sei que se ela tivesse escolha, ela diria foda-se para a religião organizada completamente.

Encontrar seu próprio relacionamento com Deus fora da igreja sempre foi sua mentalidade.

Sou arrancado dos meus pensamentos pelo som da voz de um homem.

"Estou procurando recomendações. Alguma coisa no menu que você recomendaria?"

O som de grãos de café caindo no chão chama minha atenção para Zoey.

Ela faz isso em quase todos os turnos que tenho com ela, mas ainda estou surpreso.

"Desculpe!"

O homem na minha frente tem pelo menos 1,80 m de altura, cachos castanhos claros e um rosto suado e corado. Uma camisa de hóquei cobre seu corpo grande. Sardas como as minhas dançam em seu rosto, aumentando o charme de seus olhos azuis escuros e sorriso amigável.

Esse é exatamente o tipo de garoto que eu teria bajulado no ensino médio se não estivesse ocupada planejando um casamento católico perfeito com Eric.

"Depende. Você acabou de correr uma maratona?", brinco, enquanto ele tira o cabelo molhado do rosto.

Ele ri. "Perto. Acabei de terminar o treino de hóquei e preciso seriamente de um

pouco de cafeína antes de tomar banho e começar a estudar. . Então, o que você recomenda. ." Ele para, olhando para meu crachá. "Éden? Bonito, como o jardim", ele sorri, minhas bochechas ficando quentes com o comentário.

"Que tal, hum, um chai latte m-sujo?", gaguejo como um idiota.

Ele se inclina para mais perto de mim sobre o balcão. "Quão sujo é isso?"

O olhar confuso no meu rosto o faz soltar outra risada.

"Estou brincando com você. Isso parece perfeito. Quanto-"

"É por conta da casa", Zoey interrompe, me empurrando para fora do caminho do caixa. "A Eden aqui pode fazer sua bebida. Só espere no final do balcão."

"Tem certeza? Não me importo de pagar-"

"Certeza absoluta. Andem logo, olhos azuis", ela acena enquanto o homem joga a nota de dez dólares que pretendia pagar direto na nossa caixinha de gorjetas.

"Zo, o que você está fazendo-"

"Ele é gostoso e veio aqui várias vezes e nunca pediu uma sugestão. Ele sempre recebe a mesma coisa. Então vá e faça a bebida daquele homem sexy e comece uma conversa enquanto eu faço um café com leite descafeinado para Martha e ouço ela reclamar sobre seus problemas cardíacos."

Ela cutuca meu ombro, e eu não consigo evitar balançar a cabeça.

Atravessando a estação, mesmo tendo feito a bebida dezenas de vezes antes,

levo um tempinho extra para fazê-la hoje. Cobrindo com uma camada de espuma de canela, deslizo a caneca pelo balcão, orgulhosa de mim mesma pelo desenho quase perfeito da folha em espiral no topo da bebida.

"Uau, eu pediria isso sempre se soubesse que essa seria a apresentação que receberia", ele sorri, olhando para mim.

"Oh merda", eu sussurro, apertando a ponta do meu nariz. "Eu não perguntei se você queria que isso fosse-

"

"Normalmente peço para viagem, mas acho que vou beber aqui hoje."

Ele pega a xícara de café antes de estender sua mão livre entre nós. "Eu sou Luca", ele diz, e eu pego sua mão na minha.

Aponto para meu crachá de brincadeira. "Eden. Só para o caso de você já ter esquecido."

Ele balança a cabeça para mim antes de soltar minha mão. "Me faça a vontade, Luca", eu sussurro, apoiando meus cotovelos no balcão, dando uma olhada mais de perto no homem. "O que te inspirou a mudar seu pedido de bebida?"

"Sinceramente", ele sussurra, inclinando-se para o balcão também. "Você chamou minha atenção no minuto em que entrei. Nunca vi você aqui antes."

Agora, estou cruzando os dedos, torcendo para que você não seja um colegial e que todo esse meet and greet se transforme em um desastre."

Eu sorrio diante do seu charme.

Talvez conhecer esse homem não seja uma má ideia.

Pelo menos isso é apropriado. Não é como se eu pudesse flertar descaradamente com um padre em público. Nunca.

Olhando mais de perto para Luca, vejo uma cruz colocada sob sua camisa.

Levanto meu braço e aponto para seu peito.

"Você é religioso ou isso é apenas uma questão de moda?"

"Definitivamente católico", ele sorri. "Embora, nunca tenha sido muito fã da ideia de ir à igreja."

"Confie em mim", suspiro. "Eu entendo."

Pegando uma das canetas e formulários de pesquisa de clientes em branco ao lado do caixa, Luca rapidamente escreve algo e desliza o pedaço de papel sobre o balcão.

"Eu tenho treino de manhã na maioria dos dias e trabalho em dias alternados na loja de equipamentos para atividades ao ar livre do meu pai.

As noites são totalmente livres. Normalmente, eu diria que é hora de ir", ele sussurra, pegando a bebida novamente, "Mas já que você fez isso para aqui", ele suspira. "Acho que vou ter que sentar e estudar aqui."

"Eu acho que você vai –"

"Padre Briar", Zoey diz, e minha atenção imediatamente é desviada da conversa com Luca.

Virando minha cabeça, lá está ele, de calça de moletom preta e moletom cinza, a tatuagem no pescoço aparecendo no decote. Acho que ninguém imaginaria que ele era um padre.

"Ela acabou de dizer, Padre?" Luca questiona. "Como em, aquele homem é um padre?"

"É", murmuro. "Foi exatamente o que ela disse."

Fixando os olhos em mim, Roman levanta as sobrancelhas quando percebe Luca. Uma onda de excitação me invade, acumulando-se na parte inferior do meu estômago. Cruzando as pernas, mordo minha bochecha, tentando me concentrar em outra coisa.

Por que diabos ele está aqui?

Puxando minha gola, o material parece mais apertado Voltando-me para Luca, tento continuar de onde paramos.

"Você quer sentar comigo enquanto eu faço meu intervalo?"

Luca assente, seus olhos penetrando os meus com um olhar de curiosidade e satisfação. "Claro-"

Dando um passo para fora do balcão, mantenho minhas costas voltadas para Roman, bloqueando o som de sua voz enquanto ele repassa seu pedido para Zoey.



"Zoey, vou tirar quinze", grito, saindo e me afastando do Padre Briar.

Capítulo 9

Éden

Eden nem levanta os olhos quando saio da cafeteria com Luca. Ele está muito perdido em seus estudos enquanto a música toca alto em seus fones de ouvido. Eu rapidamente guio Luca para uma das muitas mesas posicionadas na lateral do café. Nós nos sentamos um de frente para o outro, sua bebida quase derramando.

"Nota para mim mesmo: quando você quer dizer agora, quer dizer agora", Luca ri, tomando um longo gole do copo.

"Odeio ver pessoas da igreja do lado de fora da catedral", digo com total honestidade. Minhas razões para evitar Roman não são algo que eu queira explicar a ninguém.

"Eu entendo. Meus pais tentaram a coisa toda da missa dominical por um tempo. Então, eles foram arrastados para sessões de estudo da Bíblia e grupos de oração. Eventualmente, eles ficaram cansados de ter que se envolver em tantas atividades diferentes para serem totalmente aceitos na igreja. Foi aí que eles meio que romperam."

A veneração em seu tom enquanto ele me conta sobre seus pais é óbvia.

Minha intuição me diz que eles são próximos, que há muito amor ali. O

conceito de ter uma escolha quando se trata de fé é estranho para mim.

"Gostaria que meus pais fossem capazes de dar tudo de si para algo diferente da Igreja.

Minha vida inteira foi centrada na fé católica e em servir a Deus. Sem mencionar que a interpretação das escrituras do meu pai é literal. É a autoridade máxima para ele, e tem uma grande influência em como ele quer que vivamos."

"Jesus, quando você diz literal, você quer dizer-

"Se você procurasse 'Católicos Loucos' no Urban Dictionary, as fotos dos meus pais sem dúvida apareceriam", suspiro, apoiando o rosto nas mãos, minha bunda ainda latejando por causa da punição que meu pai provavelmente passou a manhã justificando para si mesmo que era necessária.

"Bem", suspira Luca, "nunca me importei com um pouco de loucura na minha vida".

Eu sorrio. Se eu não estivesse presa pelo quanto meus pais sendo 'Católicos Loucos' afetaram minha vida, eu provavelmente teria uma chance de desenvolver um relacionamento verdadeiramente saudável com alguém pela primeira vez. O peso da percepção de que minha vida doméstica era algo que eu nunca seria capaz de compartilhar com alguém como Luca me atinge, vergonha e desejo distorcendo minhas feições enquanto abaixo minha cabeça, incapaz de olhar para ele por mais tempo.

Seus dedos envolvem meu queixo, levantando minha cabeça para que nossos olhos se encontrem novamente. Seu toque é quente e gentil, e sinto meu rosto ficar quente com a atenção.

Não consigo deixar de sorrir para ele, mesmo que seja um sorriso estranho.

"O que você está fazendo?"

"Esperando ver isso de novo-

"Éden?" Uma voz profunda questiona de algum lugar na minha visão periférica, o jeito familiar como ela soou vindo do meu telefone ontem à noite enviando calor pelo meu corpo.

Oh não.

Esticando a cabeça, vejo Roman olhando para nós, seus dedos apertando firmemente seu copo de papel para viagem enquanto a mão de Luca tira a mão do meu rosto.

"Pai Rom Briar", eu corrijo.

"Faulkner", ele sorri, fingindo ser simpático, apesar da raiva persistente em seu olhar.

Ele está com ciúmes?

Minhas mensagens da noite anterior ainda estavam sem resposta. Talvez seja apenas minha mente sussurrando pensamentos enganosos para aquela parte mais lógica de mim, mas eu atribuí o caso de amor de ontem com o padre como algum tipo de fantasia de uma noite que ele estava morrendo de vontade de realizar depois de ficar abstinente por tanto tempo.

"Quem é seu amigo?" Roman aponta para Luca.

"Na verdade, nós acabamos de nos conhecer, pai", Luca sorri, estendendo a mão para Roman. "Luca Thorn."

"Roman Briar", ele diz categoricamente enquanto olha para o assento vazio ao meu lado.

"Bem, pai, como você pode ver, estamos ocupados", eu digo, implorando com os olhos para Roman simplesmente ir embora.

"Não acho que Luca se importaria se eu ficasse sentado aqui enquanto termino minha bebida, não é, Luca?"

Luca dá um sorriso forçado para Roman, gesticulando para que ele se junte a nós.

Tenho certeza de que, na maioria dos casos, qualquer católico devoto acolheria com satisfação a presença de um padre se estivesse nessa situação, provavelmente com medo da ira de Deus se negasse uma figura tão sagrada.

Mas a maioria dos padres não é romana, nem se parece com ele.

Roman havia tirado o moletom que eu o tinha visto antes, parado na nossa frente agora com uma camiseta simples e justa, do mesmo tom de preto das calças. Sua figura é mais alta e imponente do que a de Luca, sua idade mais avançada acrescentando à plenitude de seu corpo. Conforme ele se aproxima de nós, noto os músculos definidos sob sua camisa, chamando a atenção para sua força física. Meu olhar permanece na tatuagem

serpenteando por seu pescoço, vislumbrando seu desenho intrincado — um padrão complexo de videiras pretas e espinhos se entrelaçando.

"De jeito nenhum, pai", Luca sorri.

"Ótimo. Eden, você se importa?"

Ele sabe muito bem que eu faço isso. Mas dar a Roman qualquer tipo de atitude na frente de Luca levantaria questões que eu não queria que permanecessem entre nós. Vou ter que jogar limpo.

"De jeito nenhum, pai", eu sorrio. "Fique à vontade."

Sentando-se bem ao meu lado, o cheiro de Roman enche meu nariz. Sua perna roça a minha enquanto ele se ajusta para ficar confortável na cadeira, mas em vez de movê-la para longe, ele mantém o contato entre nós. Ele coloca a mão esquerda no colo e se inclina para trás, ampliando o espaço entre as pernas.

"Então Luca, vejo que você está usando uma cruz. Qual fé você segue?"

Roman questiona, agindo como se realmente se importasse.

Qual é a jogada dele aqui?

"Catolicismo, na verdade. Perdoe-me, padre, mas o senhor parece muito jovem para ser padre."

O tom de Luca é cauteloso, mas percebo o ceticismo estampado em sua expressão enquanto ele espera a resposta de Roman.

"Talvez jovem em idade, mas não em mente", Roman suspira. "Você deveria vir à igreja algum dia. A família de Eden é formada por membros muito ativos."

"Ele não vai à igreja-"

"Eu posso, na verdade. Não tive a oportunidade de ver a catedral desta cidade desde que me mudei para cá. Acho que nunca é demais tentar algo", Luca desafia, alimentando o ar carregado que sinto entre eles.

"Você é fã de hóquei?" Roman olha para a camisa de Luca.

"Fã, jogador. Praticamente meu único hobby", Luca sorri enquanto eles discutem o assunto, meus próprios pensamentos abafando a conversa deles.

Os dedos de Roman roçam a lateral da minha perna, e minha mente volta para a noite passada.

"-Ela é minha coroinha", diz Roman, enquanto meus ouvidos voltam a prestar atenção na conversa.

"Você serve?" Luca pergunta surpreso.

"Não de bom grado," eu estalo, olhando para Roman. "Meu pai me inscreveu-"

Debaixo da mesa, Roman desliza sutilmente a mão sob a parte do meu avental que repousa no meu colo. Ele sobe lentamente pela minha perna exposta, empurrando meu vestido para cima enquanto sua mão se acomoda na ranhura onde minha coxa encontra meu abdômen. Eu enrijeço quando ele prende seu mindinho ao redor do tecido da minha calcinha e pressiona seus outros dedos rente ao meu centro. Sinto seus dedos longos começarem a se mover entre as dobras da minha carne, me abrindo enquanto seu polegar provoca perto da minha entrada. A sensação ameaça desalojar um gemido da minha garganta.

"Você está bem?" Luca questiona. Os dedos de Roman continuam deslizando pela minha umidade. Eu seguro um grito quando ele aperta meu clitóris, sua maneira de me avisar para não expor o que está acontecendo debaixo da mesa.

Bastaria que Luca se inclinasse um pouco demais para ver que a mão de Roman está em um lugar onde não deveria estar.

"Sim, estou bem—"

Sorrio enquanto alcanço abaixo da mesa, pressionando minha mão no material do meu vestido entre minhas coxas, sentindo sua mão aninhada em minha calcinha, continuando os movimentos lentos de cima para baixo entre minhas dobras. Seu dedo indicador gira em torno da minha entrada, e tento cruzar minhas pernas. A viscosidade do meu desejo por ele encharca minhas coxas enquanto eu trabalho para manter meu foco em Luca.

Deus, por favor, me dê forças agora mesmo.

"O que você faz para se divertir, Luca? Gosta de jogar?"

"Alguns. E você, padre?", pergunta Luca, tomando um gole casual de sua bebida, ainda alheio ao jogo que o padre Briar está jogando comigo embaixo da mesa.

Porra.

Eu odeio o quanto eu amo isso.

Qualquer um poderia virar a esquina da cafeteria e ver a mão de Roman por trás, sob meu avental.

"Eu adoro um bom jogo de espadas", Roman sorri. "Eu raramente perco nas cartas. Na verdade, eu provavelmente diria que raramente perco qualquer jogo que eu—"

Com o cotovelo, empurro alguns guardanapos perdidos da mesa para o chão, entre nós.

As pernas de Roman estão inclinadas em minha direção, sua coxa interna sendo o lugar perfeito para eu colocar minha mão como um ponto de ancoragem enquanto me inclino para pegá-las do concreto. Ele continua conversando sem graça com Luca. Enquanto ele está distraído, movo minha mão mais para cima entre suas pernas, envolvendo minha mão ao redor da protuberância grossa de seu pau e

apertando antes de sentar completamente e colocar os guardanapos de volta na mesa. Movo minha mão de volta para meu colo até que esteja nivelada com a dele. Abro minhas pernas mais para ele e pressiono firmemente através do meu vestido para que ele seja forçado a parar seus movimentos.

Pretendo mostrar a ele que este é um jogo que ele não vai ganhar.

O homem reprime um gemido, sua mão direita treme ao redor da xícara de café vazia.

"Você se importa em jogar isso na lata de lixo ali na esquina, garoto?"

Roman entrega sua xícara a Luca enquanto ele ainda está entre minhas coxas.

Olhando para trás, Luca dá de ombros, balança as pernas sobre o banco e se vira para caminhar de volta em direção à entrada principal, onde fica a lata de lixo.

Tirando a mão do meu centro pulsante, Roman agarra a parte de trás do meu pescoço com a mão livre e me puxa para mais perto. Seu cotovelo esquerdo está sobre a mesa enquanto ele segura seus dedos brilhantes no ar entre nós. Ver minha maciez revestir seus dedos provoca um gemido necessitado de algum lugar profundamente faminto dentro de mim. Incapaz de me conter, olho para a tensão entre suas pernas. Empurro meu lábio

inferior para fora em um beicinho, me aproximando dele, nossos narizes quase se tocando.

"Perdoe-me, Pai-"

Apertando a parte de trás do meu pescoço para me silenciar, Roman desliza os dedos na minha boca, o gosto de mim cobrindo minha língua. Ele pressiona mais na minha boca, agarrando meu rosto enquanto eu quase engasgo com seus dedos que atingem o fundo da minha garganta.

"Você quer desesperadamente sentir meu pau, Eden?" Ele rosna, referindo-se não apenas a agora, mas à noite passada, quando coloquei a mão em seu colo brevemente antes de ele me levar para casa.

"Então aprenda a tomar", ele sibila, persuadindo seus dedos mais para baixo na minha garganta, uma mordaca tentando forçar sua saída. "Você mal consegue

lidar com meus dedos. Como você acha que meu pau se sentiria batendo nessa boceta bonita?" Ele roça sua bochecha contra a minha. "Nós dois sabemos que aquele garoto de fraternidade glorificado não é a razão pela qual você está quase encharcada através de sua cueca", ele sussurra, seu lábio roçando minha orelha, beliscando meu lóbulo. "Você disse que é

"minha jogada", Eden?" Ele questiona, jogando minhas palavras de volta para mim. "Isso é apenas uma amostra de que tipo de movimentos eu farei depois que você me enviou aquela porra de foto ontem à noite."

Tirando os dedos dele da minha boca, eu suspiro, finalmente conseguindo respirar antes de ver a cabeça de cachos de Luca emergir do outro lado do canto. Roman olha para ele e sorri, abaixando-se em seu colo para ajustar sua ereção muito proeminente antes que Luca chegue à mesa.

"É seu irmão ali?" Luca questiona. "Aquele que estuda?"

Eu me afasto de Roman para abrir um espaço entre nós e poder pensar direito.

"Sim", admito. "Por quê?"

"Fiz alguns acampamentos atléticos de verão com ele", Luca dá de ombros.

"Começamos a conversar enquanto eu jogava a taça fora.. "

Luca interrompeu a conversa e se virou para Roman.

Se a tensão fosse visível, seria espessa o suficiente para ser cortada agora mesmo.

"Padre Briar, você não vai embora? Você disse que ainda está se adaptando ao seu novo lugar, certo?"

A última coisa que preciso é de Roman perto de mim agora, enquanto tento me recuperar da sensação dos seus dedos na minha boca.

Suas palavras de provocação estão ecoando pelas câmaras da minha mente.

Como você acha que meu pau se sentiria batendo nessa boceta linda?

Pigarreio e cruzei as pernas para aliviar a dor no meu centro.

"Você está certa, Eden", Roman suspira, arrastando seu moletom sobre sua cabeça e para baixo de seu torso antes de se levantar. Sua mão está em um bolso, mal escondendo a protuberância que ainda permanece em seus corredores.

"Vejo você na igreja às cinco", ele passa por mim, seus olhos se prendendo aos meus. "Não se atrase", ele sussurra.

Passando casualmente por Luca, ele ignora a tentativa do homem de apertar sua mão, vira a esquina, desaparece e me deixa ali em um estado de luxúria.

Tocando minha cruz, tento pensar.

Quanto mais disso posso permitir?

"Eu não estava muito a fim de falar na frente do seu padre, ele é um pouco-
"

"Intimidador?", questiono, respondendo por ele.

“Só um pouco.”

Como diabos eu pude deixar Roman fazer isso comigo bem na frente do Luca?

Um garoto realmente da minha idade? Que eu possa realmente vir a gostar?

Que possa realmente ser bom para mim?

Alguém que não dedicou toda a sua vida à igreja.

"Então, Aiden. Eu comecei a falar com ele. Alguns dos meus amigos e eu planejamos ir para os prados e tomar algumas bebidas, talvez acender uma fogueira. Convidei seu irmão e a garota corajosa no balcão para virem. Ela disse que vocês dois são amigos. Você se importa em se juntar a nós?"

q

g

p

j

Abaixo a cabeça. A ideia de ficar sozinha com qualquer grupo de homens novamente depois do que aconteceu com meu irmão e seus amigos ontem não estava na minha lista de desejos.

"Eu prometo que você não precisa beber para se divertir. Posso te pegar na igreja mais tarde. Aiden disse que planejava te deixar lá-"

"Meu relacionamento com o álcool não é dos melhores", admito. "É ainda pior quando se trata de ambientes sociais."

"Juro ficar sóbrio para que você não se sinta sozinho", Luca sorri. "Você parece uma garota legal e, honestamente, seria legal me associar a outras pessoas além dos meus companheiros de equipe", ele dá de ombros.

"Então, o que você diz?"

Ir a uma festa no meio do nada com pessoas que não conheço é a última coisa que eu deveria fazer, mas me trancar no meu quarto, me esconder do meu pai, só vai abrir a possibilidade de eu entrar em contato com Roman novamente, e isso não pode acontecer.

"Okay. Vou planejar ir com Aiden," suspiro. "O que devo levar?"

Sorrindo, Luca levanta as sobrancelhas.

"Tem um maiô?"





Capítulo 10

romano

poucos clientes remanescentes, principalmente idosos e aqueles com um pouco de tempo livre durante A os dias de semana, estão espalhados pela igreja, silenciosamente imersos em suas orações diárias. Guardo minhas roupas exageradas para a missa de fim de semana, optando em vez disso por um visual mais profissional hoje — uma camisa social escura cuidadosamente enfiada em minhas calças caras.

O padre Kevin foi gentil o suficiente para deixar fundos para um novo guarda-roupa, sem mencionar que o salário mensal já era extremamente generoso. Mesmo para algumas das congregações mais abastadas, compostas por babacas mega-ricos, esse salário parecia um pouco absurdo.

Olhando para o meu escritório, estou tomado por uma onda de emoções.

Mantive a porta fechada, nervoso com o que encontrei no computador e envergonhado por ter saciado meus desejos físicos lá mais cedo hoje depois de voltar da cafeteria para a igreja. A pressão no meu pau latejante não diminuía depois de ver Eden mais cedo na cafeteria. Eu não conseguia parar de pensar naquele vestido preto que abraçava suas curvas e em como sua pele era macia. O cheiro de sua boceta e boca permanecia em meus dedos, e eu queria pensar nela enquanto gozava.

A essa altura, tenho uma passagem só de ida direto para o inferno.

Olhando para o meu relógio, faltam vinte minutos para as cinco. Eden não me mandou mensagem, mas não tenho motivos para pensar que ela não aparecerá hoje à noite para seu horário de serviço.

Um pequeno sorriso tenta surgir em meus lábios enquanto penso em nossa interação na cafeteria; o olhar dela tão perturbada com minhas palavras é indescritivelmente satisfatório.

Incapaz de evitar a imagem dele em minha mente, fico com raiva da ideia de Luca estar lá hoje.

Aparecer na cafeteria foi idiotice.

Me intrometer na conversa dela só para evitar que o homem ficasse sozinho com ela foi uma grande tolice.

Ele disse talvez uma frase para ela naquele balcão, e eu reagi daquele jeito?

O que diabos eu teria feito se ele tivesse tocado nela?

Por que estou reagindo assim?

Já estive com mulheres no passado.

Para mim, sempre foi simples.

Sexo era só sexo. Nada mais.

Então por que diabos estou consumido pela ideia de ter meu pau enterrado bem fundo dentro do Éden?

Por que eu me pergunto como ela ficaria com as mãos amarradas, os joelhos dobrados em oração para mim enquanto ela-

"Padre Briar", a voz inquietante de David rompe o silêncio, afastando-me dos meus devaneios doentios sobre sua filha.

"David?", questiono, olhando ao redor, sem saber quando o homem entrou.

"Desculpe, eu estava perdido em pensamentos", admito, estreitando os olhos para o homem.

"Tivemos uma reunião?"

Ele se move para ficar na minha frente, com um portfólio enfiado entre o braço e o corpo.

"Não, não estava programado, mas eu acabei de falar com Kevin", ele admite. "Falei com ele no telefone, e parece que ele não sabia o quanto você realmente sabia sobre o nosso. .

ideologias nesta igreja. Ele não sabia que você tinha as mesmas crenças que ele e eu compartilhamos,"

David suspira, minha mente ainda está em branco. "Sua posição era para ser temporária, correto?"

Eu aceno com a cabeça. "Só alguns meses-"

"Kevin gostaria que isso mudasse", David retruca, dando um passo mais perto. "Não é muito comum encontrarmos indivíduos que possam ser trazidos para o nosso círculo aqui, e dada a sua idade, você pode ser um grande trunfo para esta congregação por um bom tempo." David sorri, olhando para as portas abertas que levam ao espaço confessional.

"Kevin viu um login em sua conta. Imagino que tenha sido você?"

Não adianta mentir.

"Senha criativa", eu sorrio. "Piada interna?" Continuo a brincar com o que diabos está acontecendo aqui.

"Mais como uma dança com Deus", David sorri, baixando a voz.

"Você viu o inventário, então?"

"Alguns móveis caros", dou de ombros. "Algum motivo para isso?", pergunto.

Qualquer pessoa disposta a pagar qualquer um desses preços por móveis velhos e ultrapassados está delirando.

"Nossa operação mantém a opulência de Saint Michael e mantém seus

contracheques chegando. Em troca, utilizamos o espaço para inventário."

Ele olha ao redor do espaço. "Foi uma baita reforma que nosso trabalho financiou", ele sorri, batendo o pé no chão. "Túneis subterrâneos tornam o transporte mais discreto."

Rindo, tento esconder minha confusão e suspeita.

"Nunca é demais ter mobília, eu acho", provoco, piscando para o homem.

Dando-me um aceno casual, David olha para o relógio.

"Minha filha deve chegar logo", ele suspira, agarrando meu ombro. "Eu quis dizer o que disse em minha casa. Eden é uma pecadora. Quero que ela sinta a ira de Deus através de você. A natureza rebelde dela é blasfema, e ela deve ser colocada de volta no caminho para Deus."

Sorrindo, dou um tapinha em seu ombro.

"Claro, David. Pretendo realizar seus desejos em nome do Senhor da melhor forma possível."

Está se tornando mais óbvio, com o passar dos dias, que David Faulkner não é alguém com quem se possa mexer. Então, se eu tiver que alimentar suas ideologias religiosas extremistas para evitar qualquer tipo psicótico de retribuição que ele esteja distribuindo, que assim seja.

Não sei como Kevin conseguiu ficar aqui por tanto tempo. Ele parecia um homem decente.

"Sabe, Roman, eu estava inseguro sobre você no começo", David ressalta.

"Mande meus homens investigarem você no escritório do promotor. Nunca queremos dedos pegajosos em nosso trabalho aqui. Você serviu antes de entrar para o seminário?" Ele questiona, arranhando o túmulo do meu passado.

"Algumas turnês", dou de ombros. "Vi o suficiente para que até Deus tenha lutado para me afastar da garrafa", admito, gritos torturantes tentando forçar seu caminho para o fundo da minha mente.

Desligue isso.

Não deixe isso entrar.

"Um fundo como esse pode ser muito útil para nós", ele sorri, estendendo o portfólio para mim e sacudindo-o na minha frente como se fosse meu presente de aniversário.

"Kevin e os outros me deram sinal verde para mostrar isso a vocês. Estamos animados para recebê-los na verdadeira irmandade desta congregação", ele me dá um tapinha nas costas enquanto pego o portfólio dele. "Vou deixar vocês com isso", ele se vira, mergulhando o dedo na água benta, dizendo uma prece silenciosa.

"Nosso primeiro encontro é depois da missa deste domingo", David exclama. "É lá que você pode colocar sua preferência no inventário antes que os compradores o façam."

"Reunião?" Olho para o portfólio e o viro na mão.

"Aqui, às dez. As portas fecham às nove e meia", ele sorri. "Tenha uma boa noite, pai", ele acena. "Ah. E tome cuidado com certas áreas da pele de Eden. Ela deveria saber quando calar a boca."

Cuidado com a pele do Éden.

O que diabos isso significa?

As portas se fecham atrás de David, aqueles que estavam nos bancos para sua adoração fora da missa vão embora, e o único rosto à vista é meu reflexo na piscina de água benta.

Colocando a pasta na borda da pia, abro-a, imaginando se ainda há algum uísque no meu –

Afastando-me do fichário, meu coração bate forte, meu estômago se revira, pronto para vomitar aquele café caro e de merda que a amiga de Eden fez para mim. Segurando minha cruz, respiro fundo, cheio até a borda de uma raiva selvagem, minha visão ficando turva, nublada com adrenalina.

Como se eu estivesse de volta aos abismos da guerra, a violência aperta meu coração, a necessidade sanguinária de despedaçar alguém aumenta a cada imagem que toca minha visão.

As descrições.

Não eram descrições e detalhes de preços para móveis. Eram para foder *crianças* .

Viro página após página, cada criança suja e petrificada, algumas levantando as mãos, apertando os olhos para o flash da câmera.

Item: Futon de couro

Idade: Sete anos

Descrição: Marrom com detalhes em azul e franjas decorativas.

Status: Novo

Preço: \$ 10.000.000

Nome: Molly Jackson

Idade: Sete anos

Descrição: Feminino, cabelos castanhos, olhos azuis Status: Virgem

Preço: \$ 10.000,00

Há vinte crianças, todas combinando com as vinte peças de mobília que vi listadas no e-mail salvo no computador do Padre Kevin ontem. Faturas, pagas integralmente, estavam anexadas a cada imagem, todas, exceto uma, na última página do portfólio.

Nome: X

Idade: Vinte anos

Descrição: X

Status: Não virgem (ideal para reprodução)

Preço: \$ 50.000,00

Sem nome. Sem rosto. O preço de listagem mais alto.

"Que porra é essa", sussurro, refletindo sobre o que David havia dito.

O que Aiden me disse em sua casa.

O pai dele está machucando ele.

O pai dele também está machucando muitas outras pessoas.

E agora ele acha que sou igual a ele.

Fecho o portfólio com força, sufocando no ar opressivo da catedral. Preciso sair daqui.

A polícia.

Tenho que levar isso para a polícia-

"Mande meus homens investigarem você no escritório do promotor. Nunca quero dedos pegajosos em nosso trabalho aqui."

Eles já sabem.

Essa maldita cidade inteira é governada por esses doentes de merda.

E eu estou no centro de tudo isso.

Cada lembrança violenta que eu mantive reprimida volta à tona, minhas mãos tremem enquanto tento respirar fundo.

Recarregar.

Ele está sangrando muito, Briar!

Mate-os.

Atire nele, porra.

"Pai?"

Olhando lentamente para cima, vejo um garoto com cabelos castanhos claros e olhos injetados de sangue vindo em minha direção. O fedor de maconha atinge minhas narinas.

Zack.

Puta merda.

Deus está me testando novamente?

"Só passei para deixar minhas coisas antes da festa do meu amigo", ele suspira, segurando um velho robe surrado. "Achei que poderia usar a máquina de lavar para deixá-lo pronto antes da missa..." Ele para de falar, meu peito subindo e descendo em respirações rápidas.

"Você está bem?"

Vejo Eden parada na chuva, sua expressão é de dor e tristeza.

David a machucou.

Zack a machucou.

"Venha aqui, Zack," eu calmamente o incito a se aproximar. "Você esqueceu de se abençoar antes de entrar na casa do Senhor," eu sibilo.

Engolindo em seco, Zack coloca suas coisas no chão e dá um passo cauteloso em minha direção.

"Há algo errado, Padre Briar?"

"Deus te abençoe, Zack", eu digo bruscamente, "e então poderemos conversar."

Balançando a cabeça, ele se aproxima da piscina de água benta, observando nossos reflexos na grande bacia.

Estendendo a mão em direção à água, ele bate o dedo médio na superfície.

"Agora, Zack, não seja tímido", sorrio, agarrando seu pulso e empurrando sua mão um pouco mais para baixo. "Você não se conteve quando despiu Eden e a deixou na beira da estrada, então por que mostrar contenção agora?"

Seus olhos se fixam em meu rosto. "Como você-"

"Deus sabe de tudo", eu fervo.

"Eu quis confessar-"

"Bem, estou ouvindo agora. Eis como você pode se arrepender."

Motivado pela raiva selvagem, agarro a parte de trás da cabeça dele, empurrando-a para dentro da água e forçando-a para o fundo da tigela. Seus braços se abrem e eu aperto meu aperto. Seus gritos abafados borbulham até a superfície da água enquanto o seguro ali por alguns segundos antes de puxá-lo de volta para cima. Sua cabeça cai para trás e sua boca fica aberta enquanto ele suga o ar.

"Como é ser indefeso, Zack?" Eu grito, meus dentes quase quebrando como um cão raivoso. "Arrependa-se!"

"Perdoe-me, Pai..." Sua voz treme enquanto ele pronuncia as palavras, e estou satisfeita pela maneira como ele treme contra meu peito.

Empurro sua cabeça de volta para a água mais uma vez, só para garantir, arranhando seu couro cabeludo enquanto o arrasto de volta para cima, uma

vez que estou convencido de que ele passou tempo suficiente sem fôlego no fundo do aquário.

"Se você tocar nela de novo, porra", eu grito, batendo a cabeça dele na borda de concreto da bacia. Um corte profundo se forma em sua testa com o impacto, pingando sangue pela relíquia sagrada. "Eu vou mandar sua bunda direto para o inferno. Jure por Deus que você nunca mais vai tocar nela!"

Enrolando-se em si mesmo, ele começa a soluçar como uma criança pequena, com ranho escorrendo de suas narinas para seus lábios antes de chegar ao queixo. Seus olhos estão arregalados de medo.

Ótimo. Ele deveria ter medo de mim.

Fecho os olhos, inspiro profundamente enquanto recito Lucas 10:19 para mim mesmo.

Eu vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e para vencerdes todas as pragas. poder do inimigo; nada lhe fará mal.

E é isso que Zack é: uma cobra.

"Jure para ele", ordeno, minha boca gravitando em direção ao seu ouvido.

"Jure para mim."

"Eu j-j-j, Senhor", Ele soluça. "Eu juro, Pai-"

Olho para baixo e vejo seu sangue na mão que enfiei no decote de sua camisa. Um sentimento familiar ameaça trazer meu passado à vida. Respiro fundo outra vez, tentando acalmar meus nervos. Empurrando-o para o chão, dou um passo para trás, agarrando o portfólio que havia caído no chão a alguns metros de distância.

"Saia dessa catedral, porra, e leve suas roupas sujas com você. Vejo você no domingo. Abra a boca sobre qualquer coisa disso, e eu direi que você me atacou primeiro. Tenho certeza de que seu histórico tornará essa história bem crível."

Segurando a cabeça ensanguentada, Zack se levanta cambaleando e se abaixa para pegar suas roupas e mochila sem dizer mais nada.

Enquanto ele endireita as costas e se vira para mim, seu corpo inteiro congela. Os músculos do seu rosto ficam tensos. "E-Eden."

Merda.



Virando-me, vejo-a parada em uma túnica branca na porta da sala do altar.

Seus punhos estão cerrados em volta da corda em sua cintura. Seu cabelo cai sobre seus ombros e costas, algumas mechas caindo na frente dos olhos que estão atualmente presos em nós dois.

Abaixando a cabeça, Zack passa por ela, roçando no ombro dela ao sair.

Ainda consigo ouvi-lo soluçando enquanto ele segue pelo corredor.

Eden permanece na porta, tremendo enquanto examina o quarto, o sangue no chão e o portfólio debaixo do meu braço.

Ela se aproxima, sua pele corada por um calor intenso e irregular, manchas vermelhas brotando em seu rosto e pescoço, enquanto um suor frio escorre por sua testa.

As palavras ficaram presas na minha garganta enquanto ela estava diante de mim.

Observo enquanto ela mergulha o dedo delicadamente na água benta.

"Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", ela sussurra, passando por mim sem dizer mais nada.

Capítulo 11

Éden

consegui chegar em casa bem a tempo de me trocar depois do meu turno na cafeteria.

Felizmente, mamãe terminou de lavar roupa, o que significava que eu tinha algumas opções de roupas mais quentes e, francamente, muito mais confortáveis para escolher para passar o resto da noite. Eu a encontrei em casa, já bêbada com uma garrafa de vinho, desligando-se do mundo ao seu redor na frente da TV.

Apoio meus pés no painel, aumentando o aquecedor do carro de Aiden enquanto espero por ele. Olho para ver que o carro do meu pai não está na garagem.

Chance.

Ele normalmente já chegou do trabalho, pronto para colocar minha mãe bêbada na cama antes de saborear um copo de uísque.

Onde diabos ele poderia estar-

Deslizando para dentro da porta do motorista, Aiden joga sua bolsa no banco de trás, seu conteúdo fazendo barulho, claramente cheio de algumas garrafas roubadas da adega dos nossos pais.

"Você sabe onde o papai está?"

"Quem se importa? Tenho certeza de que ele ainda está no trabalho, ou em algum bar com seus colegas de trabalho."

Aiden zomba, saindo da garagem.

"Preciso te contar uma coisa sobre a festa hoje à noite. Zack estava com Nathan mais cedo e viu algumas mensagens sobre isso no celular dele. Ele se convidou para a fogueira de Luca, já que conhece um ou dois amigos dele. Eu disse a Luca que você provavelmente não apareceria se Zack estivesse lá-"

"Está tudo bem", eu digo friamente, enfiando as mãos no bolso do meu moletom.
"Não é como se eu pudesse evitá-lo para sempre."

"Confie em mim, estou tentando", Aiden suspira, olhando para mim.

"Você sabe que poderia abandonar essa coisa toda de hora de serviço."

Poderíamos ir comer alguma coisa, conversar sobre o quão ruim esse



semestre vai ser para mim. Eu sei que você ama dramas de colegial sem sentido."

"Por mais que eu queira dizer sim, acho que é melhor eu ir. Não quero decepcionar o papai, não é mesmo?"

Ou Roman, para esse assunto. Embora pular os serviços de coroinha horas depois do que aconteceu na cafeteria possa ser necessário para apagar as chamas que ainda queimam sob minha pele toda vez que penso em suas mãos estúpidas em meu corpo. Não estou disposta a arriscar o resultado de me rebelar contra ele ou meu pai tão ousadamente.

Cumprir essas horas de serviço será um passo mais perto de nunca mais ter que ficar sozinha com ele.

Deus, eu esqueci da confissão. A ideia de me tornar perfeitamente piedoso passa pela minha cabeça. Eu nunca mais pecarei. Esse será o plano.

"Esse é o carro do papai? E olha, não é o Toyota do Zack?" Aiden entra no estacionamento do Saint Michael, indo na direção do sedã Mercedes preto do nosso pai.

Aiden para e estaciona ao lado do meu pai. O homem mal percebe que estamos ali enquanto continua falando ao telefone.

Saio do carro e bato a porta atrás de mim.

Sobressaltado, meu pai abaixa o telefone, ergue as sobrancelhas enquanto abaixa o vidro da janela.

"Chegamos bem na hora, Eden."

Olhando para Aiden, reviro os olhos.

"Eu consegui, não foi?" Cruzo os braços sobre o peito.

"Acho que sim", meu pai zomba, esticando a cabeça para olhar para Aiden.

"Vejo vocês dois mais tarde esta noite."

Deixando a conversa por aí, ele fecha a janela e retorna ao seu telefonema enquanto sai do estacionamento e pega a estrada, indo na direção oposta à nossa casa.

"Eu posso te acompanhar, Eden-"

"Está tudo bem", sorrio, enfiando as mãos nos bolsos. "Vejo você às sete.

Vá ajudar Luca a se preparar para hoje à noite."

Enquanto caminho em direção às portas da frente da Saint Michael's, releio as mensagens de Luca anteriores.

Ansioso para ver você hoje à noite! Não tenho um social adequado há meses. Sinta-se à vontade para me alimentar com todos os detalhes emocionantes do seu treinamento com o Padre Briar!

(PS diga ao Aiden que eu adoraria uma ajuda extra na configuração) Vou até o espaço silencioso designado para os coroinhas se trocarem. Fecho a porta, giro a fechadura, puxo a maçaneta algumas vezes para garantir que ninguém consiga entrar.

Ao me virar, vejo uma túnica branca de garçom recém-passada em um dos bancos, com um bilhete em cima.

Éden Faulkner

Olhando para o material branco virgem do manto, reviro os olhos.

"É claro que você me quer nisso", eu sibilo para mim mesmo, reprimindo uma série de xingamentos vis.

Enquanto crescia, cada aspecto da minha vida era controlado pelos meus pais, até as roupas que eu usava. Os domingos eram um desfile de vestidos impecáveis e sapatos polidos, símbolos de uma família envolta em piedade e perfeição. Mas, por baixo da superfície, as costuras apertadas das minhas roupas

perfeitamente passadas refletiam o controle sufocante que meus pais tinham sobre minha identidade. Cada roupa que eles me forçavam a usar era um lembrete constante da liberdade que eu nunca tive.

Durante sua primeira semana de faculdade, minha colega de quarto, Ivy, me convidou para beber. Eu me vi em um bar mal iluminado, um lugar que meus pais nunca aprovariam. O ar zumbia com risadas, tilintar de copos e uma liberdade que eu não conhecia antes. Conforme a noite avançava, o aperto firme do meu passado começou a se afrouxar.

A blusa bem passada que eu usava por hábito parecia deslocada em um ambiente universitário. Meu cabelo estava desgrenhado, meu batom levemente borrado, mas pela primeira vez, não me importei. Em um ato espontâneo de desafio, peguei emprestado o casaco grande da minha amiga, abraçando seu conforto. Depois daquela noite, joguei fora quase todas as camisas que minha mãe tinha comprado para mim antes de sair de casa.

Olhando fixamente para o espelho, um pensamento passa pela minha mente.

Não há regras sobre o que pode ser usado *por baixo* do manto.

Se ele quiser que eu me vista como uma de suas perfeitas garçonetes virgens, tudo bem, eu o farei.

Tirando meu moletom, olho para o sutiã de renda preta que Zoey me convenceu a comprar, meus seios estrangulados em seu material caro.

Normalmente, eu nunca usaria algo assim por baixo das minhas roupas.

Mas como verei Roman e Luca esta noite, a ideia de ser um pouco escandalosa para um, ou talvez para os dois, me deu a coragem que eu precisava para sair da minha zona de conforto. Eu senti como se estivesse recuperando um pouco do controle do meu corpo.

A luz do sol poente filtra-se através das persianas, lançando sombras sobre minha pele cicatrizada. Tiro minhas calças, juntando-as com o resto das minhas roupas, e as jogo em um maço no armário vazio mais próximo.

Voltando ao espelho, olho para os hematomas ao longo do meu pescoço, onde a maquiagem começou a sair. Meus dedos vão até a corrente com minha cruz,

ajustando-a cuidadosamente para não irritar a pele sensível.

Engolindo meus nervos, visto o robe branco, chutando meus sapatos enquanto enfio meus braços pelas mangas, o piso frio de ladrilhos em meus pés descalços me aterrando enquanto trabalho para sufocar a tensão em meu peito.

"Nada vai acontecer. São só algumas horas. Você consegue fazer isso."

Balançando a cabeça, aperto a corda em volta da minha cintura e saio do vestiário. Enquanto caminho para a sala do altar, gritos altos interrompem minha linha de pensamento.

"Como é se sentir indefeso, Zack?", a voz de Roman grita, meu corpo se contraindo ao som de raiva em seu tom.

Olhando para as portas duplas, vejo água vazando, com estranhos redemoinhos vermelhos se misturando a ela. A cor se contorce pela água enquanto se espalha pelo chão, me fazendo parar, inseguro sobre o que realmente estou vendo.

Dando um passo cauteloso para frente, percebo que esqueci de calçar os sapatos novamente enquanto caminho pelo piso de ladrilho e me aproximo do que quer que esteja saindo da porta.

"Jure por ele-" ouço Roman continuar, uma voz abafada soluçando incontrolavelmente.

Com a mão trêmula, agarro a maçaneta de uma das grandes portas duplas e gentilmente a empurro para abrir. Quando consigo ficar totalmente de pé na porta, olho para o altar, minha mão subindo para cobrir minha boca para esconder o choque do que está na minha frente.

Sangrando pela cabeça, Zack se encolhe diante de Roman, cujos olhos estão nublados de raiva.

Tremendo no chão, Zack parece completamente derrotado — sua cabeça molhada, roupas encharcadas e um fino rastro de sangue manchando a lateral da piscina de água benta. Roman, parecendo tudo menos divino, se aproxima, seu olhar fixo em Zack, consumido demais por sua fúria para sequer me notar ali. Apesar do medo e do choque me dominando, uma sensação sombria de satisfação se agita por baixo, observando Zack reduzido a isso.

"Saia dessa catedral e leve suas roupas sujas com você. Vejo você no domingo. Abra a boca sobre qualquer coisa disso, e eu direi que você me atacou primeiro. Tenho certeza de que seu histórico tornará essa história bem crível." Roman dispara, apontando para a sacola de roupas atrás de Zack.

Segurando sua cabeça enquanto ele agarra suas coisas, ele tropeça enquanto se vira para sair do quarto. Seus olhos se encontram com os meus, minha mão caindo da minha boca enquanto tento encontrar as palavras para dizer.

Zack engole em seco, seu corpo fica congelado no lugar.

"E-Eden", ele gagueja, Roman rapidamente se afastando, finalmente notando minha presença na porta.

Roman está diante de mim, como um anjo negro, oscilando entre o céu e o inferno. Seu rosto está sem cor, fazendo-o parecer quase etéreo, como se

tivesse sido tocado por algo além deste mundo. Seu peito sobe e desce com uma intensidade crua, seus punhos cerrados ao lado do corpo, a visão de sangue manchando seus dedos apenas aumentando o fascínio perigoso que irradia dele. Há algo inegavelmente magnético sobre ele neste momento —

tanto aterrorizante quanto irresistível — que envia uma emoção através de mim, deixando-me cativada por cada respiração dele.

Este é o homem que ele realmente é, oculto por seus votos sagrados.

Este é o homem que deixei me tocar.

Imprevisível. Furioso. Vingativo. Perigoso.

Mas aqui estou eu.

Eu poderia me virar e ir embora. Eu poderia ir à polícia.

Minhas pernas se moviam sozinhas, como se guiadas por uma força maior que eu, me puxando para frente, para mais perto dele. Eu não tinha dito para elas se moverem, mas era como se algo divino tivesse assumido o controle, me levando em direção ao que eu precisava enfrentar. Parecia que o próprio chão abaixo de mim estava me puxando para mais perto, além do meu controle, como se eu

estivesse sendo chamada.

Meus dedos mergulharam na água fria dentro da fonte, sem hesitação. A sensação do líquido frio me fez arrepiar a espinha, a água benta grudando na ponta do meu dedo como uma prece sussurrada.

Olho para Roman.

"Em nome do Pai", murmuro, meus dedos traçando da minha testa até meus ombros. "O Filho", continuo, deixando minha mão descansar brevemente sobre meu coração. "E o Espírito Santo", sussurro, as palavras quase inaudíveis enquanto termino o sinal da cruz.

Sem dizer mais nada, passo pelo homem e sigo em frente com uma determinação silenciosa.

Que meu silêncio o perturbe.

Miquéias 3:8: "Mas eu estou cheio de poder, do Espírito do Senhor e de justiça e poder."



Capítulo 12

Éden

entro no altar, meu coração disparado, enquanto meus dedos traçam o metal frio do cálice. Ele me parece proibido e estranhamente reconfortante, como se eu

estivesse me ancorando em algo familiar. Vou até a patena, passando a mão sobre sua superfície lisa, tentando escapar do caos em minha mente. O

linho macio do corporal roça minha pele, oferecendo uma pequena sensação de calma. Demoro perto das velas, atraído por seu calor, deixando a luz bruxuleante estabilizar minha respiração. Agarrando o cibório, concentro-me em seu peso, tentando me ancorar enquanto meus pensamentos continuam a girar.

Posso sentir Roman se aproximando furtivamente atrás de mim, sua respiração audível.

"Éden-"

"Onde devo sentar?" Ignoro sua necessidade de falar sobre o que encontrei.

"Ainda à sua esquerda?" Aponto para o assento de madeira.

Olhando para as cadeiras, Roman balança a cabeça.

"Eden, o que você viu-"

"Ou você vai me fazer ajoelhar aos seus pés durante a missa?" Eu brinco com a corda com nós na minha cintura, puxando as pontas desfiadas.

Parando na minha frente, ele levanta as mãos. Sua testa franze enquanto ele abre a boca para falar, mas eu o interrompo rapidamente.

"Deixe-me ver você nele", eu estalo, olhando de volta para a cadeira.

"Sente-se", eu insisto. "Então podemos conversar."

Olhando para trás, para sua cadeira, posso ver a tensão crepitando no ar entre nós. O jogo de poder que coloquei em movimento claramente o frustra, seus olhos se estreitando em um brilho que ameaça me cortar em mil pedaços. A atração fervendo sob nosso conflito só aumenta as apostas, tornando sua luta para manter o controle ainda mais intensa.

"Eu não vou fazer isso com você."

"Você vai ter que fazer isso", eu sibilo, "ou então vou direto para a polícia-"

"E o que você acha que eles vão fazer?" Ele dá um passo em minha direção, sua mão enrolando na corda na minha cintura, me puxando um pouco mais para perto dele. "Você acha que eles vão se importar com o que aconteceu dentro das paredes desta igreja?" Ele estala com raiva. "Aquele merdinha mereceu o que eu fiz com ele. Não aja como se discordasse. Não fique aí parado e aja como se fosse abrir a boca sobre o que viu."

"O que te faz pensar que não vou?" Deixei meus olhos viajarem de cima a baixo em seu corpo, certificando-me de que ele soubesse que eu o estava avaliando, desafiando-o a me subestimar.

Tensionando o maxilar, Roman olha para a cadeira, sua mão apertando com mais força a corda em volta da minha cintura.

"Tudo bem, você me quer na cadeira, Eden?" Ele desafia, sua voz cheia de tensão enquanto ele me agarra. Eu tento empurrá-lo para longe, mas seu aperto é firme enquanto ele me arrasta junto com ele.

Ele se joga na cadeira com um esparramamento deliberado, me puxando entre suas pernas. Posso sentir o calor de seu corpo pressionando contra o meu, mesmo através das roupas que nos separam. Seu queixo se inclina para cima, olhos fixos nos meus. O ar entre nós está denso com uma mistura de desejo e desafio. Minhas mãos pressionam seu peito, resistindo, mas a atração magnética entre nós é impossível de ignorar.

Olhando para ele, inclino minha cabeça para o lado enquanto suas mãos se movem da corda para meus quadris.

"Sua vez", ele sibila. "Sente-se."

Tento me afastar, olhando para a cadeira do diácono ao lado dele.

"Aí não, Eden."

Olhando para o colo dele, eu reprimo o sorriso que puxa meus lábios, balançando a cabeça para ele com falsa desaprovação. Meus olhos se movem rapidamente para cima, para a cruz enorme pendurada acima do altar, e não consigo deixar de achar a situação quase cômica. "Você realmente acha que isso é uma boa ideia na presença dele?", provoco, minha voz cheia de desafio brincalhão, deixando o peso do momento se estabelecer entre nós.

Ele me agarra, me puxando em sua direção com um aperto firme e insistente. Meu corpo instintivamente se inclina para o dele, sua mão deslizando pela minha coxa, me incitando a sentar em seu colo. Sua outra mão rapidamente encontra minha perna oposta, me guiando com uma urgência que me faz arrepiar. Enquanto monto nele, o tecido fino da minha calcinha roça na dureza sob suas vestes, uma sensação perigosa que aumenta a tensão entre nós. Minhas mãos agarram o encosto da cadeira para me apoiar enquanto me acomodo em seu colo, seus olhos se arregalam quando ele percebe que não estou usando nada por baixo do robe, exceto minha calcinha. Ele se inclina para mais perto, sua voz baixa e cheia de autoridade brincalhona enquanto murmura: "Deus vai me perdoar. Afinal, ele criou a tentação por um motivo, não foi?"

"Talvez, mas até a tentação tem seus limites. Acha que consegue lidar com isso, ou devo lembrá-lo do que acontece com os pecadores?" Eu balanço meus quadris gentilmente, sentindo o comprimento duro de seu pau sob o tecido de seu robe esfregar contra minha coxa nua. Suas mãos apertam meus quadris,

"Fique quieta, Eden," ele rosna. A adrenalina corre por mim em um pico de todos os tempos. "Precisamos falar sobre Zack."

"Esse é seu segredo? Você se excita punindo seus coroinhas?" Eu olho para ele, minhas mãos envolvendo a parte de trás de sua cabeça, enterrando-se em seus cachos.

"Talvez seja por isso que você e meu pai se dão tão bem."

Agarrando a parte de trás do meu pescoço, Roman puxa meu cabelo com força, expondo meu pescoço para ele. Um pequeno grito sai de mim, meu corpo dolorido pela pressão.

Inclinando-se para mim, ele arrasta sua bochecha ao longo do meu pescoço exposto, roçando seu nariz ao longo da linha do meu queixo.

"Eu nunca serei como seu pai de merda", ele retruca, mais enérgico do que o normal. "Eu preferiria muito mais ter você aqui assim, caminhando na linha da minha fé para Deus, do que em qualquer lugar perto dele."

"E se Deus lhe virasse as costas por isso?"

"Eu sempre posso adorar outra pessoa." Seus olhos traçam meu corpo, lentos e

deliberados, como se ele estivesse tentando memorizar cada detalhe. A intensidade de seu olhar envia uma emoção através de mim.

eu, e quando nossos olhos se encontram, o desejo em sua expressão é impossível de não notar. Ele olha para mim como se mal estivesse se segurando, e é o suficiente para fazer minha respiração parar.

O calor entre minhas pernas aumenta enquanto seu pau continua pressionando meu centro através de nossas vestes, e decido testar até onde ele está disposto a ir.

"Por que Zack merecia sua punição, pai?" Eu balanço meus quadris novamente, sua mão aperta o cabelo da minha nuca.

"Éden-"

"Confesse", eu estalo, alimentando a dor do seu toque. "Confesse seus pecados para mim, Padre Briar."

Ele solta meu cabelo e vejo seu maxilar ficar tenso, os músculos flexionando logo abaixo da pele.

"Tire o manto, Eden", ele rosna.

Eu balanço a cabeça e sua mão se move para minha bunda.

Sem perceber que a pele ainda está sensível, ele lhe dá um tapa forte, e meu corpo cai para frente em sua direção enquanto eu escondo um soluço.

Ele move os lábios para o meu ouvido. "Eu disse para tirar. Certo. Porra.

Agora."

Eu me inclino para trás para encará-lo enquanto me atrapalho com o material. Ficando impaciente, ele se abaixa entre nós e puxa a corda em volta da minha cintura, deslizando-a e jogando-a no chão. "Obrigada pela ajuda", digo secamente.

Recostando-se na cadeira, ele parece satisfeito.

"O prazer é meu. Agora tire isso."

Parece que todos os olhos celestiais estão sobre mim, o peso do julgamento invisível pesado no ar. Minhas bochechas queimam com um rubor profundo enquanto meus dedos nervosamente brincam com a bainha do meu manto.

Lentamente, abaixo-me até o tecido amontoado no meu colo e arrasto o material para cima do meu corpo e sobre minha cabeça, expondo minha pele à luz morna e fraca. O robe finalmente escorrega do meu alcance,

caindo em cascata no chão, me deixando ali, vulnerável e exposta, a antecipação aumentando a cada respiração que dou.

Desnuda diante dele, vestindo apenas roupas íntimas, Roman me absorve por inteiro, suas mãos percorrendo meus lados antes de descerem pela minha frente.

"Renda preta?"

Eu podia sentir as palavras se formando na minha língua, afiadas e cortantes, projetadas para deslizar bem debaixo da pele dele. Ele não tinha ideia do que estava por vir, mas eu estava prestes a garantir que ele sentisse cada grama da picada.

"Achei que Luca gostaria de vê-lo mais tarde esta noite."

Os olhos de Roman se arregalam, faíscas de raiva cintilam em suas pupilas dilatadas. Ele me puxa para mais perto até que meus seios estejam nivelados com seu peito, meus joelhos batendo nas costas da cadeira.

"Ele não verá porra nenhuma, Eden. Se você deixar ele te tocar —"

"Por que você se importa? Talvez eu queira que ele me toque."

Ele mostra os dentes e sibila sua resposta.

"Por que eu me importo?" Ele quase rosna. "Porque toda vez que te vejo, é como se você estivesse me afastando de tudo que jurei defender. Você me faz questionar tudo — meus votos, minha dedicação, até minha fé. Eu te desejo de maneiras que não deveria, e isso está me deixando louco. Não suporto a ideia de outra pessoa te tocando, porque, Deus me ajude, eu te quero para mim, apesar de

tudo que me ensinaram, apesar de tudo que acredito. Você mexeu comigo, e agora não consigo te tirar, não importa o quanto eu tente.” Minha respiração falha enquanto sua confissão afunda.

Meu coração bate forte no meu peito, a tensão

entre nós palpável, eletrizante. Meus olhos cintilam para sua mão, descansando em minha coxa, e lá está — o anel. Uma simples faixa de ouro, desgastada por anos de devoção, um lembrete constante dos votos que ele fez. O mesmo anel que pensei ser uma aliança de casamento quando nos conhecemos. Ele brilha suavemente na luz fraca, simbolizando tudo a que ele dedicou sua vida — tudo o que está entre nós.

Estendo a mão, minha mão pairando logo acima da dele, meus dedos tremendo enquanto roçam no anel. Lentamente, deliberadamente, traço a

faixa com a ponta do meu dedo, sentindo o peso do que ela representa e a intensidade do momento. Nossos olhos se encontram, e a sala parece encolher ao nosso redor, o mundo se estreitando para apenas isso — a tensão, o anseio e a promessa não dita do que pode vir a seguir.

"É isso que está te segurando?" Eu sussurro, minha voz quase inaudível, cheia de desejo.

O anel parece uma barreira, mas quando olho novamente em seus olhos, vejo uma rachadura em sua determinação, a parte dele que quer esquecer tudo, mesmo que por um momento.

"Tire isso", eu murmuro. "E me toque."

"Éden—"

"Seus demônios me querem, Pai?" Eu bato no anel. "Então tire o anel... e peque. Você pode pedir perdão depois."

Seus olhos encontram os meus, buscando por algo — segurança, talvez absolvição. Mas tudo o que ofereço a ele é a intensidade do meu olhar, a compreensão silenciosa de que este momento pode mudar tudo.

Lentamente, deliberadamente, ele começa a deslizar o anel do dedo. Não é um

movimento rápido; é hesitante, quase reverente, como se estivesse descascando uma camada de sua alma. O anel desliza e, por um momento, ele repousa em sua palma, pesado com o peso do que significa. Seus olhos escurecem, o último vestígio de resistência derretendo enquanto ele coloca o anel no braço da cadeira, o som do metal contra a madeira ecoando no silêncio.

Sua mão, agora nua, encontra seu caminho de volta para minha coxa, e dessa vez, não há nada o segurando. O toque é diferente agora — mais ousado, mais seguro. É como se a remoção daquele anel tivesse desencadeado algo dentro dele, algo cru e poderoso.

Ele me puxa para mais perto, seus dedos cravando em minha pele com uma intensidade recém-descoberta, sua respiração quente contra meu pescoço.

Não há mais hesitação, não há mais barreiras. Seus olhos me devoram enquanto eu esfrego meu corpo quase nu contra ele, desejando a fricção.

Uma sensação de euforia pulsa através de mim, a luz que filtra através dos vitrais lança um arco-íris de cores que dançam ao longo da minha pele.

O corpo de Roman fica tenso enquanto ele geme, resistindo à vontade de empurrar seus quadris em mim.

“Dê-me um motivo para louvar a Deus, Pai.”

Como um homem faminto, seus lábios se agarram à minha frente. Meus dedos se enrolam em seu cabelo enquanto ele guia meus quadris, arrastando meu centro sobre seu comprimento. Solto um gemido de prazer, precisando de mais. Ele xinga baixinho, movendo as mãos para minhas costas e para o fecho do meu sutiã.

"Minha vez de confessar", sorrio, correndo meus lábios ao longo da borda de sua mandíbula. "Eu menti. Usei isso para você, esperando que você me tocasse novamente."

"Você quer que eu te toque, Eden?" Suas palavras caem em cascata pelo meu corpo como um deslizamento de pedras; o tom áspero e grave me despedaça enquanto elas descem para descansar entre minhas pernas.

“Sim, Pai. Por favor.”

Roman se levanta, me levantando com ele, suas mãos segurando minha bunda. Eu suspiro, envolvendo minhas pernas firmemente em volta de seu meio enquanto ele nos vira e me abaixa para onde ele estava sentada. Minhas pernas se soltam dele enquanto ele se ajoelha no chão.

Gentilmente, ele se agarra na parte de trás dos meus joelhos e coloca minhas pernas sobre os braços da cadeira, me deixando na frente dele, bem aberta.

"O que você está-"

"Dando a você uma razão para renovar sua fé, Eden," Ele sussurra. "Sinta-se livre para louvar a Deus enquanto eu te adoro."

Ele abaixa a cabeça, pressionando os lábios na parte interna da minha coxa.

A sensação dos lábios quentes dele na minha pele é o suficiente para me arruinar. Inclino a cabeça para trás na cadeira enquanto suas mãos se movem para minha calcinha, sentindo seus dedos esfregando a depressão entre minhas dobras sobre o tecido. Com a mão livre, ele puxa meus quadris para mais perto dele, sua boca ainda explorando minha pele.

Seus beijos se tornam dolorosos enquanto ele aperta os dentes em mim. Eu fecho minha boca com força, mordendo minhas bochechas para tentar abafar meus gemidos. Olho para baixo para ver seu rosto pairando acima do

meu centro, o calor de sua respiração me acariciando, aumentando meu desejo já descontrolado por ele.

Ele observa seus dedos deslizarem sobre o tecido da minha calcinha, com um olhar de fome gravado em suas feições.

"Romano-"

Com um puxão violento, ele arranca a calcinha de renda do meu corpo.

"Continue dizendo meu nome", ele sussurra. "E não pare até gozar."

Mergulhando seus dedos em mim, eu solto o gemido de prazer que eu estava segurando. Ele mergulha para frente, e eu observo enquanto sua boca se abre e sua língua começa a lambar a umidade entre minhas dobras. A evidência do meu

desejo escorre para a cadeira abaixo de mim enquanto ele continua a bombear seus dedos para dentro e para fora, banquetando-se comigo, me devorando.

Balanço meus quadris contra seu rosto, já à beira do orgasmo.

Ele arrasta a língua para cima mais uma vez e se acomoda no feixe de nervos, me fazendo doer com a necessidade de senti-lo mais profundamente dentro de mim. Eu coloco meus lábios entre os dentes, rezando a Deus para que eu dure só mais um pouco para que ele possa me dar mais.

E então ele faz a coisa mais deliciosa. Ele é péssimo.

Uma explosão avassaladora de prazer de alfinetar borbulha em meu estômago. A dor da pele crua na minha bunda se foi. Tudo o que posso sentir é ele, e ele segura meu clitóris em sua boca e move sua língua para frente e para trás, prendendo-me em um vício quente e úmido. Ele solta um gemido que vibra até as profundezas da minha alma esquecida por Deus.

"Roman", eu sussurro, a estimulação chegando ao limite, seus dedos se curvando de vez em quando, atingindo o ponto que me faz perder todo o controle.

"Roman", eu gemo, sua boca trabalhando mais forte, o som molhado de sua língua me lambendo, seus dedos mergulhando para dentro e para fora enquanto eu jorro por ele. Tudo isso é meu novo vício. É demais e ainda não é o suficiente.

Uma espiral apertada de calor se desenrola dentro de mim, e o prazer explode através do meu núcleo. Meus músculos têm espasmos em volta dos

dedos dele e um rosnado de aprovação me encoraja a balançar contra sua boca. Ele puxa seus dedos perversos de mim enquanto eu cavalgo o resto do meu orgasmo com sua língua. Quando vou me afastar dele, ele coloca uma mão na minha barriga para me segurar no lugar.

"Roman, não aguento mais-"

Ele passa a língua sobre meu clitóris muito sensível, enfiando a boca mais fundo na minha carne quanto mais eu tento resistir.

Minhas pernas tremem enquanto outro orgasmo ameaça me atingir, a sensação é

quase dolorosa.

"Roman!", eu grito, tentando me segurar. "Por favor", eu sibilo. "Por favor, eu não aguento mais-"

Ele lentamente afasta a cabeça do meu centro, seu queixo brilhando com minha liberação. Ele esfrega um polegar sobre sua pele, coletando a umidade antes de colocá-la na boca e lambê-la para limpá-la.

Observo Roman se levantar, a tensão de seu pênis ainda presente sob o manto.

"Ficar de pé."

Sem saber para onde isso vai, começo a me levantar, minhas pernas tremendo. Roman pega meu braço, me virando para que ele possa voltar ao seu assento.

"Hora de se arrepender, Angel." Ele abaixa o queixo, olhando para mim através dos cílios longos. "Vire-se e incline-se."

Engolindo em seco, entro em pânico. Não quero que ele veja a pele crua e avermelhada do meu traseiro.

Olhando para os dedos dele, decido me abaixar até os joelhos. Sua testa franze em confusão enquanto pego sua mão na minha.

"O que você está -?"

Coloco os dedos dele na minha boca, segurando seu pulso com uma mão enquanto coloco a outra em seu joelho. Mantenho meus olhos fixos nos dele como fiz como ele tinha feito antes e começo a lambê-lo para limpá-lo.

Seus olhos se arregalam de luxúria, segurando o lado do meu rosto enquanto eu trabalho, me observando enquanto eu trabalho. Dou às pontas dos seus dedos um último giro da minha língua antes de arrastá-los lentamente para fora da minha boca.

"Você sente o gosto da doçura dessa boceta linda?" Ele coloca as mãos na minha cintura, me colocando de pé na sua frente.

"Agora deixe-me ver essa bunda linda-"

Antes que eu possa pará-lo, Roman me gira até que eu não esteja mais de frente para ele. Conforme sua voz some, minhas bochechas ficam quentes.

Fecho meus olhos, me preparando para a dor de seu toque.

Estremeço com a sensação inesperada das pontas dos dedos dele acariciando suavemente a pele sensível.

"Eu não fiz isso", ele sussurra, passando o polegar sobre o corte que ainda estava cicatrizando devido ao contato com a fivela do cinto do meu pai.

"Acabe logo com isso, Roman", eu sibilo, sabendo muito bem que o homem valoriza a dor tanto quanto o prazer.

Tudo isso é diversão e brincadeira, mas no final do dia, eu sei que sou apenas um corpo para ele –

Algo quente e macio toca minha pele, a sensação é gentil e acolhedora. Eu enrijeço enquanto ele pressiona beijos carinhosos ao longo da minha carne sensível, seus dedos acariciando a parte inferior das minhas costas.

“Quem fez isso, Eden?”

A verdade fica presa na minha garganta. Não posso contar a ele.

"Éden?" ele rosna entre beijos.

De repente, o quarto fica pequeno demais, e eu começo a sufocar. Eu me afasto, querendo mais espaço entre nós. Eu não devo uma explicação a ele.

E eu não posso confiar nele. Ele pode ter dito que não é nada parecido com meu pai, mas eu mal conheço Roman. Deixá-lo entrar não é uma opção. A última pessoa que deixei entrar foi Eric, e isso acabou sendo muito pior do que eu poderia imaginar.

Pego meu robe descartado no chão, forçando-o sobre minha cabeça, me mexendo rapidamente para colocar o tecido no lugar e cobrir meu corpo.

"Qual é o seu jogo aqui, Roman?" Cruzo os braços sobre o peito protetoramente. "Está claro que você se excita em estar em uma posição de autoridade. Que você

gosta de me fazer submeter a você. Está ainda mais claro que você reprimiu desejos sexuais, o que eu lamentavelmente gostei de explorar, mas nada disso importa. Você nem me conhece. E eu com certeza não lhe devo nada."

Ele se levanta e balança a cabeça.

Sua expressão fica vazia. Respirando fundo, ele balança a cabeça. "Acho que podemos ter levado as coisas longe demais."

Eu rio, sabendo que o arrependimento deve estar se instalando nele. "Você está envergonhado, não está?"

Por se afastar do seu compromisso com Deus, comigo, entre todas as pessoas."

"Eden, isso não é-"

"Como você acha que isso acontece? Você acha que eu vou continuar sendo seu coroinha, deixando você me tocar em particular enquanto ouço você pregar para esta congregação sobre a importância de manter a moral e as virtudes sólidas? Eu pensei que permitir que isso acontecesse me traria algum alívio, mas, em vez disso, é apenas adicionado à dor que carrego comigo a cada segundo de cada dia", eu estalo, com lágrimas inundando meus olhos.

"Você acha que machucar Zack torna as coisas mais fáceis para mim, Roman? Não torna. O que você acha que vai acontecer quando você não estiver por perto, e ele e eu estivermos sozinhos de novo?" Eu grito, seus olhos baixando. "Eu não sei o que diabos você acha que está acontecendo aqui, mas está feito. Eu sei que meu pai estava aqui. Eu sei que vocês dois conversaram. E eu vi aquele maldito fichário em nossa casa. Você pode dizer que não é nada parecido com ele, mas ter qualquer coisa a ver com ele é tão ruim quanto", eu soluço, enxugando as lágrimas do meu rosto.

Roman dá um passo em minha direção, mas eu o contorno até o altar, pegando seu anel de ouro do braço da cadeira. Eu me viro e fecho o espaço entre nós, agarrando sua mão e colocando o anel em sua palma.

"Pegue seu maldito anel. Arrependa-se diante de Deus e me deixe em paz."

Passo por ele descendo os degraus do altar em direção à porta que leva ao vestíbulo.

Isso foi um erro.

Eu estava triste e vulnerável.

Ele era excitado e poderoso.

E agora acabou.

Eu passo rapidamente pelas portas duplas, quase escorregando na mistura de sangue e água benta.

Correndo para a área de troca dos coroinhas, rapidamente tiro o manto e visto minhas roupas de antes. Reúno o resto das minhas coisas e volto para a frente da igreja, felizmente chegando às portas da frente sem ver Roman novamente. Vejo meu Kia no estacionamento, Aiden esperando no banco do motorista.

Quando chego ao carro, jogo minhas coisas no banco de trás antes de abrir a porta do passageiro. Não sei por que fiz isso, mas olhei para a frente da igreja enquanto me movia para entrar no carro. Paro, vendo Roman parado sob o pórtico do lado de fora da entrada, suas mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, a luz fraca do dia refletindo no anel de ouro em seu dedo.

Olhando feio para ele, levanto meu dedo médio enquanto entro no carro.

"O que foi isso?" Aiden fecha o livro no colo e estende a mão para abaixar o volume da música que estava tocando antes de eu entrar no carro.

"Nada. Vamos lá."

Urze romana.

Meu padre.

Meu segredo.

O maior pecado que já cometi.





Capítulo 13

romano

ix semanas antes

S Bem-vindo a Idlewood.

População: Doze mil.

Aninhada nas Montanhas Rochosas, esta pequena cidade parece ter sido engolida inteira pela floresta — árvores grossas e inflexíveis que tornam quase impossível lembrar que há um mundo lá fora além dos pinheiros. As montanhas são lindas, claro, mas também são uma armadilha, prendendo você sem saída. A vida aqui se arrasta, lenta e sufocante, como se você estivesse preso em algum tipo de purgatório.

As pessoas aqui são bastante amigáveis, mas têm um gosto por fofocas que nunca acaba.

Cada pequeno segredo é como ouro, e eles vão cavar até desenterrar cada pedacinho. É estranho, realmente — eu estive em alguns lugares infernais, vi coisas que deixariam a maioria das pessoas de cabeça para baixo, mas há algo sobre essa vida quieta e estagnada que parece seu próprio tipo de inferno.

Como se eu tivesse trocado uma guerra por outra, só que dessa vez, as batalhas contra o silêncio, a mesmice e os fantasmas do que deixei para trás.

Mas esta é minha casa no futuro próximo.

Enquanto saboreio uma xícara de café torrado escuro e bem quente, observo as pessoas de Idlewood vagando pelas ruas, e cada rosto me dá uma nova visão sobre as pessoas daqui.

Há uma mulher que desliza para fora da boutique do outro lado da rua, seu cabelo loiro perfeitamente penteado, sem um fio fora do lugar. Ela tem uma bolsa que provavelmente custa mais do que o aluguel da maioria das pessoas, e ela está andando como se tivesse um lugar importante para ir, mesmo que seja apenas o café para um café com leite. Ela é uma daquelas que aparecem na igreja vestidas com esmero, toda sorrisos e graça, mas eu posso ver em seus olhos — há algo mais sombrio por baixo, algo que ela está tentando enterrar sob todo aquele esmalte.

Enquanto tomo outro gole do meu café, noto um homem com uma jaqueta jeans surrada, botas arranhadas pelo trabalho duro. Ele para para conversar com uma mulher mais velha, provavelmente uma vizinha, tirando o boné, seu sorriso caloroso e genuíno. Há uma gentileza em seu rosto, do tipo que você não vê muito hoje em dia — um calor real e honesto que vem de viver uma vida fundamentada em algo real. Este é o tipo de homem que não precisa ostentar sua fé; está escrito na maneira como ele vive.

No seminário, ninguém lhe diz o quão difícil é realmente permanecer livre de julgamentos.

Kevin me avisou para não explorar Idlewood, dizendo que o encanto de viver aqui iria crescer em mim através do meu serviço na igreja.

Besteira.

A melhor maneira de entender esta cidade é vê-la como ela é, não apenas por meio de sermões e sacramentos. Tolerar os sorrisos falsos e olhares questionadores é mais fácil quando sinto que descobri essas pessoas.

Em um mês, devo começar meu trabalho, provando meu valor por meio dos seguidores que posso reunir. Mas sentado aqui agora, eu me pergunto o que me fez entrar nessa linha de trabalho. Meu relacionamento com a religião sempre foi instável, na melhor das hipóteses, nunca totalmente comprometido.

Se não fosse pela igreja no treinamento básico, tenho certeza de que eu teria me afastado completamente da religião.

Inicialmente, a ideia de me entregar a qualquer religião parecia estranha.

Cheirar cocaína na mesa de centro do meu quartel enquanto aprendia a matar um homem da forma mais eficiente possível parecia o caminho a seguir.

Foder mulheres, ir trabalhar e espancar um homem até sangrar por olhar para mim do jeito errado.

Diga-me, isso parece que terminaria bem para um homem com desejos tão violentos quanto os meus?

Há algo em assistir seus companheiros soldados sangrando na sua frente que torna difícil acreditar que Deus é real. Eu me desviei de Sua luz, aventurei-me nas partes mais escuras da minha alma e me entreguei a cada desejo pecaminoso. Encarar a morte forçou uma reflexão que eu não sabia que precisava.

Quando não há mais nada, você alcança o grandalhão lá em cima — é instinto. Mas fingir que sou um homem sem pecado? Isso é quase risível.

Ouvir confissões, oferecer absolvição como se isso pudesse apagar o fardo do mal — sempre pareceu um pouco ridículo para mim.

No entanto, aqui estou eu, pronto para limpar a consciência de qualquer um que esteja disposto a entrar na Saint Michael's.

No seminário, eles fizeram parecer tão fácil.

Sirva a Deus.

Arrependei-vos do pecado.

Leve uma vida de virtude.

Girando o anel de ouro em volta do meu dedo, lembro-me de que o peso da minha promessa a Deus pode ser sufocante às vezes.

Uma vida sem pecado.

Existe algum homem capaz de ignorar seus desejos mais profundos?

Kevin luta contra suas próprias tentações? Ele nunca deixa transparecer, sempre apresentando uma frente calma e inabalável. Eu me pergunto se, a portas fechadas, ele luta contra os mesmos demônios que eu.

Se ele encontrou uma maneira de acalmá-los, ou se ele simplesmente é melhor em esconder a briga.

Eu quase queria que alguém pecasse na minha frente só para provar que é humano.

Na verdade, é tudo uma encenação, se você olhar da minha perspectiva.

Eu desempenho o papel da mão de Deus enquanto luto contra meus próprios demônios a portas fechadas.

Eles vêm a mim em busca de absolvição, apenas para cair de volta nas garras do Diabo na semana que vem. É tudo um grande jogo.

O prêmio? Esperançosamente, uma vida após a morte.

Muitos achariam estranho a maneira como eu escolhi ver minha própria religião.

Vejo o catolicismo como uma ferramenta para encontrar a paz, nada mais, nada menos.

Se eu morrer e não sobrar nada, pelo menos vivi tentando ser uma pessoa melhor.

Tentou ser a palavra distintiva.

Fingir que sou perfeito, como alguns desses ricos babacas, é impossível.

Abaixo a cabeça quando alguém passa pela mesa em que estou sentado, tentando ao máximo não ser visto.

Um rosto novo como o meu em uma cidade tão pequena?

Tenho certeza de que eles descobririam toda a história da minha vida com apenas alguns telefonemas.

É quase hipócrita para um veterano de guerra como eu pregar sobre a vontade de Deus.

Estou no púlpito, condenando a morte e o pecado, ao mesmo tempo em que sei como é tirar uma vida com minhas próprias mãos.

p p

Que tipo de homem isso faz de mim?

Eu sou tão falso quanto o resto das pessoas desta cidade?

Inspirando fundo, o ar frio atinge meus pulmões, sinalizando a chegada do outono.

Mexo na cruz em volta do meu colar, sentindo as áreas onde minha pele começou a ficar irritada devido ao atrito.

Dor é boa.

É um lembrete de que não sinto nada.

Observando as folhas voando pela estrada, eu me inclino para trás na cadeira, esticando as pernas o máximo que posso, girando o pescoço para tentar aliviar a dor da longa viagem até aqui. Tudo o que eu tinha estava embalado no meu 4Runner no hotel.

Passei o dedo pelas marcas circulares de queimadura no meu braço e zombei da aparência delas.

Se meu pai estivesse vivo, o que ele diria agora?

Ele me repreenderia por deixar o Exército? Por escolher um caminho religioso em vez daquele que ele me forçou?

É difícil dizer. Conhecendo-o, ele provavelmente me venceria de qualquer maneira.

Essa é a parte doentia. Um homem como meu pai — vil até a medula — podia bater no filho e na esposa e ainda aparecer na igreja todo domingo, de

alguma forma se convencendo de que chegaria ao céu por causa da graça de Deus.

Essa é a falha do sistema.

Não importa o quão horrível você seja, eu devo acreditar que se você entregar sua vida a Deus, você merece perdão.

Besteira.

Pessoas más merecem ser punidas.

Talvez seja por isso que escolhi me tornar Sua mão.

Olhando para o fundo do meu copo, sinto uma onda de frustração. A bebida está vazia, assim como neste momento. Jogo o copo no lixo e decido que uma caminhada pode clarear minha cabeça.

Enfiando as mãos nos bolsos, vou em direção ao parque no meio da cidade.

Ainda estou perdido em pensamentos quando ouço um gemido, fraco, mas inconfundível. Ele me faz parar no meio do caminho.

O barulho fica mais alto, uma mistura de suspiros e fungadas que deixa meus sentidos em alerta máximo. Olho ao redor do parque vazio, tentando localizar a fonte.

Lá, em uma parte mais isolada do parque, avisto uma figura em um banco, capuz puxado para cima, costas viradas. O gemido é agudo, o corpo pequeno demais para ser masculino.

Vá embora, Roman.

Continuo seguindo em frente no caminho, mas os gritos abafados aumentam, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem.

O som puxa algo profundo dentro de mim — é como a voz da minha mãe quando meu pai ficava muito duro com ela. A dor nos soluços da mulher é inconfundível, sua voz tremendo enquanto seu corpo treme.

Mordendo minha bochecha, fecho meus olhos e respiro fundo várias vezes.

Apenas vá embora, Roman.

Os gritos pioram.

Apenas ande-

Antes que eu perceba, estou desviando em direção ao banco, meus pés me carregando pela grama morta. Os soluços abafam o som dos meus passos, e eu me encontro me aproximando, parando um pouco antes dela. Eu me inclino contra uma árvore próxima, mantendo uma distância segura, perto o suficiente para observar sem me intrometer.

Observar é bom.

Afinal, estamos em um espaço público.

"Ivy, não é isso que estou dizendo", a mulher soluça, com o telefone pressionado no ouvido e o rosto virado para longe de mim.

Ela está usando um moletom escuro, grosso demais para o clima quente, com uma mochila caída ao lado dela. Seu pé bate rapidamente, um sinal claro de sua ansiedade.

"Quem diabos se importa com o que Eric disse. Estou te dizendo que não foi isso que aconteceu", ela chora, sua voz tremendo. "Quantas vezes você o encontrou? Talvez três vezes quando ele veio ao nosso dormitório quando você não estava ocupada transando com um cara aleatório?

Eu te conheci há meses, e nenhuma vez você me perguntou o meu lado-"

Parando de falar, ela olha para o telefone e toca na tela.

"Ivy?" ela grita. "Você não desligou, porra!"

Ela joga o telefone na grama. As mãos cobrem o rosto. Os gritos são abafados pelas mangas do moletom. Os soluços são estrangulados, a voz está rouca de tanto chorar.

"Nenhum de vocês estava lá, porra", ela soluça. "Ninguém além de mim e ele estava lá", ela chora. "E agora estou sozinha em tudo isso."

Dou um passo mais perto, e ela se move um pouco, apenas o suficiente para que eu tenha uma visão completa do seu rosto.

Olhos lindos e ricos, inchados de lágrimas, bochechas rosadas, cabelos castanhos escuros emoldurando seu rosto e um beicinho cheio que parece quase angelical. Ela está muito focada em vasculhar sua bolsa para me notar, puxando um pequeno pano com mãos trêmulas.

Isso não é da minha conta.

Eu deveria deixá-la em paz.

Mas então eu vejo o brilho do sol refletindo na lâmina, e meu estômago embrulha quando ela arregança a manga, revelando novas lesões em sua pele.

Todos os cortes retos.

Tudo pelas mãos dela.

Observo em choque enquanto ela desliza a lâmina pelo pulso, o corte deixando um rastro vermelho, a dor silenciando seus soluços.

Ela acrescenta outro conjunto de marcas, seu rosto contorcido de dor. A visão de alguém tão linda escolhendo se machucar acende uma raiva profunda dentro de mim.

"Você está me ouvindo agora?", ela sibila, arrancando um colar do pescoço e jogando-o na grama.

Ela olha para seu pulso ensanguentado, seus dedos girando lentamente a lâmina, e meu coração dispara quando percebo que ela não está mais segurando-a horizontalmente.

"V-Você", ela engasga, "me ouve—"

"Pare," eu sibilo enquanto me pressiono contra suas costas, minha mão fechando em volta de seu pulso sangrando, minha outra mão agarrando a lâmina,

ignorando a picada enquanto ela corta meus dedos. Eu a jogo fora, observando-a pousar ao lado de sua cruz e telefone.

"Meu Deus, não-" Ela soluça, sua voz tremendo de medo. "Por favor, não conte a ninguém."

Ela quase se matou e está preocupada com o que as pessoas vão pensar?

Quão fodida é essa cidade?

Continuo segurando-a no lugar, seu corpo tremendo sob meu toque.

"Eu não vou te machucar", eu sussurro, tentando manter minha voz calma.

"Mas você ia se machucar." Ela muda seu peso de um pé para o outro. "Que tipo de pessoa eu seria para deixar isso acontecer?"

Ela ri, mas soa derrotada. "Ou você é da igreja, tentando beijar a bunda do meu pai", ela soluça, "ou você não é daqui. Qualquer outra pessoa teria me deixado fazer isso", ela sibila, o ódio por si mesma em sua voz cortando mais fundo do que qualquer lâmina.

Eu a seguro com mais força, sentindo o sangue escorrendo pelos seus pulsos e cobrindo meus dedos.

"Sim? E se você fez isso? E depois?", pergunto, tentando redirecionar seus pensamentos.

"Eles sempre me disseram na escola católica que suicídio é um pecado mortal. Então, acho que um lugar no Inferno seria o suficiente para mim."

Ela é católica.

A única igreja católica em Idlewood é a minha.

Perfeito.

Impedi que um dos meus futuros discípulos cometesse suicídio.

"Eu chamo isso de besteira", suspiro, mantendo-a parada. "Há pessoas muito piores do que você merecendo um lugar no Inferno", brinco, tentando aliviar o

clima.

"É?" Ela questiona. "Você nem me conhece."

"Por que você está chorando?" Seu lábio inferior começa a tremer.

"O que é isso, uma porra de confissão?" Ela pergunta, sua raiva aumentando.

"É assim que eu vejo: você tem duas opções. Me conte o que aconteceu e tire isso do seu peito, ou sente aqui e se afunde nisso, veja onde isso te leva.

Se você realmente quisesse morrer, você teria começado com o corte vertical." Ela zomba quando eu a chamo. Ela sabe que eu estou certo.

"Como você sabe-"

"Arregace a manga", eu digo bruscamente, interrompendo-a.

"O que-"

"Arregace as mangas", exijo novamente.

Relutantemente, ela começa a arregaçar minha manga, mantendo o olhar fixo à frente. A cicatriz vertical irregular que corre pelo meu pulso é um lembrete feio de um passado do qual não consigo escapar.

Ela engole em seco, seus dedos roçando levemente a cicatriz, seu toque surpreendentemente gentil.

"Eu sei porque não fiz o corte horizontal", eu sussurro. "E adivinha? Não fez a dor ir embora. Não mudou nada. Meus problemas ainda eram meus.

Então por que você não me conta o que há de errado antes que você sangre até a morte no parque-"

"Fui estuprada", ela soluça, meu coração se enchendo de dor. "Ele machucou minhas costelas, quebrou minha clavícula, gravou tudo e

, q

, g

mostrou para sua fraternidade." Ela move sua mão ilesa para seu pulso sangrando. "Eu pensei que a faculdade seria minha fuga, e em vez disso, eu andei

em um pesadelo pior do que aquele em que vivi aqui. Eu o denunciei, mas seus irmãos de fraternidade destruíram as evidências, então tudo o que eu pude fazer foi voltar para casa neste inferno.

Todo mundo pensa que sou psicótico e que tive algum tipo de colapso mental."

"Qual o seu nome?"

"Eden. Não vai demorar muito para você descobrir meu sobrenome nesta cidade."

Segurando-a firme, respiro fundo, trêmulo.

"Vejo você na igreja, Eden", sussurro, o nome dela saindo da minha língua e mexendo com algo dentro de mim.

"Eu não sou-"

"Você quer uma solução? Vá à igreja e deixe Deus lhe dar um anjo da guarda."

"Deus nunca me ajudou. Não sei por que ele começaria agora."

Eu aperto mais forte meu aperto em volta da cintura dela. "Então por que estou aqui?", pergunto, algo sobre ela me puxando mais fundo que não consigo explicar. Eu guio sua mão livre para sua ferida aberta. "Coloque pressão no seu pulso", eu insisto.

"Agora me diga que você vai para casa. E que não fará isso de novo."

Talvez seja meu chamado a Deus, ou apenas porque posso sentir sua necessidade de se rebelar contra mim, mas ter o comando sobre sua escolha de viver me faz ficar pendurado em cada palavra dela.

Ela balança a cabeça. "Eu vou", ela soluça. "Mas isso não vai mudar nada."

Eu zombo, segurando-a firme.

"Eu prometo a você, Eden. Esta não será a última vez que nos encontraremos."

Antes que ela possa me dar uma boa olhada, eu a solto e giro nos calcanhares, abaixando a cabeça enquanto enfio minhas mãos ensanguentadas nos bolsos. Eu me movo rapidamente, passando pelos arbustos para me esconder da vista. Eu volto para as ruas, indo direto para o meu carro. Deslizando para o banco do motorista, eu me inclino para trás, observando pela janela enquanto ela sai para a rua, seus braços escondidos sob seu capuz. Ela olha ao redor, confusa, mas agora usando sua cruz novamente. Uma pequena sensação de satisfação se instala em meu peito.

Observo enquanto ela passa a mão pelos cabelos, suspirando em derrota.

Mesmo em seu estado quebrado, há uma beleza impressionante nela, algo cru e real que me atrai. Olho para minhas mãos, ainda manchadas com seu sangue. O vermelho brilhante me incomoda, um lembrete da dor profunda que ela carrega.

Dor assim te consome. Te devora vivo.

Talvez outra saída pudesse aliviar seu sofrimento.

O pensamento desliza em minha mente, e eu tenciono meu maxilar, tentando não focar no sangue em minha pele. Mas a necessidade se insinua, sem ser convidada — selvagem, insistente.

Uma necessidade de ver aquele sangue novamente, mas em um contexto diferente.

Uma de prazer e não de dor.

Bloqueie isso.

Você a ajudou. Você a trouxe de volta para a igreja.

"Porra."

Pego meu telefone, me odiando pelo que estou prestes a fazer.

Lamentavelmente, abro as redes sociais, estreitando minha busca para Idlewood, e digito o nome dela na barra de pesquisa.

Não demora muito para encontrá-la. Eu rolo a página dela, segundos se transformando em minutos e desejo se transformando em necessidade.

Quando desliguei meu telefone, apenas um nome consumia meus pensamentos.

Éden Faulkner.



Não há mal nenhum em saber o nome dela... Certo?

Filipenses 4:19 (NVI) “E meu Deus suprirá todas as suas necessidades de acordo com a Sua vontade.

riquezas na glória por Cristo Jesus.”

Capítulo 14

Éden

O cheiro forte de uma fogueira crepitante nos atinge em uma nuvem de fumaça, forçando Aiden e eu a tossir. O cheiro de erva daninha e carvalho se mistura no ar, a fumaça densa e sufocante enquanto parece nos seguir.

Aiden não me pressionou mais sobre o que estava acontecendo entre o Padre Briar e eu, e nossa viagem até aqui foi principalmente tranquila.

As montanhas engolem o sol, lançando no céu cores ricas e desbotadas. Eu coloco minha bolsa mais alto no meu ombro, me perguntando por que eu me

incomodei em trazer um maiô. A chance de eu deixar alguém ver meu corpo é pequena.

Mas eu deixaria Roman ver meu corpo. Eu o deixaria fazer muito mais do que apenas vê-lo.

Eu afasto os pensamentos sobre Roman enquanto chegamos ao The Overlook. Um grupo de cinco está reunido ao redor do fogo. Alguém dedilha um violão enquanto os outros conversam preguiçosamente. Ao ver

o carro de merda do Zack estacionado perto dos outros, eu engulo o nervosismo que ameaça vir à tona.

O medo que vi em Zack quando entrei na catedral foi alarmante e satisfatório.

Mas agora, parece que tenho um alvo nas costas depois do que Roman fez com ele.

Aiden para de repente e agarra minha mão antes que os outros nos notem, seus olhos me examinando com preocupação. “Tem certeza de que não quer falar sobre o que aconteceu na catedral? Zack estava lá? Ele disse alguma coisa para você?”

"Não, não aconteceu nada", sorrio, esperando que seja convincente o suficiente para fazê-lo seguir em frente. "Passar um tempo na igreja parece uma tortura", admito, sem mentir totalmente.

Passar um tempo sozinho com Roman é uma tortura.

É torturante o quanto eu quero que ele explore meu corpo.

Explorar o que quer que esteja acontecendo com Roman ainda mais não leva a nada de bom. Quando estou com ele, parece que estou no topo do mundo, flertando com o perigo. Mas no momento em que estou longe, tudo desaba, me deixando sozinha com meus pensamentos cruéis.

"Podemos inventar uma desculpa para você pular seu horário de serviço", ele sugere, sorrindo, tentando ajudar com o pouco que sabe.

"Eu agradeço, Aiden", eu respondo, apertando sua mão. "Mas eu prefiro que o

papai se concentre no que estou fazendo certo do que no que estou fazendo errado."

Aiden franze a testa, claramente descontente. "A última coisa que o papai merece é que qualquer um de nós se importe com o que ele quer." Ele balança a cabeça, se afastando de mim enquanto uma voz familiar nos chama,

"Aiden, Eden!" Zoey grita, seus cachos escuros balançando enquanto ela acena para nós, segurando uma bebida em uma das mãos.

Luca para de dedilhar seu violão e olha em nossa direção, seus olhos encontrando os meus com um sorriso, despertando um calor em meu peito.

Essa é uma pessoa em quem eu deveria me concentrar.

Esta é uma pessoa segura.

Roman é perigoso. Proibido. Fugaz. Nada mais que um teste.

E numa eu falhei miseravelmente.

Enquanto subíamos a colina, vejo algumas pessoas passando um baseado, parando quando nos aproximamos, nos dando um sorriso acolhedor. Todos, exceto Zack.

Seu capuz está puxado para baixo, escondendo o curativo em sua cabeça, e seus olhos evitam deliberadamente os meus.

Copos cheios de um líquido vermelho brilhante são passados de mão em mão, e noto duas caixas de vinho sobre um tronco — o mesmo tipo usado para a Comunhão.

A ironia não me passou despercebida.

Luca coloca sua guitarra de lado e dá um tapinha no lugar ao lado dele. Eu sento, enfiando minhas mãos nos bolsos enquanto seu ombro cutuca o meu.

"Que bom que você veio", Luca diz, sua voz calorosa e acolhedora. Zack e Nathan abaixam suas cabeças enquanto Aiden se junta a nós, a tensão palpável.

Acho que Aiden está mantendo distância desde que tudo aconteceu.

"O que diabos aconteceu com você?", pergunta Aiden, pegando o baseado de um dos garotos, estreitando os olhos para Zack.

"Zack conseguiu escorregar e bater a cabeça na fonte de água benta", diz Zoey, com o tom cheio de sarcasmo enquanto toma um longo gole.

Zack me encara, sua expressão é uma mistura de raiva e desconforto, como se estivesse esperando que eu desafiasse a mentira que ele contou aos outros.

Eu encontro seu olhar, minha voz baixa e deliberada. "Você deveria ter mais cuidado. Poderia ter sido muito pior."

A tensão paira no ar, espessa e pesada. Há um entendimento tácito entre nós — uma ameaça envolta no disfarce de preocupação.

Zack balança a cabeça e toma um gole, seus olhos fixos em mim. "Como foram as horas de serviço com o Padre Briar, Eden?" Zack zomba. "Você aprendeu alguma coisa... útil?"

Eu me mexo desconfortavelmente, olhando feio para ele.

"Ele parece um verdadeiro idiota", diz Luca, olhando para o fogo. "Não que eu tenha tido muitos problemas com o cara."

"Quem é o Padre Briar?", pergunta um dos amigos de Luca, mas Zack me interrompe antes que eu possa responder.

"O novo padre de Saint Michael. Você deveria vê-lo. Ele parece um pouco mais velho que nós. E tem umas tatuagens de aparência fodida", Zack retruca. "Ele parece gostar de Eden. Gosta mesmo. Sabe, estou muito atrasado nas minhas horas de serviço, mas nenhuma vez ele se interessou pessoalmente por mim—"

"Eu contei a ele sobre o que você fez", Aiden interrompe, sua voz afiada.

Nós nos viramos para olhar para ele.

"O que diabos ele quer dizer?" Luca pousa o copo, apoia os cotovelos nos

joelhos e encara Zack.

"Continue, Zack," Aiden cospe. "Já que você está tão ansioso para agitar a merda, por que você não conta ao nosso novo amigo aqui como você rasgou o suéter de Eden—"

"Está tudo bem, Aiden", sussurro, interrompendo-o.

"Éden—"

"Eu disse que está tudo bem!" Eu estalo, o grupo caindo em um silêncio desconfortável. Eu fecho os olhos com Zack, minha voz baixa e perigosa.

"Zack sabe exatamente o que vai acontecer se ele for tão estúpido de novo."

"Certo", Zack murmura, assentindo enquanto toma outro gole. "Porque sou eu quem precisa ter cuidado, não é mesmo, Eden?" Ele acrescenta, seu tom pingando sarcasmo.

"Jesus, vocês todos parecem selvagens pra caralho." Zoey revira os olhos, soluçando alto enquanto enche sua taça com mais vinho. Assim que termina, ela caminha até onde estamos sentados, empurrando Luca para o lado, enfiando sua taça no meu peito.

"Beba. Confie em mim, acho que você vai precisar."

"Eden não bebe", Zack provoca. "Ela pula toda comunhão. Qual é o motivo disso, Eden?"

As palavras provocativas de Zack pairam no ar, e posso sentir o peso dos olhares de todos em mim.

Por meses, eu resisti — evitei o álcool como uma praga. Não porque eu seja um santo devoto, mas porque eu sei o que acontece quando eu baixo a guarda.

Mas hoje à noite, tudo parece diferente. A tensão, a pressão da insistência implacável de Zack, o constante empurra e puxa com Roman — tudo isso pesa em mim como um cobertor sufocante. O gosto da rebelião, de fazer algo que todos menos esperam, de repente parece uma maneira de retomar o controle.

Olho para o copo que Zoey empurrou para minhas mãos, o líquido vermelho chapinhando perigosamente perto da borda. Uma parte de mim sabe que isso é uma má ideia, que é um passo para trás, mas outra parte de mim — a parte que está cansada, desgastada e desesperada por uma saída

— quer abafar o barulho, mesmo que por pouco tempo.

Talvez seja a necessidade distorcida de desafiar Zack, de mostrar a ele que não sou tão previsível quanto ele pensa.

Ou talvez seja a percepção crescente de que Roman penetrou mais fundo na minha mente do que eu gostaria de admitir, e eu só preciso de algo —

qualquer coisa — para afastar esses pensamentos, mesmo que seja temporário.

"Eden, você não precisa fazer isso se não quiser", Luca diz suavemente, sua voz uma âncora calma na tempestade que está acontecendo dentro de mim.

Mas nem mesmo o calor de Luca, sua presença gentil, foram suficientes para me parar dessa vez.

Dou a ele um pequeno sorriso reconfortante, mas parece vazio. Minha mão aperta o copo, e faço minha escolha.

"A razão pela qual não bebo, Zack", eu sibilo, levando a xícara de Zoey aos meus lábios e tomando um gole desafiador do líquido vermelho amargo. O

gosto é forte, mas eu não paro. Eu bebo até a xícara ficar vazia, o vinho tinto escorrendo pelo canto da minha boca. Eu o tiro com a manga, sentindo



o calor se instalar desconfortavelmente em meu estômago enquanto me levanto para encher a xícara novamente.

"Porque da última vez que fiz isso, acordei em um quarto de hospital", digo, minha voz fria enquanto despejo mais vinho na xícara. Olho para o líquido vermelho, as memórias que ele desperta, fazendo minha pele arrepiar. "E eu não era mais virgem", murmuro, olhando para a xícara. O grupo está em silêncio,

seus olhos fixos em mim enquanto bebo a segunda xícara sem hesitar.

"A pior parte", digo, com a voz trêmula, "é que a única coisa de que me lembro claramente... é do som dos meus próprios gritos."

Eu jogo a xícara no fogo crepitante e enfio as mãos nos bolsos. Olho para Aiden, seu rosto pálido, abatido.

"Naquela noite, eu voltei para casa", eu sussurro, as palavras com gosto de cinzas. "Eu fugi do hospital antes que eles pudessem ligar para a mamãe e o papai." Minha respiração estremece enquanto eu continuo. "Eric ficou longe com tudo isso. E assim fizeram todos os outros caras daquela fraternidade que ele deixou entrar na sala conosco."

O álcool me atinge com força, meu estômago vazio amplificando seus efeitos. Pego a bainha do meu moletom e o puxo para cima, revelando as marcas profundas de arranhões que Eric deixou, agora misturadas aos cortes de navalha que infligi a mim mesmo depois.

"Minha clavícula ainda está se curando", digo suavemente, tocando a pele ainda descolorida. "Assim como minhas costelas."

As marcas de unhas cicatrizando ardem quando passo meus dedos sobre elas. "Ele me agarrou com tanta força quando tentei fugir que ele arrancou algumas das unhas."

Viro-me para Zack e balanço a cabeça em desgosto.

"Comecei a cortar no dia seguinte que cheguei em casa", sussurro, mordendo com força a parte interna da bochecha para não quebrar. "Então aí está sua porra de história, Zack." Minha voz fica mais aguda enquanto arrebatro uma garrafa de vodka de Nathan.

"Sinta-se à vontade para contar a Deus", eu digo, abrindo a tampa e erguendo a garrafa em um brinde de brincadeira. "Eu não poderia me importar menos com o que Ele pensa."

Com isso, tomo um longo e ardente gole da garrafa e vou embora, deixando o grupo em um silêncio atordoado. Ninguém ousa dizer uma palavra enquanto me observam ir, o peso do que revelei pairando pesado no ar.

"Éden", Luca me chama, sua voz cheia de preocupação, mas continuo andando em direção à beira da água.

Uma mão agarra meu braço, me puxando para parar. Giro nos calcanhares, pronta para surtar.

"Luca, não preciso que você olhe para mim como um cachorrinho chutado.

Não era esse o ponto." Eu sibilo, olhando para ele. "Não preciso de mais nenhum idiota religioso na minha vida fingindo se importar comigo."

Ele fecha a boca, respira fundo e então, para minha surpresa, se aproxima.

"Quem disse que eu sou só mais um babaca religioso?" Ele pergunta, sua voz firme. "E quem disse que eu não me importo?" Sua mão se estende, segurando meu rosto, seus polegares gentilmente roçando minhas bochechas.

Eu agarro seus pulsos, meus olhos se estreitando. "Você não me conhece", eu sussurro asperamente. "Por que diabos você se importaria?"

Ele dá de ombros, seu olhar firme. "Olha, nós poderíamos passar semanas nos conhecendo, construindo algo, ou você poderia simplesmente aceitar que às vezes, as pessoas se importam mesmo depois de apenas um encontro", ele diz, suas mãos gentilmente retornando ao meu rosto. "Você acha que eu realmente gosto de andar com um bando de maconheiros e lidar com o caos de Zoey?" Ele sorri levemente, balançando a cabeça. "Aiden é legal, mas eu vim aqui por você. Para te conhecer. O padre Briar estragou nossa primeira cena, mas ele não está aqui agora", ele diz, olhando ao redor antes de olhar de volta para mim. "Então, me diga para me foder, ou me deixe entrar e me mostre quem é o verdadeiro Eden Faulkner."

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, encurto a distância entre nós e pressiono meus lábios nos dele.

Ele me puxa para perto, e eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, me inclinando para o beijo. Seus lábios são macios, mas eu preciso de controle — algo real. Mordo seu lábio inferior com força suficiente para tirar sangue. Ele engasga contra minha boca, sua língua deslizando pelos meus lábios enquanto o beijo se torna feroz e cru. O gosto do seu sangue se mistura com o vinho na minha língua enquanto ele me empurra para a árvore mais próxima, a casca

áspera raspando minha pele.

Dor é boa.

A dor é necessária.

"Merda," Ele respira, se afastando um pouco, uma gota de sangue em seu lábio.
"Eu não queria te empurrar com tanta força—"

Agarrando-o pela gola, puxo-o para perto.

"Eu não sou quebrável, Luca", eu sibilo. "Não me trate como se eu fosse."

Seus olhos se arregalam, sangue ainda em seu lábio. Minha mente pisca para Roman—

Passo a língua pelo sangue no lábio inferior de Luca, e ele me encara incrédulo, a tensão em seu corpo é inconfundível, seu pau ficando duro contra mim sob sua calça de moletom cinza escuro.

Espero que ele assuma o comando, me agarre, faça alguma coisa...

"Talvez devêssemos ir mais devagar", diz Luca, com o rosto vermelho.

Porra.

Eu errei.

Passando a mão pelos cabelos, inclino-me para trás, encostando-me na árvore.

"Sinto muito, Luca. Sei que foi muita coisa—"

"Não é isso", ele diz, sua voz suavizando enquanto ele olha nos meus olhos.

"É só que... eu quero que isso signifique alguma coisa, Eden. Não só por esta noite, mas de verdade. E agora, parece que você está carregando muito peso nos ombros. Eu não quero ser outra coisa da qual você se arrependerá de manhã."
Ele passa a mão pelo meu braço, pegando minha mão. "Além

disso, eu não acho que Aiden precise de outro motivo para ficar puto esta noite", ele acrescenta com um sorriso gentil.

A gentileza de Luca brilha, uma luz em toda essa escuridão.

O problema é que eu não quero a luz.

Eu anseio pela escuridão.

Eu anseio por Roman.

Mas está errado.

Está tudo tão errado.

"Ei", Luca diz suavemente, me impedindo de roer as unhas. "Você pode olhar para mim?" Hesito, mas então encontro seu olhar.

"Não me arrependo de nada que aconteceu. A coisa do sangue era nova", ele admite, tocando o lábio nervosamente. "Mas estava longe de ser um desestímulo se é isso que te preocupa. Só não acho que tocar em você enquanto você está bêbado seja a coisa certa a fazer."

Deus, esse homem é tão gentil.

Por que diabos estou mais seco que o Deserto do Saara agora?

"Certo", forço um sorriso. "Acho que me empolguei um pouco."

"Peça desculpas", Zoey exige, arrastando Nathan e Zack pelas orelhas, com Aiden atrás dela. O amigo de Luca segue, mal segurando o riso.

Luca fica na minha frente, parecendo irritado, enquanto eu me inclino para trás contra a árvore, tentando me equilibrar.

Os meninos param cambaleando, ambos claramente envergonhados.

"Peça desculpas, ou alguém vai te segurar enquanto eu te dou um chute bem no meio do pau", Zoey ameaça, com a voz áspera.

"Tudo bem, tudo bem. Sinto muito, Eden", Nathan murmura, balançando a cabeça em derrota.

"Bom", Zoey retruca. "Agora você, Zack."



"Está tudo bem", interrompo, olhando para a cabeça enfaixada de Zack.

"Certo, Zack?", pergunto, minha voz mais suave enquanto o observo atentamente.

"Águas passadas, Faulkner", ele diz com um sorriso, embora haja algo perturbador em seu tom. "Então, onde fica esse lago de que Zoey está falando?"

Capítulo 15

Éden

conversando com o grupo, fico para trás com Luca, nossos dedos entrelaçados enquanto me apoio nele W. Mais à frente, Zoey tagarela sem parar com Aiden, cutucando-o até que um sorriso genuíno finalmente surge.

Zack continua olhando para mim, seu olhar queimando em mim, mas mantenho meu foco em qualquer outro lugar.

A trilha se abre para um pequeno lago, cujas águas refletem as cores vibrantes do sol poente. A cena é pacífica, quase surreal, enquanto a floresta nos cerca como uma barreira protetora. Luca, carregando nossas duas bolsas nas costas, me dá um aceno tranquilizador.

"Se você estiver preocupado que alguém possa te ver, posso segurar uma toalha até você entrar na água", ele oferece com um sorriso gentil.

Um zumbido no meu bolso quebra o momento entre nós. Puxando meu telefone

para fora, meu estômago embrulha quando vejo o nome do contato na minha tela.

Romano.

Por que diabos ele está ligando?

Não posso responder isso. Não aqui.

Clico em declínio e olho em volta enquanto os outros começam a se despir e mergulhar na água fria.

"Vá em frente", sorrio para Luca, sentindo meu telefone vibrar novamente.

"Tenho que atender — é meu pai."

Ele acena, aceitando a desculpa, e faz algo inesperado. Ele se inclina e beija minha bochecha, um gesto doce e reconfortante que me pega desprevenida.

Eu o observo enquanto ele tira o moletom, seu corpo é uma visão bem-vinda. Enquanto isso, o telefone vibrando no meu bolso começa a parecer que está queimando um buraco nas minhas calças.

Atendo a chamada, estalando. "O que você quer?"

"Onde você está?", Roman pergunta, ignorando completamente minha pergunta.

Zoey grita quando Aiden tenta mergulhá-la na água.

"Não é da sua conta, pai", eu balbucio, o álcool confundindo meus pensamentos.

"Você andou bebendo?", Roman pergunta, com descrença estampada em sua voz.

Eu sorrio, sentindo um calor se espalhar no meu estômago ao som da voz dele. "Talvez."

"Eden, o que diabos você está fazendo—"

"Éden!" Luca grita, acenando da água. "Entra! É uma sensação incrível pra

caralho!" A água gruda em seu corpo perfeitamente esculpido, cada ondulação destacando seus músculos, tornando a tentação quase impossível de resistir.

Mas é a voz de Roman que lança um fogo entre minhas coisas.

É



"É o maldito garoto do café?" O tom de Roman está carregado de raiva.

"É", suspiro, incapaz de resistir a cutucar o urso. "Zack está aqui também.

Você realmente fez um estrago nele, pai—"

"Eden, não estou brincando. Onde você está—"

"Ei", Luca diz, me alcançando enquanto abaixo o telefone. "Está tudo bem?"

Em vez de responder, eu o puxo para um beijo, certificando-me de que Roman possa ouvir. Luca envolve seus braços em volta de mim, seus lábios descendo até meu pescoço, cada beijo enviando um arrepio através de mim que me faz rir.

"Eu poderia me acostumar a ser recebido assim", Luca ri, afastando-se com um sorriso.

Levo o telefone de volta ao ouvido: "Desculpe, pai, estou meio preocupado agora..."

"Você está no reservatório. Estou indo", Roman diz friamente antes que a linha fique muda, me deixando olhando para a tela preta.

Assobios e aplausos do grupo enchem o ar enquanto Luca e eu nos beijamos novamente, mas meus nervos estão à flor da pele.

"Vocês estão prontos?", pergunta Luca, completamente alheio à tempestade que se aproxima.

Guardando meu telefone de volta no bolso, olho para a água. "Claro", sorrio, arrancando minhas roupas. Pego a mão de Luca e corro em direção à água.

Uma hora depois, encharcados até os ossos, voltamos para nossos carros. O

moletom de Luca é um peso reconfortante enquanto me agarro às suas costas, suas mãos roçando minha pele cicatrizada com uma intimidade casual que me dá arrepios na espinha.

Zoey está quase desmaiada nos braços de Aiden, com a cabeça balançando enquanto ele luta para mantê-la de pé.

"Vou levar Zoey para casa e trazê-la de volta para pegar o carro amanhã de manhã", diz Aiden, ajeitando seu corpo flácido.

"Eu levo o Eden", Luca oferece, seu sorriso caloroso. "E eu te ajudo com o carro da Zoey amanhã se estiver tudo bem para você, Eden."

Aiden olha para mim, esperando minha aprovação. Eu dou um pequeno aceno, forçando um sorriso.

Depois que acomodamos Zoey no meu carro, cruzo os braços e espero perto da caminhonete de Luca, sentindo o peso de um olhar nas minhas costas.

"Então, com quem você realmente estava falando ao telefone?" A voz de Zack corta a noite, baixa e perturbadora.

"O que você quer dizer?", pergunto, virando-me para encará-lo.

Ele se inclina contra a caminhonete de Luca, acenando com a cabeça lentamente e deliberadamente, os olhos fixos nos meus com uma intensidade que faz minha pele arrepiar.

"Seu pai saiu para beber com o meu hoje à noite. Não tem como ele ter ligado para você. Então, com quem você estava falando que te deixou tão nervoso?" Zack pergunta, se aproximando, sua voz pingando suspeita.

"O que você está insinuando, Zack?", pergunto bruscamente, estreitando os olhos para o bastardo arrogante.

"Algum problema?" A voz de Luca interrompe, calma, mas firme, enquanto ele se coloca entre nós, seu corpo me protegendo de Zack, braços cruzados em um aviso silencioso.

"Sem problemas", Zack diz com um sorriso que não alcança seus olhos, levantando as mãos em falsa rendição. "Tenha uma boa noite." Zack se afasta, girando casualmente suas chaves no dedo.

"Você está bem?" Luca pergunta, preocupação piscando em seus olhos. A voz irritada de Roman da ligação anterior ainda ecoa em minha mente, me deixando inquieta.

"Sim", sorrio, olhando para sua caminhonete. "Pronto para ir?"

Ele assente e abre a porta, observando-me enquanto deslizo para o banco do passageiro. Quando olho em volta, o interior da caminhonete de Luca parece habitado, longe do interior frio e imaculado do 4Runner de Roman.

Equipamentos esportivos estão empilhados aleatoriamente no chão, e papéis espalhados estão enfiados nos cantos, uma mistura caótica de tarefas escolares e rotinas de exercícios. O leve cheiro de suor e colônia permanece no ar, misturando-se ao cheiro terroso de grama molhada do nosso mergulho. É bagunçado, despretensioso e inteiramente Luca.

Ele olha para mim, com um sorriso malicioso nos lábios enquanto gentilmente coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

"Está se sentindo melhor?", ele pergunta, sua voz suave. Minha euforia diminuiu, me deixando mais lúcido.

"Se você está perguntando se eu lembro e se eu me arrependo do beijo, sim, eu lembro", eu sussurro, me inclinando para mais perto, fechando a distância sobre o braço da cadeira. "E não, eu não me arrependo."

Os olhos de Luca caem sobre meus lábios, e ele os fecha, deixando escapar um gemido de rendição.

"Você está tornando muito difícil lembrar que você estava bebendo", ele murmura, suas bochechas corando enquanto uma tensão familiar pressiona contra seu moletom. Ele move sua mão para seu colo para se ajustar, envergonhado.

"Eu não bebi hoje à noite para esquecer", minto, substituindo a mão de Luca pela minha. Meus dedos se enrolam em seu comprimento endurecido através de seu

moletom, seus olhos se arregalando com o contato repentino.

"Eu fiz isso para me dar confiança para meu pequeno discurso", murmuro, olhando para baixo, "e para isso".

A cabeça de Luca está pressionada contra o encosto, com uma expressão de conflito nos olhos.

"Eden, depois do que você disse—"

"Só observe", eu sussurro, deslizando minha mão até sua cintura, puxando-a para baixo apenas o suficiente para revelar sua cueca.

Antes que ele possa protestar, abaixo minha cabeça, silenciando-o com o toque dos meus lábios contra ele, provocando-o através do tecido fino de sua boxer. Um suspiro assustado de prazer escapa dele enquanto eu beijo

para cima e para baixo o comprimento de seu pau, tentando-o com roçar o tecido que cobre seu pau.

Espero o puxão forte e familiar no meu cabelo, antecipando a aspereza que geralmente se segue.

Em vez disso, seus dedos deslizam suavemente pelos meus cabelos, oferecendo apenas toques ternos.

Oh.

Eu me repreendo por esperar algo diferente do seu toque gentil, mas não paro.

Agarrando a bainha de sua cueca com meus dentes, lentamente começo a puxar o material para baixo, seus olhos se arregalando em resposta...

"Eden", ele interrompe, sua mão gentilmente segurando meu queixo, levantando meu olhar para encontrar o dele.

"Confie em mim, eu quero isso", ele murmura, enquanto uma luz repentina se aproxima por trás de nós. "Mas você ainda está bêbada", ele sussurra, "e temos companhia".

Levanto a cabeça e olho para fora, encarando diretamente as luzes ofuscantes de um carro estacionado atrás de nós. Uma porta de carro bate, e Luca ansiosamente mexe nas calças enquanto nós dois observamos uma figura encostada em sua caminhonete.

A escuridão obscurece a figura, e Luca, alarmado, alcança a maçaneta da porta.

"Espere", eu sussurro, piscando até que o contorno escuro de um 4Runner entra em foco.

"Porra", murmuro, sentindo a mão de Luca esfregando minhas costas.

"Quem é—?"

"É o Padre Briar", eu sibilo, vendo a cabeça de Luca balançar em descrença.

"Seu maldito padre?", ele pergunta, incrédulo, enquanto minha mente luta por uma explicação.

"Meu pai deve ter dito algo a ele", eu retruco, mentindo sem esforço.

"Aiden e eu dissemos a ele que iríamos ao "Estudo Bíblico" com um grupo de amigos hoje à noite. Meu palpite é que ele ligou para o Padre Briar, pois sabia que eu tinha um horário de serviço com ele mais cedo hoje. Ele é extremamente controlador."

"Como ele te encontrou?", pergunta Luca, genuinamente confuso.

"Não sei", admito honestamente. "Vou falar com ele."

Quando estendo a mão para a maçaneta da porta, Luca segura minha mão.

"Talvez me deixe—"

"Não," eu o interrompi, parando-o antes que ele pudesse insistir. "Eu entendi."

Saio, encolhendo-me ainda mais no moletom de Luca enquanto me aproximo de Roman, que está encostado na lateral da caminhonete, com o capô fechado e as mãos enfiadas nos bolsos.

"O que diabos você está—"

Ele vira a cabeça, revelando um olho machucado e cabelos rebeldes.

"Jesus Cristo—"

"Cuidado com a boca", Roman retruca, sua voz afiada com frustração. Há um forte cheiro de álcool em seu hálito.

Seus olhos percorrem meu corpo, estreitando-se ao ver o moletom enorme.

"É isso. .

"Do Luca?" Ele murmura, seu olhar se voltando para a caminhonete. "Este é o carro dele?" Ele puxa a bainha do meu moletom, seus olhos se demorando em minhas pernas nuas.

"Como diabos você me encontrou?", eu retruco, pressionando minha mão contra seu peito para impedi-lo de diminuir a distância entre nós.

"Seu pai pode conhecer pessoas, Eden", ele murmura, inclinando-se para mais perto. "Mas eu também."

Eu balanço minha cabeça, minha voz baixa e cortante. "Você é inacreditável pra caralho", eu digo, dando uma olhada nele. "Você percebe que está

cruzando o território de perseguidores, certo?"

Roman zomba, descartando minhas palavras com um movimento de seu pulso. "Ele tocou em você?"

"O que—"

"Eu perguntei se ele tocou em você, porra?"

"Sim!", grito, olhando nos olhos dele. "Ele me beijou sem um pinga de vergonha", ferveo, observando a expressão de Roman endurecer. "E logo antes de você aparecer, eu estava com a cabeça no colo dele, beijando a lateral do seu pau, pronta para—"

"Eden?" A voz de Luca corta a tensão. Roman e eu nos viramos para encará-lo, nossos corpos a centímetros de distância. "O que diabos está acontecendo?" Ele

pergunta, seu tom cheio de confusão enquanto ele se atrapalha com suas roupas.

O olhar de Roman permaneceu fixo em Luca, sua voz um sussurro mortal.

"Volte para o seu carro e vá embora. Agora."

"Romano—"

"Não, está tudo bem, Eden", Luca diz, sua voz firme, mas cheia de raiva.

"Acho que é hora de *você* ir embora, Padre Briar. Você está aqui, perseguindo-a como um canalha—"

Roman avança em Luca como um predador, agarrando sua camisa e jogando-o contra a lateral do caminhão. Os olhos de Roman queimam com uma fúria selvagem, seu aperto inflexível.

"Eu disse para voltar para o seu carro de merda", Roman rosna, sua voz baixa e perigosa. "Antes que eu arranque seu pau mole e o enfie na sua garganta." Minhas mãos puxam a camisa de Roman, desesperadas para quebrar seu domínio sobre Luca.

"Roman, deixe-o em paz!" Eu grito, mas ele nem se mexe.

"Foda-se, seu louco bastardo!" Luca engasga, lutando contra o aperto de Roman. A mão de Roman se enrola em volta da garganta de Luca, sua expressão nada menos que loucura.

"Último aviso", Roman sibila, observando o rosto de Luca ficar vermelho e ele ficar sem ar.

"Roman, pare!" Eu grito, batendo em suas costas, minha voz quebrando com pânico. "Eu vou com você, apenas deixe-o ir!" Eu grito, minhas palavras finalmente cortando a névoa de raiva nos olhos de Roman.

Seu corpo fica rígido, como se percebesse que ainda estou aqui.

Lentamente, Roman solta Luca, que cai no chão, apertando a garganta e tossindo. Eu empurro Roman para o lado, ajoelhando-me ao lado de Luca, com lágrimas brotando em meus olhos.

"Só vá", eu sussurro, minha voz tremendo. "Eu vou ficar bem. Por favor, só vá." Eu olho para Roman, a decepção em meus olhos mais afiada do que qualquer palavra poderia ser. "Você está feliz agora?"

Enquanto ajudo Luca a se levantar, ele tenta me puxar com ele, com preocupação estampada em seu rosto.

"Eu tenho que ir com ele", murmuro, inventando uma mentira na hora. "Ou então meu pai fará algo pior." A verdade — que Roman pode matá-lo se eu ficar — se aloja como uma pedra na minha garganta.

Luca parece em conflito, seus olhos alternando entre mim e Roman, que está parado ao lado do carro, com o maxilar cerrado.

"Vá para casa, Luca, por favor. Eu vou ficar bem", suspiro, forçando minhas mãos a se soltarem. "Eu nunca deveria ter arrastado você para minha confusão", peço desculpas, observando enquanto ele acena lentamente, sua expressão é uma mistura de mágoa e confusão.

"É", ele sussurra, sua voz tensa. "Talvez eles estivessem certos sobre você."

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago, me deixando sem fôlego enquanto ele se vira e sobe em sua caminhonete. O motor ruge para a vida, e ele vai embora, uma nuvem de poeira girando ao meu redor, espessa e sufocante.

Volto-me para o carro de Roman, com a raiva fervendo logo abaixo da superfície da minha pele.

Se ele quiser entrar na minha vida...

Multar.

Vamos ver até onde ele está disposto a ir nessa loucura.





Capítulo 16

Éden

Roman bate a porta, olhando pela janela do motorista, seu aquecedor ligado para lutar contra o frio. Observando a caminhonete de Luca desaparecer na noite, suas palavras de despedida ainda doem, meu coração batendo forte no peito.

“Se divertiu?” Roman zomba.

Eu zombo. “Você é um babaca de merda,” eu sussurro. “Eu não sou sua propriedade, Roman—”

"Diga-me, você estava pensando em mim enquanto tinha aqueles lábios lindos no pau inútil dele?" Roman rosna, seus nós dos dedos brancos enquanto ele agarra o volante.

“É disso que se trata?” Eu estalo, cruzando os braços defensivamente.

“Você está bravo porque outra pessoa me tocou—”

"Ou talvez você tenha pensado em mim quando ele estava te beijando", Roman interrompe, virando-se para me encarar. O hematoma ao redor do olho dele é gritante, seus nós dos dedos ensanguentados, todo o seu comportamento áspero e desequilibrado. "Não, não pode ser o caso", ele acrescenta, deslizando a mão por baixo do moletom e entre minhas coxas.

Não consigo evitar abrir minhas pernas para ele enquanto ele se move para minha cintura, o toque enviando uma faísca através de mim.

Ele mergulha os dedos sob a parte de baixo do meu maiô, espalmando minha boceta enquanto ele abre minhas dobras e desliza o dedo médio sobre meu clitóris. Eu suspiro quando ele remove a mão tão rapidamente quanto a colocou lá. "Você nem está molhada", ele murmura, sua voz cheia de desdém. Minha mente se embaralha, o corpo cambaleia, mas nenhuma palavra vem.

Olho para sua mão, notando a ausência de seu anel. Minha respiração fica presa.

Roman levanta a mão, estudando-a como se fosse algo estranho. "Você me pediu naquela igreja para tomar uma decisão", ele diz calmamente, embora a rispidez em sua voz permaneça. "Então eu tomei minha decisão. Quando estou com você, não sou mais a mão de Deus. Você quer ver tudo, Eden?"

Tudo bem. Mas saiba que aquele anel segurou monstros que você nem consegue começar a entender", ele avisa. "Aquele toque gentil que você sentiu comigo antes? Levou tudo em mim para dar a você."

"Eu nunca pedi para você ser gentil, Roman," eu sussurro, minha voz tremendo enquanto me mexo no assento. "Eu nunca pedi para ninguém me tratar como se eu fosse uma coisa quebrada. Mas depois desta noite, não vejo isso melhorando. Eu disse a eles por que voltei para casa. Eu... eu só precisava desabafar." Eu puxo meus joelhos para o peito, sentindo o peso de tudo desabando ao meu redor.

Ele não diz nada, apenas me observa com um olhar penetrante, sua expressão ilegível.

Meus olhos captam o hematoma ao redor do olho dele, o cansaço gravado em seu rosto. Ele parece exausto — desgastado por qualquer batalha que esteja travando, tanto consigo mesmo quanto com o mundo ao seu redor. E

aqui estou eu, dividida entre querer estender a mão e tocá-lo, acalmar a dor que vejo tão claramente, e a raiva fervendo sob minha pele.

Raiva dele, de mim mesma, de toda a maldita situação em que nos encontramos.

Por que ele tem que me olhar desse jeito? Por que ele tem que ser aquele que

está sempre no controle, mesmo quando está se desfazendo? É

enlouquecedor, o jeito como ele tenta me proteger enquanto me mantém à distância, como se isso fosse tornar isso mais fácil. Como se isso fosse me fazer sentir menos culpada pela bagunça em que me tornei.

Quero odiá-lo pelo jeito que ele me fez sentir, pelo jeito que ele baixou a guarda o suficiente para me atrair, só para me afastar de novo. Mas não consigo. Em vez disso, tudo o que sinto é esse nó retorcido de culpa e desejo tão fortemente emaranhado em volta do meu coração que é difícil respirar. Seria muito mais fácil se eu pudesse simplesmente deixar ir, se eu pudesse simplesmente me afastar desse homem que nunca será verdadeiramente meu, que pertence a algo muito maior do que eu jamais poderia ser.

No entanto, aqui estou eu, sentada ao lado dele, sentindo a atração dele como a gravidade. O peso de sua exaustão, seus hematomas, seus fardos —

é tudo demais, e ainda assim não consigo desviar os olhos. Eu me importo com ele mais do que quero admitir, e isso me aterroriza. Porque sei que não importa o quanto eu o queira, nunca terei tudo dele. Nunca serei a pessoa que ele escolherá acima de tudo. Sempre serei a segunda a Deus, aos seus votos, à vida que ele jurou viver.

E talvez seja isso que mais dói. Saber que ele sempre estará fora de alcance, que não importa o quão próximos estejamos, sempre haverá essa barreira entre nós. Posso sentir a tensão crepitando entre nós, as palavras não ditas pairando pesadamente no ar. Quero estender a mão, pressionar meus dedos no hematoma em seu rosto, mostrar a ele que me importo, mesmo que não devesse. Mas não me importo. Porque tenho muito medo do que pode acontecer se eu me importar.

Então, em vez disso, eu sento aqui, travando essa guerra silenciosa dentro de mim, dividida entre desejá-lo e me odiar por isso. Não consigo deixar de me perguntar se ele está lutando a mesma batalha. Se ele sente o mesmo puxão, o mesmo anseio, a mesma culpa. Ou se ele já fez as pazes com isso, resignou-se à vida que escolheu, mesmo que isso signifique me deixar para trás.

O pensamento faz meu peito apertar, a dor é aguda e repentina.

Suspiro, cedendo ao meu desejo de estar mais perto dele. Estendo a mão, meus dedos roçando o hematoma ao redor do olho dele. Ele recua um pouco,

agarrando meu pulso com uma força surpreendente.

Olho para baixo, para seu aperto firme, mas não me afasto. "Quanto você bebeu hoje à noite?"

"Muito", ele admite, sua voz suavizando. "Depois do que aconteceu na igreja, parecia...

necessário."

Ele se inclina para mais perto, sua respiração quente contra meus lábios. "E

você? Pensei que tivesse parado de beber?" Ele trava seus olhos nos meus, boca ligeiramente aberta enquanto espera que eu responda.

"Eu fiz", eu sussurro de volta. "Mas *também* pareceu necessário depois que você passou a língua por todo o meu corpo antes e então claramente se arrependeu no momento em que terminamos. Eu não conseguia lidar com a vergonha que vi escrita em todo o seu rosto, Roman." Eu estava cansado demais para ser qualquer coisa além de honesto.

Não tenho certeza de quanto mais ele poderia me deixar de fora. Eu já tinha começado a me resignar ao fato de que isso nunca poderia ir mais longe.

A expressão de Roman endurece. "É por isso que você deixou ele te tocar?"

Você estava tentando se convencer de que ficaria satisfeita com qualquer outra pessoa?" Seu aperto no meu pulso afrouxa quando ele se estica para me tocar novamente.

Eu o paro, segurando seu antebraço com firmeza.

"Talvez eu só quisesse o pau dele na minha boca."

No momento em que essas palavras saem dos meus lábios, vejo um lampejo de raiva, rapidamente se transformando em algo mais primitivo e possessivo.

"Tudo bem", Roman sussurra, sua mão enrolando em meu cabelo e puxando minha cabeça para mais perto de seu colo.

"Você quer engasgar com alguma coisa hoje à noite?" Seus olhos olham para baixo, para a protuberância proeminente em suas calças. "Então que assim seja. Cansei de ser gentil com você."

Tento levantar a cabeça, mas ele me segura com mais força, mantendo-me firme no lugar.

"Você estava tão ansiosa para explorar Luca," Roman sibila. "Com medo de não conseguir lidar com um homem de verdade?" Ele provoca, sua voz cheia de veneno.

"Difícilmente", eu sussurro, ousando provocá-lo. "Só estou me perguntando se seu pré-goço é tão doce quanto o do Luca."

Um rosnado áspero e territorial sai do fundo da garganta dele. Ele puxa meu cabelo com tanta força que um grito agudo escapa de mim, meus olhos

lacrimando de dor.

"Se eu ouvir o nome daquele bastardo sair da sua boca de novo, você vai se arrepender." Ele olha para suas calças, a tensão entre nós é palpável.

"Agora, deixe-me sentir esses lábios bonitos."

Olho para a tensão grossa sob o tecido de suas calças e engulo em seco, sentindo o aperto de sua mão aliviar um pouco conforme me aproximo.

Atrapalho-me com o botão de suas calças, puxando-as para baixo apenas o suficiente para expor sua boxer. Meus lábios percorrem seu comprimento, sentindo o calor dele mesmo através do tecido, perdidos em uma névoa inebriante e cheia de luxúria enquanto o ouço gemer. Deixo minha língua deslizar por seu estômago inferior, sentindo o gosto do sal de sua pele enquanto beijo meu caminho até a linha dura de músculos em seu abdômen inferior.

Roman me observa, intrigado, enquanto eu pego um pouco de sua pele entre meus dentes, chupando suavemente antes de mordê-lo apenas o suficiente para deixar um pequeno hematoma.

"Porra", Roman geme, seu aperto apertando meu cabelo enquanto ele puxa minha cabeça para trás. Um sorriso tortuoso curva meus lábios enquanto ele olha

para mim.

"Você acha isso engraçado?"

Não consigo evitar sorrir mais, mas no momento em que ele abaixa mais a cueca, meu sorriso vacila diante da visão diante de mim. Roman envolve sua mão em volta de seu comprimento, acariciando-se lenta e deliberadamente. Minha respiração fica presa enquanto o observo, a realidade de seu tamanho se revelando para mim.

Ele é maior do que qualquer homem com quem já fiquei, o tipo de tamanho que normalmente me faria parar, mas com ele, tudo o que sinto é uma pulsação de necessidade entre minhas coxas que me impele a tomá-lo e fazê-lo meu.

"Venha aqui, Angel", Roman sussurra, gentilmente me puxando de volta para seu colo.

Minha boca enche d'água. Abro meus lábios e pressiono um beijo suave na ponta do seu pau. Minha língua gira em volta da cabeça, saboreando seu pré-goço salgado. Os olhos de Roman se arregalam, sua mandíbula aperta enquanto corro minha língua por seu comprimento, tentando me preparar para absorvê-lo por inteiro.

Enquanto arrasto minha língua de volta até a ponta, olho para ele, nossos olhos se encontram em um momento de compreensão compartilhada — isso é só o começo.

"Diga que você quer, Roman", eu sussurro. Eu reúno o cuspe quente que está se acumulando na minha boca atrás dos meus lábios franzidos, abrindo minha boca apenas o suficiente para deixar um rastro de umidade cair na cabeça do seu pau.

Ele sibila, sugando ar entre os dentes. Ele balança a cabeça, desejo girando em suas pupilas dilatadas.

Meus lábios se esticam em volta da ponta dele e eu chupo forte, minhas bochechas se esvaziando antes de eu soltá-lo, ouvindo um suave 'pop'

quando a sucção quebra. "Diga-me o quanto você está disposto a pecar só para me ouvir engasgar com seu pau."

Sem aviso, Roman me empurra para baixo. Abro minha boca ansiosamente para tomá-lo novamente enquanto ele empurra com força, sua ponta batendo no fundo da minha garganta. Eu engasgo com o tamanho dele, lutando para me ajustar, uma onda de euforia percorrendo meu corpo. Com os olhos semicerrados, saboreei a sensação, uma mistura de dor e prazer, meu corpo formigando com a emoção disso.

Ele guia minha cabeça em um movimento de balanço, rolando seu polegar sobre minha bochecha enquanto a saliva escapa da minha boca e pinga no meu queixo. Eu enrolo minha língua em volta dele com movimentos deliberados e sensuais.

"Lá vamos nós, Angel", ele geme, deixando-me me adaptar enquanto minha língua se move para cima e para baixo em seu eixo, o som molhado e bagunçado da minha boca o absorvendo, somado à umidade quente da minha calcinha.

"Continue me levando", ele desafia, puxando meu cabelo. Ele desacelera suas estocadas, empurrando seu pau o mais para trás que pode e segurando-o lá enquanto eu engasgo novamente. Não pronta para desistir, eu estendo minha mão para sua base, acariciando a parte dele que não cabe na minha boca.

"Assim mesmo, Angel", ele geme, jogando a cabeça para trás no assento, a mistura de álcool e adrenalina enviando uma onda de coragem através de mim.

Sentindo uma leve pulsação na base do seu pênis, sei que ele está perto de gozar.

"Você quer me provar, Eden?"

Eu simplesmente aceno, gemendo contra seu pau. Movo minha boca mais rápido, encontrando o movimento do impulso frenético de seus quadris.

Uma explosão de líquido doce e salgado desce pela minha garganta. Eu engulo, engolindo o gosto dele como se ele fosse a única coisa que pode saciar minha sede. Ele abafa um gemido alto na manga da camisa, seus olhos fechados enquanto eu tomo cada gota dele.

Eu o solto depois de ter me saciado, sentando-me, meu torso ainda espalhado sobre o console do meio. Enquanto ele abre os olhos, eu arrasto meu polegar sobre a umidade no meu lábio inferior antes de colocá-lo na boca e lambê-lo para limpá-lo.

"Putá merda, Eden," Ele sorri, puxando sua boxer para cima. "Você percebe o quão bonita você estava engasgada com meu-"

Arrancando o moletom de Luca, rastejo sobre o console e vou para seu colo, minha boceta molhada pousando em sua boxer, faminta por fricção.

Balanço meus quadris, sentindo-o endurecer novamente embaixo de mim, meu clitóris inchado tentando encontrar alívio enquanto me movo.

"Porra, Roman-"

"Continue mexendo esses quadris, linda", ele ordena, seus lábios pressionados contra meu pescoço enquanto ele move suas mãos mais para cima nas minhas costas, em direção à gravata que segura a parte de cima do meu maiô no lugar.

Tirando minhas mãos de seus cabelos, lentamente movo meus braços para trás, desamarrando-os para ele.

Enquanto o material em volta dos meus seios se solta, deslizo a blusa por cima da cabeça, enquanto Roman fica completamente imóvel enquanto me observa.

"Toque-me."

Ele se inclina para mim, seus lábios pousando no meu mamilo enquanto ele move a mão para o meu outro seio, segurando a plenitude, massageando e amassando. Observando enquanto ele leva seu tempo se banquetando

comigo, eu passo minhas mãos pelos seus cabelos, inclinando minha cabeça para trás enquanto me entrego ao prazer que corre por mim. Eu grito seu nome de novo e de novo, alcançando entre nós, esfregando meu clitóris enquanto ele mordisca meu mamilo.

Rolando meus quadris, uma onda repentina de náusea se instala, quebrando a cúpula de luxúria e euforia que nos cerca.

"Porra-" eu sibilo. Empurrando Roman para longe de mim, ele continua segurando meus quadris enquanto eu movo minha mão para o controle em seu painel de porta para abrir a janela. Eu inclino minha cabeça para fora da janela, liberando o que parece ser cada gota de álcool que bebi esta noite.

Enquanto o líquido continua saindo de mim, Roman enrola sua mão em volta do meu cabelo solto, segurando-o longe do meu rosto enquanto eu engasgo.

O constrangimento aquece minha pele enquanto inclino minha cabeça contra o metal frio da porta do carro dele.

"Eu te disse", Roman sussurra. "Pegar meu pau desse jeito vai exigir um pouco de prática." Ele pisca para mim, e eu sei que ele está tentando me fazer saber que não está me julgando.

“Muito engraçado.”

Alcançando seu porta-luvas, Roman puxa um lenço umedecido, mantendo-me aninhada em seu colo, suas mãos gentilmente me impedindo de cobrir meus seios. Ele cuidadosamente limpa minha boca, garantindo que nenhum traço de vômito permaneça em minha pele. Ele move o cabelo solto que caiu em meu rosto para trás da minha orelha e se move para escovar seu polegar ao longo da minha mandíbula, o toque enviando um arrepio pela minha espinha. Minha cabeça está pesada, meus olhos lutam para permanecer abertos.

Depois de limpar o interior do carro com o moletom de Luca, ele o joga pela janela e o enrola, nos isolando do mundo. Seu olhar nunca me deixa enquanto ele passa um dedo sobre minhas cicatrizes, seu toque surpreendentemente terno, apesar da fome em seus olhos.

Deslizando a mão até a parte de baixo do meu maiô, ele percebe que a evidência do meu desejo ainda está presente enquanto desliza os dedos pela umidade entre minhas dobras.

“Como eu disse, linda,” ele murmura, sua voz um estrondo baixo. “Eu sou o único que pode te tocar assim... o único que vai fazer você se sentir assim.”



Ele leva os dedos aos lábios, lambendo-os com um sorriso malicioso. Meu corpo instintivamente se inclina para frente, desabando nele enquanto a exaustão toma conta, minha cabeça descansando na curva do seu pescoço.

“Eu sei que disse que não queria gentileza,” eu sussurro, mal conseguindo manter meus olhos abertos. “Mas você pode, por favor, apenas—”

Sem dizer uma palavra, Roman me muda para o banco do passageiro, tirando seu moletom e me cobrindo. Ele apoia o apoio de braço do meio e me puxa de volta para ele, descansando minha cabeça em seu colo. Seus dedos gentilmente passam pelo meu cabelo, me embalando para mais perto do sono.

Ouçõ o som do carro ligando, o zumbido do motor me levando para mais perto da inconsciência.

"Você vai me arruinar, Eden", Roman sussurra, seus dedos batendo no volante.

“E temo que vou amar cada segundo disso.”

Essa é a última coisa de que me lembro antes de me perder no nada.

1 Coríntios 13:4–8a “O amor é paciente e bondoso; o amor não é

invejoso, nem se vangloria; não é

arrogante ou rude. Não insiste em seu próprio caminho; não é irritável ou

ressentido;

não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade."

Capítulo 17

romano

2 horas antes

T Desespero é a única palavra que define um bar a essa hora.

Ao entrar, o lugar é tudo menos elegante. O bar cheira a cerveja velha e desespero, uma mistura sufocante que gruda nas suas roupas no momento em que você entra. As paredes estão manchadas com anos de negligência, amareladas com fumaça de cigarro, apesar do “NÃO

Placa de “FUMAR” pendurada sobre o bar. Placas de neon piscando, algumas letras queimadas, lançavam um brilho estranho e irregular pelo ambiente, mal cortando a iluminação fraca.

Alguns clientes — a maioria homens — estão curvados sobre suas bebidas, perdidos em sua própria miséria, enquanto algumas mulheres vestidas com roupas muito apertadas e maquiagem pesada pairam por perto, seus sorrisos cansados e vazios. É o tipo de lugar onde os sonhos vêm para morrer, onde a esperança é um conceito estranho e onde a escuridão na alma de uma pessoa é refletida em cada canto sombreado.

A cruz em volta do meu pescoço parece um peso, um lembrete constante da batalha moral que lutei só para passar pela porta. Trinta minutos — trinta minutos agonizantes — passados no carro, olhando para aquela maldita placa de "Aberto", me perguntando se eu deveria estar ali. Eu podia sentir a cruz pressionando meu peito a cada respiração superficial, como se estivesse tentando me manter ancorado, me puxar de volta do abismo.

Mas não foi o suficiente.

Eu ainda estava me recuperando do que aconteceu com Eden. O jeito como ela olhou para mim na igreja, seus olhos arregalados com uma mistura de desejo e decepção, como se esperasse mais de mim, como se achasse que eu poderia ser o homem que ela precisava que eu fosse. E por um breve e blasfemo momento, eu queria ser. Eu queria abandonar meus votos, deixar o mundo cair e me perder

nela completamente. Mas então aquela pontada familiar de culpa me atingiu — o lembrete de Deus da promessa que fiz, o anel em meu dedo, uma alga que me prende a uma vida que escolhi de bom grado.

Quando ela foi embora, fiquei paralisado pelo conflito entre o que eu queria e o que eu sabia que não poderia ter. Eu ainda podia sentir o gosto dela em meus lábios e sentir o fantasma de seu calor em minhas mãos. Era o suficiente para deixar um homem louco. Nenhuma oração poderia silenciar os pensamentos gritantes, nenhuma escritura poderia abafar a lembrança de sua pele contra a minha.

Fiquei sentado lá no carro, segurando o volante até meus dedos ficarem brancos, dividido entre o homem que eu deveria ser e o homem que eu sentia que estava me tornando. Este lugar — este mergulho sombrio e oco

— não era apenas um bar. Era um santuário para almas perdidas, um purgatório onde homens como eu vêm para enfrentar seus demônios quando o peso do mundo se torna insuportável.

Nenhum outro encontro na minha vida me levou de volta a um lugar tão sombrio quanto este. O pensamento de Eden — como ela olhou para mim, como ela me deixou — era demais para suportar. Eu precisava abafar isso, silenciar o arrependimento incessante e latejante na minha cabeça, mesmo que apenas por algumas horas. O padre em mim deveria ter resistido, deveria ter dado a volta com o carro e voltado para a reitoria, mas o homem

— o pecador — sabia que não havia como voltar atrás. Não esta noite.

“Quer beber, bonito?” A voz do barman me tira dos meus pensamentos.

Nem percebi que tinha chegado ao bar.

“Uísque com gelo”, respondo automaticamente, pegando meu documento de identidade.

“Você é bom,” ela sorri, me olhando de cima a baixo. “Você é o novo padre, certo? Assumiu o lugar do Kevin? Eu vi você na missa.”

Perfeito. Meu barman também é um dos meus paroquianos.

Eu aceno, entregando meu cartão a ela. Ela abre uma conta e começa a trabalhar na minha bebida.

Sento-me, o peso do dia se acomodando em meus ossos. Ao meu redor, o ar zumbe com o murmúrio baixo de conversas, copos tilintando e a explosão ocasional de risadas roucas. As mulheres por perto pairam perto o suficiente para deixar seu interesse claro, seus olhares demorados, avaliando.

Qualquer outro homem pode achar a atenção delas lisonjeira, pode se entregar à fantasia de se perder no toque de um estranho por uma noite, mas eu não.

Eu mataria para me sentir atraído por um deles — para desejá-los o suficiente para deixar ir, para me afogar no calor de seus corpos e esquecer todo o resto. Mas o pensamento de tocar em alguém que não seja Eden... é revoltante. Isso me revira o estômago de maneiras que não consigo explicar completamente, como se meu corpo rejeitasse a ideia antes mesmo que minha mente tivesse a chance de considerá-la.

Eden me arruinou para qualquer outra pessoa. Não há outra maneira de dizer isso. Sua memória se apegou a mim, assombrando cada pensamento, cada respiração. A sensação de sua pele sob meus dedos, o gosto dela em meus lábios — está queimado em minha mente, marcado em minha alma. E

nada, não importa o quão tentador ou conveniente, poderia se comparar à intensidade crua dessa conexão.

É como se ela tivesse ficado gravada em mim, não deixando espaço para mais ninguém.

Olho para as mulheres ao meu redor, e tudo o que sinto é vazio. Elas podem muito bem ser sombras, sem rosto e banais, comparadas à presença vívida e consumidora do Éden em minha mente.

E esse é o problema. Eden é tudo em que consigo pensar, tudo que consigo sentir. Ela é a única que eu quero, a única por quem anseio, e nenhuma quantidade de bebida ou encontros vazios pode mudar isso. O padre em mim sabe que essa obsessão é perigosa, que está me levando por um caminho que jurei evitar.

Mas o homem — o pecador — não consegue deixar de se deleitar com isso,

atraído pela escuridão como uma mariposa pela chama.

Tudo o que eu quero é dobrar sua linda bunda sobre minha cadeira no altar e bater nela até que sua voz esteja ecoando pela igreja mais alto do que qualquer coro poderia –

"Você está bem?"

Olho para baixo, notando o tremor sutil, e coloco a bebida de volta no bar, tentando me firmar. Limpando a garganta, esboço um sorriso fraco. "Foi um longo dia. Até padres têm isso", admito, a verdade mais pesada do que eu gostaria.

Ela se inclina contra o bar, me estudando com um ar de sabedoria experiente. "Na minha experiência, qualquer homem sentado em um bar tão tarde em uma segunda-feira à noite tem a cabeça cheia de arrependimentos, padre", ela diz, seu tom direto, mas não cruel. "Então, por que não afogar

esses pensamentos naquele copo e guardar o arrependimento para trás das portas da igreja?"

Sua honestidade direta dói, mas não consigo deixar de apreciá-la. Olho para a bebida na minha frente, o líquido âmbar refletindo a luz fraca.

"Não é pecado beber, Pai", Ela acrescenta com um suspiro. "Você já entregou sua vida ao Grande Homem lá em cima", Ela continua, batendo no anel em meu dedo. "Não precisa se punir mais negando os poucos prazeres que lhe restam, cortesia do sacrifício de Cristo."

Ela começa a se afastar, sua atenção é atraída para outro cliente acenando para ela. Mas algo me obriga a pará-la.

"Qual o seu nome?"

"Renee", ela assente. "Você deve conhecer minha filha, Zoey."

Eu pisco, surpresa. A cabeça de vento leve e borbulhante que paira em Eden antes e depois da missa parece um mundo à parte da mulher parada na minha frente. Há pouco da graça de Zoey no comportamento de sua mãe —

Renee é mais áspera nas bordas, o tipo de mulher que viu o lado mais duro da vida.

"Meu marido se casou novamente. Traiu, então encontrou uma substituta bonita", ela diz sem rodeios, um lampejo de amargura em seus olhos.

"Então, eu fico no fundo da igreja agora. Parece que eu realmente não me encaixo mais com o resto da congregação. Não que eu me importe."

Meus pensamentos vão para os bancos da frente da igreja de Saint Michael, sempre cheios dos moradores mais ricos de Idlewood, com sorrisos polidos, mas vazios, e com uma fé tanto voltada para as aparências quanto para a salvação.

Dinheiro e poder — duas forças que parecem dominar até mesmo na casa de Deus.

Um zumbido no meu bolso me tira dos meus pensamentos. Tomo um longo gole do meu copo antes de olhar para a tela. Um número desconhecido pisca. Hesito, mas atendo mesmo assim.

"Alô?", digo, enquanto o barulho de conversas distantes preenche a linha.

"Esqueça o que eu te disse sobre Zack", a voz de Aiden sai brusca, áspera e trêmula.

Meu aperto no vidro aperta enquanto me lembro da nossa breve e tensa conversa — aquela em que Aiden despejou suas entranhas sobre as coisas vis que Zack e seus amigos fizeram com Eden. Precisei de tudo em mim para não estrangular o garoto naquele momento.

"Aiden, como você conseguiu meu número—"

"Estava no telefone do meu pai", ele sibila. "O que diabos você fez com a minha irmã naquela igreja?" A acusação escorre de suas palavras como veneno.

"O Éden está bem—"

"Tudo bem?" Aiden zomba, sua descrença afiada através da linha. "Ela só mostrou as cicatrizes que ela mesma deu para o grupo inteiro e então jogou uma bomba em todos nós —"

ela nos contou por que voltou da faculdade. Notícia de última hora, é pior do que eu poderia imaginar", ele desabafa, as palavras saindo em uma corrida caótica.

Ele deve estar chapado. Ou bêbado, talvez? Ou ambos. Ótimo.

"O que ela disse?", pressiono, uma sensação corrosiva de pavor se infiltrando. O pouco que sei do passado dela antes de ela se mudar de volta é só isso — um pouco. Mas lembro do que ela disse naquela noite quando a encontrei no parque.

Ela foi estuprada.

"Eu não vou te contar, porra," Aiden retruca, seu tom cheio de defensiva.

"Mas eu sei que ela mal deixa alguém chegar perto dela, e agora ela está lá fora, pressionada contra uma árvore, beijando Luca—"

As palavras de Aiden me atingiram como um soco no estômago, acendendo uma fúria que percorreu minhas veias.

O pensamento do Éden, *meu* Éden, com outro homem - suas mãos sobre ela, seus lábios reivindicando o que

deveria ser minha — envia uma onda de raiva sobre mim. Meus punhos se fecham, e meu coração bate forte, cada batida alimentando o ciúme que está rapidamente se transformando em algo mais sombrio, algo primitivo. Como ela ousa deixar outra pessoa se aproximar dela? A possessividade que tentei

controlar agora ruge para a vida, exigindo ação. Ela me pertence, e eu serei amaldiçoado se deixar outra pessoa tocá-la.

"Diga-me onde você está. Agora." Eu interrompo, interrompendo seu discurso.

"Então você pode contar aos meus pais?" Aiden zomba. "Eu pensei que confessar o que aconteceu com Zack poderia aliviar minha consciência, não te dar uma razão para espancá-lo. Qualquer fantasia doentia que você tenha com minha irmã, acaba agora", ele ameaça, o pensamento dela sendo tirada de mim me revirando o estômago.

"É mesmo?", respondo, meu olhar endurecendo enquanto olho para Renee.

"Pise com cuidado, Padre," Aiden avisa, seu tom venenoso. "Eu odiaria que alguém ouvisse um rumor sobre o quão pessoal você fica com seus coroinhas atrás de portas fechadas."

A linha cai, me deixando olhando para o meu telefone em descrença, a fúria correndo por minhas veias. Estou pronto para torcer o pescoço dele.

"Renee", eu grito, chamando a atenção do barman no momento em que ela enche o copo de alguém.

"Sim?", ela pergunta, estreitando os olhos de curiosidade.

"Onde está sua filha esta noite?", pergunto, mantendo a voz firme, embora minha mente esteja longe disso.

O rosto dela se contorce em leve confusão. "Em algum lugar que o pai dela não aprovaria, isso é certo", ela ri, embora não haja humor na minha expressão refletida nela. "Por quê?"

"Um dos meus primos é amigo dela e mencionou que eles sairiam hoje à noite. Estou preocupada que ele possa ter bebido demais, e não tenho certeza de onde eles estão."

Ela balança a cabeça, divertida. "Você é um péssimo mentiroso, pai. Mas eu tenho fé que quando você mente, é por um bom motivo."

Eu suspiro, balançando a cabeça em frustração. "Preciso saber onde Eden Faulkner está", admito, observando o corpo de Renee enrijecer.

"A garota do David Faulkner?", ela pergunta, dizendo o nome dele como se isso deixasse um gosto ruim na boca.

Eu aceno, e seu olhar endurece, algo escuro brilhando em seus olhos.

"Você é próximo dos Faulkners?", ela pergunta, com um tom cheio de suspeita.

"Não", eu respondo, minha voz firme. "Mas eu preciso encontrá-la antes que o pai dela o faça."

Ela me lança um olhar longo e avaliador, enquanto um sorriso genuíno se forma

lentamente em seus lábios.

Ela suspira, olhando ao redor do bar como se estivesse pesando suas próximas palavras. "O reservatório. Há um lugar para o pôr do sol e um poço para nadar. É para lá que Zoey disse que eles estavam indo. Mas ouça,"

Ela se inclina, sua voz baixa e séria. "Quaisquer que sejam os laços que você tem com os Faulkners, deixe minha garota fora disso."

"O que você sabe sobre eles?", insisto, sentindo que há mais por trás do aviso dela.

Ela balança a cabeça. Seus olhos estão endurecidos com desprezo gelado.

"Quando eu era casada com o pai de Zoey, eu vi a merda distorcida que David e seus amigos elitistas fizeram bem debaixo do teto da igreja. Eu estava pronta para ir até o padre Kevin e a polícia", ela sussurra, sua voz tremendo. "Dois dias depois, recebi os papéis do divórcio. Então, fui atacada com uma faca por um bandido mascarado depois do trabalho. Perdi meu emprego também, cortesia de um dos comparsas da esposa dele.

Zoey não falou comigo por meses. Eu quase bebi até a morte neste mesmo bar. A única razão pela qual eu volto para aquela maldita igreja é para ficar de olho na minha garota. Os Faulkner são uma má notícia. Eu ficaria longe deles."

As palavras dela são absorvidas, e eu a encaro, lidando com o peso do que ela acabou de revelar.

"Como você sabe que não sou uma má notícia?", pergunto, com a voz baixa, testando as águas.

Ela vira minha mão esquerda, seus dedos traçando a pele lisa. "Você não está marcada", ela murmura, quase para si mesma. "Ainda não, de qualquer forma."

Sem dizer mais nada, ela fecha minha conta, com o rosto ilegível enquanto coloco uma nota de vinte no pote de gorjetas.

"Olha o corpo do caralho dessa coisa bonita," Uma voz bêbada rosna ao meu lado. Eu viro minha cabeça na direção dele. Meu estômago revira quando vejo meu telefone na mão do homem grande.

Na tela havia uma foto de Eden. Ela estava perto de uma fogueira, segurando sua blusa, expondo sua pele marcada. Eu podia ver seus seios fartos pressionados firmemente juntos no mesmo sutiã de renda preta que ela usava na igreja. Abaixo da imagem, a raiva de Aiden transparece na legenda:

A culpa é sua, porra!

Devo ter deixado meu telefone aberto depois de tentar procurar instruções para chegar ao reservatório, e esse intrometido pegou meu telefone quando viu a mensagem chegar.

A visão da pele de Eden, sua dor, sendo devorada pelos olhos famintos desse canalha me deixa doente. Eu me jogo para pegar meu telefone. O

pensamento de qualquer um além de mim vê-la assim é insuportável.

"Esse é seu brinquedinho lindo?" Ele zomba, olhando para mim enquanto segura o telefone fora do alcance. "Belo par de peitos nesse aí", ele sorri, sua mão roçando sua virilha imunda. "Se importa em compartilhar?"

Empurrando-o com força no peito, pego meu telefone de volta, observando com satisfação sombria enquanto ele tropeça em uma mesa próxima.

Desligando a tela, enfio-o no bolso, virando o resto da minha bebida.

“Não estou com humor para besteiras.”

Seus olhos piscam para a cicatriz profunda que corre pelo meu pulso, depois para a tinta preta serpenteando para cima e para baixo no meu braço.

Por um momento, o bar fica em silêncio, os clientes assistem com a respiração suspensa. Minha cruz, agora para fora da calça, brilha no meu peito. Tenho certeza de que poderia passar por alguma versão de um anjo do inferno.

“Você é aquele padre bonito que acabaram de trazer para o Saint Michael's,” o homem fala arrastado, me avaliando. “Diga-me, onde está

escrito nos Dez Mandamentos que você pode manter uma foto de uma garota com peitos como esses no seu telefone—”

Antes que ele possa terminar, eu enfio meu punho em seu maxilar, saboreando o estalo do osso contra meus nós dos dedos. Sua cabeça estala para trás, e ele cai contra uma viga de suporte, a sala irrompendo em suspiros enquanto seus amigos se afastam da mesa de sinuca no centro da sala.

“Leve para fora!”, Renee grita, sua voz cortando a tensão, tentando evitar que o bar vire um caos.

"Ei", grita um dos amigos do homem, agarrando meu ombro, preparando-se para dar um soco.

"O que diabos você pensa que está fazendo—"

Eu torço o braço dele, forçando-o para frente e por cima do meu ombro. Ele cai no chão com um baque, e eu piso forte na mão dele.

Ouçó o canivete abrir antes de senti-lo. Dou um passo para o lado bem a tempo, a lâmina roçando meu lado. Enrolando minha mão em volta do pulso do homem, bato sua cabeça contra o balcão do bar, observando a luz se apagar em seus olhos enquanto ele desaba.

"Pai", a voz de Renee corta o caos, chamando minha atenção para ela. Seus olhos estão arregalados de medo. "Não dê a David uma razão para rastrear isso de volta ao Éden."

Porra.

Essa cidade inteira é incestuosa. Bastaria esse bastardo no chão abrir a boca, e David estaria no meu rabo. E pior, ele iria atrás de Eden.

A dor explode em meu rosto quando o homem que pegou meu telefone me acerta bem no olho, a força me jogando para trás.

Os companheiros do homem estão inconscientes no chão, mas ele ainda está de pé, segurando o maxilar dolorido e zombando de mim. "Seu religioso de merda!", ele grita. "Espero ver aquela coisa bonita andando por essas ruas para que eu possa fazê-la pagar pelo que você—"

Pego uma garrafa de cerveja do bar e a esmago na cabeça dele. Ele cai no chão, a cerveja espirrando em nós dois. Com os três homens desmaiados,



procuro minha carteira, jogando duas notas de cem dólares no balcão para Renee.

Olho para ela enquanto volto para a porta, o bar está assustadoramente silencioso agora, o tipo de silêncio que garante que a maior parte disso será varrida para debaixo do tapete.

"Enquanto eu estiver por perto, David não fará mal a ela nem a mais ninguém", eu sibilo, segurando meu olho latejante.

Eu empurro a porta para abrir e saio na noite. Momentos depois, estou no meu carro, digitando o endereço do reservatório no console.

Capítulo 18

Éden

ninguém avisa o quão horrível é sua primeira ressaca depois de meses evitando álcool.

N A dor de cabeça latejante atrás dos meus olhos é implacável enquanto tento juntar os eventos da noite passada. Minha garganta está dolorida e inchada, como se eu tivesse estreptococo há dias. Tocando meu pescoço sensível, as memórias do que aconteceu no carro de Roman voltam correndo.

Lembro-me de como me senti quando ele impiedosamente enfiou seu pau na minha garganta, uma mistura de vergonha e excitação inundando meus

sentidos. Mas então a lembrança de vomitar em mim e no carro dele destrói aquele momento.

Sento-me, abrindo os olhos para descobrir que estou em uma sala desconhecida. A sala é banhada pela luz suave e dourada de uma única lâmpada, as cortinas bem fechadas, mal deixando entrar o sol da manhã.

O espaço é impecavelmente limpo, quase estéril, mas há um calor nele. As paredes são de um cinza suave, adornadas com arte minimalista, principalmente iconografia religiosa, mas não há nada de ostentoso nisso.

Um crucifixo está pendurado acima de uma pequena escrivaninha de madeira escura, a única desordem sendo uma Bíblia encadernada em couro e alguns papéis espalhados. Olhando para baixo, percebo que estou vestindo nada além de uma camisa grande e minha calcinha, o cheiro de roupa limpa grudado no tecido. Onde diabos estou?

Meu telefone está na mesa de cabeceira, inundado com mensagens de Aiden e Luca, variando de desculpas a confusão sobre meu paradeiro. As mensagens de Luca, em particular, são uma torrente de desculpas arrependidas. Respondo rapidamente que precisamos conversar, então mando uma mensagem para Aiden, dizendo que decidi ficar na casa de Zoey para um tempo de garotas.

Passando a mão pelo meu cabelo emaranhado, eu me encolho com o cheiro persistente de álcool e vômito. Tentando juntar as peças onde estou, eu silenciosamente saio da cama, notando os lençóis e o travesseiro intactos do outro lado da cama.

Aproximo-me lentamente da janela, abro a cortina e pisco para tentar disfarçar a dor na minha cabeça.

Meu coração dispara quando vejo a igreja a poucos metros de distância.

Ah, merda. Estou na casa do Roman.

"Que bom ver que você está vivo", a voz de Roman corta a névoa dos meus pensamentos, e eu me viro, engasgando com as palavras ao vê-lo parado na porta.

Ele está vestindo apenas moletom, seu corpo tatuado e esculpido em plena

exibição, tornando-o quase impossível de resistir. Há um grande corte em seu lado, mantido unido por um fecho de borboleta. Ele segura um copo de água, seu anel de ouro capturando a luz enquanto ele se move. Seu rosto é estoico, como se não tivesse sido afetado pelo caos da noite passada.

“E-estou na sua casa?” Eu gaguejo, minha voz áspera.

Ele olha ao redor da sala, então fecha mais a cortina e acende uma luminária, banhando o ambiente com um brilho suave e quente.

"Achei que trazer você de volta aqui seria melhor do que explicar aos seus pais por que você estava desmaiada em meus braços, coberta de vômito."

"Nós..." Eu paro e olho para a cama dele.

"Não, e não vamos", ele avisa, me entregando o copo de água. "Eu quase te machuquei. Precisei de tudo em mim para me segurar. As coisas que eu queria fazer com você... o que você acha que aconteceria se eu perdesse o controle, Eden?" A sensação dele descendo pela minha garganta novamente era ao mesmo tempo estimulante e estressante.

"Eu estava bem."

"Sim?" Ele questiona, seus dedos roçando minha garganta com um toque leve. "É por isso que você mal consegue falar esta manhã? Porque você está bem?" Ele repreende, inclinando o copo de água em minha direção. "Agora beba, Angel. Você estava confusa ontem à noite."

Não querendo discutir, pego a água e bebo tudo de uma vez. Assim que recupero o fôlego, meu telefone vibra, iluminando-se com mensagens de Luca e Aiden.

Roman estreita os olhos e pega o telefone antes que eu possa reagir, sua expressão ficando mais séria enquanto ele lê as mensagens.

"Que tal eu ir à Missa de Outono hoje? Podemos conversar depois", Roman murmura, lendo a mensagem de Luca em voz alta. "Já fazendo planos com o bonitão?"

Pego o telefone de volta, jogo-o na cama e balanço a cabeça em frustração.

"Você prefere que eu o ignore? Depois do que você fez ontem à noite? A última coisa que qualquer um de nós precisa é de algum rumor se espalhando de que há algo acontecendo entre nós, pai."

Ele parece prestes a discutir, mas permanece em silêncio, seu olhar percorrendo-me com uma intensidade que faz minha pele arrepiar.

"Gosto de você na minha camisa", ele murmura, com um sorriso nos lábios enquanto minhas bochechas esquentam.



"Não se acostume com isso", eu retruco, passando por ele. "Estou fedendo a vômito, e já é quase meio-dia. Preciso tomar banho antes da missa. É um dia de serviço para nós dois, padre", acrescento com um sorriso, fingindo engasgar enquanto enfio um dedo na garganta.

Caminho em direção à porta mais próxima, segurando a maçaneta com a mão, mas percebo que ela não se move.

"Aquele não é o banheiro", Roman diz, um sorriso presunçoso se espalhando por seu rosto enquanto ele acena em direção à porta ao lado.

"Aquele é."

Olho para a porta trancada, depois para ele. "O que diabos tem aí?"

"Nada para o qual você esteja preparado", ele zomba, abrindo a porta do banheiro.

"Coloquei suas roupas para lavar. Elas devem estar secas quando você sair do chuveiro."

Entro no espaço. O banheiro é imaculado, quase enervante. Azulejos brancos brilham sob a luz suave, o ar tingido com o aroma fresco de sabão e desinfetante. É um espaço que reflete uma necessidade de ordem e controle

— tudo é meticulosamente organizado, sem um traço de desordem pessoal.

O chuveiro, polido para brilhar, está pronto como se aguardasse algum comando

tácito, e as toalhas cuidadosamente dobradas no suporte sugerem um homem que mantém uma disciplina rígida em todos os aspectos de sua vida.

Alguém é meio maníaco por limpeza.

"Vou deixar você com isso. Não precisa ficar pensando na noite passada", ele murmura, recuando um passo, embora seus olhos pisquem com algo que ele está tentando muito suprimir.

"Certo", eu sussurro, lutando contra a vontade de me perder em quão bem ele parece, com toda a força controlada e tensão latente por trás daquele exterior calmo.

Agarro a bainha da camisa dele, tirando-a sobre a cabeça, o ar frio roçando minha pele nua. Sua mandíbula aperta, um músculo tiquetaqueando enquanto ele força seu olhar a ficar acima dos meus ombros. Entrego a

camisa a ele, então lentamente deslizo minha calcinha, certificando-me de me curvar deliberadamente, oferecendo a ele uma visão que ele não pode ignorar. Correndo meus dedos pelo meu cabelo, percebo que seus olhos permanecem fixos nos meus, sua contenção se desgastando enquanto me aproximo.

Quando minha mão roça a frente de suas calças, posso sentir a tensão pulsando dentro dele, mal contida sob seu exterior sereno.

"Seus lábios dizem uma coisa, Roman", murmuro, inclinando-me apenas o suficiente, "mas seu corpo me diz outra."

Sua mão aperta minha nuca, firme, mas não bruscamente, como se ele estivesse preso entre seus deveres e seus desejos.

"Ah, ah, ah," eu o interrompi, meus olhos caindo para o anel em seu dedo.

"O anel ainda está no dedo, pai.

Eu tiro a mão dele de mim, travando os olhos com ele, lançando um desafio antes de entrar no chuveiro, deixando a porta entreaberta. O vapor da água quente começa a encher o quarto, o calor combinando com o zumbido de excitação em minhas veias. Eu espero, ouvindo qualquer sinal de que ele vai derrubar as paredes atrás das quais está se escondendo — ou se ele vai se retirar

para a segurança rígida da negação em que ele parece confiar para mantê-lo a salvo dessa coisa que está crescendo entre nós. Segundos se transformam em minutos, e parece que ele fez sua escolha.

Enquanto ensaboo meu cabelo, os eventos da noite passada se dissolvem, indo embora com a espuma que escorre pelo ralo. A cascata morna de água do chuveiro enorme me envolve, um abraço gentil que acalma e limpa.

Enquanto deslizo a barra de sabão pela minha frente, sinto uma ardência de cortes recentes, e eu assobio de dor.

Olho para a porta, deixada apenas ligeiramente entreaberta, para ver se Roman cederia à necessidade que sei que ele sente tão forte quanto eu. Mas ele não cede. Minha excitação, antes borbulhando sob a superfície da minha pele, diminui para nada, extinta quando a água esfria.

Fecho a água e pego uma toalha, meus pensamentos são uma teia emaranhada de incerteza, repetindo a hesitação em seus olhos, a contenção em seus movimentos.

Isso é tão inútil.

Ele me trouxe aqui para me manter longe dos meus pais.

Ao sair do banheiro, com a toalha enrolada firmemente em volta de mim, minha respiração fica presa com a visão diante de mim. Os músculos das costas de Roman flexionam enquanto ele termina um nó, as cordas em sua cama esticadas e seguras. A porta de seu quarto misterioso está ligeiramente entreaberta, sugerindo segredos mantidos fora de alcance.

Duas cordas grossas e trançadas esticam-se dos cantos da cabeceira da cama, suas fibras grossas contrastando com a madeira escura. Cada corda termina em um par de algemas de metal, seu aço frio brilhando fracamente na luz baixa, penduradas abertas como se estivessem esperando para se fechar. As algemas balançam levemente, uma promessa silenciosa do que poderia ser, seu peso puxando contra a tensão nas cordas.

Uma única venda, negra como a noite e suave como seda, repousa sobre os travesseiros. Ela fica ali com um cuidado quase deliberado, um convite que oscila entre a sedução e a rendição — ou talvez um teste, um desafio para que eu

cruze o limiar de sua contenção.

O ar no quarto é frio, frio demais, e me dá arrepios. Mas não é só a temperatura que me faz tremer. É a ponta afiada da antecipação que me corta, a corrente elétrica de tensão que zumba no espaço entre nós, apertando mais a cada respiração. Posso sentir isso na maneira como o quarto parece prender a respiração, esperando como se as próprias paredes estivessem no segredo que nós dois nos recusamos a falar em voz alta.

"Por que tão quieto?" A voz de Roman corta a sala, desprovida do tom brincalhão que ele normalmente carrega. Suas palavras pendem pesadas como se me desafiassem a responder, a cruzar a linha que ele traçou.

Virando-se, ele coloca seu anel no criado-mudo, junto com a cruz que estava usando momentos antes.

"Venha aqui, Eden", ele sussurra, sua voz um zumbido baixo e autoritário que me faz tremer. Ele se senta na beirada da cama, a protuberância em suas calças é inconfundível, mesmo de onde estou. "A menos que você esteja com medo."

Com um passo lento e deliberado, eu me aproximo, sentindo o ar frio roçar minha pele enquanto a toalha se solta e cai no chão, acumulando-se em volta dos meus tornozelos. A distância entre nós diminui, e eu posso sentir o calor irradiando de seu corpo enquanto estou diante dele. Minha respiração falha enquanto me preparo para montar em seu colo, já imaginando a sensação de seus lábios em minha pele.

Antes que eu possa me acomodar nele, suas mãos estão em mim, não com ternura, mas com uma aspereza que me pega desprevenida. Ele me empurra para a cama, seu aperto inflexível, seu corpo pressionando contra o meu. A tensão em seu jeans é forte contra minha coxa, um lembrete gritante do desejo que ele mal consegue controlar.

Sua mão envolve minha garganta, não o suficiente para machucar, mas o suficiente para me segurar no lugar, seu polegar roçando meu pulso. Sua língua traça um caminho lento e ardente pelo meu pescoço, cada beijo uma marca que queima minha pele. Quando ele alcança meu ouvido, sua respiração é quente, enviando um arrepio direto pela minha espinha.

"Se você realmente me quer, Eden," ele sussurra, sua voz é um raspar áspero que

vibra contra o lóbulo da minha orelha antes que ele o morda fortemente, enviando um choque pelo meu corpo. "Temos que preparar essa boceta bonita para isso, para que você ainda consiga andar quando eu terminar. Eu não serei gentil.

Entenda isso agora antes de prosseguirmos."

Suas palavras me chocam, uma mistura crua de medo e excitação se enroscando em meu peito. Antes que eu possa reagir, suas mãos se movem com velocidade praticada, prendendo as algemas em volta dos meus pulsos.

O metal morde minha pele enquanto ele as aperta, meus braços puxados acima da minha cabeça, me deixando exposta e vulnerável abaixo dele.

As cordas, antes uma possibilidade abstrata, agora me prendem à cama, o aço frio das algemas é um contraste gritante com o calor que se acumula em meu âmago. Seus olhos ficam nublados com intensidade enquanto ele olha para mim, todos os traços de contenção se foram, substituídos por uma fome que me aterroriza e me emociona.

Posso sentir o pulso de antecipação, a tensão entre nós chegando a um ponto febril, enquanto o controle de Roman se afasta mais a cada respiração que ele dá. Ele não é mais o padre composto nem o homem que me trouxe aqui para me proteger do mundo exterior.

Aqui, neste momento, ele é algo completamente diferente — algo primitivo, algo que não tenho certeza se estou pronto para enfrentar, mas não consigo resistir.

"Roman—" começo, mas minhas palavras são cortadas quando seus dedos apertam meus mamilos, dando beliscões afiados que enviam ondas de choque de sensação pelo meu corpo. Minha voz se dissolve em um suspiro, qualquer protesto morrendo em meus lábios.

"Sem conversa", ele ordena, seu tom não deixando espaço para desafio. Ele segura minhas pernas firmemente, seu aperto inflexível enquanto ele prende algemas em volta dos meus tornozelos, puxando-os com força até que eu possa sentir a tensão nos músculos das minhas pernas. Ele me vira de bruços, meus tornozelos tão afastados que fico completamente exposta e vulnerável a ele.

Minha bunda está completamente nua para ele. Meu rosto pressiona a maciez de

seus lençóis, o cheiro dele me cercando inebriante e avassalador.

A posição é degradante, mas há uma emoção no desamparo da maneira como ele assumiu o controle, me deixando à sua mercê.

"O que você está fazendo?", consigo perguntar, minha voz tremendo com uma mistura de nervosismo e excitação que me percorre como um fogo ardente. Posso senti-lo atrás de mim, sua presença pairando, poderosa.

Embora ele ainda esteja usando suas calças, o peso de seu corpo me pressiona, sua respiração quente contra minha orelha enquanto ele se inclina para perto.

"Eu paro quando você terminar de rezar uma Ave Maria", ele murmura, sua voz sombria e cheia de promessas.

"Parar o quê?", pergunto, mas antes que eu possa entender o que ele quer dizer, a venda do travesseiro desliza sobre meus olhos, me mergulhando na escuridão. A perda da visão aumenta meu outro sentido, e sinto a tensão se enrolar mais forte dentro de mim, cada som, cada toque ampliado.

"Você saberá", ele sussurra, sua voz uma ameaça tentadora que envia um arrepio pela minha espinha. Sua mão desliza sobre a curva da minha bunda, gentilmente no início, provocando. Meu corpo responde instintivamente, minha boceta começa a pulsar de necessidade, dolorida para ser preenchida com seus dedos, seu pau, qualquer coisa que seja de Roman.

Há um momento de quietude, uma pausa que se estende até a eternidade, onde sou deixado oscilando na beira de algo desconhecido, a tensão entre nós uma coisa viva, pulsando, esperando para se libertar. E naquele silêncio, o único som é a batida acelerada do meu coração, as respirações irregulares que tento estabilizar e a promessa do que está por vir.

O som me alcança antes da sensação — o cuspe de Roman, um líquido quente e escorregadio que cai entre minhas dobras. O calor se espalha, e então seus dedos o seguem, deslizando lentamente sobre meu calor ansioso.

Eu mordo um gemido, meus dentes afundando em meu lábio inferior enquanto eu me esforço contra as amarras que me mantêm impotente no lugar. Seus dedos provocam, me atormentando a cada passagem lenta sobre

minhas dobras escorregadias, nunca mergulhando uma única vez onde eu mais preciso dele.

"Quando eu finalmente esticar essa boceta linda, você vai tomar cada centímetro de mim", ele murmura, sua voz um rosnado baixo e possessivo que me dá arrepios na espinha. "Você vai me sentir batendo em você, te preenchendo, te reivindicando. ."

Enquanto ele fala, algo frio e suave toca minhas costas, um contraste surpreendente com o calor de suas palavras. O objeto arrasta-se pela minha pele, deixando um rastro de antecipação gelada em seu rastro.

Ele o pressiona contra meu centro. "O que é isso?", consigo perguntar, minha voz tremendo com uma mistura de confusão e excitação, enquanto sua mão paira em minha entrada, a ponta do brinquedo provocando minhas dobras escorregadias.

"Um aquecimento", ele responde, a presunção em seu tom quase palpável.

"Eu paro quando você terminar sua oração."

"Pare com isso—"

Antes que eu possa terminar, ele desliza o brinquedo para dentro de mim. A sensação me domina, e um gemido sai dos meus lábios. Meu corpo se arqueia instintivamente com a sensação. As amarras me seguram firme, não me deixando escolha a não ser pegá-lo, para me deleitar na mistura de prazer e contenção.

Um suspiro escapa de mim quando Roman começa a mover o brinquedo, arrastando-o para fora lentamente, provocando minha entrada antes de empurrá-lo de volta, cada estocada uma estocada deliberada e torturante.

"Porra," eu gemo, minha voz tremendo de prazer quando sua outra mão encontra meu clitóris, a sensação enviando choques de êxtase pelo meu corpo.

Roman enfia o brinquedo para dentro e para fora de mim, seus dedos habilmente circulando meu clitóris, enviando ondas afiadas de prazer percorrendo meu corpo. Minhas pernas tremem sob a tensão enquanto ele empurra o brinquedo mais fundo, mais forte, mais rápido, cada estocada um ataque deliberado aos

meus sentidos.

"Sua bucinha apertada vai gostar do meu pau tanto quanto isso?" A voz de Roman corta a névoa de prazer, desejo doloroso entrelaçando cada palavra, seu tom é um rosnado possessivo.

"B-Bem, vamos ver, pai", consigo sorrir, embora minha voz trema com o esforço.

"Devo terminar minha oração ou gozar em todo seu brinquedinho antes que você tenha a chance de me sentir em seu próprio pau?"

Ele enfia o brinquedo em mim com uma força que faz meu corpo inteiro estremecer. O som escorregadio da minha própria excitação ecoa no quarto, cada estocada molhada enviando ondas de euforia através de mim.

"Comece sua oração", ele sibila, o comando afiado e cortante com algo selvagem. "Ou eu vou fazer você engasgar comigo enquanto eu enfio isso na sua boceta bonita."

Não aguento mais, meu orgulho oscilando à beira do abismo enquanto suspiros e gemidos escapam de mim a cada respiração. Meu corpo está em chamas, cada terminação nervosa viva.

"Ave Maria, cheia de graça...", começo, as palavras saindo numa tentativa desesperada de obedecer, mas elas ficam presas na minha garganta enquanto ele bombeia o brinquedo com mais força, mais rápido, num ritmo implacável.

"Não pare."

"O Senhor está contigo. Bendita és tu entre as mulheres—" Minha voz falha quando ele puxa o brinquedo para fora, me deixando sem fôlego, apenas para seus dedos mergulharem em mim, me trabalhando ainda mais forte.

Seus dedos se enrolam dentro de mim, atingindo aquele ponto que eu tanto amo com precisão implacável, enviando ondas de choque de prazer através do meu núcleo. Quando meus gemidos substituem as palavras, sua mão atinge minha bunda, a picada afiada me puxando para trás da borda.

"Continue."

"E bendito é o fruto do teu ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores—" A oração mal está coerente agora, minha voz tremendo enquanto tento me segurar no último fio de controle.

"Agora, e na hora da nossa m-morte—" Minhas palavras se interrompem quando ele enrola os dedos corretamente, e eu enterro meu grito em seu travesseiro, minha liberação me atravessando com uma força que me deixa sem fôlego. Minha umidade jorra em sua mão, e antes que eu possa recuperar o fôlego, sua boca está em mim, sua língua substituindo seus dedos, lambendo avidamente cada gota do meu orgasmo.

Mesmo depois de eu terminar, Roman continua a me devorar, sua língua me trabalhando em cada último tremor de prazer até que meu corpo esteja esgotado, tremendo sob seu toque. Depois de mais alguns minutos agonizantes, ele finalmente cede, afrouxando as amarras que me mantinham amarrado e vulnerável. Meu corpo cai no colchão, cada músculo tremendo, lutando para parar os tremores que me percorrem.

Ele puxa a venda dos meus olhos, e eu pisco contra a luz, minha respiração irregular enquanto estou deitada ofegante nos lençóis. Viro minha cabeça para olhar para ele, avistando o brinquedo descansando em sua mesa de cabeceira, um lembrete gritante da intensidade que acabamos de compartilhar.

"Isso foi um aquecimento?", pergunto, com um sorriso malicioso nos cantos dos seus lábios enquanto ele encontra meu olhar.

"Foi", ele murmura, sua voz baixa e áspera enquanto agarra minhas pernas, me arrastando em sua direção até que eu esteja acomodada em seu colo.

Posso sentir a tensão do desejo dele pressionando contra mim, o comprimento duro dele acendendo uma nova onda de calor no meu âmago.

Instintivamente, começo a rolar meus quadris, saboreando a fricção enquanto suas mãos apertam minhas coxas, me segurando no lugar com um aperto possessivo.

"A missa da tarde começa em trinta, e nós dois precisamos nos preparar", ele suspira, embora haja uma relutância em sua voz que me diz que ele está lutando contra seus próprios desejos. "Além disso, você ainda não está pronta para tudo de mim", ele sussurra, suas palavras um desafio tentador.

Meu olhar cai sobre seus lábios, onde um pequeno rastro de sangue mancha a perfeição de sua boca.

Sem pensar, eu o alcanço, limpando-o com meu polegar. Mas quando olho para o brinquedo na mesa de cabeceira, meu coração dispara. Uma mancha de sangue marca sua base, e o constrangimento me invade.

"Seu corpo não estava preparado para o quão duro eu fui", ele sussurra, sua voz sombria e firme. "E eu estaria mentindo se dissesse que o que eu teria feito com meu pau teria sido menos sangrento."

Suas palavras não têm a intenção de acalmar; elas são um aviso, uma tentativa de me assustar, mas eu mantenho minha posição, me recusando a deixar o medo criar raízes.

"Você não me assusta, Roman", sussurro, inclinando-me, pronta para reivindicar seus lábios com os meus.

"Eu queria ter feito isso, para o seu próprio bem", ele retruca, sua voz afiada com frustração enquanto ele coloca seu polegar em meus lábios, me silenciando antes que eu possa beijá-lo. "Você precisa de uma palavra segura. Você rasgou com o quão duro eu fui, e você não me impediu."

"Eu gosto da dor", admito, uma confissão que me faz sentir um arrepio de satisfação, mas ele balança a cabeça, com uma expressão séria.

"Diga isso agora. Pense em uma palavra..." Sua voz some enquanto seu olhar cai em meus lábios, sua mandíbula apertada com o esforço de manter o controle.

"Quer sentir o gostinho de quão doce você era?", ele pergunta, enquanto seus polegares escorregam dos meus lábios, deixando-os formigando com a ausência do seu toque.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto enquanto me inclino para mais perto, meus lábios roçando os dele enquanto sussurro: "Sim, pai".

"Se você é o que o pecado significa, Eden, então eu abraçarei alegremente os portões do Inferno e implorarei pelo perdão de Deus pelo resto da minha vida", Roman murmura, sua voz uma confissão baixa e fervorosa que me causa arrepios na espinha.

Seus lábios colidem com os meus, uma colisão de desespero e desejo, como se ele estivesse tentando consumir cada pedaço de mim. Sua língua traça os contornos da minha boca, cada movimento deliberado, reivindicativo.

Minhas mãos entrelaçam-se em seus cabelos, puxando-o para mais perto, saboreando o gosto dele, o calor de sua respiração se misturando com a minha. Por um momento, o tempo deixa de existir; somos apenas nós, perdidos no prazer pecaminoso do toque um do outro.

Mas muito cedo, o distante toque dos sinos da igreja rompe o silêncio, um lembrete severo do mundo fora deste momento roubado e proibido.

Relutantemente, sinto-o se afastar, sua respiração se misturando com a minha uma última vez antes de ele deslizar o anel de volta em seu dedo —

uma faixa fria de ouro que o prende a um voto que ele nunca pode realmente quebrar.

Não importa o quão inebriantes esses momentos fugazes sejam, ele sempre será dedicado a um poder superior. Para ele, eu sempre serei nada mais do

que um pecado, uma tentação pela qual ele é atraído, mas nunca pode abraçar completamente.

Mas a questão que persiste, a que corrói as bordas da minha mente, é esta: O que ele é para mim?

Lucas 12:2: “Não há nada encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser revelado. não será dado a conhecer.”





Capítulo 19

Éden

passando minhas pernas em volta de sua cintura, puxo-o para mais perto enquanto nossos lábios se encontram em outro beijo W acalorado. Suas costas batem no colchão com um baque suave, a perfeição passada de sua camisa preta agora desfeita, revelando os contornos cinzelados de seu torso sob minhas mãos.

Mal tive tempo de vestir meu sutiã e calcinha antes que ele começasse a espalhar beijos pelo meu pescoço, sua gravata pendurada frouxa, esquecida no rastro de nossa distração mútua um do outro. No momento em que me virei para encará-lo, o pensamento de me preparar para a missa foi abandonado completamente.

"Você", ele murmura contra meu pescoço, sua voz grossa com desejo e contenção, "precisa se preparar para o serviço." Sua mão se enrosca em meu cabelo, puxando apenas o suficiente para me impedir de beijá-lo, sua impaciência fervendo sob a superfície. "Agora."

"Por que mais alguns minutos vão doer?", pergunto, minhas mãos ainda espalmadas sobre seu peito, sentindo a batida constante de seu coração sob meus dedos.

"Meu anel está colocado, Eden." Roman grita, o calor do quarto esfriando enquanto ele remove as cordas e algemas da cama e o brinquedo sexual que ele usou em mim do criado-mudo.

"Não tenho nada para vestir", admito, olhando para a secadora onde minhas roupas ainda estão girando.

Ele gentilmente me afasta dele, ajustando a tensão em suas calças antes de caminhar até uma gaveta. Ele tira um par de moletons e uma camiseta desbotada.

"Você tem sorte que esse encolhido", ele sorri, me jogando as roupas.

Reviro os olhos, começando a vestir o moletom, mas ele segura meus pulsos, me parando no meio do movimento. "Eu faço isso", ele sussurra, sua voz suavizando enquanto ele se ajoelha diante de mim, lentamente puxando o moletom pelas minhas pernas. Seus lábios traçam um caminho suave pelas minhas coxas, parando para beijar cada cicatriz, demorando-se nas mais profundas como se estivesse oferecendo uma absolvição silenciosa.

Quando ele termina, agarro seu queixo, forçando-o a encontrar meu olhar.

"Por que você faz isso?", pergunto, segurando seu rosto firmemente no lugar.

"Por que você age como se tudo o que conhecesse fosse escuridão, mas me toca tão gentilmente?" Minha voz é baixa, mas insistente, enquanto seguro seu rosto firme em minha mão, recusando-me a deixá-lo desviar o olhar.

Ele dá de ombros. "Você foi uma boa menina para mim", ele sussurra, seus olhos se estreitando com intensidade enquanto ele puxa a camisa sobre minha cabeça, seus lábios roçando cada seio com um beijo suave e reverente.

"Faça o que eu digo", ele continua, sua voz um murmúrio baixo que vibra através de mim, "e você será recompensada." Há uma nota de decepção silenciosa ao me ver completamente vestida enquanto ele puxa a camisa para baixo até minha cintura.

Eu o ajudo a abotoar a camisa, meus dedos lutando levemente com os pequenos botões, mas ele não me impede. Ele fica parado, me deixando enfiar a camisa em seu cinto, seus olhos me observando atentamente enquanto eu pego sua gravata, o silêncio entre nós pesado.

"No que você está pensando?", pergunto suavemente, observando a cabeça de Roman começar a balançar antes mesmo de eu terminar a pergunta.

"Você não quer saber."

"Experimente", sussurro, minha voz um desafio delicado enquanto passo a gravata dele com precisão cuidadosa, puxando-o para mais perto no processo.

Seus olhos escurecem, a contenção à qual ele estava se agarrando desaparece enquanto ele se inclina, sua respiração quente contra minha orelha. "Eu quero pegar essa gravata e enrolá-la em volta da sua garganta enquanto você está me tomando—"

Sua confissão envia um choque de excitação e medo correndo por mim, mas antes que eu possa responder, o som agudo da campainha corta o ar, reverberando pela casa. Nós dois congelamos, nervosos e pegos de surpresa, o momento de honestidade crua quebrado. Percebo sua mão se contraindo como se lutasse contra a vontade de remover seu anel, o símbolo de um voto que ele não consegue quebrar.

Num piscar de olhos, ele coloca a máscara de um padre, a expressão praticada de calma e piedade que esconde a turbulência por baixo. "Fique aqui", ele pede, sua voz um comando abafado enquanto ele se dirige para a porta, deixando-a ligeiramente entreaberta atrás dele.

A curiosidade me vence, e eu me posiciono na fresta da porta, passando o dedo no meu telefone para me distrair enquanto ouço atentamente a interrupção indesejada. Meu pulso acelera, uma mistura de nervosismo e medo se acumulando no meu estômago.

"Padre Briar", diz uma voz que conheço muito bem, e seu som me dá um arrepio na espinha.

"David, eu..." Roman começa, sua voz visivelmente tensa, mas meu pai o interrompe com um tom cordial que só aumenta meu desconforto.

"Não, deixe-me começar. Peço desculpas por me intrometer tão perto da missa", meu pai diz, suas palavras acompanhadas pelo som de um tapinha caloroso nas costas de Roman. Eu me encolho ainda mais nas sombras, me pressionando contra a parede, o coração martelando no meu peito enquanto luto para permanecer invisível.

O que diabos meu pai estava fazendo aqui?

"O que posso fazer por você, David?", pergunta Roman, sua voz cuidadosamente

modulada para seu tom afável de sempre, embora eu possa sentir a tensão por trás dela.

"Eu queria saber se você teria a chance de rever o material que deixei com você, já que nossa reunião é neste domingo..."

Reunião?

Que porra de reunião?

"Sim, eu tive uma chance", Roman responde, com a voz firme, mas com uma leve hesitação.

"Fiquei um pouco confuso com a última página, já que não havia foto—"

"Zoey", meu pai interrompe suavemente. "Ela recentemente compartilhou com sua família seus planos de se afastar da Igreja quando voltar para a faculdade, e seu pai estava ansioso para ver que isso não acontecesse. Ela foi marcada como contaminada e precisa ser conduzida de volta ao caminho justo de Deus. Acho que encontramos alguém ansioso para assumir a tarefa."

Do que ele estava falando?

"Como estão indo suas aulas com Eden, por falar nisso? Ela mostrou algum sinal de melhora?" As palavras do meu pai cortaram a névoa do choque, dando nós no meu estômago.

Meu pai pediu para Roman me instruir.

E ele aceitou?

"Está tudo bem", Roman suspira, puxando sua gravata em um gesto de desconforto. "Eu luto para ver algumas das coisas que você descreveu para mim", ele afirma, mas eu posso ouvir a leve tensão em sua voz, a tensão que ele está tentando mascarar.

"Confie em mim, pai, ela tem muitos demônios que precisam ser exorcizados. Castigo físico parece funcionar melhor. Mas tenho certeza de que você descobriu isso." As palavras do meu pai pairam no ar como uma nuvem venenosa, sufocando-me com sua crueldade.

Meu olhar se move rapidamente para a cama de Roman, a lembrança de seu toque forte de repente assumindo uma luz nova e sinistra. Isso tudo era parte de algum plano doentio para me quebrar, para me tornar submissa à vontade do meu pai?

O quarto parece estar se fechando sobre mim, as paredes muito próximas, o ar muito denso. Eu os encaro pela fresta estreita da porta, meu coração batendo forte no peito enquanto olho para o relógio no meu telefone.

Faltam quinze minutos para a missa.

"Sabe, ela não voltou para casa ontem à noite."

"Acredito que ela estava com Zoey. Pelo menos foi o que ela me disse ontem durante seu horário de serviço." Roman mente suavemente, embora eu possa ver a maneira como seus dedos se mexem com seu anel, um sinal revelador de seu desconforto. "Embora, dadas as circunstâncias, não tenho certeza do quanto você gostaria que os dois estivessem perto um do outro."

Do que diabos eles estão falando?

"É melhor que Zoey fique perto da nossa família. A mãe dela é uma cabeça quente que envenenou a mente dela com ideias de deixar a igreja. Quanto mais tempo ela passa com Eden, menos tempo ela passa com a mãe herege dela." Meu pai ri, o som irritando meus nervos.

Meu olhar vagueia pela sala, procurando por alguma pista para a conversa enigmática. Meus olhos pousam em um fichário de couro escuro, meio escondido sob uma cadeira, seu canto aparecendo entre alguns livros diversos. A visão disso envia uma onda de curiosidade através de mim, uma necessidade de entender que tipo de negócio Roman poderia ter com meu pai.

Chegando mais perto, tiro cuidadosamente o fichário do seu esconderijo, meus dedos trabalhando na trava enquanto meu coração bate forte no peito.

O que diabos Roman poderia estar escondendo?

Nada poderia ter me preparado para o que vejo quando o fichário escorrega da minha mão, derramando seu conteúdo no chão. Cubro minha boca com uma mão trêmula, abafando o grito que ameaça escapar. Meus olhos se arregalam de

horror enquanto olho para as fotos — rostos vazios e temerosos de crianças, cada uma acompanhada de uma etiqueta de preço substancial.

O pânico toma conta de mim, meu estômago embrulha enquanto a realidade do que estou vendo me atinge como um maremoto.

Todas essas crianças.

Os números ao lado dos seus nomes.

Que porra está acontecendo?

"Tem mais alguém aqui, pai?" A voz do meu pai atravessa a névoa de pânico, seu tom de repente fica áspero e desconfiado.

"Apenas—"

A porta range ao abrir, e em um momento de puro terror, eu empurro o fichário para baixo da cama de Roman, meu coração disparado enquanto olho para cima para encontrar a expressão perplexa do meu pai. Nossos olhos se encontram, e por um momento, todo o resto desaparece, deixando apenas o medo frio que me agarra.

Rapidamente coloco meus braços atrás das costas, escondendo-os da vista do meu pai, no momento em que o corpo de Roman passa por ele, posicionando-se entre nós como um escudo. A tensão na sala aumenta, crepitando no ar como um fio desencapado.

"Éden?" A voz do meu pai está cheia de preocupação genuína, sua confusão é evidente quando seus olhos encontram os meus. "O que diabos você está fazendo aqui—"

"Eu disse para você ficar em silêncio e terminar sua oração," Roman estala, sua voz áspera e fria, um contraste chocante com o homem que eu pensava conhecer. Ele fica na minha cara, a fúria em seus olhos é algo que eu nunca vi antes, algo que faz meu sangue gelar.

O tapa vem do nada, uma dor aguda e pungente que explode no meu rosto.

Eu nem tenho tempo de processar o que está acontecendo antes de estar no chão,

minha cabeça girando com o impacto.

"Aulas matinais", Roman explica, com a voz friamente calma enquanto olha para meu pai.

Ouso levantar minha cabeça levemente, apenas o suficiente para ver a expressão de satisfação no rosto do meu pai, a satisfação em seus olhos fazendo minha pele queimar onde a mão de Roman me atingiu. A picada da traição é mais profunda do que a dor física, cortando-me como uma lâmina.

Agachando-se ao meu nível, os olhos do meu pai me percorrem, observando minha aparência desgrenhada, meus braços escondidos sob meu corpo. "Eu sabia que você era a pessoa certa para a tarefa em questão, pai",

ele diz com um sorriso torto, sua mão se estendendo para puxar meu cabelo, o gesto ao mesmo tempo condescendente e cruel.

A realização me atinge como uma onda gigante, o peso total da situação desabando ao meu redor. O homem em quem eu confiava, o homem que me abraçou com tanta ternura há apenas alguns momentos, revelou-se como algo completamente diferente — um estranho que é capaz de atos indizíveis.

"Você serve em dez minutos. Se recomponha", meu pai sibila, sua voz baixa e ameaçadora. Meus olhos disparam para Roman, cujo olhar está preso em um olhar frio e ilegível. "Talvez você devesse ter estado aqui ontem à noite em vez de pecar com seu irmão", meu pai continua, seus lábios roçando minha orelha em uma zombaria de intimidade. "Eu farei sua mentira de merda em um segundo. Estudo da Bíblia com amigos, certo? Infelizmente, seu irmão foi quem teve que pagar por sua desonestidade."

Ele empurra minha cabeça para frente antes de se endireitar e oferecer um aperto de mão a Roman como se nada tivesse acontecido. "Vou deixar você com isso, pai", ele sorri, dando um tapinha nas costas de Roman com uma camaradagem que fez minha pele arrepiar.

No momento em que a porta da frente se fecha atrás do meu pai, a máscara fria que Roman estava usando se despedaça, substituída por um olhar de angústia. "Droga, Eden, sinto muito", ele começa, sua voz cheia de arrependimento enquanto se move para me ajudar a levantar.

Mas eu já estou de pé, me afastando dele enquanto agarro minha bochecha latejante. "Quem diabos é você?" Eu estalo, minha voz tremendo de raiva e medo. "Quem eram aquelas crianças—"

"Eu tive que fazer isso", ele interrompe, passando a mão pelo cabelo em frustração. "Se os próprios pais de Zoey estão dispostos a hospedá-la, o que diabos você acha que vai acontecer se seu pai achar que você está além da salvação? Você acha que o foco dele vai ficar em Aiden para sempre—"

"Colocou ela?" repito, a descrença tornando minha voz cortante. "Você quer dizer que ela está naquele fichário?"

Você está me dizendo que essas crianças estavam *à venda* ?"

"Essa cidade inteira é uma porcaria, Eden", ele diz, com desespero estampado em seu tom enquanto tenta se aproximar de mim, mas eu o empurro para longe.

"E você faz parte disso?" Eu grito, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

"Você trabalha com meu pai para quê? Um maldito tráfico religioso de crianças —"

Roman agarra meus braços, forçando-os para baixo enquanto ele fica na minha cara. "Eu não tomei parte em nenhuma dessas merdas daquele bastardo pervertido. Por que diabos você acha que eu estava tão bravo quando Zack apareceu ontem? Seu pai tinha acabado de me dar aquela porra de pasta, Eden!" Sua voz está tensa, desesperada. "Estou tentando proteger você."

"Você só está me alimentando com mais mentiras dele", eu grito de volta, minha voz falhando enquanto eu me levanto na frente do seu rosto. "Você me bateu, porra—"

"O que diabos você acha que ele teria feito se não tivesse me visto te disciplinar?"

Roman grita, seus olhos selvagens de emoção. "Ele já machucou Aiden—"

Oh Deus.

Olá.

Infelizmente, foi seu irmão quem teve que pagar pela sua desonestidade.

Roman tenta alcançar meu queixo, mas eu me afasto, fúria e culpa guerreando dentro de mim. "Tire suas mãos de mim," eu sibilo, dando um passo para trás. "Você é só mais um dos amigos doentes do meu pai," eu soluço, observando a dor passar pelo rosto de Roman.

"Eden, entrei em pânico—"

"Foda-se, Roman," eu cuspo, abaixando meu olhar em desgosto. "Eu vou até a porra da polícia, seu bastardo doente! Onde eles estão? Onde estão as crianças —"

"A polícia sabe, Eden," Ele sussurra, sua voz pesada com resignação enquanto ele reajusta sua gola. "A polícia sabe, e eles alegremente defenderão a Igreja e te arrastarão mais fundo em suas besteiras por ser suspeito," Ele avisa.

"Você concordou em me disciplinar por causa do meu pai?", eu digo engasgada.



A dor no meu peito é insuportável.

"Para mantê-la segura", ele murmura, seus braços cautelosamente pousando nos meus. "Para mantê-la longe dele do único jeito que eu sei."

Minha mente gira, tentando processar tudo o que aconteceu, os rostos assustados das crianças piscando diante dos meus olhos. "Onde eles estão, Roman?", pergunto novamente, minha voz quase um sussurro. Sua boca se fecha, a verdade pesada demais para ser dita.

"Eu não sei", ele finalmente admite, sua voz embargada. "Eu não saberei até aquela reunião no domingo."

Tento segurar meus soluços, mas eles vêm de qualquer maneira, sacudindo meu corpo enquanto eu luto para manter a compostura. "E Aiden? Você sabia que me trazer de volta aqui faria com que ele se machucasse?"

Pergunto, com a voz trêmula.

"Eu não sabia. Mas era você ou ele. E eu vou escolher você todas as vezes.

Você já deveria saber disso", ele sussurra, seus dedos roçando o material de sua camisa acima do pulso.

A culpa me invade, e não consigo mais suportar ficar perto dele. Eu passo por ele, meu coração se partindo.

"Não fale comigo, porra", eu grito, afastando sua mão. "Não olhe para mim, porra.

"Fique bem longe de mim e do meu irmão", eu sibilo, com os olhos ardendo em lágrimas.

Eu passo pela porta da frente dele, batendo-a com força atrás de mim. O

som ecoa em meus ouvidos, uma pontuação final para o pesadelo que estou vivendo.

Encontrando o caminho de volta para Saint Michael, eu deslizo para dentro,

meus passos vacilantes enquanto sigo meu caminho para o vestiário dos coroinhas. Quando finalmente vejo Aiden, nossos olhos se encontram, e a dor em sua expressão espelha a minha.

"Aiden, me desculpe—" começo, mas as palavras se perdem quando ele envolve seus braços em volta de mim, me puxando para um abraço apertado. O pensamento do meu pai colocando a mão nele acende uma raiva sedenta por sangue bem no fundo de mim, uma raiva que mal consigo conter.

"Aiden, eu não sabia..." sussurro, minha voz carregada de culpa e tristeza.

"É minha culpa", ele murmura, pressionando a cabeça no meu peito, buscando conforto. "Fui eu quem disse a Roman onde estávamos. Luca me contou o que Roman fez. Eu deveria saber que ele era tão desequilibrado quanto papai—"

"Não é sua culpa, Aiden", eu digo, minha voz firme apesar das lágrimas ameaçando cair. "Eu vou encontrar uma maneira de sair disso para nós dois."

"Não tem saída, Eden", ele soluça, lutando para se manter inteiro. "Você não vê isso? Estamos presos pra caralho. Pensei que talvez Roman pudesse ser diferente —"

"Não quero falar sobre Roman agora", interrompo, tentando manter alguma aparência de controle. "Tenho que olhar para ele durante toda a missa e me segurar."

Aiden para, seus olhos cheios de lágrimas examinando meu rosto com confusão e preocupação. "O que aconteceu entre você e o Padre Briar, Eden?" Ele pergunta, esfregando sua garganta machucada, sua voz rouca.

"Nada que importe. Acabou agora", eu sussurro, enxugando uma lágrima de sua bochecha. "Ele era mais próximo do papai do que eu pensava. Não adianta mais ficar pensando nesse fato."

"O quanto o papai te machucou ontem à noite?", pergunto, minha voz tremendo enquanto procuro a verdade em seus olhos. Ele desvia o olhar, a dor em sua expressão parte meu coração.

"Tentei revidar", ele sussurra, mostrando-me seus pulsos desgastados, a pele em carne viva e vermelha.

"Ele me segurou. Pensei que poderia pará-lo, mas quando ele começou a me tocar—"

"Está tudo bem, Aiden. Estou aqui agora", sussurro, meus olhos examinando o quarto em busca de um robe. "Você fica aqui até a missa."

Eu visto meu robe, apertando a corda em volta da minha cintura como se ela pudesse de alguma forma me segurar. Com um passo determinado, eu empurro a porta e sigo pelo corredor.

O peso dos hematomas de Aiden e o medo em seus olhos acenderam um fogo dentro de mim. O pensamento de meu pai machucá-lo por minha causa é demais para suportar. A raiva se aguça em determinação e, sem pensar duas vezes, sei o que tenho que fazer. Não posso deixar meu pai escapar impune — não quando a segurança de Aiden está em jogo. A cada passo em direção ao

Ao reunir espaço, meu foco se estreita e, quando avisto meu pai, minha decisão já está tomada: ele saberá que não estou com medo e não o deixarei machucar Aiden novamente.

Ao entrar no espaço de reunião lotado, meus olhos se fixam em meu pai, que está parado perto do fundo, envolvido em uma conversa com a madrastra de Zoey. A raiva fervendo dentro de mim ferve ao vê-lo, o pensamento de Aiden me empurrando para frente.

Ele acha que pode escapar impune?

Ignorando a voz de Zoey enquanto ela chama meu nome, eu caminho decididamente em direção ao meu pai, minhas mãos cerradas em punhos.

Quando o alcanço, agarro seu braço, meu aperto firme, meus nós dos dedos brancos.

Ele se vira, surpreso com minha presença repentina, seus olhos se estreitando enquanto ele registra a raiva em minha expressão. "O que você está—"

"Não ouse encostar outra vez em Aiden", eu sibilo, minha voz baixa, mas cheia de veneno.

Meus dedos cravam em seu braço enquanto me inclino para perto para que

somente ele possa me ouvir. "Se você fizer isso, eu juro por Deus—"

Seus olhos brilham de raiva, mas ele mantém a voz calma, seu tom condescendente. "Cuidado com o tom, Eden", ele avisa, puxando seu braço para fora do meu aperto. "Você já está em gelo fino depois daquela façanha em Mass."

Olho ao redor, notando as pessoas próximas começando a se interessar pela nossa conversa. Preciso ter cuidado. Eu me forço a respirar fundo, a conter

a fúria que ameaça explodir. Mas não consigo evitar me inclinar novamente, sussurrando asperamente,

"Não tenho mais medo de você. Se você tocar nele novamente, vou garantir que todos saibam quem você realmente é."

A expressão do meu pai escurece, e eu posso ver a tensão em sua mandíbula enquanto ele luta para manter a compostura. "Você precisa se acalmar", ele diz, sua voz perigosamente suave. "Podemos conversar sobre isso lá fora."

Ele agarra meu braço, seu aperto firme, mas não o suficiente para chamar atenção. Com um sorriso falso estampado no rosto, ele me guia em direção à saída, seus dedos cravando em minha pele apenas o suficiente para fazer seu ponto.

Assim que estamos do lado de fora, longe dos olhares curiosos da congregação, ele me puxa para um canto isolado do estacionamento. Seu rosto é uma máscara de raiva mal contida.

"Você tem alguma ideia do que acabou de fazer?" Ele rosna, com a voz baixa e ameaçadora.

"Você fez papel de bobo, assim como fez comigo."

Eu o encaro, recusando-me a recuar, mesmo que meu coração esteja batendo forte no peito. "Não me importa o que aconteça comigo. Mas se você machucar Aiden de novo, eu vou garantir que você se arrependa."

É quando eu vejo — um lampejo de algo frio e perigoso em seus olhos.

Antes que eu possa reagir, sua mão ataca, me dando um tapa forte no rosto.

A força do golpe me faz tropeçar, a dor irradiando pela minha bochecha enquanto tento manter o equilíbrio.

"Você aprenderá seu lugar, Eden", ele sibila, sua voz fervendo de fúria enquanto ele agarra meu braço, me puxando de volta para ele.

Seu aperto aperta, e eu sinto a ponta afiada das chaves do carro dele mordendo minha pele enquanto ele as arrasta pelo meu pulso, deixando um corte pungente em seu rastro. Eu seguro um grito, lágrimas ardendo em meus olhos, mas eu me recuso a deixá-lo me ver quebrar.

Quando ele finalmente me solta, eu tropeço para trás, segurando minha bochecha dolorida e meu pulso sangrando. O mundo ao meu redor parece embaçado e surreal, como se eu estivesse assistindo tudo acontecer de longe.

"Você vai ficar no carro o resto da missa", ele ordena, sua voz fria e desprovida de qualquer emoção. "E quando chegarmos em casa, você vai direto para o meu quarto."

Não respondo. Não consigo. Só consigo pensar em Aiden e em como falhei em protegê-lo.

Mas quando me viro para voltar para a igreja, vislumbro Roman parado na entrada, seus olhos fixos nos meus. Há um olhar de medo em sua expressão, um apelo silencioso que me diz que ele sabe exatamente o que está acontecendo, mas se sente impotente para impedir.

Depois que a missa termina, meu pai me arrasta para o carro, seu aperto mais forte do que nunca. "Quando chegarmos em casa, suba para o meu quarto", ele sussurra, e o medo no meu estômago se aprofunda.

Mas uma coisa é clara.

O foco do meu pai não estava mais em Aiden.

Aiden está seguro.

E eu?

Bem, talvez eu estivesse melhor na faculdade, longe desse inferno.

Josué 1:9: “Este é o meu mandamento: seja forte e corajoso. Nunca tenha medo ou desanimados porque eu sou vosso Deus, o Eterno, e permanecerei convosco onde quer que você vá.”



Capítulo 20

romano

tenha tudo planejado.

Eu, David Faulkner, terei uma morte lenta e torturante.

Uma história tão meticulosamente cruel que o próprio Ted Bundy tomava notas.

Já faz quatro dias desde que David a arrastou para fora daquela igreja, deixando hematomas em sua pele que não consigo tirar da cabeça. E o que eu fiz? Fiquei ali, paralisada pelo medo do que todos veriam se eu interviesse — se vissem o quanto eu me importo com ela, o quão profundo isso é. Eden é minha maior fraqueza, minha única vulnerabilidade verdadeira. Se a congregação descobrisse, eu perderia tudo — minha posição, meu chamado, a vida que construí. Eu seria

despojada da coleira, e tudo pelo que trabalhei desmoronaria. Mas a pior parte? Eu o deixei machucá-la, e não fiz nada.

Nos últimos quatro dias, ela tem evitado a igreja completamente. Eu sei porque tenho observado, mantendo o controle sobre ela à distância. Ela tem mentido para o pai, dizendo a ele que está cumprindo suas horas de serviço, e eu tenho mentido junto com ela sempre que ele pergunta como estão indo as aulas dela. O pensamento do que aconteceria se ele descobrisse a verdade faz meu sangue gelar.

E então tem Luca — pairando ao redor dela no estacionamento depois de seus turnos, envolvendo-a em seus braços, pressionando gelo contra o hematoma ao redor do olho dela. Vê-lo confortá-la, sabendo que aquele hematoma nem deveria existir, me enche de um ciúme ardente e arrependimento. Deveria ser eu segurando-a, protegendo-a. Mas tudo o que posso fazer é assistir à distância, assombrado pela minha própria covardia.

Deveria ser eu.

É uma tortura, esse exílio autoimposto da única pessoa que eu quero proteger mais do que tudo. A cada dia, eu me vejo atraído de volta para ela, dando desculpas para passar pelo seu local de trabalho, para permanecer nas sombras onde eu posso ver. Eu a vejo rir com Aiden, a luz em seus olhos esmaecida, mas ainda lutando para brilhar através da dor. E toda vez que vejo o braço de Luca ao redor dela, o sorriso fácil daquele idiota enquanto ele tenta confortá-la, eu sinto uma raiva que mal consigo conter.

Mas que direito eu tenho de sentir alguma coisa? Eu sou aquele que ficou parado enquanto o pai dela a machucava, que falhou em protegê-la quando ela mais precisava de mim. Eu sou aquele que está com muito medo de mostrar ao mundo o quanto eu me importo, de admitir que ela significa mais para mim do que qualquer outra coisa nesta existência vazia que eu esculpi para mim mesmo.

Eden ver aquele fichário era a última coisa que eu precisava. Ela não deveria saber, não deveria ver o lado negro desta cidade. Mas agora que ela vê, não consigo parar de pensar nisso.

Rolo meu anel no pódio do altar, o metal frio me aterrorizando neste momento de desamparo. Olho para meu relógio — nove e cinquenta da noite. Dez minutos até que eu tenha que ficar diante de uma congregação de pessoas que mal

consigo olhar, muito menos pregar. Elas me dão nojo, cada uma delas, mas eu faço minha parte porque é o que se espera de mim.

Se David não tivesse feito aquele acordo comigo, se ele não tivesse jurado me deixar ser a pessoa a disciplinar Eden, eu o teria despedaçado no momento em que ele colocou a mão nela. Mas eu tive que me segurar, eu tive que continuar jogando esse jogo distorcido para protegê-la. Para descobrir o que diabos estava acontecendo com aquelas crianças. A única razão pela qual ele não a puniu mais é que ele ainda acredita que ela está cumprindo suas horas de serviço comigo, e eu fiz tudo ao meu alcance para manter essa mentira viva.

Depois que ele a arrastou para fora da igreja e a machucou no estacionamento, ele teve a coragem de se desculpar comigo como se isso

pudesse apagar o dano que ele tinha causado. Ele jurou que não tocaria nela novamente, que deixaria a punição para mim como se isso de alguma forma tornasse tudo melhor.

Então eu cortei os pneus do carro dele. Era a única coisa que eu podia fazer para liberar a raiva fervendo dentro de mim, a única maneira de fazê-lo pagar sem expor tudo. Mas não foi o suficiente. Nada que eu faça parece o suficiente quando vejo os cortes em seus braços, crus e irregulares, um testemunho da dor que ela suportou. E tudo o que consigo pensar é como eu falhei com ela.

No minuto em que vi o sangue nas chaves do carro dele, eu sabia que tinha que ir embora — eu tinha que me forçar a ir embora antes que toda a minha congregação testemunhasse que eu estava matando o homem em plena luz do dia. A vontade de despedaçá-lo era quase insuportável, mas eu consegui resistir, mesmo que por um fio.

Desde então, meu telefone está em silêncio. Meus lençóis ainda carregam o leve cheiro dela, um lembrete cruel do que perdi. Mesmo agora, enquanto estou sentada aqui, não consigo parar de me perguntar quanto tempo Luca passou com ela, a coceira para ver como ela está ficando mais forte a cada minuto que passa. Quero ter certeza de que ela saia do seu turno da noite com segurança, saber que ela está bem, mas fico parada, lutando com meus próprios demônios.

Toda noite, estaciono perto da casa dela, mantendo uma distância cuidadosa. Eu observo, vigilante e pronto para arrombar no momento em que sinto que algo está errado. É um tipo de penitência doentia, essa vigilância autoimposta, mas é

a única coisa que me mantém são. Deixá-la se machucar na minha frente parece pior do que qualquer pecado que eu poderia cometer. É uma traição a tudo que jurei proteger — pior do que aceitar o próprio Diabo.

Arrepende-se não faz bem. As orações que antes traziam consolo agora só fazem a culpa apodrecer. Na minha vida, cometi muitos erros, mas nenhum tão grande quanto o que aconteceu na terça-feira.

Olho para o plano detalhado na minha frente, um projeto de vingança que venho refinando desde o momento em que David Faulkner colocou suas mãos imundas nela. Os demônios que ele liberou dentro de mim rondam o próprio espaço em que estou, transformando esta catedral em algo longe de ser sagrado. Eles sussurram para mim, me incitando a fazer o que precisa ser feito.

Quero vê-los todos queimarem. Quero ver este lugar, este culto distorcido, consumido pelas chamas — com ela ao meu lado, livre dos grilhões que nos prendem.

"Roman", o pai de Zoey sorri, interrompendo meu devaneio sombrio.

Minha mão se move rapidamente, guardando o papel enquanto o examino, tentando suprimir o desgosto que cresce dentro de mim.

"Eu sou Seth. Acho que não fomos apresentados corretamente." Ele estende a mão para mim, seu sorriso forçado.

"Certo", murmuro, examinando a catedral em busca de qualquer sinal dos outros membros desse culto maldito, na esperança de encontrar algo —

qualquer coisa — para me distrair da bile subindo pela minha garganta.

"Primeiro encontro?", ele pergunta, tentando puxar assunto, com um tom sério, mas irritante.

"É, é tão óbvio assim?", respondo com um sorriso forçado, forçando uma risada que soa tão vazia quanto parece. Ele ri nervosamente em troca, claramente incomodado com meu comportamento.

Cruzando os braços sobre o peito, ele olha ao redor da catedral, depois de volta para mim. "É uma pena o que aconteceu na terça-feira com a garota do

Faulkner", ele suspira, seus olhos encontrando os meus brevemente antes de desviar o olhar. "Mais uma explosão dela, e David pode considerar trocar Zoey por Eden naquela lista—"

Algo estala dentro de mim, um fio puxado com muita força por muito tempo, finalmente se rompendo. Antes que eu possa me conter, as palavras saem, frias e mortais. "Se você sugerir isso de novo, eu te mato."

O ar entre nós fica parado, a voz de Seth para no meio da frase enquanto seu rosto perde a cor.

Ele me encara com os olhos arregalados, lutando para processar o que acabei de dizer.

"Pai, eu—"

"Diga o nome dela mais uma vez, porra, ou mesmo insinue que qualquer um de vocês, seus bastardos imundos, vai encostar a mão nela, e eu vou quebrar seu crânio contra este chão", eu sussurro, minha voz baixa e mortal enquanto lentamente viro minha cabeça em sua direção.

A confusão de Seth é palpável enquanto ele dá um passo para trás, sua bravata escapando. "David disse que você era um de nós—"

"Ele disse?" Eu inclino minha cabeça, deixando o ódio profundamente enraizado dentro de mim arranhar seu caminho para a superfície. "Ele também te disse que molesta o filho dele e fode sua esposa quando você não está em casa?" O conhecimento que reuni sobre essas pessoas é profundo, muito mais profundo do que elas poderiam imaginar.

Eles têm seus recursos. Eu tenho os meus.

"Você não é um seguidor de merda..."

"Não sou", admito, seguindo-o escada abaixo com uma lentidão deliberada.

"Mas David Faulkner tem laços profundos com alguém com quem me importo mais do que qualquer coisa, e é por isso que você, Seth, será meus olhos e ouvidos", sorrio, alcançando o pódio para recuperar o arquivo grosso que preparei.

Seth balança a cabeça, abaixando o olhar como se estivesse procurando uma fuga. "Por que diabos eu te ajudaria?" Ele murmura, sua voz traindo o medo fervendo sob a superfície.

Eu jogo os papéis em sua direção, observando-os flutuarem no chão a seus pés. "Tenho tudo isso em um drive, pronto para ir para um amigo meu intimamente ligado ao FBI. David era inteligente—

ele ligou seu nome a todos os carros que transportam as crianças. Tudo leva de volta a você, Seth.

"Então você vai me ajudar a criar um rastro de papel claro que leve direto a David, Kevin e qualquer outra pessoa envolvida nessa merda fodida", eu sibilo, minhas palavras transbordando desprezo.

"Coloque a mão em Zoey, ou mesmo pense em Eden, e eu vou liberar tudo isso — e vou te matar antes que o DHS consiga arrombar sua porta", eu sorrio, a ameaça pairando pesadamente no ar entre nós.

"Jesus Cristo..." A voz de Seth treme, mas eu o interrompo, diminuindo a distância entre nós em um instante.

"Não Jesus, Seth. Só eu", eu repreendo, observando-o estremecer enquanto eu enfio a ponta pontiaguda de um pequeno abridor de cartas logo abaixo de sua caixa torácica, o metal frio afundando em sua carne com facilidade.

"Um



torcer meu pulso, e ele vai te matar antes mesmo que você consiga chegar ao hospital. Um pequeno truque que aprendi na minha segunda viagem ao exterior. Mas, contanto que você passe por esta reunião sem abrir a boca, eu ficarei feliz em ajudar você a tirá-lo."

Ajusto o paletó dele sobre o ferimento, o tecido escuro escondendo as evidências da nossa troca.

"Agora seja um bom discípulo e cale a porra da sua boca."

Pegando os papéis dele, eu os coloco de volta na pasta no pódio, forçando um sorriso enquanto os outros começam a entrar no espaço. Seth está lá, seu rosto pálido e abatido, mas ele permanece em silêncio.

David é o primeiro a entrar, sua presença lançando uma sombra sobre a sala. Ele dá um tapinha nas costas de Seth, alheio ao medo nos olhos do homem. "Seth, como você está?" David pergunta, passando por mim sem olhar duas vezes. Eu mantenho meu olhar fixo em Seth, observando qualquer sinal de traição.

Seth hesita, provavelmente calculando suas chances de sobrevivência, antes de forçar um sorriso. "Nunca estive melhor, David", ele responde, sua voz tensa, mas passável. "Sentindo-me com sorte", ele acrescenta com um sorriso que não alcança seus olhos.

David se vira para mim, dispensando Seth completamente, seu foco agora exclusivamente na tarefa em questão.

Há algo no modo como Seth olha para ele — um olhar persistente que David, muito egocêntrico, nem percebe.

Todos vão se arrepender de ter conhecido David Faulkner.

"Padre Briar?" A voz de David interrompe meus pensamentos, sua arrogância praticamente implorando para ser punida. "Pronto para começar?"

Eu forço um sorriso, ajustando minha gola com facilidade praticada.

"Absolutamente."

Sentados ao redor da fonte de água benta, a cena diante de mim parece algo saído de um filme de terror. Homens e mulheres passam uma folha de lista enquanto bebem descaradamente o vinho da igreja direto dos cálices usados para a Comunhão. Não há respeito pelo simbolismo, nenhuma reverência pelo sangue de Cristo em que eles estão se entregando como mosquitos sedentos drenando uma veia. Suas bocas gananciosas profanam o ritual sagrado, e a visão disso faz minha pele arrepiar.

Não demora muito para registrar que sou a pessoa mais jovem desse grupo distorcido. Seth fica perto de mim, sua respiração superficial e seu rosto pálido. Estou preparado para me inclinar e torcer o abridor de cartas que escondi sob sua

jaqueta à menor provocação.

Estou aqui para obter informações.

Estou aqui para manter Eden segura.

Quanto mais perto eu chegar de tudo isso, mais fácil será derrubar tudo.

Encontrando meu telefone no bolso, aperto o botão de gravação, posicionando-o para que ele possa capturar tudo. Rezo para que seja o suficiente — rezo para que eu possa reunir evidências suficientes para expor todos eles.

"Então, como todos vocês sabem, Roman substituiu o querido Padre Kevin e estava ansioso para preencher o vazio que ele deixou para trás", David sorri, sua expressão presunçosa enquanto os outros no grupo levantam seus cálices em um brinde bêbado, suas mãos batendo palmas em aplausos desleixados e acolhedores.

Doentes do caralho.

Eu forço um sorriso, recostando-me na cadeira com facilidade calculada.

"Estou honrado em ter todos vocês me recebendo de braços tão abertos", sorrio, lançando um olhar para Seth, que luta para esconder seus suspiros de dor. Seu rosto se contorce com o esforço e, apesar de tudo, acho seu desconforto divertido.

"O Padre Briar tem um vínculo especial com minha família", David continua, fazendo o papel do pai preocupado. "Como todos sabem, minha Eden teve outro de seus surtos psicóticos e quase causou uma cena—"

Segure-se firme, Roman.

Cravo minhas unhas em minhas coxas, me aterrando contra a raiva que ameaça me consumir. Não posso perder o controle agora. Não aqui.

"Embora Roman tenha se esforçado para incutir disciplina nela, a linha que ela trilha com o Diabo tem sido difícil para toda a minha família. Meu filho tem sido meu foco principal. Meu trabalho como pai é protegê-lo da escuridão—"

Suas palavras se confundem, e preciso de tudo em mim para manter uma fachada calma. Minha mente corre com cada mentira que ele está contando, cada verdade distorcida que ele está manipulando para se pintar como a vítima e Eden como o monstro. As mesmas mentiras que ele usa para justificar as coisas horríveis que ele faz com seus dois filhos.

Todos eles pagarão pelo que fizeram.

E começa com David Faulkner.

"Mas com o desrespeito persistente de Eden por sua fé, sou especialmente grato pela disciplina que Roman tem incutido nela", diz David, seu tom pingando com falsa gratidão. "Ela precisava de alguém para lembrá-la de seu lugar, e os esforços de Roman para guiá-la de volta ao caminho correto não passaram despercebidos." Ele sorri, erguendo seu copo em minha direção. O ar ao nosso redor engrossa com a tensão enquanto ele se inclina, os olhos brilhando com malícia.

"É por isso que hoje à noite, eu te peço apenas uma coisa," Ele me olha como se estivesse avaliando um oponente. "Mostre à minha filha o temor de Deus. Dê a ela uma razão para ter medo da força Dele," David avisa, tomando um gole deliberado do seu copo. "Ou, é claro, eu mesmo terei que fazer isso."

Nossos olhares se encontram em uma batalha silenciosa por domínio, o ar entre nós crepita com ameaças não ditas.

"Você está questionando minha eficácia, David?", pergunto, meu tom leve, quase divertido, embora não haja um pinga de humor em seu rosto.

O sorriso de David se desvanece em algo mais frio, mais calculista. "Estou escolhendo acreditar que você está realmente punindo minha filha por seu flerte com o Diabo. Mas se eu descobrisse que você estava de alguma forma trilhando um caminho de pecado com ela, bem, nosso acordo teria que mudar", ele diz, sua voz pingando com condescendência velada. "Estou escolhendo acreditar que sua explosão com Zack não nasceu de uma necessidade de proteger Eden", ele acrescenta, estreitando os olhos.

Aquele rato de merda. Zack correu para David no momento em que baixei a guarda. Vou ter que lidar com ele mais tarde — Deus o ajude se ficarmos sozinhos de novo.

"Você deveria saber melhor do que ninguém, pai, que as mulheres são uma tentação. Se você, digamos, cuidasse da minha filha de qualquer forma além de inculcar disciplina e devoção, você desfiguraria a própria natureza desse anel em seu dedo."

"Parece que você está fazendo muitas acusações, David," murmuro, um sorriso finalmente se esgueirando em seu rosto. É o sorriso de um homem que acha que venceu, que acha que me encurralou.

"Eu conheço minha filha, pai. Ela não é uma mulher limpa", sussurra David, inclinando-se para mais perto.

"Considere isso um aviso amigável, de homem para homem."

Quando ele se vira, vejo a verdade como ela é. Ele tem suspeitas sobre Eden e eu. Todo esse encontro — cada palavra que ele disse — foi apenas uma maneira de apertar a coleira em volta do meu pescoço.

O resto da reunião se transforma em um zumbido monótono de conversas ao fundo, com palavras enigmáticas, deliberadamente me mantendo no escuro sobre onde as crianças estão.

Enquanto o grupo muda de negócios para brincadeiras, vejo Seth olhando-o, sua expressão cautelosa.

"O que ele quer do Éden?", pergunto, mantendo a voz baixa.

"Submissão completa", Seth dá de ombros, baixando os olhos enquanto murmura as palavras.

Agarro as laterais da cadeira, forçando-me a manter a calma.

"Ela não sangrou", minto, falando um pouco mais alto para que o grupo possa ouvir, alimentando a narrativa doentia que David construiu. Viro-me para ele, meu rosto indiferente. "Você afirma que ela carrega o pecado, mas ela é tão inocente quanto nossa Mãe Maria."

"Uma virgem?" David reflete, seu tom mudando como se estivesse vendo Eden sob uma nova luz, como se estivesse reavaliando seu valor. Ele retoma a conversa, estreitando os olhos em pensamento.

"Sim", eu digo, levantando-me lentamente, a cadeira raspando no chão.

"Suponho que o preço não se encaixa bem na descrição dela e de Zoey—"

"Você pode provar que ela ainda mantém a luz de Mary dentro dela?" David pergunta, sua voz um estrondo baixo enquanto a sala fica em silêncio.

"Você pode provar que ela é submissa e intocada por um homem?"

Minha mente corre, procurando uma resposta que não me prenda mais.

A ideia de provar algo tão distorcido me revira o estômago, mas sei que não posso me dar ao luxo de demonstrar fraqueza aqui.

Bato o pé, ganhando tempo, balançando a cabeça lentamente, como se ponderasse a impossibilidade do seu pedido.

"Se eu puder, ela fica fora do leilão?", pergunto, minha voz firme, mascarando a tempestade se formando dentro de mim. A cabeça de David se inclina, seus olhos se estreitam enquanto ele considera minha proposta.

"Se você puder provar", David sussurra, sua voz pingando ceticismo.

"Então sim. Ela não tem lugar no leilão."

Concordo lentamente, forçando um sorriso que não alcança meus olhos.

Isso é tudo para mostrar. Ele acha que eu não vou conseguir provar. Ele acha que já ganhou.

"Fechado", eu digo com um sorriso, estendendo minha mão. "Se eu estiver errado, você pode fazer o que quiser com ela."

David hesita, apenas por um segundo, antes de segurar minha mão. Seu aperto é firme, quase esmagador, enquanto ele me puxa para mais perto, sua boca roçando minha orelha. Um arrepio frio serpenteia pela minha espinha enquanto suas palavras deslizam pelo ar.

"Se eu descobrir que você não é um de nós, e que você está corrompendo a alma da minha filha com suas heresias, eu farei você assistir aos lances dela e forçarei

você a testemunhar o resultado. Eu posso sentir o cheiro de um herege a uma milha de distância, Roman, e seu fedor é inconfundível. Eu santifiquei minhas mãos na água benta desta igreja, e eu te afogarei nela com prazer se eu descobrir que você está levando para o caminho errado."



Ele me solta, a ameaça pairando entre nós como uma lâmina pronta para atacar. Então, como se apertasse um interruptor, ele desliza de volta para sua fachada charmosa, desculpando-se com um sorriso enquanto os outros começam a sair. Mas quando as portas se fecham atrás dele, a tensão não se dissipa—

ele engrossa, envolvendo-me como um laço.

Na minha vida, enfrentei muitos demônios. Mas nunca pensei que ficaria cara a cara com o próprio Diabo.

Uma nova resolução endurece dentro de mim, fria e inflexível. Ele me subestimou. Todos eles o fizeram. E essa será a queda deles.

A sala esvazia, deixando-me sozinho com meus pensamentos. Mas não há tempo para me demorar. Posso sentir o relógio correndo, cada segundo uma contagem regressiva para o momento em que tudo chegará ao ápice.

O Diabo pode pensar que venceu esta rodada, mas eu tenho minhas próprias cartas para jogar.

Respiro fundo, me preparando para o que está por vir. O ato final está se aproximando, e quando isso acontecer, estarei pronto.

Deixe-o vir. Deixe-os todos virem. Eu vou derrubar a maldita casa toda.

Capítulo 21

É

Éden

A catedral se ergue à frente, suas torres altas cortando o céu crepuscular enquanto entro no estacionamento quase deserto. Já faz três semanas desde que tudo começou a desmoronar — desde que confrontei meu pai e cortei Roman da minha vida. Três semanas tentando manter meu irmão a salvo da ira do nosso pai. Três semanas fingindo que a presença de Luca na minha vida é algo mais do que uma tentativa fraca de normalidade.

O 4-Runner de Roman está estacionado perto da entrada, o único outro veículo à vista. A visão dele é reconfortante e inquietante, sabendo o que está por vir. Saio do carro, o ar frio da noite roçando minha pele, enviando um arrepio pela minha espinha. Minhas mãos apertam as bordas da flanela de Roman, puxando-a para mais perto como se pudesse me proteger das respostas que vim buscar aqui. O tecido ainda carrega seu cheiro, uma lembrança agriçoce do homem que foi meu salvador e meu algoz.

Começo a andar em direção às grandes portas de madeira da catedral, o clique dos meus saltos ecoando no silêncio. Em casa, as coisas mudaram.

Aiden tem estado mais quieto, mais retraído. Meu pai não colocou a mão em mim desde aquele dia, mas sua atenção mudou — ele está mais focado em mim agora, deixando Aiden um tanto quanto livre. Mas sei que é temporário. Ele ainda está em perigo, apenas espreitando sob o radar do meu pai por enquanto.

Luca tem se esforçado, se inserindo na minha vida de forma mais consistente depois de se desculpar por como ele me tratou depois da explosão de Roman no reservatório, e eu tenho fingido perdoá-lo. Mas não é um relacionamento. É um curativo sobre uma ferida que Roman deixou para trás.

As portas de madeira da catedral são pesadas, resistindo quando as empurro para abrir. Por dentro, o prédio parece mais uma fortaleza do que um santuário esta noite. A luz fraca de uma única lâmpada no escritório no final do corredor projeta longas sombras, fazendo o espaço parecer ainda mais opressivo. Cada

passo que dou em direção ao escritório parece mais pesado, como se o próprio ar estivesse ficando mais espesso ao meu redor, sobrecarregado pelas perguntas que estavam queimando em minha mente.

Por que Roman mentiu para meu pai, dizendo a ele que eu estava cumprindo horas de serviço quando nós dois sabemos que não? Qual é a conexão real dele com meu pai, e o que ele sabe sobre os segredos obscuros enterrados naquele fichário que eu encontrei? E por que, depois de tudo, eu não posso simplesmente deixá-lo ir?

Meu coração bate forte quando entro, olhos fixos no caos diante de mim. O

clique silencioso da porta se fechando atrás de mim ecoa no silêncio, e sei que não há como voltar atrás agora.

A voz de Roman, baixa e cansada, quebra o silêncio, tirando-me dos meus pensamentos.

"Eden", ele sussurra, como se estivesse dizendo meu nome pela primeira vez.

Eu me viro lentamente, encontrando seus olhos cansados. Por um momento, o peso de tudo o que não foi dito paira entre nós. O quarto parece pequeno demais, confinado demais para o que está prestes a acontecer.

"Preciso de respostas, Roman", digo, minha voz tremendo com o peso de tudo que estou prestes a perguntar. "Preciso saber o que realmente está acontecendo."

Eu paro meu olhar para sua mesa desorganizada. Papéis estão espalhados por ela desordenadamente, uma bagunça caótica que parece fora do personagem para o homem que geralmente exala controle. Meu olhar se move para baixo, absorvendo os detalhes — o leve cheiro de couro velho, as bordas gastas de um fichário grosso e um molho de chaves abandonado em cima de uma pilha de documentos.

Percebo um caderno, suas páginas cheias de rabiscos e notas que são quase impossíveis de decifrar de onde estou. Há uma tensão no ar, uma sensação palpável de algo escondido logo abaixo da superfície. Meus dedos tremem, uma parte de mim querendo estender a mão e folhear as páginas para encontrar as respostas que vim aqui buscar.

“O que é tudo isso?”

"Minha tentativa lamentável de encontrar informações sobre todos os doentes idiotas dessa congregação", ele sussurra, folheando os papéis.

"Aquela reunião no domingo deixou claro que preciso de mais influência sobre todos eles—"

"A reunião... sobre as crianças naquela pasta que eu vi?" pergunto, seu corpo congelando.

"Eles não confiam em mim, Eden. Eles não acham que eu sou um deles porque não sou. Eu sei que você está convencida de que eu sou parte de tudo isso, mas eu prometo a você, a única coisa que eu quero é levar você e

essas crianças para longe disso", ele sussurra, finalmente encontrando meu olhar.

"O acordo que você fez com meu pai—"

"Era para te manter segura", ele sussurra, virando-se para mim. "Ele queria te machucar, te punir. Eu não ia permitir isso.

"E é por isso que você me bateu?", pergunto, esfregando meus braços.

"Ele tinha que pensar que eu estava disposto a punir você do jeito que ele faria, Angel", ele sussurra, dando um passo mais perto. "Mas agora um desses idiotas cultistas elitistas plantou na mente dele que nossas sessões não foram tão frias quanto ele gostaria de acreditar."

Dou um passo para trás, balançando a cabeça. "E agora? Ele acha que você está me espancando até a submissão durante nosso horário de serviço? Que tipo de lógica fodida é essa?"

A expressão de Roman endurece, sombras aprofundam a intensidade de seu olhar. “Ele quer que você seja tão submissa quanto sua mãe,” Ele diz, sua voz cheia de amargura. “Ele quer que você abaixe sua cabeça, aceite seu lugar sem questionar, para ser moldada na imagem perfeita de obediência.

Ele precisa de mim para quebrar seu espírito, para torná-la pura aos olhos dele, limpa de tudo o que ele acredita que a contamina.”

As palavras me dão um arrepio, mas eu me forço a ficar firme. "E se você não fizer isso?" Eu desafio, me aproximando, precisando saber até onde isso vai.

Os olhos de Roman piscam com uma mistura perigosa de proteção e raiva.

"Se eu não fizer isso, Eden, então você não vai querer saber do que ele é capaz. Mas eu não vou deixar isso chegar tão longe. Você não vai descobrir."

Sua mão se estende para tocar meu rosto, mas eu recuo bruscamente, minha espinha batendo na borda da mesa. "Não", eu estalo, minha voz tremendo com uma mistura de medo e raiva. "Não me toque como se você se importasse—"

A mão de Roman paira no ar, seus olhos se fixando nos meus com uma intensidade crua. "Eu me importo", ele diz, sua voz áspera e cheia de algo que não consigo decifrar. "Mais do que você imagina, Eden. Essa — essa necessidade de proteger você — está me destruindo."

Sua confissão me atinge como uma onda, e por um momento, não consigo encontrar as palavras. O peso do que ele está dizendo, do que ele está sentindo, me pressiona. "Isso não é sobre você", consigo dizer, minha voz tremendo. "Isso é sobre o que meu pai quer, sobre a maneira como ele está tentando controlar minha vida..."

Roman se aproxima, seu olhar nunca deixando o meu. "É sobre mim, Eden.

É sobre nós. É sobre tudo o que aconteceu. . Tudo o que começou naquele dia no parque."

Eu pisco, desequilibrado pela mudança repentina. "O parque?", pergunto, minha voz quase um sussurro. "O que o parque tem a ver com isso?"

Seus olhos suavizam, e pela primeira vez, vejo uma vulnerabilidade nele que eu não tinha notado antes. "Aquele dia no parque, quando eu vi você sentada sozinha naquele banco... Eu não sabia no que estava me metendo.

Mas eu sabia, mesmo assim, que não podia simplesmente ir embora."

A lembrança desperta algo profundo dentro de mim, um fragmento de um momento que tentei enterrar.

“Você estava lá,” eu sussurro, a realização me atingindo. “Você foi quem me parou.”

Roman assente, sua expressão cheia de uma mistura de dor e determinação.

“Eu não podia deixar você passar por isso, Eden. Nem naquela época, nem agora. Eu tenho cuidado de você desde então, tentando te proteger, tentando te manter segura — mesmo que isso significasse mentir, mesmo que isso significasse ir contra tudo que eu deveria defender.”

Suas palavras pairam no ar, pesadas de significado, e de repente, tudo começa a fazer sentido — a maneira como ele tem agido, a maneira como ele tem me encoberto, a intensidade de suas emoções. "Por que você não me contou?", pergunto, minha voz embargada.

“Eu não sabia como,” ele admite, sua voz áspera. “Eu não sabia se você iria querer ouvir. Mas eu não podia ficar parado e deixar seu pai te destruir, Eden. Eu me importo muito com você para deixar isso acontecer.”

A sinceridade em sua voz puxa algo profundo dentro de mim, algo que tentei manter enterrado. Procuro seus olhos, procurando por qualquer sinal de engano, mas tudo o que vejo é emoção crua e sem filtro. "Você me salvou", sussurro, as palavras quase inaudíveis. "Aquele dia no parque...

você me salvou."

A mão de Roman finalmente se move, gentilmente afastando uma mecha de cabelo do meu rosto. "E eu continuarei salvando você, Eden", ele jura suavemente. "Pelo tempo que for preciso."

A mão de Roman permanece em minha bochecha por mais um momento antes de deixá-la cair ao lado do corpo.

O ar entre nós muda, a tensão aumenta, tornando-se algo completamente diferente.

algo que crepita com um tipo diferente de intensidade.

Eu respiro fundo, trêmula, tentando me firmar, mas a maneira como ele está me olhando agora, com uma mistura de preocupação e algo mais sombrio, torna

impossível pensar claramente. Seus olhos caem, percorrendo meu corpo, absorvendo cada detalhe.

“Éden,” ele diz calmamente, sua voz baixa e cheia de algo que faz meu coração pular uma batida. “Por que você está usando minha flanela?”

A pergunta dele me pega desprevenida, e eu instintivamente enrolo o tecido mais apertado ao meu redor como se isso pudesse me proteger do calor do seu olhar. “Eu-eu só peguei algo para vestir”, gaguejo, mas a mentira é fraca, até para meus próprios ouvidos.

Roman se aproxima, sua presença é avassaladora. “Sem sutiã?” Ele murmura, seu tom mantendo uma ponta perigosa. Ele estende a mão, seus dedos roçando levemente o tecido que cobre meu peito. “Você acha que alguém deixaria de notar o contorno desses lindos seios se olhasse de perto?”

Seus polegares roçam a curva dos meus seios, o toque é tão leve que me dá arrepios na espinha, e o calor se acumula entre minhas pernas. Mal consigo respirar, muito menos responder. O espaço entre nós parece desaparecer, o cômodo se estreitando para apenas ele, apenas nós.

Minha mente é uma névoa de sensações e desejo. O peso da presença dele, o cheiro inebriante dele grudado no tecido que estou usando — tudo me oprime. “Eu uso quando eu...” Minha voz falha, as palavras ficam presas na minha garganta enquanto seus polegares rolam sobre meus mamilos, o metal frio do seu anel contrastando fortemente com o calor do seu toque, tornando-os ainda mais firmes.

“Quando você o quê, Eden?” Ele pergunta, seu tom exigente e suave ao mesmo tempo, como uma promessa sombria. Seus lábios encontram a pele sensível do meu pescoço, e ele a reúne entre os dentes, mal sugando, apenas o suficiente para fazer meu corpo derreter em seu toque, cada pensamento consumido por ele. “Confesse seus pecados para mim, baby”, ele sussurra, as palavras vibrando através de mim, deixando meus joelhos fracos.

“Q-Quando eu quero... me tocar”, eu finalmente admito, a confissão escapando dos meus lábios como um segredo que eu guardei por muito tempo. Seus lábios se curvam em um sorriso contra minha pele, um sorriso triunfante, como se ele tivesse acabado de ganhar um jogo não falado.

“Não precisa se tocar, linda,” ele sussurra, seus dentes mordiscando meu lóbulo da orelha, enviando uma descarga de prazer direto através de mim.

“Não quando eu estiver aqui.” Suas palavras são um comando, uma promessa.

A boca de Roman paira a poucos centímetros da minha pele, o calor de sua respiração permanecendo enquanto ele se afasta um pouco, seu olhar intenso e inflexível. Meu pulso bate forte em meus ouvidos, combinando com o ritmo rápido do meu coração. Toda vez que seu anel roça minha pele, parece um ferro em brasa, me marcando como sua.

"Roman..." começo, mas minha voz está ofegante, fraca.

"Continue dizendo meu nome, Eden", ele sussurra, seu tom ao mesmo tempo autoritário e desesperado, como se ele precisasse ouvir tanto quanto eu preciso dizer. Seus dedos se atrapalham com os botões da flanela, cada um se desfazendo com uma lentidão agonizante. "Sussurre, grite, berre.

Só me deixe ouvir sua linda voz. Eu nunca vou enjoar dela."

Suas palavras me causam arrepios na espinha, e estou prestes a ceder, a deixar o último botão cair, quando uma onda repentina de determinação aperta meu aperto em sua mão, parando-o. Olho fixamente em seus olhos, procurando pelo romano que pensei conhecer sob o desejo ardente que nubla seu olhar.

"Meu pai..." As palavras são um lembrete severo da realidade distorcida que nos espera do lado de fora deste momento.

"Quer que eu prove a ele que você é intocado, puro," Roman cospe a palavra como se ela queimasse sua língua. "Ele está convencido de que se você fosse—sangrar—durante algum ritual doentio, isso significaria que você ainda é intocado pelo pecado."

"Mas eu não sou..." confesso, com a voz trêmula.

"Eu sei", Roman diz entre dentes, sua raiva mal contida. "Mas ele acredita que se você sangrar durante um... Eu realmente não sei. Um ritual ou algum tipo de punição, talvez? Que isso provará sua inocência para ele, que você ainda é... puro em sua mente distorcida."

O pensamento faz meu estômago revirar, o peso do que ele está insinuando se acomoda pesadamente em meu peito. Os dedos de Roman pairam sobre o último botão da minha flanela, seu anel frio contra minha pele. Mesmo quando a tensão entre nós aumenta, ele não se move para tirar seu anel, e a percepção horripilante surge em mim.

"Então me faça sangrar, Roman", eu digo, minha voz firme, mesmo com o medo apertando minha garganta.

Ele para, seus olhos procurando os meus, procurando por qualquer sinal de que não quis dizer o que acabei de dizer.

Os segundos se arrastam, e posso ver a dor em seus olhos, o desespero para não me machucar, mesmo estando preso na teia das exigências distorcidas do meu pai.

"Éden..." Sua voz falha, mas eu me mantenho firme, sabendo que o que quer que aconteça a seguir está além do nosso controle.

Mas eu seguro seu olhar, inabalável, as palavras pairando entre nós como um desafio, uma promessa e uma rendição, tudo ao mesmo tempo. A decisão é dele agora, e a sala parece prender a respiração, esperando o que vem a seguir.

"Ou então vou sair daqui para encontrar Zoey e Luca—"

Antes que eu possa terminar, seus lábios estão nos meus, silenciando a ameaça com um beijo tão feroz que me deixa sem fôlego. O último botão da minha flanela cede sob sua força, o tecido escorregando para o chão, esquecido. Envolvendo meus braços em volta do seu pescoço, ele me

levanta da mesa pelas alças do meu jeans, me pressionando contra ele, seu comprimento duro cravando em minha coxa, enviando um arrepio de necessidade através de mim.

Enquanto sua mão se move em direção ao anel, um símbolo de tudo o que ele está tentando segurar, eu bato sua mão de volta na mesa, me recusando a deixar que esse momento seja manchado pela culpa.

"Não—"

"Tire isso", ele sibila, os olhos queimando com intensidade. "E coloque em você", ele ferve, seu aperto apertando meu queixo. "Eu quero que meu compromisso com você seja igual ao meu compromisso com Deus, Eden."

Roman sussurra, sua voz tremendo com emoção crua. Ele arranca seu dedo da faixa, segurando-o na frente da minha mão estendida. "Eu beijarei o chão que você pisa, Eden Faulkner, contanto que você possa lidar com os demônios que me seguem", ele sussurra, sua respiração quente contra minha pele. "Você tem certeza de que pode lidar com isso?" Ele pergunta, seu olhar travado no meu, procurando por qualquer dúvida.

"Coloque o maldito anel, Roman", eu retruco, inclinando-me até que nossos rostos estejam a centímetros de distância.

Sem hesitar, ele desliza o anel no meu dedo; parece estranho, pesado e, ainda assim, certo.

Com um movimento rápido, ele me vira até que meu traseiro esteja rente ao seu peito, me curvando sobre a mesa. Minhas calças são puxadas para baixo em um movimento fluido, sua mão envolve meu cabelo, puxando-o com força.

Roman faz uma pausa, seus olhos devorando a visão diante dele, a tensão entre nós palpável, elétrica. Suas calças permanecem vestidas, um símbolo da contenção à qual ele mal consegue se agarrar.

"O que você está-"

"Eu não vou te foder na casa do Senhor", Roman sussurra, sua voz baixa, perigosa. "Não com meu pau, pelo menos." Ele alcança a estante, seus dedos se curvando ao redor da cruz de mármore, sua base fina e lisa.

"Próxima lição", ele murmura, olhando para a ponta mais longa da cruz.

"Da última vez, eram seis polegadas; desta vez, são sete", ele sorri, seus olhos escuros de desejo. "Só mais duas polegadas até você estar pronta para mim", ele avisa, sua voz uma promessa tentadora. Ele pega uma pequena

garrafa na prateleira, segurando-a para que eu veja — um frasco de água benta.

Com cuidado deliberado, ele derrama a água benta sobre a cruz, deixando-a

escorrer pela minha espinha, o líquido frio correndo entre minhas omoplatas, descendo pelas minhas costas e, finalmente, pelas minhas dobras, onde se mistura com o calor que já estava acumulado ali, meu clitóris pulsando em antecipação.

"Pronto", ele sussurra, sua respiração quente contra meu ouvido. "Agora está abençoado", ele zomba, puxando minha calcinha para baixo, me expondo completamente. Seu dedo traça meu calor, lento e deliberado, provocando, seu toque tanto uma promessa quanto uma ameaça.

"Acho que eu nem precisava disso, né?" Ele murmura, passando a ponta lisa do crucifixo pelas minhas dobras, provocando minha entrada com sua base.

"Qual é mesmo essa palavra de segurança, Angel?" Ele pergunta, minha testa pressionada na mesa.

Mordo o interior da minha bochecha, segurando uma risada.

"Arrependa-se, Pai", eu sorrio, esticando a cabeça para ele e sua mão enterrada em meu cabelo.

"Essa é minha palavra de segurança."

Um suspiro suave escapa dele, uma mistura de diversão e algo mais sombrio, mais primitivo.

"Vamos precisar muito disso depois disso."

Com lentidão deliberada, ele desliza a ponta do crucifixo para dentro de mim, e eu solto um gemido ímpio, o som reverberando pela sala vazia. O

aperto de Roman aperta, puxando meu cabelo com mais força enquanto ele empurra mais fundo, o mármore liso me esticando de maneiras que fazem meus dedos dos pés se curvarem. Meu corpo se arqueia contra a mesa, meus seios pressionando a madeira fria enquanto eu me preparo, sentindo o peso sólido da cruz me preencher centímetro por centímetro.

Quando a barra horizontal me atinge, eu suspiro, a mistura de prazer e dor enviando ondas de choque pelo meu corpo. Todos os sete centímetros estão enterrados dentro de mim, e Roman faz uma pausa, me deixando sentir cada

centímetro antes de começar a puxá-los de volta para fora lentamente.

"Boa porra, garota", Roman sussurra, sua voz grossa de satisfação enquanto ele me observa me contorcer embaixo dele. "Agora, a parte divertida."

Ele empurra o crucifixo de volta para dentro de mim com uma força que me faz gritar, minhas mãos agarrando as bordas da mesa com força. Roman não se segura, seus movimentos rápidos e deliberados, enfiando o objeto abençoado em mim com uma intensidade que faz minha mente cambalear, meu corpo preso entre o céu e o inferno.

"Roman", eu suspiro, o nome saindo dos meus lábios como uma prece, meu corpo tremendo a cada estocada.

"É isso, Angel," ele rosna, sua mão livre serpenteando para cobrir minha boca, abafando meus gemidos enquanto ele continua seu ritmo implacável.

"Pegue. Pegue tudo."

O som do mármore deslizando para dentro e para fora de mim, escorregadio com minha excitação, enche o quarto, a sensação é avassaladora enquanto Roman me leva à beira da loucura, me levando ao limite do que posso suportar.

"Arrenda-se", sussurro contra sua palma, minha voz quase um sopro.

"Ainda não", ele sibila, sua mão se movendo da minha boca para minha garganta, apertando apenas o suficiente para me fazer ver estrelas. "Não até você gritar por mim."

A combinação de seu aperto em minha garganta, o crucifixo me preenchendo completamente e a força bruta de suas estocadas é demais.

Minha visão fica turva, o quarto girando enquanto prazer e dor se entrelaçam, me puxando para baixo até que eu esteja perdida nele, meu corpo se contorcendo sob seu controle.

"Roman!", grito, a palavra arrancada da minha garganta enquanto o clímax me atinge, meu corpo convulsionando com a força disso, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto me rendo completamente a ele.

"Boa menina", ele sussurra, sua voz áspera com seu próprio desejo mal contido enquanto ele diminui o ritmo, tirando o crucifixo de mim centímetro por centímetro. A ausência me deixa dolorida, vazia e, ainda assim, tão completamente satisfeita que mal consigo respirar.

Roman solta minha garganta, e eu caio para frente, meu corpo exausto, cada músculo tremendo pela intensidade do que acabou de acontecer. Ele tira um momento para admirar seu trabalho, sua mão descendo pela minha espinha em um gesto que parece quase reverente.

"Ainda não terminamos, Angel", ele murmura, sua voz prometendo mais coisas enquanto me levanta da mesa e me vira para encará-lo.

Os olhos de Roman escurecem enquanto ele me observa, o desafio em meu olhar o desafia a ir mais longe. Sem aviso, ele enfia o crucifixo de volta em mim com uma força que envia uma sacudida de prazer direto através do meu núcleo. Eu grito, o som ecoando pela sala, minhas mãos agarrando a mesa enquanto o objeto sagrado se move dentro de mim, ficando mais escorregadio a cada estocada. A mesa balança sob a intensidade, a madeira rangendo enquanto o ritmo de Roman acelera, seus próprios suspiros se misturando aos meus no ar aquecido.

"Eden", ele sussurra, sua voz áspera e cheia de algo cru. "Deus, que boceta linda."

Ele desliza os dedos pelos meus lábios e, sem hesitar, eu mordo o suficiente para tirar sangue. O gosto metálico se espalha pela minha língua, e a visão do sangue dele nos meus lábios o deixa louco. O aperto de Roman aperta, e ele enfia o crucifixo em mim com mais força, me virando de costas em um movimento rápido. Minhas pernas pendem sobre seus ombros enquanto ele mantém o crucifixo no lugar, meu calor o envolve enquanto eu me contorço embaixo dele, completamente à sua mercê.

Esparramado sobre sua mesa, eu o encaro com um desafio em meus olhos, minha língua lentamente lambendo o sangue dos meus lábios. A visão parece acender algo mais sombrio nele, e ele olha para seu dedo mordido antes de olhar de volta para mim, sua expressão uma mistura de luxúria e algo mais primitivo.

"Jogando sujo?", ele pergunta, sua voz um rosnado baixo que me dá arrepios na

espinha. Minhas mãos se movem em direção aos meus seios, roçando meus mamilos enquanto arqueio minhas costas levemente, me pressionando contra a mesa de uma forma que faz seus olhos se estreitarem de fome.

Os olhos de Roman escurecem com determinação, uma intensidade primitiva que me dá um arrepio na espinha. Ele não hesita. Mantendo minhas pernas dobradas sobre seus ombros, ele enfia o crucifixo em mim com uma força que rouba o ar dos meus pulmões, minhas costas arqueando para fora da mesa. O ângulo, com minhas pernas elevadas, traz um prazer novo e intensificado, um que é tão excruciante quanto extático. Minha visão

fica turva com lágrimas enquanto a mistura de dor e prazer me consome, meu corpo tremendo sob seu aperto implacável.

"Toque-se", Roman ordena, sua voz áspera com comando. "Toque-se enquanto você está sendo fodido."

Minha mão treme enquanto viaja para meu clitóris, dedos mal roçando contra o nó sensível, os pequenos círculos que desenho enviando ondas de choque através do meu corpo. A dor fica mais aguda, cada estocada me empurrando para mais perto da borda, meus gritos ecoando nas paredes do pequeno escritório. A mão livre de Roman aperta minhas coxas, me segurando no lugar enquanto ele continua a enfiar o crucifixo em mim, cada movimento me levando mais perto do ponto de ruptura.

"Roman..." Eu suspiro, minha voz falhando enquanto meu clímax se aproxima, uma força imparável apertando meu ventre.

"Goze para mim, Angel," Roman estala, seu tom não deixando espaço para desobediência. "Goze em todo esse crucifixo para que eu possa sentir sua dor."

O comando quebra algo dentro de mim, e eu solto um grito, a liberação me atravessando como uma onda gigante. Meus músculos apertam o crucifixo, meu clímax o revestindo,

lágrimas escorrendo pelo meu rosto pela pura intensidade. A mão de Roman para, seus olhos travados nos meus enquanto ele rapidamente puxa o crucifixo para fora, nós dois olhando para as manchas de sangue manchando sua superfície.

Sem dizer uma palavra, ele leva o crucifixo aos lábios, lambendo a mistura de sangue e minha liberação, seus olhos nunca deixando os meus. A visão envia outro arrepio pela minha espinha, mas não há tempo para processá-lo antes de Roman jogar o crucifixo na mesa, caindo de joelhos entre minhas pernas. Suas mãos me arrastam para frente até que eu esteja sentada na beirada da mesa, seu aperto firme, mas não doloroso.

"Roman, o que você está fazendo?", sussurro, minha voz ainda trêmula após o clímax.

"Limpando a bagunça", ele murmura, sua voz suave, mas cheia de intenção.

"Eu te disse, se você for boa para mim, você será recompensada."

Ele espalha beijos pela parte interna das minhas coxas, seu toque suave agora, um contraste gritante com a aspereza de antes. Sua língua traça um

caminho lento e deliberado sobre minhas dobras, lambendo a mistura de esperma e sangue. Minhas mãos se enredam em seu cabelo, puxando-o para mais perto enquanto sua língua faz sua mágica, a gentileza de seu toque quase demais para suportar depois da intensidade brutal do que veio antes.

Roman não para até limpar cada centímetro de mim, sua boca quente e macia contra minha pele sensível. Quando ele finalmente se levanta, eu fico ofegante, minhas pernas tremendo com os tremores secundários do prazer.

Há uma mancha de sangue em seu lábio inferior, e antes que ele possa falar, eu o puxo para mim, lambendo o sangue limpo, minha língua traçando a curva de seu lábio.

Ele responde instantaneamente, capturando meus lábios em um beijo tão desesperado quanto consumidor.

Nosso sangue se mistura, um lembrete gritante do prazer brutal que acabamos de compartilhar. Enrolo minhas pernas em volta da cintura dele, puxando-o para mais perto, precisando do peso sólido dele contra mim enquanto desço do alto.

Beijando até não haver mais ar entre nós, eu finalmente me afasto, meus olhos indo rapidamente para o crucifixo ensanguentado na mesa. "Será que isso será o suficiente para convencê-lo?", pergunto, minha voz quase um sussurro.

"Não tenho a mínima ideia", ele sussurra, o peso da incerteza pesando entre nós. A expressão de Roman escurece quando ele olha para a tela iluminada do meu telefone, várias mensagens de Luca e Zoey chegando, quebrando a calma momentânea que se instalou sobre nós. Sua mão aperta meu quadril enquanto ele balança a cabeça lentamente.

Seus dedos deslizam sobre meu telefone, seus olhos se estreitam enquanto ele apaga as mensagens de Luca com um rosnado baixo. "O que eu sei é que aquele merdinha do Luca está em terreno instável. Mas, infelizmente, ele pode se provar útil."

"Como assim?", pergunto, inclinando-me mais perto, meu nariz roçando no dele enquanto espero sua resposta.

"É difícil para seu pai acreditar que você está envolvida comigo se você está namorando Luca", ele sussurra, me levantando de volta para a mesa. Suas mãos se movem com surpreendente ternura enquanto ele me ajuda a vestir a flanela, abotoando-a cuidadosamente sobre meu peito.

"Eu não estou namorando o Luca—"

"Eu sei disso. Eu o teria matado se fosse esse o caso," Roman diz, quase casualmente demais, antes que seus olhos encontrem os meus, a realização piscando em seu rosto.

"Isso te incomoda?" Ele pergunta, sua voz suavizando, suas mãos descansando em minhas coxas. "Eu quis dizer isso."

"Eu sei," eu sussurro, escovando seu cabelo para trás. "Sua escuridão não me assusta, Roman. Eu estive cercada por sombras a minha vida toda —

meu pai, essa versão distorcida da igreja, tudo. Eu aprendi a viver com isso, até mesmo encontrar conforto nisso. É por isso que eu não deixei Luca chegar muito perto. Eu sabia que você reagiria dessa forma, e honestamente? Eu aceitei isso. Você não é o único que está disposto a andar na linha entre a luz e a escuridão."

Os olhos de Roman se estreitam, a raiva e algo mais profundo cintilando dentro deles. Ele aperta seu aperto em minhas coxas. "Ele tocou em você?", ele pergunta, sua voz baixa e perigosa.

“Nós nos beijamos,” murmuro, sentindo a tensão em seus dedos aumentar.

“Mas, para fazer você se sentir melhor,” continuo, deslizando seu anel de volta em meu dedo, “ele nunca vai entender isso.”

Sem dar tempo para ele responder, agarro seu ombro e o empurro para baixo na cadeira do escritório, sua confusão evidente enquanto me afasto dele. Pego seu telefone na mesa, puxando a flanela de volta sobre minha cabeça antes de montar em seu colo, minhas costas pressionadas contra seu peito. Arrasto suas mãos até meus seios, pedindo para que os segure firmemente.

"Éden-"

"Quieto, Roman", sussurro, abrindo a câmera do seu telefone, meu corpo protegendo seu rosto da lente.

Tiro várias fotos, capturando o jeito como suas mãos me tocam possessivamente, nossos rostos escondidos, mas a intimidade do momento está lá.

Virando-me para encará-lo, coloco a flanela de volta, minhas pernas correndo por seu colo enquanto ele me segura, sua expressão é uma mistura de frustração e algo mais — algo quase terno. Mostro as fotos a ele e, para minha surpresa, um leve rubor se espalha por suas bochechas.

“Para que o momento dure mais”, sussurro.

Coloco o telefone no bolso dele, minha mão roçando o pau ainda duro, sentindo o calor dele através das calças. "Terminei as aulas, Roman", eu sibilo. "Da próxima vez, quero a coisa real."

Saindo do seu colo, pego minhas calças e calcinha, e as visto enquanto ele observa, com o rosto dividido entre confusão e descrença.

“Aonde você vai?”, ele pergunta, sua voz com um tom próximo ao desespero.

"Para um jantar", suspiro, ajeitando minhas roupas e deixando meus olhos vagarem por ele uma última vez.

"Não é algo que podemos fazer agora, mas deveríamos mudar isso", provoco, lançando-lhe um sorriso brincalhão.

“O quê? Sair para um encontro?” Ele questiona, seus olhos se estreitando com suspeita. “Padres não namoram.”

“Ah, é mesmo? Bem, acho que você será o primeiro,” eu aviso, dando a ele um olhar penetrante. “Caso contrário, eu vou foder o Luca.”

Seus olhos se arregalam em choque, sua boca se abre enquanto ele olha para mim.

“Deus te abençoe, pai,” eu zombo, sorrindo enquanto vou em direção à porta. “Considere essa vingança por me dar um tapa na cara.”

Saio do quarto, deixando-o pensando na escolha que lhe dei. O que quer que ele faça em seguida me dirá tudo o que preciso saber — o quanto disso é físico e o quanto é real.

Vou até meu carro, meu coração batendo forte no peito. Uma vez lá dentro, mando uma mensagem rapidamente para Luca e Zoey, meus dedos tremendo de adrenalina.

Quando estou prestes a ligar o motor, meu telefone vibra com uma nova mensagem.

R: Minha casa. Amanhã à noite. Bem, depois que as crianças do "doces ou travessuras" forem dormir. Você quer um encontro de verdade? Ótimo.

Vocês vão cambalear para novembro.

Um sorriso irônico surge em meus lábios enquanto abro o calendário no meu telefone. Amanhã é Halloween.

A Noite do Diabo.

Hebreus 12:28 (NVI): “Portanto, visto que estamos recebendo um reino que não pode ser abalados, sejamos agradecidos e, assim, adoremos a Deus de modo aceitável, com reverência e temor.”





Capítulo 22

Éden

Que diabos é isso?” Eu pergunto, olhando para a fantasia de Halloween que Zoey escolheu para

“Venha comigo no Spirit Halloween.

"Meu Deus", Luca suspira, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto Aiden interrompe o balanço lento da cadeira de Zoey para dar uma boa olhada no conjunto que ela está segurando.

"É uma freira sexy", diz Zoey com orgulho, levantando a fantasia minúscula com um sorriso que me faz querer desaparecer no chão.

“Aiden vai como Clyde, eu vou como Bonnie, e Luca pode ir como—”

"Se você disser um padre, Zo, eu vou vomitar", Luca interrompe, com a mão apoiada na minha coxa.

Minhas unhas cravam-se na palma da minha mão, resistindo à vontade de afastar a mão dele.

As palavras de Roman ecoam em minha mente. Brinque com a ideia de que Luca e eu somos algo próximo de exclusivos, e isso manterá as suspeitas do

meu pai sob controle.

Aperto levemente a mão de Luca, ignorando o zumbido do meu telefone, sem dúvida mais mensagens de Roman. Depois de ontem, espiei pela janela antes de dormir e vi o 4-Runner de Roman estacionado do lado de fora, exatamente como ele prometeu. A sensação de segurança que sua presença me dá é algo que não consigo abalar, não importa o quanto eu tente me convencer do contrário.

“Então, onde seus pais acham que você está hoje à noite?” Zoey pergunta, enquanto sua mãe ri de uma reprise de *Friends* ao fundo.

Roman ligou ontem à noite para explicar o envolvimento de Seth com meu pai, pintando-o como um monstro ainda maior do que eu poderia imaginar.

Quando Zoey disse que ficaria com a mãe hoje à noite, eu agarrei a chance de ficar longe de casa.

"Na verdade", diz Aiden com um sorriso, "ele acha que estamos pedindo doces com Luca." O nariz de Zoey franze ao ouvir isso.

"Tipo, realmente pedir doces? Na nossa idade?" Ela ri, dando uma olhada rápida em todos nós.

"Ele acha que estamos distribuindo doces", Aiden acrescenta, mas sua voz falha, e eu percebo o desconforto em seus olhos. A menção do meu pai faz meu estômago revirar. Não é só sobre as mentiras que estamos contando a ele; é sobre a escuridão que espreita sob cada interação com aquele homem.

Zoey, sempre alheia ao peso que paira sobre nós, apenas sorri mais largamente. “Bem, é uma noite para esquecer tudo isso, certo? Vamos apenas nos divertir e ser idiotas por uma vez.”

Divertido. Estúpido. Não consigo nem lembrar como é isso. Mas hoje à noite, eu tenho que fingir. Eu tenho que usar essa fantasia ridícula, beber drinques baratos e rir de piadas idiotas. Eu tenho que agir como se a mão do Luca na minha coxa não fizesse minha pele arrepiar porque esse é o papel para o qual fui escalada hoje à noite.

Eu forço um sorriso e pego a fantasia de Zoey, segurando-a na minha frente.

"Você é má, sabia?"

Zoey ri, jogando o cabelo por cima do ombro. "Você vai me agradecer depois, quando todos os caras da festa estiverem babando por você."

"Certo," murmuro, embora a ideia de qualquer outra pessoa além de Roman me olhando daquele jeito faça meu estômago revirar. Dou uma olhada furtiva no meu telefone novamente, as notificações de Roman se acumulando. Mas não posso lidar com isso agora.

Luca se inclina para mais perto, sua respiração quente em minha bochecha.

"Você definitivamente vai virar algumas cabeças,"

Ele murmura, sua mão deslizando um pouco mais alto na minha coxa. O

gesto deveria me fazer sentir algo — qualquer coisa — mas só me lembra o quão diferente o toque dele é do de Roman.

Eu me afasto um pouco, mascarando o movimento como se estivesse pegando meu telefone. "Eu provavelmente deveria avisar minha mãe que estamos indo embora em breve", minto, precisando de uma desculpa para quebrar a tensão que se acumulava na sala. A atenção de Luca está começando a parecer sufocante, e eu não quero lidar com isso agora.

Zoey, felizmente inconsciente, apenas concorda. "Tudo bem, mas precisamos sair em dez minutos. Não quero perder as bebidas boas antes que acabem."

Quando me viro para "mandar mensagem" para minha mãe, não consigo deixar de olhar para a notificação de mensagem que ainda está brilhando no meu telefone. É Roman, como eu esperava. Mas em vez de abri-lo, enfio o telefone de volta no bolso. Hoje à noite, vou desempenhar o papel que Zoey preparou para mim. Serei a freira sexy, a adolescente despreocupada em uma festa de Halloween.

Mas a sombra de Roman paira sobre tudo o que faço, e não consigo escapar da sensação de que esta noite não será nada normal.

Fecho os olhos e conto até dez, afastando meu braço de Luca quando seus dedos roçam minhas cicatrizes.

“Desculpe,” eu sussurro instintivamente, abrindo meus olhos rapidamente para sua expressão abatida. “Eu ainda estou me acostumando a... tocar.”

Seu toque. Ainda estou me acostumando com seu toque.

“Você está bem, Eden,” ele murmura, me dando um empurrãozinho reconfortante, mas o leve tremor em sua voz trai sua mágoa. Isso me faz querer estender a mão e acalmar as coisas, mas eu simplesmente não consigo. Não agora.



“Então, se não estamos distribuindo doces, o que estamos realmente fazendo?”, pergunta Aiden, seu tom é uma mistura de curiosidade e apreensão.

Luca sorri, com uma faísca travessa nos olhos enquanto ele enfia a mão na bolsa, tirando dois grandes frascos. A visão deles enche a sala com uma tensão inesperada, um lembrete de que não somos mais crianças, que esta noite é um passo para algo mais sombrio, algo mais perigoso.

“Nós vamos a uma festa,” Ele diz, sua voz cheia de excitação. “E estamos fazendo isso com estilo.”

Zoey comemora, pegando um dos frascos da mão de Luca, seu entusiasmo contagiante, mas quase alheio às correntes ocultas na sala. "Finalmente, algo divertido!", ela exclama, já desatarraxando a tampa e tomando um gole.

Mas não consigo me livrar do desconforto que se instala em meu peito. A festa, as fantasias, o álcool — tudo parece uma distração, uma maneira de esquecer tudo que pesa sobre meus ombros. Mas a presença de Roman permanece no fundo da minha mente, e sei que ele não aprova isso. Não a bebida, não a festa, e definitivamente não o jeito que a mão de Luca parece continuar encontrando o caminho de volta para minha coxa.

Forço um sorriso enquanto Luca me passa o outro frasco, o metal frio e pesado em minha mão.

"O que tem nele?", pergunto, abrindo a tampa e cheirando com cautela.

"Algo forte o suficiente para fazer você esquecer de tudo", Luca pisca, seu tom brincalhão, mas há algo mais sombrio escondido por trás de suas palavras.

Esqueça tudo. Se ao menos fosse tão fácil.

"Aqui está o esquecimento, então", eu digo, erguendo o frasco em um brinde falso antes de tomar um pequeno gole. O líquido queima seu caminho pela minha garganta, e eu tento ignorar a forma como meu coração pula uma batida com o gosto da rebelião.

Aiden olha para mim, preocupação piscando em seus olhos, mas ele não diz nada. Ele sempre foi o único a cuidar de mim, a se preocupar quando eu faço coisas que parecem fora do personagem. Mas esta noite, ele está deixando passar, talvez porque ele precise dessa fuga tanto quanto eu.

“Vamos,” Zoey diz, puxando meu braço com um sorriso. “Vamos sair daqui antes que sua mãe decida ligar e nos checar.”

Concordo, deslizando meu telefone de volta para o bolso, esperando que as mensagens de Roman não apareçam enquanto Luca ou Aiden estiverem assistindo. "É, vamos lá", digo, minha voz mais firme do que me sinto.

Enquanto saímos, não consigo deixar de olhar para a casa e meu estômago se revira.

O frasco na minha mão parece mais pesado a cada passo, a noite à frente promete mais do que uma simples festa de Halloween. É uma noite que pode mudar tudo — de uma forma ou de outra.

Depois de apressadamente juntar a fantasia de pirata de Luca e me espremer na roupa de freira picante de Zoey, o ar frio roça minha pele exposta. O

tecido branco fino mal cobre minhas coxas, e as meias arrastão brancas fazem pouco para me manter aquecida. Meu cabelo está cacheado, um véu branco está empoleirado na minha cabeça, e meus lábios estão pintados com um batom vermelho escuro que combina com a cruz em volta do meu pescoço. Os olhos de Luca permanecem em meu corpo, e sinto minhas bochechas corarem com o calor.

"Ah, pare com isso, Eden, você está sexy", Zoey sorri, seu corte curto preto e

blusa branca são as partes mais discretas de sua roupa. Seu sutiã push-up acentua sua figura já perfeita, e seu jeans preto rasgado mostra suas curvas em todos os lugares certos.

"Você consegue imaginar se nosso pai me visse assim?", digo, captando o olhar de Aiden quando ele finalmente olha na minha direção.

"Acho que ele te mataria, e depois me mataria por deixar você usar isso", Aiden suspira, sua roupa o fazendo parecer um jovem mafioso. Zoey fez um trabalho fantástico estilizando seu cabelo.

"Ele não vai gritar com você enquanto eu estiver aqui", diz Luca com orgulho, ainda sem saber a verdadeira extensão da ira do meu pai.

Chegamos à casa da festa, com a música alta já ecoando pela vizinhança.

O telhado alto e pontudo da catedral é visível a apenas algumas quadras de distância. O gramado da frente está cheio de pessoas segurando copos vermelhos individuais, alguns já esparramados na grama.

"Isso é divertido?", pergunto, o cheiro de álcool e decisões ruins me atingindo como uma onda.

"É assim que o normal deveria ser, Eden", Zoey diz com entusiasmo, entrelaçando seu braço com o meu. "Uma noite fingindo que não temos os pais mais insanamente religiosos." Ela ri, deslizando para fora do banco de trás. Meu telefone vibra novamente entre meus seios, mas eu o ignoro.

Aiden e Zoey já estão subindo o gramado da frente, ansiosos para se juntar ao caos.

"De quem é esse lugar, afinal?", pergunto a Luca, que ainda está sentado no banco do motorista.

"Um dos meus amigos da escola. Ele não terminou o último semestre, então está fazendo uma escola profissionalizante local. Os pais dele estão de férias, então ele tem o lugar só para ele."

Observo alguém vomitar no parapeito do convés e levanto uma sobrancelha para Luca.

“Claramente, eles fizeram uma boa escolha”, digo sarcasticamente, enquanto a tela do meu telefone acende novamente.

“Você está popular hoje à noite,” Luca sorri, mas meu coração afunda quando vejo três chamadas perdidas de Roman. Isso não pode ser bom.

Meu polegar paira sobre a tela, a tentação de retornar a ligação me atormenta, mas, em vez disso, coloco o telefone sob minha coxa, forçando um sorriso para Luca.

“É só a minha mãe,” minto, enfiando o telefone debaixo da minha coxa.

“Ela está bêbada,” acrescento com um sorriso forçado, mas os olhos de Luca permanecem fixos em meus lábios.

“Então, você está pronto para—”

Antes que eu possa terminar, Luca de repente se inclina sobre o braço central, segura meu rosto e me beija. Seus lábios são quentes, mas o batom

borra, e eu instintivamente me afasto, cobrindo minha boca com a mão.

“Luca, me desculpe, eu só—”

“O que estamos fazendo aqui, Eden?” Ele interrompe, sua voz tingida de frustração. Ele mantém o olhar para frente, sem olhar para mim.

"O que-"

“Você me arrasta para passar um tempo com seus pais e amigos, mas toda vez que estamos sozinhos, é como se você se ressentisse de eu tocar em você.”

“Eu já expliquei para você, Luca. Muitas coisas ruins aconteceram comigo na escola e ainda estou tentando me conformar com isso—”

"Você tem certeza de que nada disso tem a ver com um certo padre?" Ele desafia, o nome de Roman claramente pairando no limite de suas palavras.

“Luca. Eu te disse, o que aconteceu entre você e o Padre Briar foi por causa do meu pai,” eu sussurro, estendendo a mão para ele em uma tentativa de

tranquilizá-lo.

Mas ele agarra meu pulso, seus olhos escuros com algo que parecia raiva obsessiva. "Olhei para o seu telefone enquanto você estava se trocando, Eden. Roman Briar está tentando falar com você a noite toda. Diga-me por que diabos ele precisa falar com você quando seu pai não tem razão para se preocupar com o que você está fazendo", diz Luca, seu aperto em volta do meu pulso, sua voz tremendo levemente.

"Você olhou para o meu telefone?", pergunto, o medo apertando meu peito, a imagem que enviei a Roman piscando em minha mente.

"Só o que estava na tela," Luca murmura, evitando meus olhos. "Eu até respondi uma vez.

A linha ficou em silêncio quando ele ouviu minha voz."

"O que... o que ele disse?", pergunto, sentindo o buraco no meu estômago ficar mais fundo.

"Ele disse seu nome. Então, quando ouviu minha voz, ele ficou quieto,"

Luca estala, sua mandíbula cerrada de raiva. "O Padre Briar está manipulando você, Eden? Fazendo você fazer coisas—"

Não posso deixá-lo terminar a frase. Sem pensar, passo pelo apoio de braço central, rastejando em seu colo, desesperada para calá-lo. Minhas mãos agarram suas bochechas, e a saia da minha fantasia sobe, deixando nada além de meia arrastão e minha calcinha de renda entre nós.

"É isso que eu quero", sussurro urgentemente, meu coração disparado.

"Meu pai pediu para Roman ficar de olho em mim. Quando ele ouviu sua voz, tenho certeza de que ele presumiu que eu estava fazendo algo que não deveria", minto, meu estômago se contorcendo enquanto sinto Luca endurecer embaixo de mim.

"Então agora, ele provavelmente está surtando. Ele vai dizer ao meu pai que você atendeu, e eu vou lidar com isso depois," eu continuo, minha voz suave, mas firme. "Então pare de pensar demais, e pelo menos faça a punição que eu

vou receber quando chegar em casa valer a pena.”

Pressiono meus lábios nos dele, silenciando-o com um beijo que dura mais do que deveria. Suas mãos encontram minha cintura, me puxando para mais perto, e sua língua desliza para dentro da minha boca, com gosto de pasta de dente e vodka. Seu aperto aperta, machucando minha pele enquanto ele me beija até que eu não consiga respirar.

"Luca, isso dói", murmuro contra seus lábios, mas ele não para. Sua boca desce até meu peito, e ele aperta meu seio com os dentes, abafando meu grito com a mão.

“Achei que você gostasse de sexo violento, Eden.” Ele rosna, o pânico crescendo em meu peito.

Ele está realmente bêbado.

Puxando-me de volta para ele, ele me beija novamente, mas não consigo respirar. Meu lado e meu peito latejam, e tento me afastar.

Alguém bate em seu caminhão, forçando-o a parar, e seu aperto forte finalmente desaparece do meu lado.

“Pega, irmã!”

Ele limpa o batom borrado do meu rosto. "Fodidamente sexy pra caramba", ele murmura, me empurrando para fora do seu colo. "Mas não convincente o suficiente."

Aterrissei novamente no banco do passageiro, olhando para ele incrédula enquanto ele batia a porta e ia em direção a Zoey e Aiden.

Tremendo, tento processar o que acabou de acontecer. Minhas mãos tateiam em busca do meu telefone enquanto ele acende novamente. Desta vez, atendo rapidamente, minha voz tremendo.

“Luca, seu pequeno f—”

“Roman?”, eu sussurro, lutando contra os soluços. “Você está em casa?”

“Éden?” a voz de Roman corta, cortante e preocupada. “O que está acontecendo?”

As palavras se perdem para mim enquanto tento respirar, mas falho miseravelmente.

“É Luca? O que ele fez?” A voz de Roman é gentil, mas com tensão.

“Eu tentei convencê-lo como você disse,” eu soluço, minhas palavras saindo. “E ele me agarrou, colocou a mão em volta da minha garganta—”

“Onde você está?” A voz de Roman fica tensa, o som da música fica mais alto ao fundo.

“Uma festa de merda em casa,” eu fungo, olhando para Saint Michael por trás do meu ombro. “Eu poderia ir andando até você e chegar lá mais cedo —”

“Não!” Ele exclama, pânico claro em seu tom. “Fique onde está. Você está em um carro?”

“Luca's,” eu soluço. “Mas eu não sei quando ele vai—”

“Tranque a porta, Angel. Eu vou te buscar assim que terminar de cuidar de algumas coisas,” Ele diz, sua voz enigmática e urgente.

“Roman, não faça uma cena com Luca—”

“Eu vou lidar com ele outra hora. Agora, meu único foco é te deixar segura,” Ele diz firmemente. “Você confia em mim, Eden?”

A pergunta dele fica no ar, e eu mordo o lábio antes de sussurrar: “Sim”.

“Então fique aí, e eu estarei aí em breve. Trinta minutos. Não ouse ir embora. Pelo amor de Deus, Eden, me escute.”

“Tudo bem,” minto, tentando soar convincente. “Não vou deixar esta caminhonete.”

Ele dá um suspiro de alívio antes de limpar a garganta. “Por que você está

naquela festa?”

“Zoey me fez. Ela comprou essa fantasia ridícula, e metade da festa está vomitando no gramado—”

Uma batida forte do seu lado me corta. "Eu tenho que ir", Roman diz abruptamente, e a linha fica muda.

A tela do meu telefone escurece, me deixando sozinha com meus pensamentos. Antes que eu possa me recompor, a voz de Aiden grita meu nome, sua mão batendo na janela.

Abrindo a porta, encontro o olhar confuso de Aiden. "O que diabos você ainda está fazendo aqui? Luca está batendo algumas bebidas—"

Suas palavras somem enquanto seus olhos observam minha maquiagem borrada e meu rosto manchado de lágrimas.

“O que... O que está acontecendo, Eden?” Ele pergunta novamente, mas dessa vez, um soluço escapa da minha garganta.

“Luca... ele—”

Aiden não espera que eu termine. Sua expressão endurece enquanto ele gira nos calcanhares, movendo-se mais rápido do que chegou.

Porra. Porra. Porra.

Eu pulo do caminhão, guardando meu telefone enquanto corro atrás de Aiden. Meus saltos me atrasam, mas eu empurro a multidão de pessoas bêbadas, meu coração batendo forte no peito. Eu irrompo pela porta da frente, empurrando as pessoas para tentar chegar até meu irmão, mas é tarde demais.

"Levante-se, porra!", o grito de Aiden ecoa pela sala de estar.

Luca está caído no sofá, uma mulher sentada ao lado dele, com o braço pendurado em seu ombro. Meu batom ainda está borrado em seu rosto, um lembrete gritante do que acabou de acontecer. Zoey, que estava no meio de um jogo de beer pong, para e olha para mim confusa.

“Do que se trata, Aiden—”

"Eu disse para levantar", Aiden grita, agarrando Luca pela frente da camisa e o colocando de pé. "E peça desculpas à minha irmã por apalpá-la no carro porque você não é homem o suficiente para tentar essa merda na minha frente."

Luca tropeça, seus olhos se arregalam de surpresa enquanto ele olha entre Aiden e eu. "Apalpá-la?" Ele zomba, empurrando as mãos de Aiden para longe dele. "Ela veio para cima de mim. Eu estava apenas tentando falar com ela, e ela começou a transar secamente no meu colo segundos depois

—"

"Besteira", Aiden retruca, encarando Luca. "Eu queria acreditar que todos aqueles rumores sobre você ser um babaca eram falsos, mas claramente", Aiden zomba, limpando meu batom borrado do rosto de Luca com as costas da mão, "considerando que você está coberto com a maquiagem da minha irmã e ela está chorando, você é um mentiroso de merda."

“É verdade, Luca?” Um dos garotos na multidão pergunta, me dando um olhar de soslaio. “Ele fez alguma merda com você—”

"Ah, não pergunte a ela, porra", Luca retruca, suas palavras arrastadas. "Ela é uma puta furtiva do caralho", ele arrasta, balançando o dedo para cima e para baixo para mim. "E claramente ama a atenção."

A sala fica em silêncio, todos os olhos se voltam para mim. Aiden e Zoey parecem perplexos, e a raiva queima em meu peito.

Ignorando os sussurros, dou um passo em direção a Luca, empurrando Aiden gentilmente para o lado. Luca encontra meu olhar, suas sobrancelhas erguidas em uma provocação.

“Talvez eu seja uma puta de merda,” eu sibilo, minha voz baixa e venenosa.

“Talvez eu não seja. De qualquer forma—”

Eu passo minha mão em seu rosto. O tapa ecoa pela sala, e Luca cambaleia para trás, batendo no sofá atrás dele.

Tanto Aiden quanto Zoey me encaram com os olhos arregalados enquanto a sala explode em gritos e assobios.

Alguns homens na festa pegam seus celulares para gravar, mas Zoey rapidamente os faz largá-los.

Dou um passo para trás, meu coração disparado, a raiva ainda correndo em minhas veias. Deixo o barulho da festa desaparecer no fundo enquanto giro



nos calcanhares e saio de casa, meus pés se movendo no piloto automático.

Ao sair, o ar frio da noite me atinge, e avisto o teto alto e pontudo da catedral à distância. Minha mente está um turbilhão, mas uma coisa está clara: preciso ir embora.

Arrasto uma pequena pedra afiada na lateral da caminhonete de Luca enquanto passo, o guincho de metal contra metal é uma pequena e satisfatória vingança. Não paro para olhar para trás enquanto caminho noite adentro, minha mente já a quilômetros de distância deste lugar.

Capítulo 23

Éden

Quem inventou os saltos claramente não considerou o quão humilhante é andar por uma calçada escura no meio da noite, constantemente abaixando a saia enquanto as crianças passam pedindo doces.

Meus pés queimam a cada passo, mas continuo, meu telefone desligado para evitar que alguém me rastreie. Zoey e Aiden não tiveram tempo de me seguir, então o primeiro quarteirão pareceu uma maratona, e agora o último quarteirão parece que vai se estender para sempre.

Quando finalmente vejo a casa de Roman, velas tremulam nas janelas, lançando um brilho aconchegante.

Dois carros estão estacionados na garagem: seu 4Runner e um carro que não reconheço.

A porta está entreaberta, o que é estranho porque Roman sempre toma muito cuidado ao trancá-la.

Entro silenciosamente, as velas são a única luz. O aroma rico da comida enche o ar, atraindo meus olhos para a mesa de jantar, que está posta para dois, rosas frescas no centro, cercadas por velas. A comida está no forno, algumas comidas chinesas para viagem, pela aparência dos recipientes para viagem.

Isso é para o nosso encontro?

Um sorriso surge em meus lábios, mas desaparece rapidamente quando ouço um baque alto, seguido pela voz irritada de Roman.

"Resposta errada, porra", ele sibila, seguido por um gemido profundo e abafado de dor.

Meu coração dispara enquanto avanço silenciosamente.

"Vamos tentar de novo", a voz de Roman promete violência enquanto ele continua a falar. "O que diabos David Faulkner sabe sobre Eden e eu? E o que eu deveria saber sobre aquele merdinha do Luca?"

Outro grito corta o ar, e eu congelo do lado de fora da porta, me preparando para o que estou prestes a ver.

Abro a porta levemente, e os olhos de Seth se fixam nos meus. Minha mão voa para a boca para abafar um grito.

Roman está de pé sobre Seth, uma faca em sua mão pingando sangue. Seth está

esparramado em uma lona plástica, suas mãos amarradas e sua boca coberta com fita, feridas abertas espalhadas por sua carne.

Jesus Cristo.

O anel e a cruz de Roman estão em uma mesa próxima, ao lado de um copo de uísque, mas parecem intocados.

"Eu disse que você podia desviar o olhar de mim?" Roman estala, agarrando o queixo de Seth e forçando-o a olhar de volta para ele. Ele está focado demais em Seth para me notar ainda.

"Se eu arrancar essa fita da sua boca de novo, é melhor você me contar tudo o que sabe, e da próxima vez que eu disser para você vir aqui, é melhor você não me dar nenhuma bronca."

Ele arranca a fita da boca de Seth, e Seth fica sem ar, seus olhos implorando para mim.

"Éden," Seth chia, sua voz tensa. "Por favor, peça ajuda."

Roman finalmente me nota, seus olhos se arregalando enquanto ele observa o que estou vestindo. Seu olhar viaja dos meus olhos para as marcas de dentes no meu peito e de volta para a maquiagem borrada no meu rosto.

"Por que você está aqui, Seth?", pergunto, minha voz fria e distante.

"O Padre Briar é louco, por favor, meu doce Éden—"

"Não a chame assim, porra," Roman estala, pressionando seu pé no peito de Seth, mantendo-o preso. "Seu porco nojento."

"Ele está aqui", Roman começa, sua voz cheia de desprezo, "para me contar sobre seu pai e aquele sujeito de merda, Luca."

"Eu não sei nada sobre o garoto," Seth gagueja, "e eu já te contei tudo que sei sobre David. Eu te conto mais quando eu descobrir, mas por favor, Eden, tire ele de cima de mim—"

Cego de raiva, bato o salto do meu estilete na mão de Seth, torcendo-o em sua

palma enquanto ele grita. Pego a faca de Roman e, por um momento, ele parece tão chocado quanto eu.

"Isso é pela Zoey", eu sibilo, cortando uma linha reta e leve pela coxa de Seth. Ele estremece, e eu dou um tapa forte em seu rosto.

Roman observa em silêncio enquanto eu me afasto de Seth, a faca tremendo em meu punho. Eu a devolvo a Roman, mas meu coração ainda está batendo forte, uma mistura de adrenalina e uma sombra inquietante dentro de mim. O lado de mim que eu lutei tanto para enterrar — o lado que anseia por controle, que tem fome de vingança — irrompeu, destruindo a fachada cuidadosamente construída que eu mantive por tanto tempo.

A lâmina parecia uma extensão da minha raiva, uma maneira de recuperar o controle que foi roubado de mim. Depois do que aconteceu na faculdade, depois do aperto sufocante do meu pai na minha vida, esta é a primeira vez É



que tenho poder em minhas mãos. É inebriante e assustador, mas não posso negar a satisfação que permanece no rescaldo.

Mas por baixo de tudo isso, há uma ferida que ainda infecciona, uma profunda necessidade de justiça, de retribuição. Sou uma mulher desprezada, e a raiva que queima dentro de mim está longe de ser saciada.

Ele exige mais, sussurra que esse pequeno ato de violência não é suficiente para satisfazer a tempestade dentro de mim.

Conforme me afasto de Seth, uma parte de mim se pergunta se algum dia serei capaz de colocar esse lado de mim de volta na caixa onde o mantive escondido. Mas outra parte, a parte que acabou de provar a emoção do controle, não tem certeza se quer.

"Faça o que quiser com ele, pai," eu sussurro, me inclinando para perto do ouvido de Roman. "Eu estarei no quarto."

Sem dizer mais nada, saio do quarto, fechando a porta atrás de mim e indo em direção ao quarto de Roman.

Depois de trinta minutos de espera, finalmente me acomodei na cama de Roman, esparramada nos lençóis limpos com meus saltos ainda calçados, minha barriga pressionada contra o colchão macio. Escondo meu rosto com o véu, minhas laterais doendo de onde Luca me agarrou com muita força.

Ligo meu telefone e o jogo na mesa de cabeceira, ouvindo o som dos grunhidos de Seth enquanto ele se move pelo corredor. A porta da frente bate, e eu rolo sobre meus cotovelos, espiando a porta enquanto Roman entra, seus olhos devorando a visão de mim no traje obscuro. Ele ajusta a frente de suas calças, seu olhar ao mesmo tempo pensativo e ansioso.

“Eden,” ele sussurra, dando um passo em direção à cama. “Eu disse para você esperar lá. Eu disse para você não ir embora.”

“Eu sei,” eu desafio, pressionando meu estilete em seu peito, impedindo-o de chegar mais perto. “Eu não escutei.”

Sua mão sobe pelas minhas meias arrastão, parando nas minhas coxas. “O

que diabos você está vestindo?”, ele pergunta, o branco virgem do traje quase cômico, dadas as circunstâncias.

Eu arqueio uma sobrancelha, um sorriso malicioso brincando em meus lábios. “Uma coisinha para testar sua fé, Padre. Você acha que é forte o suficiente para resistir?” Eu provoco, empurrando suas mãos para longe das minhas coxas enquanto me sento de joelhos, bem como eu faria durante a missa.

“Diga-me, padre, você já transou com uma freira?” Eu provoco, minha mão roçando seu comprimento endurecido, sentindo sua mandíbula cerrar.

“O que diabos você está fazendo comigo, Eden?” Ele murmura, genuinamente buscando uma resposta enquanto suas mãos roçam minha bunda, me puxando para mais perto até que eu esteja encostada em seu peito com meus braços em volta de seu pescoço.

Eu cruzo os olhos com ele, observando seu olhar cair sobre meus seios.

“Você ia matar Seth?”, pergunto, sua cabeça balançando lentamente.

“Não,” Ele sussurra, segurando meu queixo. “Você estava?”

“Talvez,” eu admito, minha voz suave. “Depende de quão bravo ele me deixou.”

O polegar e o indicador de Roman saem do meu queixo e descem pelo meu pescoço até pousar na marca de mordida que Luca deixou no meu peito.

“Ele fez isso?”, Roman pergunta, sua voz cheia de fúria contida.

"Ele colocou as mãos em volta de mim", sussurro, guiando as mãos de Roman pelos meus lados.

“Enfiou os dedos na minha pele enquanto me beijava. Então ele me mordeu. Liguei para você logo depois.”

"Deitar-se."

"Romano-"

“Deite-se, Eden, antes que eu saia desta casa e o destrua. Apenas deite-se e deixe-me tocar em você.”

Obedecendo ao seu comando, deixei minhas costas baterem no colchão, observando Roman desabotoar lentamente sua camisa, cada movimento de seus dedos deliberado enquanto ele descia.

“Hoje à noite, Eden, outro homem tocou em você,” Roman sussurra, seus olhos passando pelo traje. “Outro homem sentiu você,” ele acrescenta, puxando seu cinto e abaixando sua braguilha. Ele

pega uma das cadeiras no canto do seu quarto e a coloca no meio do chão, e se senta. Seu pau estica contra sua cueca, e meus olhos se maravilham com seu corpo lindo.

“Tire suas roupas,” Ele exige, apontando para o local diante dele. “Agora.”

Hesito, mas a intensidade em seus olhos não deixa espaço para dúvidas.

Lentamente, deslizo para fora da cama, ficando de pé diante dele enquanto meus dedos se movem para o véu em minha cabeça. Eu o puxo, deixando-o cair no chão, sentindo uma estranha mistura de vulnerabilidade e poder sob seu olhar.

Em seguida, pego as meias arrastão, tirando-as pelas pernas com lentidão deliberada, saboreando a maneira como seus olhos escurecem a cada centímetro de pele revelado. O vestido fino é o último a sair, deslizando dos meus ombros e acumulando-se aos meus pés, deixando-me apenas com minha calcinha de renda.

A respiração de Roman fica presa, seus olhos percorrem meu corpo, absorvendo cada curva, cada centímetro de pele exposta. Há algo possessivo em seu olhar, algo que faz meu pulso acelerar tanto de medo quanto de antecipação.

"Vire-se", ele ordena, com a voz baixa e autoritária.

Eu faço o que ele diz, virando as costas para ele, sentindo o peso de seus olhos em mim. Por um momento, não há nada além de silêncio, então sinto suas mãos na minha cintura, quentes e firmes, me guiando de volta para a cama. Ele me pressiona para baixo no colchão, sua respiração quente contra meu ouvido enquanto ele se inclina sobre mim.

"Hoje à noite, Eden", ele sussurra, "você é minha".

Suas mãos se movem com uma mistura de reverência e necessidade enquanto ele explora meu corpo, dedos traçando as linhas da minha espinha, a curva dos meus quadris. Cada toque acende um fogo dentro de mim, um lembrete de que, neste momento, eu pertencço a ele, e somente a ele.

Suas mãos viajam mais para baixo, tirando a calcinha de renda e me deixando completamente nua embaixo dele. Posso sentir a tensão crescendo

entre nós, a antecipação pairando espessa no ar.

"Você confia em mim, Eden?" Ele murmura, seus lábios roçando meu ombro.

"Sim", eu respiro, minha voz tremendo com o peso do momento.

"Bom," ele responde, sua voz uma mistura de promessa e aviso. "Porque hoje à noite, eu vou te mostrar o quanto você significa para mim."

Suas mãos agarram meus quadris, me posicionando exatamente onde ele me quer, seu toque possessivo e inflexível. Não há como voltar atrás agora. Não há mais espaço para dúvidas. Somos só nós dois, perdidos no calor do momento, o resto do mundo esquecido.

Ele demora, saboreando cada centímetro de mim, cada suspiro e gemido que escapa dos meus lábios.

À medida que a tensão entre nós aumenta, percebo que esse momento é mais do que apenas desejo físico: é sobre poder, controle e a conexão inegável que nos une.

"Olhe para mim, Eden", ele sussurra, e eu viro minha cabeça para encontrar seu olhar, seus olhos intensos e focados, cheios de algo que parece perigosamente próximo da adoração.

"Aconteça o que acontecer depois", ele diz, com a voz baixa e firme, "lembre-se de que você pertence a mim".

Deslizo para fora da cama, deixando minhas pernas caírem para o lado enquanto o observo, a adrenalina correndo em minhas veias. "O que você vai fazer comigo, Roman?", pergunto, os nervos me dando arrepios na espinha.

"Eu vou te foder, Eden," ele afirma, seu olhar intenso. "E você vai aceitar isso como uma boa garota fodendo."

Acenando com a cabeça, ele me faz chegar mais perto. "Agora, venha aqui, Angel."

Meus saltos batem contra o chão enquanto me aproximo dele cautelosamente, minha ousadia anterior vacilando. "E Seth?", pergunto, agora a poucos centímetros dele.

"Ele não vai dizer uma palavra, baby. Agora, deixe-me ver tudo."

Engolindo em seco, concentro-me no olhar firme de Roman e em seu dedo anelar vazio. Levanto minha perna, colocando meu salto agulha em sua coxa, e lentamente o deslizo, deslizando minha meia antes de passar para o outro pé. Repito o processo, virando-me e curvando-me para arrastar a outra meia e minha calcinha para baixo em um movimento suave, oferecendo a Roman uma visão para testar sua contenção. Quando me viro para encará-lo, sua mão já está fechando seu pau através de sua cueca, seus olhos consumindo cada centímetro de mim.

“Devo continuar, pai?”, pergunto, minha voz cheia de provocação.

“Continue, Eden,” Ele comanda, sua voz autoritária. “Faça exatamente como eu digo.”

Chego mais perto, agarrando as laterais da cadeira perto da cabeça dele.

“Como eu vejo, Roman, seu pau está se esforçando contra sua boxer, desesperado para ser enterrado dentro de mim. Então, Roman, me diga, quem realmente está no controle –”

Minhas palavras são cortadas quando Roman me agarra, me empurra para a cama e dá um tapa na minha bunda. Eu suspiro, uma mistura de dor e alívio percorrendo meu corpo enquanto ele desfaz meu sutiã, finalmente libertando meus seios doloridos. Suas mãos são surpreendentemente gentis enquanto ele segura meus lados, com cuidado com os hematomas, antes de me virar de costas. Ele tira a cueca, seu olhar me devorando como se eu fosse um banquete preparado só para ele.

Seus dedos deslizam entre minhas pernas, me encontrando já escorregadia de necessidade. Ele cobre minha boca enquanto mergulha dois dedos profundamente dentro de mim. A força de suas estocadas faz meus seios saltarem, e eu mordo sua mão para abafar os gemidos que ameaçam escapar enquanto ele enrola seus dedos dentro de mim.

"Você gosta de me levar assim, Angel?" Ele murmura, sua voz sombria e inebriante. "Ou você prefere que seja meu pau que te encha?" Ele provoca, suas palavras enviando arrepios pela minha espinha.

Ele afasta os dedos e se move em direção a uma das velas acesas na cômoda, cujas chamas tremeluzem na luz fraca.

“Eu ia te levar para jantar. Seja um cavalheiro decente,” Ele sussurra, pegando a vela. “Mas então você apareceu usando isso, tão cheio de violência... Você mereceu o que estou prestes a fazer com você.”

Colocando a vela no criado-mudo, ele me vira de bruços novamente, o som de suas calças caindo é ao mesmo tempo emocionante e enervante.

"Levante os quadris para mim, Angel", ele murmura, me guiando para minhas

mãos e joelhos. "Se você gritar, vou pingar essa cera nas suas costas e só ir mais forte", ele avisa, sua ponta agora correndo provocativamente ao longo das minhas dobras.

Ele esfrega a ponta na minha entrada, e um gemido carente escapa de mim.

Roman levanta as sobrancelhas, tão chocada com o barulho quanto eu.

"Você acabou de choramingar pelo meu pau?"

"Sim, pai", eu sussurro.

Agarro os lençóis, reprimindo o gemido de prazer enquanto ele começa a se introduzir em mim.

"Três polegadas", ele sussurra, empurrando os quadris para frente, deslizando pela umidade, minha boceta o agarrando, incitando-o a entrar mais fundo.

"Seis", ele empurra, a sensação dele me preenchendo envia arrepios pela minha espinha.

Putá merda, quanto disso eu consigo aguentar?

Ele faz uma pausa e geme perto do meu ouvido, e o som me faz abrir mais as pernas para ele.

"Você está indo tão bem", ele elogia, empurrando mais. "Sete, oito..." Ele continua, e meu estômago parece que ele se enterrou completamente dentro de mim. "Mais um", ele sussurra, meus dentes afundando nos lençóis. Ele faz uma estocada final, seu estômago inferior pressionando contra minha bunda enquanto ele se enterra completamente dentro de mim.

"Você sente o quão bem sua linda boceta está aceitando meu—"

Um grito descontrolado de prazer me escapa. Ele faz uma pausa.

Porra.

"Eu te disse o que aconteceria se você gritasse, Eden", ele rosna.

Cera quente escorre pela minha espinha, e eu arqueio minhas costas, sibilando

com a sensação aguda e pungente. Roman bate na minha bunda, e seus quadris empurram agressivamente, entrando em mim com tanta força que o ar é arrancado do meu peito. Ele enrola meu cabelo em volta do seu punho, me forçando a ficar ereta enquanto agarra meus pulsos com a outra mão, segurando-os atrás das minhas costas. Seu pau bate em mim implacavelmente, minhas pernas à beira de ceder.

Roman geme, minha umidade escorrendo pelas minhas coxas internas, minha voz reduzida a suspiros ofegantes. “Assim mesmo, Eden. Pegue meu pau como uma boa menina. É isso que Deus deseja, cada pecado, cada rendição, entregue-se ao prazer que Ele ordenou para você.”

Ele solta meu cabelo e eu me jogo para frente, com suas mãos ainda segurando meus pulsos atrás das costas.

“Roman,” eu gemo, minha voz cheia de necessidade desesperada.

“Mais alto, que todos ouçam.”

"Porra, Roman", eu grito, o prazer aumentando enquanto o sinto bater mais fundo dentro de mim.

"Quem está te fodendo, Eden?" Ele questiona, o calor no meu estômago ficando insuportável.

"Você é", eu suspiro, olhando para ele, meu cabelo grudando no meu batom.

"E de quem é a boceta bonita que vai ficar cheia do meu esperma?" ele geme, a contração do seu pau acendendo algo bem fundo dentro de mim.

“Meu,” eu sibilo. “Porra meu—”

Sua liberação me preenche, suas mãos agarrando meus quadris enquanto nós dois nos tornamos uma confusão de gemidos inaudíveis. Roman continua a balançar seus quadris, prolongando a sensação, até que ele lentamente se afasta de mim, me deixando virar de costas. Seus olhos devoram a visão de mim esparramada em sua cama, seu esperma derramando suavemente do meu centro.

Roman passa um dedo sobre minhas dobras, maravilhado com seu trabalho antes de se sentar na cama.

Sua mão se move para seu pau ainda duro.

"Romano—"

"Você não terminou, linda. Venha para o meu colo e me monte", ele exige, sua voz baixa e autoritária.

Eu obedeço, me arrastando até ele, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço enquanto ele cuidadosamente me guia para seu colo, seu pau deslizando de volta para dentro de mim. Suas mãos empurram meus quadris para baixo, me fazendo tomá-lo todo em um movimento rápido.

“Assim mesmo, Angel,” Ele sussurra, nossas testas pressionadas juntas.

“Agora continue balançando esses quadris—”

Nós dois ficamos assustados quando o toque do meu telefone corta o ar.

Olho para a mesa de cabeceira, vendo o rosto de Zoey na tela. Roman se estica e pega o telefone, mantendo-se enterrado em mim.

Quando me movo para sair de cima dele, ele me força a voltar para baixo e coloca o telefone na minha mão.

“Atenda”, ele sussurra. “E fale com ela enquanto você cavalga meu pau.”

Um milhão de pensamentos passam pela minha cabeça, mas aperto o botão de atender e coloco o telefone no viva-voz.

“O-Olá—” eu gaguejo, tentando manter minha voz firme enquanto Roman balança meus quadris para mim.

O controle que preciso ter para conter meu gemido quase me deixa louco.

“Graças a Deus, Eden. Aiden e eu estávamos tão preocupados. O maldito Luca vomitou no gramado todo e estava uma bagunça soluçante. Onde você está—”

“É o Éden?” Luca grita ao fundo, suas palavras arrastadas.

O aperto de Roman fica mais forte. Sua boca gravita em direção aos meus seios.

“Tire suas mãos do meu telefone—”

"Eden?" A voz de Luca está cheia de arrependimento e confusão, mas mal consigo me concentrar nela enquanto a língua de Roman gira sobre meu mamilo e então suga a pele delicada em sua boca.

“Mmm-mhm,” eu forço a dizer, minha voz traindo uma mistura de gemido.

“Oh, Jesus, Eden, me desculpe. Eu não sei o que deu em mim quando eu toquei em você daquele jeito—”

Roman morde meu mamilo e eu solto um suspiro, inclinando-me para ele enquanto minhas pernas tremem incontrolavelmente.

"Continue", Roman sussurra, guiando meus quadris enquanto move a boca para o outro seio, sua mão massageando o que ele mordeu.

“Você é um babaca de merda, Luca,” eu sussurro, maravilhada com a visão de Roman arrastando sua língua pela minha pele. “Eu não preciso de você —”

“Onde você está, Eden—”

“Em algum lugar onde eu deveria estar o tempo todo,” eu sussurro. “Perca meu número de merda.”

“Espera, Eden—” a voz de Luca implora, mas eu termino a ligação e jogo o telefone no chão. Eu agarro o queixo de Roman, puxando-o para longe dos meus seios, e prendo meus lábios aos dele, devorando-o em um beijo faminto.

“Você quis dizer o que disse?” Ele questiona entre beijos. “Você sente que deveria ter estado aqui comigo o tempo todo?”

Fazendo uma pausa, pressiono minha testa na dele, e nossas respirações se misturam.

“O que significa se eu disser não?”, pergunto, com a voz trêmula.

“Isso é... isso é puramente físico. Emoções não estão envolvidas.”

“E se eu disser sim?”

“Então as coisas são muito mais complicadas do que eu poderia ter previsto.”

Olho fixamente em seus olhos, a intensidade entre nós é palpável.

“Então as coisas são complicadas, Roman, e isso é ótimo para mim.”

Ele não diz nada, apenas segura meu rosto e me dá beijos duros e apaixonados. Eu o monto até que ambos estamos convulsionando de

p

q

liberação mais uma vez.

Conforme a noite se transforma em crepúsculo, Roman me puxa para seus braços, uma sensação de paz me inunda. Em seu abraço, sinto uma rara segurança, como se fosse aqui que eu sempre pertenci — bem aqui, onde até Deus sorriria para nós, sabendo que finalmente encontrei meu santuário.

Provérbios 5:19: “Uma corça amorosa, um cervo gracioso — que os seus seios o satisfaçam sempre, que você possa sempre ser intoxicado com o amor dela.”





Capítulo 24

Éden

esticando meus braços em um grande estiramento, eu tateio ao redor procurando por Roman, meus dedos encontrando apenas o espaço frio e vazio ao meu lado. Confusa, eu abro meus olhos, estremecendo com a dor que irradia pelo meu corpo. A paixão da noite passada deixou sua marca, cada músculo doendo, meu núcleo pulsando como se tivesse sido rasgado e costurado novamente.

Pego meu telefone, ainda desligado da noite anterior, sabendo que as inúmeras mensagens do meu irmão e da Zoey estão esperando na minha caixa de entrada. A luz do amanhecer filtra-se pela sala, pintando o espaço em tons suaves que me lembram os vitrais da igreja, aqueles que captam o sol na medida certa.

Deslizando para fora da cama de Roman, estremeço levemente quando meus pés tocam o chão, a dor tornando cada movimento desajeitado e torturante. Vasculho sua gaveta, encontrando uma de suas camisetas maiores, o tecido macio e reconfortante contra minha pele enquanto a visto.

O cheiro familiar dele gruda no algodão, uma mistura de sândalo e algo mais escuro que me dá um arrepio na espinha.

Abrindo a porta do banheiro, os resquícios de seu banho recente permanecem no ar, o vapor gruda no espelho como uma lembrança. Limpo



a condensação com as costas da mão, meu reflexo entrando em foco —

desgrenhado, cru, minha maquiagem borrada pela intensidade da noite.

Meus olhos traçam as leves marcas de mordidas ao longo do meu pescoço e a maneira como meu cabelo cai em ondas emaranhadas sobre meus ombros.

Pareço uma mulher que foi completamente reivindicada, um pensamento que envia uma onda de calor através de mim.

Olhando para baixo, noto uma escova de dentes nova descansando no balcão, junto com um frasco de sabonete facial que eu sei que custa mais do que dois dos meus contracheques juntos. Ao lado deles, um bilhete chama minha atenção. Eu o pego, um sorriso puxando meus lábios enquanto leio o rabisco familiar.

Não tenha pressa. Você teve uma longa noite.

—***R***

“Oh, Roman,” murmuro para mim mesmo, o sorriso ficando mais largo apesar da dor em meu coração.

Não me faça cair no seu lado bom também.

Mas enquanto estou ali, enrolada em sua camisa, cercada pelo cheiro e pela sensação dele, não posso deixar de sentir que algo mudou. O que compartilhamos ontem à noite — não foi apenas físico.

Foi um ponto de virada, um momento em que tudo mudou. E por mais que eu queira negar, afastar, sei que a linha entre nós se confundiu de maneiras que não podem ser desfeitas.

Com uma respiração profunda, viro-me para a pia, a água fria espirrando no meu rosto, lavando os restos da maquiagem da noite passada e algumas das dúvidas persistentes. Mas, quando olho para o meu reflexo novamente, percebo que o que ficou para trás é algo novo — uma mulher que é viu outro lado de si mesma, de Roman, e não tem muita certeza do que fazer com esse conhecimento.

Depois de lavar o rosto e me sentir um pouco mais como eu mesmo, entro no corredor, o cheiro rico de bacon flutuando no ar. Eu levo meu tempo,

parando para estudar as poucas fotos que Roman tem na parede. Meus dedos roçam levemente sobre uma foto dele com sua unidade no exército

— seu rosto áspero, coberto de barba por fazer e sujeira. Ele está sorrindo amplamente, braços pendurados ao redor do pescoço de seus companheiros soldados, todos eles radiantes com uma camaradagem que é palpável até mesmo através da fotografia.

Passo para a próxima foto, um contraste gritante com a primeira. É menos exuberante, mais terna. Uma linda mulher com cabelo curto coberto por uma bandana rosa segura as mãos de um garoto com cabelo preto azeviche, ajudando-o a andar. Ambos estão rindo, uma paz em suas expressões que sugere que o momento é algo que deve ser apreciado.

Tiro delicadamente a foto da parede, incapaz de desviar os olhos enquanto caminho em direção à cozinha.

Roman está de pé no fogão, sem camisa, suas costas largas voltadas para mim. Uma grande caneca de café está no balcão, e a mesa está posta para dois, com uma variedade de itens de café da manhã quentes e prontos. Não posso deixar de notar as leves marcas que minhas unhas deixaram em sua pele, um lembrete da intensidade da noite anterior.

"Bom dia, Angel", ele diz com um sorriso caloroso, virando-se para mim.

Seu olhar imediatamente cai para a moldura em minha mão.

"E-eu sinto muito, eu simplesmente adorei a foto...", começo, me sentindo um pouco envergonhado.

"Ela era uma alma brilhante", ele interrompe, desligando o fogão antes de se encostar no balcão. "Você nunca saberia que ela tinha câncer."

"Isso é..." começo de novo, mas ele termina o pensamento para mim.

"Minha mãe", ele diz suavemente, caminhando até mim.

Ele pega a moldura das minhas mãos, seus dedos demorando-se sobre a imagem, especialmente em seu sorriso brilhante e radiante. "Ela venceu o câncer mais de uma vez. Eu sempre fui convencido de que o abuso do meu pai é o que a impediu de superá-lo uma terceira vez", ele suspira, suas sobrancelhas franzindo enquanto ele se perde na memória.

"É você?", pergunto, traçando a imagem do garoto na foto com meu dedo.

"Surpreso por eu ser tão fofo?", ele brinca, colocando a moldura no balcão.

Envolvendo seus braços em volta da minha cintura, ele me puxa para perto.

Eu enrolo meus braços em volta do seu pescoço, me inclinando para o calor do seu corpo. Seus lábios roçam levemente os meus em um beijo terno, suave e gentil, cheio de um tipo de doçura que parece novo entre nós.

"Você sente falta dela?", pergunto, apoiando minha testa na dele.

"O tempo todo", ele admite, sua voz quase um sussurro. "É por isso que escolhi acreditar que havia um céu para começar e jurei minha vida para encontrar uma maneira de encontrá-la lá um dia.

dia." Há uma vulnerabilidade em suas palavras, um vislumbre do coração de Roman Briar que eu não tinha visto completamente antes.

"E como você está se sentindo, a propósito?", ele pergunta, com um sorriso brincalhão nos cantos dos lábios, mudando o clima.

A mudança é quase tangível, e não consigo deixar de sorrir de volta, sabendo exatamente a que ele está se referindo.

"Como se tivéssemos brigado em vez de transado", admito, sentindo a dor em cada músculo.

Roman sorri e agarra minha bunda, me levantando para o balcão. Suas mãos deslizam possessivamente por baixo da camisa que peguei emprestada, mapeando cada centímetro de mim.

"Você vai ter que se acostumar com esse sentimento se quiser continuar

'namorando' comigo", ele murmura, embora sua expressão se contorça levemente ao ouvir a palavra "encontro".

"Então estamos namorando agora?" Eu provoco. "Você nem perguntou."

"Data é uma palavra tão dura", ele murmura, o peso de sua fé ainda o puxando. "Mas se qualquer outra pessoa tocasse em você como eu fiz, eles descobririam rapidamente o quão real Deus é", ele rosna, pressionando seus lábios no meu pescoço. Eu franzo a testa enquanto sinto o metal frio de seu anel roçar minha pele.

"Coloque seu anel de volta", sussurro, com decepção estampada em meu tom.

"Você parece chateada", ele responde, afastando-se o suficiente para olhar para mim, com as mãos ainda emoldurando meus quadris.

"Quando você usa esse anel, o que ele significa para você?", pergunto, colocando minhas mãos em seu peito. "Você poderia sair em público com ele e ainda segurar minha mão?" Sua mandíbula apertada.

"Eden, quando uso este anel, isso significa meu comprometimento com algo maior do que eu. Aqui, na privacidade do meu lar, posso pedir perdão. Mas na igreja, tudo o que sinto é o peso do julgamento de cima."

"Então tire e não coloque de volta", eu desafio. "Fique sem o anel."

Roman dá um passo para trás, balançando a cabeça. "Não posso fazer isso, Eden", ele suspira, esfregando a têmpora.

"Não posso abandonar a única coisa que me fez acreditar que mereço mais do que apenas sofrimento."

Ele implora, e eu cruzo os braços sobre o peito, tentando mascarar a dor de suas palavras.

"Então você e eu? O que isso significa para você?", pergunto, temendo sua resposta.

"Você não é um pecado, Eden", ele sussurra, sua voz suavizando. "Você é uma bênção, algo que eu nunca esperei, mas não consigo me forçar a deixar ir. Mas

até as bênçãos vêm com seus desafios. Meu comprometimento com Deus não muda, mas isso não significa que você seja menos importante para mim."

Suas palavras trazem uma sensação de calor, mas eu sigo em frente. "É

impossível ver o que temos como algo mais? Poderia significar mais do que o juramento que você fez com aquele anel?"

"Essa é a luta", ele sussurra, sua voz tremendo. "Estou tentando encontrar uma maneira de honrar tanto minha fé quanto o que sinto por você.

Enquanto eu usar o anel, é um lembrete de que posso lutar por ambos."

Observando seu tumulto interior se desenrolar, eu luto para encontrar uma maneira de confortá-lo. Eu o empurrei para isso, e agora ele está lidando com as consequências.

Pulo do balcão e o puxo para um abraço apertado, sentindo uma pontada de alívio quando ele retribui o abraço com a mesma firmeza.

"Não precisamos definir nada agora, Roman. Você me tem, com ou sem anel. Use-o pelo tempo que precisar."

Mas e se ele nunca tirar isso?

E então?

As mãos de Roman seguram meu rosto, puxando meu olhar para encontrar o dele. A intensidade em seus olhos faz minha respiração falhar.

"Eu nunca tive nada nesta vida que tenha sentido logo depois que minha mãe morreu. Eu pensei que era impossível sentir qualquer coisa além de dor até você entrar na minha vida, e eu percebi que mantê-la segura significava mais do que qualquer outra coisa. Você acendeu uma nova vida em mim, Eden, e isso não é algo que eu levo de ânimo leve—"

"Padre Briar!", a voz estridente de Zoey ressoa, seguida pelas fortes batidas na porta da frente de Roman, cortando o momento íntimo como uma faca.

Nós dois pulamos com a intrusão repentina.

A expressão de Roman muda instantaneamente, seu olhar cauteloso de sempre retorna quando ele me solta.

"Você disse a ela que estava aqui?", ele pergunta, sua voz agora fria e controlada.

"Não", eu sussurro, me afastando dele. "Mas tenho a sensação de que sei quem fez isso."

A voz de Zoey fica mais insistente, quase frenética, enquanto ela bate na porta novamente. "Eden, eu juro, se você estiver aí dentro, abra essa porta agora mesmo!"

Os olhos de Roman se estreitam enquanto ele processa a situação. "Seu irmão?" Ele pergunta, a tensão em sua voz é inconfundível.

Concordo relutantemente, sentindo uma mistura de culpa e frustração. "Ele deve ter descoberto."

Antes que qualquer um de nós possa dizer mais alguma coisa, as batidas na porta se intensificam. Roman suspira, passando a mão pelo cabelo, claramente lutando para manter a compostura. "Falaremos sobre isso mais tarde", ele diz, seu tom firme, mas resignado.

Concordo, virando-me para a porta. "Eu cuido disso", sussurro, dando-lhe uma última olhada antes de alcançar a maçaneta, me preparando para qualquer caos que me aguarde do outro lado.



Tentando passar na minha frente, Roman estende a mão para a porta, mas eu sou igualmente rápido, e nós dois clamamos para agarrar a maçaneta primeiro.

"Ela é minha amiga...", começo, mas Roman interrompe.

"Seu amigo que vai se perguntar por que diabos você está aqui—"

Nós nos atrapalhamos para ter controle, mas Roman chega primeiro, me cutucando atrás da porta enquanto a abre bem. A percepção de que ele está sem camisa me atinge um segundo tarde demais, e eu pego o som fraco do gole

audível de Zoey quando seus olhos pousam nele.

"Padre Briar, não quero interromper, mas..." Zoey faz uma pausa, frustração evidente em sua voz. "Aiden e eu não conseguimos encontrar Eden, e estávamos imaginando se ela foi à igreja ontem à noite—"

Quer me esconder, Roman? Então você vai ter que me amarrar.

"Estou bem aqui, Zo", anuncio, empurrando Roman para o lado com um pouco mais de força do que o necessário. Seus olhos se arregalam levemente com minha franqueza.

Vestida apenas com a camisa larga de Roman, vejo as engrenagens girando na cabeça de Zoey enquanto ela tira suas próprias conclusões.

"Putá merda, quando Aiden disse que achava que você tinha passado a noite aqui, pensei que ele estava brincando."

Ela sussurra, com acusações prontas para saírem de seus lábios.

"Luca me irritou. Pensei em dar uma boa trepada em outro lugar", digo com um sorriso irônico, observando Roman e Zoey congelarem em choque.

"Estou brincando", acrescento rapidamente, revirando os olhos. "Eu estava chateado e perdido ontem à noite e vi a igreja. Felizmente, Roman — Padre Briar — estava acordado e me deixou ficar em vez de ter que explicar qualquer coisa para meu pai."

"Jesus. Aí está você," a voz de Aiden corta, e eu me viro para vê-lo subindo a passarela. Roman dá mais um passo para trás, tentando evitar chamar atenção para seu estado sem camisa.

Olhando rapidamente ao redor, Roman pega uma camisa do sofá, evitando por pouco o olhar de Zoey enquanto ela tenta espiar lá dentro, provavelmente notando o estado arranhado de suas costas.

"Você está ferido?", pergunta Aiden, com preocupação estampada em sua voz enquanto ele entra, seus olhos me examinando.

"Sim, por favor, entre", diz Roman secamente, fazendo o possível para esconder

qualquer evidência do que aconteceu ontem à noite.

"O que diabos você estava pensando, desligando seu telefone daquele jeito?" Aiden exige, balançando a cabeça em descrença. "E por que diabos você não contou a ninguém onde ela estava?" ele grita, direcionando sua raiva para Roman.

"Ela estava bem, Aiden..." Roman começa, tentando manter o tom firme.

"Sabe, pai, seria uma pena descobrir que você está caçando mulheres jovens e vulneráveis", Aiden cospe, com a voz afiada e acusatória.

"Aiden," eu estalo, me colocando entre eles, ficando na cara do meu irmão.

"Roman não fez nada—"

"Roman?" Aiden questiona, sua voz caindo para um sussurro, tomando cuidado para não deixar Zoey ouvir. "Eu pensei que o que quer que estivesse acontecendo entre vocês dois tivesse acabado?"

"As coisas ficaram complicadas", eu estalo, minha paciência se esgotando.

"Agora, podemos ir embora antes que você torne as coisas ainda mais estranhas?"

Empurro Aiden para trás, minha frustração fervendo enquanto o acompanho, junto com Zoey, para fora de casa.

A tensão no ar é palpável, e posso sentir os olhos de Roman em mim, uma tempestade de emoções mal contida por trás de sua expressão estoica.

Ao chegar à porta, olho de volta para Roman, meu coração se contorcendo de culpa. Seus olhos encontram os meus, e naquele breve momento, vejo a profundidade de sua raiva e a turbulência que nosso relacionamento despertou dentro dele.

"Vejo você em breve, Eden", ele sussurra, sua voz tensa, fazendo o melhor que pode para esconder a fúria fervendo sob a superfície. A intrusão de

Aiden e Zoey claramente atingiu um nervo, e eu posso sentir o desafio que nos

espera ao tentar navegar nesta teia complicada que tecemos.

Batendo a porta do carro, sento-me no banco de trás e visto um par de moletons que Zoey tinha deixado no carro para depois do seu turno na cervejaria.

Sentados no banco do motorista e do passageiro, os dois olham para mim, esperando que eu diga alguma coisa.

"Bem, vocês dois não estão lindos esta manhã-"

"Você está fazendo sexo com ele, Eden?", Aiden questiona, arrancando o curativo o mais agressivamente que pode.

Então, estamos tendo essa conversa?

Ótimo.

"Eu não vou fazer sexo-"

"Então ele anda por aí sem camisa preparando o café da manhã para todos os seus coroinhas que decidem passar a noite lá?", questiona Zoey, igualmente incomodada com meu irmão.

"Vocês dois estão falando sério sobre mim agora?", pergunto, irritado com as reações deles.

"Você saiu correndo no meio de uma festa e não respondeu a ninguém por horas. Vim descobrir que você passou a noite com nosso padre, com quem, notícia de última hora, você já admitiu que tinha algo acontecendo-"

"Você contou à Zoey?", pergunto bruscamente, ciente de quão livremente ele está falando na frente dela.

"Você acha que isso é algo que eu queria segurar sozinho?" Ele questiona.

"Minha vida inteira parece uma grande mentira só esperando para implodir-

"

Balançando a cabeça, chuto a porta de Zoey.

"Éden-"

"Eu comi ele, Aiden," eu sibilo, Zoey e ele ficando impassíveis. "E eu amei cada minuto da porra. Então você pode correr para casa, contar para o nosso pai e ver o que diabos acontece. Ou você pode me deixar em paz, e me deixar implodir por conta própria."

Puxando a camisa de Roman, mostro ao casal os hematomas que Luca deixou.

"Esse era Luca, não Roman. Se você quer que alguém mande a caça às bruxas atrás, você está procurando no lugar errado."

"Eden, não é isso que estamos dizendo", Zoey começa. "Ele é apenas..."

mais velho e está em uma posição de autoridade com nossa igreja. Padres devem jurar abstinência-"

"Bem, este não", murmuro. "Então, vocês dois vão guardar meu segredo ou contar ao mundo inteiro meu pecado sujo?", questiono, batendo o pé impacientemente.

"E quando ele estiver cansado de você? Quando a luxúria tiver passado e ele depositar sua fé em você?"

E então? Isso é algo com que você consegue lidar?"

É a mesma pergunta que tenho me feito repetidamente.

O que acontece quando Roman escolhe sua fé em vez de mim?

"Não é problema seu descobrir isso", eu sibilo, pegando o contato do meu pai no meu telefone.

Batendo meu telefone no apoio de braço central, os dois olham para o aparelho.

"Ou ligue para ele ou deixe para lá."

Levando alguns segundos para olhar para o telefone, Aiden e Zoey trocam um olhar.

"Quando tudo isso desabar no Éden, não diga que eu não avisei."

Essa foi a última coisa que Aiden disse antes de ligar o carro, nos levando para longe da igreja e da noite que Roman e eu compartilhamos.



Capítulo 25

Éden

Embora eu não tenha tido nenhum tempo a sós com Roman desde o Halloween, nos tornamos mestres em roubar momentos sempre que podemos. Trocas silenciosas na sala do coroinha antes da missa ou breves toques em seu escritório pouco antes do início do serviço se tornaram nosso santuário.

Roman convenceu meu pai a me deixar assumir mais horas de serviço, e a fachada está se encaixando perfeitamente, apesar da ausência repentina de Luca. Depois do que aconteceu na festa, Luca se viu no fim da lista de merda do meu irmão. Aiden assumiu a responsabilidade de manter Luca o mais longe possível — ignorando-o durante o futebol e encerrando as ligações antes mesmo que eu pudesse atender.

Porém, eu sei que se Roman visse Luca novamente, ele provavelmente o mataria pelo que ele fez naquela noite.

Eu costumava pensar que estar perto de alguém tão sombrio quanto Roman seria assustador. Nunca imaginei que desejaria isso tanto quanto desejo agora.

“Torrada escura, um creme”, Zoey grita, colocando a bebida no balcão.

Saindo do meu torpor sem sentido, retorno ao meu posto, preparando doses e

espumando.



“Então, o festival de outono está chegando,” Zoey sorri, ignorando os olhos errantes do homem pegando sua bebida. “Devo esperar ver Roman lá com você se você vier?” Ela questiona, usando seu primeiro nome tão casualmente.

“Você está me perguntando se um festival local será onde eu decidirei exibir publicamente meu relacionamento com nosso padre?” Eu arqueio uma sobrancelha.

Segurando o queixo, ela finge ponderar o pensamento. “Sim, acho que é exatamente isso que estou perguntando”, ela sorri.

“Você está delirando pra caralho—”

“Quem está delirando?” Sua voz profunda corta o barulho, fazendo meu coração pular uma batida.

Olhando para cima, vejo Roman parado no caixa, seu cabelo escondido sob um boné de beisebol preto. Ele está usando uma grande jaqueta bomber, claramente tentando ficar escondido, evitando olhares curiosos.

“Falando no Diabo”, Zoey brinca, me cutucando nas costas.

Pelo menos ela está se aquecendo com a ideia de Roman e eu.

“Ninguém. Zoey estava apenas sugerindo que você se juntasse a nós para o festival de outono no parque de diversões,”

Eu digo, oferecendo-lhe um sorriso. Seus olhos piscam em direção a Zoey.

“Tenho certeza de que ninguém teria problemas com isso”, ele diz sarcasticamente, e Zoey revira os olhos.

“Contanto que você fique longe, pai, não vejo mal algum.”

Para Roman, é quase impossível não interferir.

“Você se importa em me fazer um chai?” Roman pergunta a Zoey, sua voz casual, mas seus olhos intensos.

Ela assente lentamente, com seu sorriso habitual no rosto.

"Contanto que você dê gorjeta", ela responde, começando a beber.

Enquanto ele desliza uma nota de vinte sobre o balcão, meus olhos pousam em seu dedo indicador da mão.

“Onde está—”

"Me encontre no banheiro em cinco minutos", ele sussurra, inclinando-se sobre o balcão, seus lábios mal roçando minha bochecha. "Cansei de esperar para foder essa boceta bonita."

Ele encerra a conversa e vai embora com as mãos nos bolsos.

“Vou levar vinte.” Zoey nem tem tempo de questionar para onde estou indo; já estou a caminho, o ar pesado com a emoção do que está por vir. Minha mão paira sobre a maçaneta da porta por apenas um momento, a realidade do que estou prestes a fazer me inundando em uma onda de excitação nervosa.

A respiração de Roman é quente contra meu pescoço enquanto seus lábios sobem, cada beijo enviando arrepios pela minha espinha. "Olha como você veio rastejando até mim facilmente, menina bonita", ele sussurra, sua voz baixa e áspera, cheia de satisfação sombria. O corrimão de metal do braço crava em minhas costas, mas o desconforto se perde no calor que se acumula entre minhas pernas.

Ele leva seu tempo, saboreando cada segundo enquanto seus caninos roçam minha pele, enviando uma mistura de prazer e antecipação percorrendo meu corpo. Suas mãos tateiam os botões da minha blusa, revelando lentamente a pele por baixo, o tecido se abrindo sob seu toque como um segredo proibido.

Sua mão livre desliza mais para baixo, esfregando-me através do tecido da minha legging, a fricção acendendo faíscas de prazer que fazem minha respiração falhar. O sorriso em seu rosto cresce a cada pequeno gemido que escapa dos meus lábios, cada som um testemunho do controle que ele tem sobre mim.

"Já tão molhada para mim", ele murmura, seus dedos pressionando mais forte contra meu calor, a pressão me fazendo ofegar. A tensão em suas calças é inegável, um sinal visível de sua excitação que só alimenta o fogo dentro de mim.

"Diga-me, Eden", ele diz, sua voz uma mistura perigosa de sedução e comando. "Você quer que eu te prenda contra a parede do banheiro e te foda?" Ele pressiona seus quadris contra mim, sua dureza inegável enquanto ele esfrega contra minha perna.

Mal consigo formar um pensamento coerente, muito menos uma resposta, enquanto seus dedos continuam seus movimentos lentos e torturantes. A provocação é enlouquecedora, me empurrando para mais perto do limite a cada segundo que passa, e posso sentir minha determinação se esvaindo.

"Responda-me", ele exige, sua voz um sussurro contra meu ouvido, seus dedos pausando seus movimentos enquanto ele espera minha resposta. A pausa é deliberada, um movimento calculado para me lembrar quem está no controle.

"Sim, Pai," eu finalmente consigo dizer, minha voz ofegante, cheia de necessidade. As palavras mal saem da minha boca quando seus dedos se movem novamente, dessa vez deslizando sob o cócs da minha legging, encontrando seu caminho para minha umidade.

Ele cantarola em aprovação, seus lábios roçando minha orelha. "Boa menina", ele sussurra, e assim, a antecipação aumenta novamente, cada nervo do meu corpo gritando por mais dele.

Mas desta vez, quero ser eu quem assume o controle.

Sem dizer uma palavra, eu o empurro gentilmente para trás, deslizando até meus joelhos diante dele. Os olhos de Roman se arregalam, escuros de desejo, enquanto ele me observa, sua respiração engatando com a visão. A mudança de poder entre nós é palpável, o ar denso de tensão enquanto eu desfaço seu cinto com lentidão deliberada.

"Deixe-me cuidar de você, pai", murmuro. As palavras pingam sedução.

Seus dedos se contraem ao lado do corpo, resistindo à vontade de me tocar enquanto deslizo o cinto e desabotoo suas calças. Sua ereção se estica contra o

tecido, a antecipação em seus olhos alimentando meu próprio desejo.

Com um movimento do meu pulso, eu o liberto da cueca, seu pau saltando em posição de sentido. Eu olho para cima, encontrando seu olhar, e o calor em seus olhos envia uma emoção através de mim. Lentamente, envolvo minha mão em volta de seu comprimento, sentindo o calor e a dureza em meu aperto.

Roman solta um gemido baixo, seu controle escorregando enquanto começo a acariciá-lo, meus movimentos sem pressa, saboreando a sensação dele.

Suas mãos finalmente pousam na parte de trás da minha cabeça, dedos enfiados no meu cabelo enquanto ele me observa com uma mistura de fome e contenção.

"Você não precisa..." Ele começa, mas eu o interrompo com um beijo suave na ponta do seu pênis, sentindo o gosto da gota de pré-sêmen que já havia se formado.

"Eu quero", sussurro contra ele, e sem esperar por uma resposta, o levo para minha boca, lenta e profundamente. O gosto dele inunda meus sentidos, e sinto seu aperto em meu cabelo, sua respiração ficando presa enquanto começo a me mover.

Eu levo meu tempo, estabelecendo um ritmo que o deixa louco, meus lábios e língua trabalhando em conjunto para trazê-lo mais perto do limite. O

controle de Roman desliza mais a cada momento que passa, seus gemidos ficando mais altos, mais desesperados enquanto ele luta para não empurrar em minha boca.

Com Roman ainda recuperando o fôlego, eu me afasto um pouco, mantendo meus olhos fixos nos dele.

Uma onda de desafio e desejo puro borbulha dentro de mim e, antes que ele possa reagir, inclino a cabeça ligeiramente para trás e cuspo em seu pau, a umidade brilhando enquanto o cobre.

Os olhos de Roman escurecem com uma mistura de surpresa e excitação intensa, sua respiração fica entrecortada enquanto ele me observa. O ato é tanto um desafio quanto uma declaração de poder, um lembrete de que, neste momento, eu tenho tanto controle quanto ele.

Suas mãos agarram meus ombros, seus dedos cravando apenas o suficiente para se ancorar enquanto ele me observa com um olhar que é reverente e possessivo. A sala parece prender a respiração enquanto eu uso minha mão para espalhar o cuspe ao longo de seu comprimento, a maciez tornando cada movimento mais deliberado, mais intenso.

“Eden...” Ele respira, sua voz um rosnado baixo cheio de advertência e aprovação, a tensão entre nós crepitando como um fio desencapado.

Sem quebrar o contato visual, abaixo minha cabeça novamente, levando-o de volta para minha boca, a viscosidade do cuspe tornando cada deslizamento suave e intenso. O aperto de Roman em meus ombros aperta,

sua respiração sai em suspiros irregulares enquanto eu o trabalho com um ritmo deliberado, cada movimento uma mistura de devoção e desafio.

Sinto seu corpo ficar tenso sob meu toque, o controle que ele normalmente tem sobre si mesmo escapando a cada segundo que passa. Sua mão se move para a parte de trás da minha cabeça, me guiando enquanto eu encovo minhas bochechas, levando-o mais fundo, querendo extrair dele cada reação que eu puder.

“Porra, Eden...” Roman geme, sua voz baixa e áspera, cheia de uma fome que me dá um arrepio na espinha. O som de sua voz e a maneira como seu corpo responde a mim só me incitam. Eu acelero o ritmo, sentindo a tensão nele aumentar até o ponto de ruptura.

Seus dedos se enroscam em meu cabelo, seu controle pendurado por um fio enquanto ele luta para não perder o controle completamente. Mas eu não desisto. Eu quero que ele perca o controle, que se renda ao prazer que o percorre, assim como eu já fiz tantas vezes antes. Assim que eu o sinto ficando tenso embaixo de mim, sua respiração engatando daquele jeito familiar que sinaliza que ele está perto, Roman de repente se afasta, suas mãos agarrando meus ombros enquanto ele se afasta. A perda repentina dele me deixa ofegante. Meus lábios se abrem em surpresa enquanto eu olho para ele, confusa e frustrada.

Os olhos de Roman estão escuros, cheios de uma tempestade de emoções que não consigo ler direito. Ele está respirando pesadamente, seu peito subindo e descendo enquanto ele tenta recuperar o controle. Suas mãos se movem para segurar meu rosto, seus polegares roçando minhas bochechas e, por um

momento, apenas nos encaramos, o ar entre nós espesso com palavras não ditas e desejos não realizados.

"Por que você parou?" Eu sussurro, minha voz tingida com o desespero que não consigo esconder.

"Levante-se", ele diz bruscamente, agarrando meus cotovelos e me pressionando contra o piso frio.

Ele puxa minha legging, forçando-a para baixo, com calcinha e tudo, sem me dar nenhum aviso enquanto alinha sua ponta ao meu calor escorregadio.

"Tentando me fazer gozar na sua boca?", ele questiona perto da minha orelha, mordiscando o topo dela.

Me curvando, Roman força meus cotovelos a apoiarem meu peso no corrimão de metal antes de se chocar contra mim segundos depois.

Pressionando minha testa contra a parede fria, eu reprimo um gemido cruel no momento em que ele se enterra completamente dentro de mim. Meu corpo, escorregadio de antecipação, acolhe cada impulso poderoso, o movimento feito sem esforço pelo quão molhada eu estou. Sua mão se enrola em meu cabelo, e a cada puxão, ele amplifica a sensação, enviando choques agudos de prazer e dor percorrendo meu corpo.

"Porra-"

"Você gosta dessa dor, não é?", ele questiona, me lendo como um livro.

O ar parece estar sendo arrancado dos meus pulmões a cada uma de suas investidas.

"S-Sim-" Eu suspiro, seu pau entrando mais forte. "Porra, sim." Eu choramingo, lutando para sustentar meu peso nas pernas trêmulas.

"Implore pelo meu gozo, Eden," Ele sussurra, batendo impiedosamente em mim. "Implore para eu gozar, porra-"

"Por favor", eu sussurro, pronta para desabar. "Por favor, encha minha boceta com seu-" eu imploro, com lágrimas nublando meus olhos.

Estendendo a mão na minha frente, ele passa os dedos sobre meu clitóris inchado.

"Só se você gozar no meu pau primeiro", ele sussurra.

Mordendo minha camisa para abafar os gritos que ameaçam escapar, sinto os dedos de Roman esfregando lentamente meu clitóris, seu toque deliberado e provocador, mesmo enquanto ele continua a penetrar em mim.

O calor em meu estômago aumenta, a sensação é avassaladora enquanto ele me leva direto ao limite.

“Porra, Roman,” eu sibilo, soltando um gemido ofegante e silencioso. “Eu amo isso pra caralho,” eu admito, sentindo meu clímax chegar. “Eu te amo pra caralho—”

Como se estivesse na deixa, ele solta meu cabelo, sua mão se afastando do meu clitóris enquanto ele agarra meus quadris com força, e eu sinto sua liberação surgir dentro de mim. Nós dois ficamos sem fôlego, nossos corpos tremendo enquanto ele rapidamente limpa as evidências do nosso encontro antes de puxar minhas leggings de volta.

O peso do que acabei de dizer me atinge como uma tonelada de tijolos.

Minha cabeça pressionada contra a parede. Estou petrificada demais para me virar e encará-lo. Lutando para me sustentar, inclino-me pesadamente no corrimão de metal, a clareza da minha névoa pós-orgasmo se instalando.

Acabei de dizer ao Roman que o amava.

Quando finalmente forço meus olhos a abrir, vejo sua mão esfregando nervosamente sua nuca.

Ele está envergonhado?

"Por que você parece tão inquieto?", pergunto, observando-o mexer no cinto, com movimentos hesitantes.

"Não estou perturbado, Eden", ele sussurra, passando a mão pelos cabelos.

Mas, mesmo enquanto diz isso, seus olhos o traem. Eles estão arregalados, procurando, como se ele estivesse tentando encontrar um chão firme abaixo dele, mas apenas sentindo a terra desmoronar.

"Olha, Roman, o que eu disse foi estúpido—"

"Foi o que me fez terminar", ele interrompe, a confissão pairando entre nós pesada de significado. Suas bochechas coram, e há um lampejo de algo em seus olhos — algo que ele tem medo de admitir, até para si mesmo. "Eu estava perto, mas quando você disse isso, fez algo comigo", ele confessa, sua voz quase um sussurro. "Você quis dizer isso?" Seus olhos procuram os meus, quase implorando por uma resposta.

Porra.

O que eu digo?

Eu disse isso porque quis dizer isso.

Eu disse isso porque queria que ele soubesse.

"Ou foi só o sexo?", ele pergunta, com a voz tensa de incerteza e a expressão como uma máscara que escondia uma tempestade de emoções.

"As pessoas dizem coisas no calor do momento", minto, as palavras com gosto amargo na minha língua. "Sinto muito—"

"Seus vinte minutos estão quase acabando, Angel," Ele diz, seu tom distante, embora eu possa ouvir a tensão por baixo. "Eu não quero que você



se atrase."

Enquanto ele alcança a maçaneta da porta, eu agarro sua mão, segurando a conexão que parece estar se esvaindo.

"Você queria que eu falasse sério, Roman?", pergunto, vendo o conflito em seus olhos, a guerra entre seu coração e o voto ao qual ele está se apegando.

"As pessoas dizem coisas que não querem dizer, Eden," Ele sussurra, sua voz carregada de decepção da qual não consigo me esconder. "Às vezes dói."

Ele abre a porta, e o corredor do outro lado parece chamá-lo para longe de mim, a distância entre nós aumentando a cada segundo que passa.

"Romano-"

"Você precisa voltar ao trabalho. Não deixe que eu o impeça."

Com um olhar tenso, ele coloca o anel de volta no dedo, a faixa dourada refletindo a luz.

um lembrete gritante do voto que o segura. Seu rosto endurece como se o próprio anel tivesse o poder de trancar as emoções que ele está tentando desesperadamente controlar.

"E como você acha que eu me sinto", eu desafio, minha voz tremendo de emoção, "sabendo que toda vez que você coloca esse anel, é como se você estivesse se lembrando de que eu sou algo proibido? Como se eu fosse uma tentação que você tem que resistir em vez de alguém com quem você se importa."

Ele se vira para mim, seus olhos cheios de uma mistura torturada de emoções — medo, arrependimento e algo mais profundo que ele não consegue nomear. Sua voz é baixa, quase um sussurro, enquanto ele diz,

"Provavelmente como se eu tivesse acabado de dizer que te amo e depois parecesse estar com muito medo de aceitar."

Seu rosto se suaviza, só por um momento, e vejo o homem atrás do padre

— o homem que está aterrorizado com o que sente por mim, mas é incapaz de impedir isso.

Sem dizer mais nada, Roman se vira, suas mãos desaparecem nos bolsos, a verdade não dita pairando pesadamente no ar entre nós.

Eu estraguei tudo.

Pensei que estava poupando os sentimentos dele. Acontece que eu tinha acabado de destruí-los.

Cambaleando de volta para a parte principal do café, vejo Roman pegando sua bebida de Zoey, seus olhos deliberadamente evitando os meus enquanto eu me movo para trás do balcão. Apertando meu avental, fico ao lado de Zoey, observando Roman recuar para um dos sofás. Seus movimentos são tensos, seu comportamento fechado, e não consigo me livrar da sensação de pavor se instalando em meu estômago.

"Por que ele está tão irritado?" Zoey pergunta, franzindo a testa enquanto o observa. "Ele mal disse uma palavra quando pegou sua bebida, e para onde vocês dois foram?"

"Acho que errei, Zo", admito, meu olhar fixo em Roman enquanto ele se acomoda no sofá, os olhos de várias mulheres no café se voltando para ele, atraídos por sua presença.

Ele olha para cima, captando o olhar de uma das mulheres, e sorri — um gesto que desperta uma onda de ciúme e raiva dentro de mim.

Quando seus olhos se fixam brevemente nos meus, há um brilho desafiador neles, me desafiando, me empurrando ainda mais para minha própria frustração.

Não, esqueça isso. Eu definitivamente errei.

"Bem, vá pegar um pedido", Zoey sussurra urgentemente. "E tente não parecer que você acabou de ser fodido no banheiro do café", ela acrescenta, me lendo como um livro aberto.

Mortificada, abaixo a cabeça e tento organizar meus pensamentos dispersos na tela do caixa.

"O que você pode fazer por mim?", pergunto, com a voz trêmula enquanto me concentro na tarefa em questão.

"Éden?"

Meu coração para.

Toda a raiva que estava fervendo em minhas veias instantaneamente se transforma em medo paralisante.

Eu me forço a levantar os olhos do caixa, minha respiração fica presa na garganta enquanto dou um passo involuntário para trás, meu corpo tremendo incontrolavelmente.

Érico.

Ele me encontrou.

Ele parece exatamente como sempre foi — cabelo castanho penteado para trás, seus olhos escuros e profundos fixos nos meus com uma intensidade que me dá arrepios na espinha. O rosto que assombra meus pesadelos há tanto tempo está bem na minha frente, e não consigo respirar, não consigo pensar.

"Eden, você está bem?" A voz de Zoey é distante, mal conseguindo penetrar a névoa de terror que me envolve.

"E-Eric..." A palavra sai cambaleante dos meus lábios, um eco quebrado do nome que me assombra.

Memórias me invadem: suas mãos me prendendo, o peso do seu corpo me sufocando, meu corpo sendo violado.

"E-Eric—"

O mundo gira, minha visão fica turva e meu corpo cai no chão. A última coisa que ouço é a voz em pânico de Zoey, chamando meu nome, enquanto tudo desaparece no nada.

1 Pedro 5:8: “Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o Diabo, anda ao redor de vós.

como um leão que ruge, procurando alguém para devorar.”



Capítulo 26

romano

não há tempo para ninguém reagir enquanto Eden desaba, seu corpo se dobrando em direção ao balcão T. O baque enjoativo de sua cabeça batendo na borda ecoa pelo café, congelando todos no lugar. Os olhos de Zoey disparam para os meus, arregalados de medo.

Movendo-me sem pensar duas vezes, empurro o homem moreno que está parado muito perto, que observou Eden cair com uma perturbadora falta de preocupação. Chego ao seu lado em um instante, ajoelhando-me ao lado dela, minhas mãos tremendo enquanto pego um guardanapo para pressionar contra o ferimento em sua testa.

Zoey parece assustada, suas mãos tremendo enquanto ela agarra o pano em sua mão. "Não tenho ideia do que aconteceu. Ela estava bem, então ela começou a receber um pedido—"

"Dê-me uma toalha fria", ordena o homem moreno, tentando assumir o controle da situação enquanto se aproxima de nós com uma calma inquietante.

Ele se abaixa, alcançando Eden como se fosse assumir o controle, mas a simples visão dele tocando-a faz meu sangue ferver.

"Tire suas mãos de perto dela", eu digo bruscamente, minha voz áspera, mais alta do que eu pretendia.

Zoey pisca confusa, claramente abalada, enquanto entrega um pano ao homem. A expressão dele endurece, sua irritação comigo mal disfarçada.

"Ela é minha namorada", ele retruca, as palavras me cortando como uma lâmina, acendendo um fogo em meu peito.

Eu sei o que esse garoto representa. Na faculdade, Eden se envolveu com alguém — um garoto que a machucou, que quase a levou à beira do suicídio naquele dia naquele parque. Um garoto que deixou cicatrizes permanentes, tanto físicas quanto emocionais. E agora, aqui está ele, agindo como se tivesse o direito de estar perto dela.

"Ela não é sua namorada," Zoey interrompe, sua voz firme, cortando a névoa da minha raiva. "Por que você não vai embora e deixa a gente cuidar disso—"

"Romano", interrompe uma voz familiar e áspera.

David está atrás do balcão, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos e uma expressão indecifrável, como se o colapso de Eden não passasse de um pequeno inconveniente.

"Eric, dê um passo para trás e deixe que eles cuidem disso. É só um corte", diz David, seu tom transbordando indiferença.

Eric obedece, recuando como um cão bem treinado, mas não sem me lançar um olhar venenoso.

Eden se agita, suas pálpebras tremem enquanto ela murmura de dor, sua consciência retornando lentamente.

"R-Roman, Eric—"

Antes que ela possa dizer mais alguma coisa, cubro gentilmente sua boca, tentando silenciá-la antes que ela diga algo que possa piorar tudo.

"Você deveria ter bebido um pouco de água antes do seu turno, Eden," eu minto suavemente, sentindo o olhar frio de David queimando em mim.

"Você tem sorte de eu estar aqui."

O foco dela muda para Eric e seu pai, e a maneira como ela instintivamente recua para mim faz meu coração doer de impotência. Cada fibra do meu ser grita para envolvê-la em meus braços e eliminar a ameaça que esses homens representam, mas eu sei que qualquer ação precipitada pode piorar as coisas.

Sua respiração fica rápida, seu peito sobe e desce com respirações superficiais e em pânico, suas mãos tremem de medo.

"Pai, por que diabos ele está aqui—"

"Eric está na cidade", David diz, sua voz pingando com falsa calma. "E pelo que entendi, vocês dois deixaram as coisas em um tom um tanto azedo, Eden. Achei que seria melhor se você e Eric tivessem algum tempo para conversar. Eu disse a ele que você estava trabalhando hoje e que seu turno terminaria em breve. Ele estava ansioso para vê-la. No entanto, tenho certeza de que ninguém esperava que você fosse tão desajeitada—"

A condescendência em seu tom faz meu sangue ferver. A maneira como todo o corpo de Eden fica tenso contra mim me diz tudo o que preciso saber

— ela está apavorada, e não apenas pelo que aconteceu no passado, mas pelo que esses homens são capazes de fazer agora.

"Não quero nada com ele", Eden soluça, sua voz falhando quando alguns clientes começam a notar a cena que se desenrola. "Não quero nada com você, Eric—"

"Bem, Eden, você realmente não tem escolha agora, tem?" A voz de David corta o desespero dela, seus olhos se estreitando quando pousam em mim.

"Ela tem, pai?" Ele acrescenta, levando meu comprometimento com toda essa porra de charada ao limite.

Ele quer ver se eu vou ceder à pressão.

"Acho que é melhor ela vir à igreja amanhã", digo, forçando um tom de aço na voz. "Ela precisa se lembrar do peso de seus compromissos; quanta disciplina é exigida dela."

O olhar de David se aguça, uma satisfação fria cintilando em seus olhos.

"Disciplina, você diz?"

"De fato", eu respondo, deixando uma satisfação sombria se instalar em meu tom. "E a igreja é o lugar perfeito para ela confrontar seus fracassos.

Ela será lembrada de seu lugar e de seus deveres. Isso lhe servirá bem."

O escárnio de Eric é cheio de descrença.

"Você é o novo padre da Saint Michael's?", ele pergunta, com um tom cheio de desdém.

"Correto", eu sibilo de volta, minha mão gentilmente correndo pelas costas de Eden, escondida da vista de todos, exceto de Zoey.

O olhar de David permanece fixo em mim, sua voz cheia de uma autoridade fria. "Levante-se e vá para casa, Eden", ele diz. Suas palavras são mais para mim do que para ela. "Tenho certeza de que Aiden e Eric podem colocar o papo em dia enquanto você se recompõe", ele acrescenta, ainda se dirigindo a mim como se eu fosse o único a ser comandado.

Eden assente, aterrorizada demais para falar.

"Aqui, Eden, vamos limpar você", Zoey intervém, seu olhar cortando o comportamento gélido de David.

Enquanto Zoey leva Eden embora, eu me levanto, sentindo o peso do sangue em minhas mãos, tanto literal quanto metaforicamente.

"Roman, posso falar com você lá fora por um segundo?" A voz de David é enganosamente calma, mas eu sei que não é. Isso não é um pedido — é uma ordem.

"Por que diabos você estava aqui?", David pergunta, com a voz afiada e acusatória.

Parada ao lado do prédio, cruzo os braços, dando um passo em direção a ele. O ar da noite parece mais frio conforme a tensão aumenta.

"Eu estava pegando um café. Não há muitos lugares para fazer isso por aqui

—"

"Besteira", David retruca, diminuindo a distância entre nós. Sua proximidade é ameaçadora, seus olhos se estreitando com desdém.

"Você acha que estou alheio ao que está acontecendo?", ele me desafia, com palavras carregadas de ameaças não ditas.

"Você terá que ser mais específico, David", respondo, com a voz firme, apesar da tempestade que se forma dentro de mim.

"Ela te seduziu, não é?" A pergunta de David está cheia de uma falsa nota de simpatia, como se ele tivesse pena da minha situação.

"Me seduziu?" Eu zombo, incrédula. "Você tem alguma ideia do que está insinuando?"

"Eu sei como o Diabo opera, Roman. Ele se esgueira quando você menos espera. Temo que ele tenha te enredado em seu jogo. Quanta disciplina minha filha está realmente recebendo—"

"Você viu a cruz, David," eu retruco, a raiva queimando enquanto me lembro do crucifixo de mármore que usei com Eden. "Você sabe que eu sou dedicado a ensinar a ela a submissão genuína—"

"E nada do que você fez foi motivado pela luxúria?", ele insiste, tentando admitir sua culpa.

"É por isso que você trouxe o ex dela de volta?" Eu contra-ataco, minha voz afiada de frustração. "Você acha que eu estou comprometido—"

"Eu não disse isso, Roman," Ele repreende, balançando a cabeça em falsa decepção. "Eu trouxe Eric aqui para lembrar Eden de seu passado. A vida que ela levava antes da faculdade. Eric era um devoto seguidor da fé com minha filha—"

Uma seguidora devota? Isso fez com *que estuprá-* la fosse aceitável?

"Você já está contribuindo muito para a nossa causa. Talvez seja hora de eu delegar a tarefa de guiar Eden para alguém que a conheça melhor do que você", David diz, seu tom condescendente. "Foi ingênuo da minha parte esperar que

você a administrasse sozinho—"

"Eu posso lidar com o compromisso de tempo. Não é um problema."

"Você não precisa", David interrompe, sua voz fria. "Eric está de volta por enquanto. Talvez ele possa ajudar minha filha a encontrar seu caminho em meio à escuridão em que ela caiu", David zomba, seu desdém por Eden evidente.

A vontade de confrontá-lo violentamente é quase insuportável.

"David", uma voz me interrompe, me puxando de volta do abismo.

Eric se aproxima, com a cabeça erguida e um sorriso maroto no rosto.

"Eric, estou quase terminando—"

"Eu entendo o que você está dizendo, David," minto, me forçando a ficar calmo.
"Mas eu tenho tudo sob controle."

O aceno de David está longe de ser tranquilizador, seu ceticismo é evidente.

"Espero que você esteja certo, Roman", David avisa, com a voz baixa e comedida.

Passando por mim, David dá um aperto reconfortante no ombro de Eric, com um sorriso perturbadoramente caloroso.

"Você vem jantar?", pergunta David, em tom casual.

"Claro. Talvez o Padre Briar queira se juntar a nós?" A voz de Eric está cheia de malícia enquanto ele levanta uma sobrancelha.

"Romano?" A voz de David me tira dos meus pensamentos.

"Claro", eu respondo com um sorriso forçado. "Parece ótimo."

David parece satisfeito com a resposta, assentindo enquanto se prepara para sair.
"Vejo vocês dois na minha casa por volta das seis?"

Tanto Eric quanto eu concordamos com a cabeça.

Satisfeito, David se afasta, parando perto do carro de Eden, sem dúvida se preparando para dar um sermão nela quando Zoey a acompanhar para fora.

Assim que David sai de vista, eu recuo para trás do prédio, escondido da vista. Meus olhos se fixam em Eric, que observa Eden à distância, uma resolução assustadora estampada em sua expressão.

"Ela é linda, não é?", Eric reflete, seus olhos seguindo o carro de Eden enquanto ele se afasta.

Meu aperto em volta do telefone aumenta, minha raiva mal contida.

"Por que você está aqui?", pergunto, com a voz fria.

Eric finalmente vira seu olhar para mim, um sorriso brincalhão brincando em seus lábios. "Ouvi falar que Eden encontrou seu caminho de volta para casa. Parei na casa dos Faulkner e descobri que ela estava se reconectando com sua fé. Achei estranho — Eden sempre odiou igreja. Você está oferecendo algo além de orientação, Padre Briar?"

"Do que diabos você está falando?"

"Eu estava de olho em você. Você acha que eu não iria olhar onde minha namorada estava e com quem ela estava passando o tempo?" Seu olhar é frio, calculista.

"Ela não é sua namorada."

"Cuidado, pai", Eric avisa, seu tom carregando uma ponta venenosa.

"Palavras como essas são o motivo pelo qual foi tão fácil para David acreditar que você é movido pela luxúria. Como eu vejo, estou de volta agora. Eden aprenderá a perdoar o passado, então onde você se encaixa em tudo isso?"

"Você está me ameaçando?" Eu rosno, me aproximando, minha raiva mal contida. "Não deixe meu trabalho diário te enganar; eu ficaria feliz em chutar sua bunda."

"Olhe como ela te deixou selvagem", Eric zomba, seu olhar desdenhoso. "É

por isso que tivemos que quebrá-la.

Eric sorri, seus olhos frios. "O Éden sempre foi uma tentação, uma sereia atraindo os homens para o pecado.

A presença dela sozinha é como um farol para cada impulso obscuro que espreita dentro deles. Fizemos o que fizemos porque ela era uma força de corrupção — uma personificação de tudo que leva os homens ao erro."

Ele se inclinou para mais perto, sua voz caindo para um sussurro sinistro.

"Ela precisava ser punida por ser uma tentação viva. Se ela fosse deixada sem controle, ela só arrastaria mais almas para a escuridão."

Agarro a camisa dele sem pensar duas vezes.

Jogando-o no chão, eu piso em seu peito antes que ele possa se levantar, batendo meu pé sobre sua mão e pressionando minha mão sobre sua boca para abafar seus gritos. Saboreando o barulho abafado contra minha mão, envolvo minhas mãos em volta de sua garganta, pronta para quebrar seu crânio contra o pavimento, para assistir sua vida drenar de seus olhos.

"Eu-eu sabia", ele engasga, lutando para respirar. "Eu sabia que você estava transando com ela. Diga-me, como David vai reagir quando descobrir que você me agrediu?" O sorriso de Eric é enlouquecedor. "Você acha que ele vai acreditar na sua palavra ou na minha?"

Eu o solto, minha mente consumida pelo sofrimento de Eden.

Ele a machucou.

Tudo fica vermelho.

Ele profanou o que é meu.

"Eu desafio você a tentar tirá-la de mim." Eu sibilo, minha paciência se esgotando.

Eu enfio meu pé em seu maxilar, as luzes piscam para ele. Meu telefone vibra no meu bolso enquanto a satisfação me inunda ao vê-lo abaixo de mim.

Quando atendi a ligação, fui recebido com uma voz trêmula. "Roman—"

"Quão rápido você consegue fazer uma mala?", pergunto, meus pensamentos ficando mais sombrios enquanto penso em esmagar ainda mais a cabeça de Eric.

"Por que—"

Zoey vira a esquina, seus olhos fixos na cena com uma determinação fria.

"Você me pediu para escolher, Eden. Eu tomei minha decisão. Faça uma mala para você e seu irmão. Esta noite é a última noite que qualquer um de vocês estará naquela casa", eu sussurro, segurando a cabeça de Eric enquanto ele geme de dor.

Estremecendo ao telefone, Eden respira fundo.

"Tudo bem. Estou confiando em você, Roman."

Depois de desligar, Zoey me lança um olhar confuso.

"Eles podem ficar comigo e com minha mãe até resolvermos isso", Zoey sussurra, olhando para Eric com uma mistura de raiva e preocupação. "Mas é melhor você me dizer agora mesmo o que diabos está acontecendo."

"Faça uma pausa, e eu farei isso", respondo, com um tom cortante.

Essa certamente será uma conversa muito desagradável.



Capítulo 27

Éden

ssim que descemos as escadas, o som de conversas animadas ecoa nas paredes da casa A. Tanto Aiden quanto eu estamos tensos conforme nos aproximamos da sala de estar, onde a parte de trás da cabeça de Eric aparece. Eu me posiciono atrás de Aiden, tentando ficar fora de vista.

"Você levou uma bela queda", brinca meu pai, com a voz divertida e jovial.

"O que posso dizer", a voz nauseante de Eric me dá nos nervos, "sou desajeitado pra caramba".

"É você", Roman entra na conversa, aparecendo da cozinha com um copo de uísque na mão. Seu sorriso é tão inquietante quanto calculado. "Estou feliz por ter estado lá", o olhar de Roman se move brevemente em minha direção antes de ele se aproximar de Eric e do meu pai, mal reconhecendo minha presença.

Finalmente nos notando, o sorriso do meu pai se alarga com um calor inquietante.

"Venham aqui, crianças", ele sorri, seu convite parecendo mais uma ordem.

Virando-se, a visão do rosto machucado de Eric é perturbadora. Seus olhos estão arregalados, e a tensão na sala é palpável.

"O que diabos aconteceu com você?" Aiden sibila, sua raiva mal mascarada por sua tentativa de neutralidade.

"Ele caiu indo para o carro", Roman explica suavemente, seu tom cheio de insinceridade.

"Parece que a elevação aqui não lhe agradou." Eric consegue assentir em resposta.

Vou em direção ao sofá, minha ansiedade aumentando enquanto Roman se inclina casualmente contra seu encosto.

"Bem, acho que o jantar está quase pronto—"

“Na verdade, David, tem algo emocionante que eu gostaria de compartilhar com todos,” Roman interrompe com um sorriso que me dá arrepios na espinha. Meu coração dispara, e a ansiedade aperta meu peito.

Roman assume o centro do palco, com um comportamento quase teatral.

Os olhos de Roman, frios e calculistas, percorrem a sala. “Como você sabe, Eden tem cumprido diligentemente suas horas de serviço na igreja”, ele começa, atraindo acenos de todos na sala. “O que você pode não saber é a extensão do comprometimento dela. Hoje, tive a oportunidade de revisar alguns documentos que ela me confiou.”

Com lentidão deliberada, Roman pega os papéis de sua jaqueta e os coloca na mesa de centro, empurrando-os em direção ao meu pai.

“Este é um contrato de locação,” Roman declara, sua voz suave e confiante.

“Eden e Aiden vão se mudar para um novo lugar em dois dias.”

A confusão do meu pai é palpável enquanto ele examina os papéis.

“Roman, não era isso que eu pretendia quando pedi para você guiar minha filha. Meus filhos não vão sair desta casa.”

O olhar de Roman é firme, sua voz suave, mas carregada de uma gravidade que exige atenção. “David”, ele começa, “você deve entender que o caminho para a verdadeira devoção muitas vezes requer mais do que mero ritual. Ele exige sacrifício, uma renúncia ao familiar para abraçar a santidade de um chamado superior.”

Ele gesticula em direção aos papéis do contrato de locação com uma graça deliberada, seus movimentos são medidos.

“A decisão de Eden e Aiden de se mudarem para sua própria residência não é uma mera mudança de endereço. É um ato sagrado de fé, uma manifestação tangível de seu comprometimento com a vontade de Deus.”

A cadeira do meu pai raspa no chão enquanto ele se levanta, e seu dedo crava-se no peito de Roman.

"O que diabos você pensa que está fazendo-"

"Você quer que ela conheça a verdadeira disciplina?" Roman questiona.

"Então jogue-a na água e observe-a rastejando de volta para você. Você acha que ela consegue fazer isso com esse trabalho? Você acha que ela consegue fazer isso sem você? David, isso é apenas um teste. Deixe-me ajudá-lo a ver isso até o fim."

Enquanto Roman continua alimentando as ilusões de poder do meu pai, vejo seu rosto calmo com a realização.

"Ótimo. Você quer deixar o Éden?" David está na minha frente, seus olhos frios, um meio sorriso zombeteiro se contorcendo em seus lábios. "Ótimo.

Veja quanto tempo você dura sem mim."

A picada de suas palavras me deixa cambaleando. Eu balanço minha cabeça, tentando entender a enormidade da situação.

"Deixe suas chaves no balcão e saia da minha casa," ele sibila, sua voz um sussurro arrepiante. "Vocês dois."

O olhar de Roman encontra o meu, seus olhos se estreitando com um comando não dito. Está claro—

Corra. Corra agora.

Pego a mão de Aiden, a urgência nos impulsionando pela porta da frente.

Nós tropeçamos nas malas que eu tinha embalado para nós antes, pegando-as às pressas. Lá fora, o carro de Zoey está estacionado, sua mão freneticamente nos acenando em direção a ele.

"Vai," eu sussurro ferozmente. "Vai, vai."

Nós nos apressamos para enfiar nossas malas no carro. O rosto de Zoey estava pálido de choque e sua respiração estava curta e rápida.

"Zo—" começo, mas ela me interrompe.



“Roman me contou tudo,” ela murmura, sua voz tremendo. “Sobre meu pai, minha madrasta, as crianças...”

A menção de “as crianças” atrai um olhar confuso de Aiden. Ele ainda está juntando as peças, a incerteza estampada em seu rosto.

Um baque repentino contra a janela nos faz pular. Uma pedra se choca contra o vidro, os gritos furiosos do meu pai perfuram a noite.

Zoey pisa fundo no acelerador, e nós avançamos, o carro acelerando. Olho para trás, pegando o sorriso de Roman enquanto ele está parado na calçada.

Meu telefone vibra com uma nova mensagem — a mensagem de Roman com nosso novo endereço.

As luzes da cidade se obscurecem enquanto dirigimos noite adentro, o peso da nossa partida caindo sobre nós.

romano

Cambaleando no gramado, Eric se aproxima do carro e olha para mim com um olhar de curiosidade cautelosa.

Só tem mais uma coisa que preciso fazer hoje à noite.

Eu caminho até ele, meus passos deliberados. Com um toque no capô do carro, eu o vejo deslizar para o assento do motorista.

"Acho que começamos com o pé errado—"

"Por quanto tempo você acha que David vai acreditar nas suas mentiras?"

Eric interrompe, sua voz baixa e perigosa. "Você acha que Eden indo embora vai mudar alguma coisa? Eu sei que você é o informante, e vou garantir que David descubra."

Cerro o maxilar, forçando-me a manter a postura.

"Que tal isso: venha tomar uma bebida na minha casa. Talvez você tenha uma ideia mais clara do meu papel nisso tudo", eu ofereço.

Eric me examina com um olhar cético e balança a cabeça.

"Por que eu faria isso?"

Apoiado na janela aberta, respiro fundo e encontro seu olhar.

"Talvez eu queira discutir a verdadeira natureza de Eden. Você falou sobre ela ser uma tentação—

"Bem, eu gostaria de lhe mostrar como tenho lidado com essa 'tentação' em particular. Afinal, se alguém deveria entender o que leva um homem a pecar, é alguém como você", digo com um sorriso sombrio.

Sua expressão muda enquanto ele considera minhas palavras, finalmente permitindo que um sorriso fino se forme. Ele olha para o relógio, aparentemente intrigado.

"Acho que tenho tempo para uma bebida."

O quarto está mal iluminado, o brilho âmbar da lâmpada projeta longas sombras nas paredes.

Eric está confortavelmente sentado em uma poltrona, com um sorriso malicioso nos cantos dos lábios enquanto toma sua bebida, alheio à escuridão que paira logo além do limite da luz.

Mantenho meu olhar firme, embora minha mente se agite com uma tempestade de fúria justa. O ar está denso com o cheiro de uísque envelhecido e incenso, uma dissonância que reflete a turbulência dentro de mim. Sento-me em frente a ele, o silêncio entre nós ficando pesado, cada tique-taque do relógio um lembrete da justiça divina que estou prestes a promulgar.

"Então, Eric," eu começo, minha voz baixa e deliberada, "você realmente acredita que Eden foi uma tentação enviada pelo Diabo. É isso mesmo?"

Eric ri, um som sombrio e sem alegria que corta a sala. “Você pensa demais, Roman. Ela não passa de uma pecadora, como o resto de nós.”

Tomo um gole lento do meu copo, deixando o líquido ardente aquecer minha garganta. “Um pecador,” ecoo, considerando a gravidade do termo.

“O trabalho do Diabo é sutil, tecendo tanto os inocentes quanto os corruptos. Mas às vezes, ele precisa de uma mão para guiar suas maquinações.”

Os olhos de Eric se estreitam, sua diversão desaparecendo. “O que você está dizendo?”

Inclinando-me para a frente, coloco meu copo de lado, minha mão roçando a Bíblia gasta que repousava na mesa lateral. O livro sagrado parece pesado. Seu peso é um lembrete tangível do dever sagrado que carrego. “Eu acredito que o Senhor me testou”, digo, minha voz ganhando um tom fervoroso. “Ele me mostrou a corrupção que apodrece naqueles que afirmam ser fiéis enquanto tramam o pecado no escuro.”

Eric se mexe desconfortavelmente, percebendo que esta noite contém mais do que uma conversa fiada. “Do que diabos você está falando?”

“Você falou do Éden como uma força de tentação, um meio de corromper,”

eu continuo, minha voz agora um sussurro. “No entanto, é você quem permitiu que essa tentação apodrecesse, que a envenenasse. É você quem tem sido um instrumento da vontade do Diabo.”

A Bíblia parece fria em minha mão, mas me aterra. Abro-a lentamente, voltando-me para uma passagem que se tornou minha luz guia nestes tempos difíceis: “*E se a tua mão direita te fizer tropeçar, corta-o e lança-o para longe de ti, porque te convém que um dos teus membros se torne pereça, e não que todo o teu corpo seja lançado no inferno.*” (Mateus 5:30).

Os olhos de Eric se arregalam, um lampejo de medo cruzando suas feições.

“O que você está fazendo?”

Eu me levanto, indo em direção a ele com um passo calmo e determinado.

O álcool fez seu trabalho, afrouxando suas inibições.

“Veja bem, Eric,” eu digo, meu tom é uma melodia sombria de vingança e fé, “às vezes a única maneira de purificar a alma é remover completamente a fonte da corrupção.”

Eric zomba, sua bravata retornando. “Você acha que é tão nobre, Roman?”

Você é apenas mais um fantoche no jogo do Diabo, tentando bancar o salvador.”

O insulto mexe com um nervo. Meu aperto aperta em volta do meu copo, a pressão de suas palavras quebrando o verniz do meu controle. Eu quebro o copo na minha mão, os cacos cortando minha pele enquanto eu o encaro com fúria inflamada.

"Você não tem a mínima ideia de quem eu sou", eu sibilo, minha voz tremendo de ira justificada.

A risada de Eric é interrompida quando pego um caco de vidro dos pedaços quebrados no chão.

Seus olhos se arregalam em choque e medo quando me aproximo, as bordas do vidro refletindo a luz fraca.

“Este é seu julgamento final”, declaro, as palavras transbordando um sombrio senso de propósito.

Com um movimento rápido, pressiono o caco de vidro em seu pescoço, a lâmina cortando carne e músculo. Os olhos de Eric se arregalam, sua boca se abre em um grito silencioso enquanto ele luta contra o inevitável. Sangue escorre do ferimento, manchando suas roupas e o carpete abaixo dele.

Enquanto a vida se esvai dele, ofereço uma prece silenciosa, meu coração pesado com a gravidade de minhas ações. “Perdoa-me, Senhor, pois agi como Teu instrumento. Que este ato purifique o pecado que buscou espalhar sua escuridão.”

O corpo de Eric cai mole. Dou um passo para trás, respirando pesadamente, o peso da retribuição divina pesando sobre meus ombros.

O quarto está em silêncio agora, exceto pelo leve sussurro de orações em meus lábios e o suave farfalhar da Bíblia quando a fecho.

Olho fixamente para o corpo sem vida de Eric, os restos de vidro quebrado e pintura de sangue são um testamento sombrio para meu dever divino. A sala ainda ecoa com o peso do que foi feito—

O desafio de Eric foi recebido com a justiça que somente os justos poderiam entregar. Respiro fundo, sentindo o fogo da raiva justa esfriando em resolução fria.

O telefone toca, cortando o silêncio. Eu o atendo, meus dedos roçando as bordas do aparelho como se fosse um instrumento do destino.

“Seth,” eu digo, minha voz suave, mas carregando o peso de uma ameaça tácita.

“Romano”, Seth responde, seu tom cauteloso.

“Espero que tudo esteja correndo bem da sua parte?”

“Basicamente. O que houve?”

Soltei um suspiro medido, mantendo meu tom uniforme. “Tenho uma situação aqui. Uma bagunça que precisa... ser tratada.”

A pausa de Seth é reveladora. “Uma bagunça? Que tipo de bagunça?”

“Você sabe,” eu digo, me apoiando na parede, olhando para o corpo de Eric.

“O tipo que requer um certo nível de discrição.”

O tom de Seth fica cauteloso. “Você está falando de algo sério aqui?”

“Ah, é sério, tudo bem”, eu respondo, sentindo um sorriso frio tocar meus lábios. “Mas não é nada que você não consiga lidar. E acredite em mim, é do seu interesse lidar bem com isso.”

Um momento de silêncio paira entre nós, pesado com implicações. “O que eu ganho com isso?”

Seth pergunta, com a voz cautelosa, mas cheia de esperança.

“Eu estive pensando,” eu digo, andando lentamente pela sala. “Você teve alguns..

complicações com seu nome recentemente. Você sabe, em relação a certos veículos da igreja e suas... atividades.”

A respiração de Seth acelera, uma mistura de medo e alívio. “É?”

“Eu tenho uma maneira de esclarecer essas complicações. É um assunto delicado, mas com sua cooperação, podemos garantir que seu nome esteja limpo,” murmuro, deixando as palavras pairarem no ar.

Seth engole em seco. “O que você precisa que eu faça?”

“Só lide com a situação aqui com o profissionalismo que eu sei que você é capaz”, eu respondo suavemente. “Em troca, eu vou garantir que tudo que está manchando seu nome seja corrigido. Todos nós temos nossos papéis a desempenhar, não é mesmo?”



p

,

“Tudo bem”, diz Seth, com a voz firme agora.

“Bom,” eu digo, a finalidade em meu tom clara. “Entrarei em contato com mais detalhes. Certifique-se de que você esteja pronto.”

Ao desligar, sinto uma satisfação sombria. As peças estão se encaixando, cada movimento se alinhando com o grande projeto que coloquei em movimento. O trabalho desta noite foi necessário, e amanhã, o caminho para limpar o mundo de David Faulkner estará muito mais claro.

Provérbios 15:18: “O homem de temperamento explosivo provoca contendas, mas o que é paciente acalma a contenda.”

Capítulo 28

Éden

não queria acreditar em nada disso", Zoey sussurra, todos nós amontoados no sofá do

"Um apartamento espaçoso. Meu apartamento.

Totalmente mobiliado, era como se Roman estivesse planejando que Aiden e eu viéssemos aqui há meses.

"Então Roman me mostrou o arquivo, e os nomes atrelados a tudo isso..."

Zoey para de falar, soluçando em suas mãos. "Meu próprio pai queria me colocar naquele maldito leilão, me vendendo com o resto daquelas crianças que estão Deus sabe onde," Zoey chora.

Aiden permaneceu em silêncio enquanto assimilava todas essas informações pela primeira vez.

"A polícia-"

"Eles sabem", eu respondo antes que ele possa começar. "Talvez não todos eles, mas os que estão no poder sabem. Nosso pai faz isso há anos, Aiden.

Roman já teria ido ao FBI, mas ele estava com medo de que eles descobrissem e movessem as crianças. Ainda não sabemos onde elas estão sendo mantidas."

Aiden balança a cabeça. "Roman não deveria ter se envolvido. Sei que tem mais

alguma coisa acontecendo entre vocês dois, mas se envolver em algo assim pode te matar, Eden.”

Passando as mãos pelos cabelos cacheados, Zoey funga, o peso do que meu irmão acha que vai acontecer conosco, lembrando-a de que estamos todos em perigo muito real.

"Não vou deixar Roman lidar com isso sozinho, Aiden. Ele está atormentado pelas coisas más que acontecem naquela igreja, e não sei até onde ele está disposto a ir para pôr um fim a tudo isso.

Estou preocupado com ele.”

Liguei para Roman sete vezes desde que chegamos ao apartamento.

Todas as vezes, a ligação foi direto para o correio de voz.

Onde diabos ele poderia estar?

O telefone de Zoey acende, seus olhos marejados olham para a tela brilhante.

"É do presídio", ela funga, e todos nós trocamos olhares.

Ao tocar no botão de atender, ela coloca a chamada no viva-voz.

"Você está recebendo uma ligação de um detento da Cadeia do Condado de Idlewood. Pressione um para aceitar."



Tocando na tela, a pessoa do outro lado da linha parece frenética

"Zo-"

"Pai?".

"Zo, eu errei feio. Preciso que você venha aqui para que eu possa resolver tudo isso", ele suspira.

"Pai, eu sei de tudo. Eu sei sobre as crianças-"

"Zo, não é sobre isso. Eu fiz algo que vai me render muito tempo. Preciso que você ligue para sua madrasta, e preciso que vocês duas venham-"

"Foda-se essa vagabunda idiota, e foda-se você. Eu sei quais eram seus planos para mim, pai. Eu sei quem você realmente é-"

"Zoey, droga, vem aqui para eu resolver isso-"

"Ela e eu iremos", Aiden sibila. "E você pode apostar que é para dizer adeus, não que você mereça."

Agarrando o telefone de Zoey, Aiden assume o controle.

"Adeus, Seth."

"Espere, Aiden, sua irmã-"

Desligando, Aiden joga o telefone no sofá.

"Zoey, sinto muito", sussurro, passando o polegar sobre os nós dos seus dedos enquanto seguro sua mão.

"Tenho certeza de que o que quer que ele tenha feito, será um castigo bem merecido", ela diz friamente.

Pegando o telefone e a jaqueta, ela pega as chaves da mesa.

"Vão. Vou deixar vocês dois com isso. Ainda estou tentando fazer Roman atender o telefone."

Ainda hesitante, Aiden segue Zoey.

"Me ligue se precisar de mim. Volto em breve."

Deitado no sofá, olho para a tela do meu telefone, meus nervos desgastados a cada minuto que passa. Já faz quatro horas desde que cheguei no apartamento, uma hora desde que Zoey e Aiden foram embora, e ainda assim, o silêncio é opressivo.

De repente, a porta chacoalha com batidas frenéticas. Eu pulo, agarrando meu telefone como se ele pudesse oferecer algum consolo.

“Eden,” a voz de Roman corta o silêncio, um sussurro ofegante de alívio.

“Você pode me deixar entrar?”

Uma onda de esperança me impulsiona até a porta. Eu a abro, minha respiração fica presa diante da visão diante de mim.

Roman está ali, uma figura saída de um pesadelo, envolto em um capuz manchado de sangue. O capuz escuro cobre a maior parte de seu rosto, mas o respingo carmesim pinta um quadro sombrio do que está por baixo. Suas mãos e rosto estão manchados de sangue seco, e ele se move rapidamente para dentro, trancando a porta atrás de si.

"Romano-"

"Ele se foi", Roman responde bruscamente, abaixando o capuz para revelar um rosto marcado pelas consequências da violência.

Meu coração dispara, uma mistura de medo e alívio. "Q-quem se foi, Roman? Você está ferido?" Eu estendo a mão, mãos tremendo enquanto tento tocar seu rosto.

Ele agarra meus pulsos, seu aperto firme e inflexível. “Eric se foi,” ele murmura, seus olhos intensos. “Ele nunca mais poderá te machucar.”

Meu olhar se fixa no sangue que mancha suas roupas, a compreensão lentamente surgindo: "Você... você o machucou, Roman?"

Ele não responde imediatamente, mas a intensidade em seus olhos e a satisfação sombria em seu rosto dizem muito.

“Você está bem?” Eu pressiono, desespero impregnando minha voz.

Roman assente, sua expressão endurecendo. “Eu cuidei dele. Eu me certifiquei de que ele pagasse pelo que fez com você. Você está segura agora.”

"Ele não pode me machucar de novo?"

“Nada te machucará, Eden Faulkner, enquanto meu coração estiver batendo.”

Suas palavras são um voto, uma promessa que me envolve enquanto envolvo meus braços em volta do seu pescoço, rendendo-me completamente à sua presença.

“Você tem medo de mim?” Ele pergunta, sua respiração quente contra meu ouvido. Eu balanço minha cabeça, o medo da noite derretendo em seu abraço.

“A noite toda, a coisa mais assustadora foi você não atender o telefone”, eu sussurro, sentindo suas mãos traçarem um caminho pelo meu lado. Ele me levanta sem esforço, minhas pernas envolvendo sua cintura, me puxando para mais perto.

"Não consigo pensar claramente quando se trata de você, Eden", ele sussurra em meu ouvido.

"Então não pense em nada", murmuro, meus lábios roçando sua orelha.

"Mostre-me o quanto você me ama", sussurro, sentindo seu aperto aumentar. Enquanto passo minha língua de sua bochecha até seus lábios, o gosto metálico do sangue de Eric permanece, um lembrete perturbador da violência da noite.

“Foda-me como se me amasse, Roman.”

Com um rosnado baixo, ele aperta seu abraço e nos move sem dizer uma palavra, nos levando para uma parte do apartamento que ainda não explorei.

Ele abre a porta do quarto principal, mas em vez de parar, ele nos guia para o banheiro adjacente.

Ele liga o chuveiro, deixando a água esquentar antes de me encarar novamente. Suas mãos são rápidas, e sinto o calor da água se misturar ao calor do seu toque.

"EU-"

“Shh,” ele interrompe, sua voz um comando gentil enquanto ele começa a puxar minha camisa sobre minha cabeça, seus movimentos deliberados e sem pressa. Enquanto ele se despe, o sangue manchando sua pele é um contraste gritante com a necessidade crua em seus olhos. Tento ignorar a tensão proeminente entre suas pernas, focando em vez disso na intimidade do momento.

O vapor do chuveiro começa a encher o quarto, o ar denso de calor e antecipação. O olhar de Roman é intenso, seu foco somente em mim enquanto ele se prepara para lavar os resquícios da violência da noite, transformando nosso espaço compartilhado em um santuário de emoção crua.

"Romano-"

Nos empurrando para o chuveiro, a água morna cai em cascata sobre nossos corpos, seus lábios atacam ferozmente os meus, mordiscando e mordendo meu lábio inferior sempre que pode.

Passando a mão pela minha frente, ele segura meu centro, deixando seus dedos deslizarem na minha umidade. Mantendo-me pressionada contra a parede, eu suspiro e gemo toda vez que seus dedos se movem para dentro e para fora de mim, observando enquanto o sangue se mistura com a água e escorre por sua pele. Meus seios saltam enquanto ele bate em mim, sua mão livre envolvendo meu pescoço para se firmar.

"Tão molhada pra caralho pra mim, menina linda", ele elogia, tirando os dedos de mim e lambendo lentamente a minha maciez nas pontas.

Virando-me, ele pressiona minha frente contra a parede de azulejos, enrolando a mão em meus cabelos, abrindo minhas pernas enquanto passa a ponta em minhas dobras.

"Diga-me o quanto você quer sentir meu pau, Eden."

"Tão ruim, Roman," eu sussurro, a água escorrendo pelo meu corpo aumentando os arrepios de antecipação subindo pela minha espinha. "Tão ruim pra caralho-"

Soltei um suspiro enquanto ele deslizava para dentro de mim. Mantendo a mão em volta da minha nuca, ele me penetrava sem piedade, apaixonadamente.

"Porra, eu amo isso", ele geme, empurrando mais forte. "Eu amo ver você me levar como uma boa garota de merda", ele sussurra, usando sua mão

para segurar meu quadril no lugar.

Prendendo os dentes na lateral do meu pescoço, ele solta a pegada na minha cintura, penetrando cada vez mais forte em mim. Ele envolve a mão em volta do

botão do chuveiro até os nós dos dedos ficarem brancos.

Olho para as minhas pernas e vejo o leve rastro de sangue escorrendo de mim e descendo pela parte interna da minha coxa.

Minha menstruação.

Ótimo.

Empurrando com mais agressividade, seus lábios roçam a lateral da minha orelha.

"Eu amo o jeito que seu sangue fica no meu pau", ele sussurra, diminuindo o ritmo. "Eu quero ser o único a fazer você sangrar, Eden."

Ele puxa meu cabelo com força, a dor que arde meu couro cabeludo me manda mais perto da liberação. Seu braço me envolve enquanto eu gemo, seu pau se contorcendo dentro de mim.

"Você está pronta, baby?" Ele questiona, me segurando firme. "O quanto você quer isso?" Ele provoca, me mantendo em um ponto crítico.

"Por favor", eu choramingo.

Não precisando de muito mais, sinto sua liberação implodir dentro de mim, nós dois soltando um gemido cruel. Se afastando de mim, ele se move na minha frente, acomodando-se de joelhos, meus olhos arregalados de confusão enquanto luto para sustentar meu peso em minhas pernas trêmulas.

"O que-"

Arrastando sua língua pela minha coxa inferior, ele lambe o sangue que escorregou de mim, deixando-o se acomodar em sua língua, sua mão segurando minha coxa. Movendo sua língua pela minha coxa e para meu osso do quadril, ele continua se movendo para cima, deslizando sua língua sobre meu clitóris antes de trabalhar na minha barriga inferior. Movendo-se pelo meu corpo, sua língua leva seu tempo passando pelos meus seios antes de subir pelo meu pescoço, finalmente pousando em meus lábios.

Sentindo o gosto de uma mistura de sangue e água, ele me beija o mais forte que

pode, me segurando até que a água lave todos os nossos pecados.

Provérbios 25:25: “Como água fria para uma alma sedenta.”





Capítulo 29

Éden

cercadas pelo cheiro de pipoca doce e caramelo rico, crianças correm pelo recinto do festival S com braçadas de ingressos. Usando um par de óculos escuros e um gorro, Roman parece qualquer outro hipster que eu veria na cafeteria.

Usando uma blusa curta e uma saia preta, grande parte da pele dos meus braços e pernas fica exposta, o que me deixa mais desconfortável do que eu gostaria de admitir.

"Há uma razão pela qual as pessoas dizem que a automutilação é feita para chamar atenção", eu sussurro. "Os olhares que você recebe quando as pessoas veem as cicatrizes é o motivo."

"Foda-se eles", Roman sorri. "Hoje é um dia para relaxar. E daí se algumas pessoas olham,"

Agarrando meus pulsos, ele os levanta até a boca, beijando a pele gentilmente. "Eu acho que você parece meio foda."

Sorrindo, cutuco seu ombro, lutando contra a vontade de entrelaçar meus dedos com os dele enquanto caminhamos.

"Então, o que vamos fazer primeiro?", ele questiona, abaixando os óculos

escuros para dar uma boa olhada em tudo.

Concentrando-se nos jogos de carnaval, ele realmente parece animado.

"Você tem um lado competitivo secreto, pai?", pergunto, observando seus ombros encolherem de vergonha.

"Eu não gosto de perder. Mesmo em jogos de carney manipulados."

Olhando ao redor, vejo um casal jogando dardos em uma parede de balões.

Pego a mão dele para arrastá-lo até o jogo.

"Dê-nos dez dardos cada um", exclamo. O atendente da cabine olha para meus braços, demorando para pegar os dardos.

"Serão vinte dólares-"

"Dez por não manter os olhos em si mesmo", Roman diz casualmente, deslizando uma nota de dez para o homem. "Olhe fixamente por mais tempo, e você vai acabar com um desses dardos no seu olho."

Dando vários passos para trás, o atendente ajeita a gola e segue em direção ao próximo grupo de clientes.

"Pronta para levar uma surra?", ele questiona, me cutucando de brincadeira.

"Depende. O que o vencedor ganha?", questiono, equilibrando os dardos na palma da minha mão.

"Espero sentir você puxando meu cabelo enquanto geme meu nome", Roman sussurra, minhas bochechas imediatamente esquentando.

Mirando nos balões, ele acerta os três primeiros em cheio. Tentando imitar seus movimentos, erro os dois primeiros, acertando o terceiro por algum milagre.

"Nada mal", brinca Roman.

"Você tem que mirar assim", ele sorri, ficando atrás de mim.

Guiando meus braços por trás, ele se abaixa e apoia o queixo na minha cabeça.

"Arraste o braço para trás e concentre-se onde você quer que ele caia."

Colocando a mão sobre a minha, ele guia meu braço para trás, mantendo a mão livre na minha cintura.

"Qual você quer?"

"A rosa, lá em cima", eu sorrio.

Ajudando-me a mirar, ele afasta a mão de cima da minha e me dá um beijo no pescoço.

"Incentivo extra, Angel. Agora deixe voar."

Ao lançar o dardo, ele atinge o balão bem no centro.

"Veja, você é um profissional-"

"Pai?", alguém chama, e nós dois desviamos o olhar da cabine.

Um trio de mulheres da igreja se aproxima, seus olhos se demorando no traje casual de Roman com uma mistura inquietante de curiosidade e admiração. Seu olhar se volta para mim, sua desaprovação velada.

"Senhoras", diz Roman, sua voz revelando um toque de desconforto enquanto ele se mantém perto de mim.

"Não pensei que veríamos você em um evento como esse", diz a mulher na frente, seu sorriso largo e deliberadamente provocativo enquanto ela desabotoa alguns botões da blusa. Seu flerte é tão flagrante quanto indesejável.

"Só estou levando Eden para passear para recompensar todo o seu trabalho duro na igreja", Roman responde com um sorriso, seu braço envolvendo meus ombros desajeitadamente em um gesto que parece mais propriedade do que afeição.

"Eu não sabia que você levava seus servidores para essas coisas. Estou velha demais para refazer meu treinamento de servidora de altar?" Ela brinca, seu tom pingando duplo sentido. "Tenho certeza de que sei algumas coisas sobre como fazer o trabalho—"

Ignorando o comentário, pego meus dardos restantes e os lanço nos balões com uma ferocidade que combina com a raiva fervendo dentro de mim. A trajetória afiada de cada dardo é uma liberação da frustração que sinto, particularmente a vontade de fazer uma cena na frente dessas mulheres.

“Eden está indo muito bem”, diz Roman, me observando com uma mistura de preocupação e apreciação enquanto eu pego seus dardos do chão.

“Bem, se você precisar de alguma coisa—” A mulher continua, seu olhar permanecendo em Roman com uma intenção indesejada.

“Ele não,” eu a interrompi, minha voz cortante. “Tenho certeza de que seu marido está procurando por você em algum lugar que não seja aqui.”

A cabeça da mulher se vira em minha direção, seu rosto é uma máscara de choque e indignação.

"O que-"

“Desculpe,” eu estalo, meu tom gelado. “Nós realmente vamos ficar aqui fingindo que você não está olhando para a virilha do Padre Briar?”

Seus olhos se arregalam em descrença, os olhares da pequena multidão ao redor de nós amplificando a tensão. O aperto de Roman em meu ombro fica mais forte, seu próprio desconforto é palpável enquanto ele absorve o confronto que se desenrola.

O rosto da mulher se contorce com uma mistura de descrença e irritação enquanto ela tira os óculos, seu olhar agora fixo em mim com nitidez renovada. Ela tenta esconder um sorriso irônico atrás da mão, mas está claro que ela está irritada.

“Eu sei que você não está falando comigo desse jeito quando seus braços parecem—”

“O quê?” Eu a interrompi, minha voz fria e inabalável. “Como eu cortei?”

Notícia de última hora: Eu corto. Geralmente, é para manter pessoas como você à distância. Você vai continuar fingindo que estou errado ou vai ficar de mau humor com a pessoa para quem está exibindo aquele anel enorme?”

O rosto da mulher empalidece quando ela olha para Roman, seu choque é evidente.

“Eden, você está sendo incrivelmente desrespeitosa—”

“Sim, pai?”, eu retruco, as palavras pingando com provocação intencional.

“Você vai fazer alguma coisa sobre isso, ou vai continuar aí parado segurando seu—”

Os olhos de Roman se arregalam, um olhar de genuína surpresa cruzando seu rosto. Ele parece momentaneamente atordoado pela minha audácia.

“Bem, eu nunca—”

“Eden, venha comigo agora mesmo,” Roman comanda, seu tom mudando para um de autoridade severa. Ele se aproxima, sua voz baixa, mas intensa.

“Nós terminamos de jogar.”

Ele agarra meu pulso com firmeza, me afastando do jogo com uma sensação quase palpável de urgência. Um sorriso triunfante puxa os cantos dos meus lábios enquanto deixamos a multidão fofoqueira para trás.

"Não é de se espantar que David tenha pedido ao pai para controlá-la", ouço alguém sussurrar, suas palavras misturadas com as mentiras que Roman contou ao meu pai.

Roman me leva para uma cabine de fotos, longe de olhares curiosos.

Enquanto ele desliza a porta e me empurra para dentro, eu me inclino para trás contra a parede, meus olhos fixos nele com um sorriso de desafio. Ele fecha e tranca a porta, um clique decisivo ecoando no pequeno espaço.

“O quê?”, pergunto, meu tom é provocador. “Não posso me divertir um pouco?”

“Diversão é exatamente o motivo de estarmos aqui, Eden,” Roman responde, sua voz firme, quase reverente em sua gravidade. “Agora, fique de joelhos para mim.”

Eu o estudo com uma mistura de desafio e curiosidade, minha mente acelerada enquanto penso em meu próximo passo.

“O que eu fiz foi inteiramente justificado.”

“Você estava bravo porque viu o jeito que aquelas mulheres estavam olhando para mim,” ele responde, se aproximando. “Você estava com ciúmes. Com ciúmes do olhar delas, da curiosidade delas sobre o que tem nas minhas calças. Então por que você não me mostra o quanto você valoriza o que lhe foi dado?” Sua voz fica baixa, uma pitada de excitação inconfundível em seu tom.

O calor entre minhas pernas se intensifica, um arrepio de antecipação percorre meu corpo. Mordo meu lábio inferior, o desejo crescendo.

“E se alguém precisar da cabine?”, provoco, com um brilho travesso nos olhos.

“Acho que eles vão ter que esperar”, Roman responde, seu olhar escurecendo com promessa. “Agora me mostre.”

Sorrio, empurrando seu peito com firmeza, observando-o cambalear para trás antes de se recompor, parando quase caindo no assento.

Guiando-o para sentar, os olhos de Roman brilham com compreensão enquanto olho para a protuberância em suas calças. Ele me ajuda com seu cinto, desabotoando seu zíper, seu comprimento endurecido se libertando.

Eu caio de joelhos diante dele, minha língua traçando a base de seu pau. Eu sorrio enquanto sua cabeça se inclina para trás, saboreando o prazer. Olho para ele, meu olhar inocente, enquanto giro minha língua ao redor da cabeça de sua ereção.

“Mmm, Eden,” ele murmura, um sorriso brincando em seus lábios. “Por que você não sobe aqui e me deixa provar esses lábios lindos?”

Sem hesitar, eu me movo para sentar em seu colo, envolvendo meus braços em volta de seu pescoço enquanto suas mãos encontram minha cintura. Ele desliza sua mão pela minha coxa e afasta minha calcinha com um toque hábil. Seus dedos acariciam a renda que se agarra a mim, sua expressão é de satisfação satisfeita.

“Só para mim?” Ele pergunta, com um tom de possessividade na voz.

"Sempre", sorrio, sentindo sua cabeça se alinhar à minha entrada.

Conectando seus lábios aos meus, viro-me completamente para montá-lo, e sua boca captura meu gemido.

Suas mãos estão no meu quadril, me guiando para baixo até que eu esteja completamente sentada em seu pau, me preenchendo e me esticando até meus limites.

Ele morde meu lábio com força, tirando sangue, lambendo-o avidamente enquanto eu balanço meus quadris contra ele.

Ele move a língua do meu lábio inferior para o meu pescoço, cobrindo minha pele com uma mistura morna de sua saliva e meu sangue. Suas mãos me batem com força em seu pau.

É

"É isso que você queria, menina bonita?" Ele questiona. "Você queria sentir meu pau enterrado dentro de você, lembrando sua boceta de quem ele pertence?" Ele questiona. Rolando seus dedos sobre meu clitóris, ele me trabalha direitinho. Eu pressiono minha cabeça em seu peito, a segundos de gozar enquanto suas palavras sujas me lavam.

Enrijecendo-me em volta do seu pau, prendo meus dentes em seu ombro, deixando-o sentir a dor enquanto minha liberação o cobre, pegando nós dois desprevenidos. Nossos gemidos ofegantes se misturam, e não tenho certeza de quais ruídos estão vindo de cada um de nós. Eu me afasto de seu pau, abaixando-me de volta para meus joelhos antes que ele possa me impedir.

Envolvo minha boca em volta dele, lambendo minha doce liberação de seu comprimento.

Saboreio o gosto na minha língua, arrastando de volta para dentro da cueca dele quando termino. Limpando meu lábio, ajeito minhas roupas, observando enquanto ele faz o mesmo, seus olhos grudados em mim.

Eu levanto uma sobrancelha para ele enquanto ele dá um tapinha em seu colo.

"Você acha que eu não estou te recompensando depois de tudo isso, Angel?" Ele pergunta. "Sente-se e deixe-me tirar algumas fotos com minha garota."

Sentado em seu colo, ele joga algumas notas de dólar na máquina e clica no botão "**tirar foto**". botão '**agora**'. Beijando meu pescoço para cima e para baixo, a câmera dispara.

"Eu te amo, Eden", ele sussurra, fazendo-me olhar em seus olhos.

Olhando para ele, outro flash dispara.

"Eu também te amo, Roman," eu sussurro. "Então faça uma coisa por mim.

Não me deixe."

Ele puxa uma corrente em volta do pescoço, com sua aliança de ouro pendurada nela.

"Eu disse que tomei minha decisão", ele sussurra. "Eu escolho você."

Nublada pela emoção, pressiono meus lábios nos dele mais uma vez, beijando-o com uma nova fome que nunca senti antes.

Piscando uma última vez, a câmera captura algo que lembrarei por toda a vida.

O momento em que soube que estava realmente apaixonada por Roman Briar

1 Coríntios 13:8a: "O amor tudo sofre, tudo suporta. O amor nunca acaba."





Capítulo 30

romano

limpando as fotos com movimentos rápidos e deliberados, noto um casal S

se aproximando da cabine de fotos, lançando olhares curiosos para mim e Eden enquanto ela cambaleia para fora. Entrelaço meus dedos com os dela, guiando-a para longe da cabine. Suas bochechas rosadas, brilhando com uma mistura de excitação e constrangimento, me cativam.

"Eu deveria te irritar mais vezes", ela diz com um sorriso brincalhão, nossas mãos finalmente se separando enquanto começamos a nos misturar à multidão.

"Eu meio que gostei de ver você tão ciumenta," eu sorrio, observando seus olhos se arregalarem de surpresa. "Mas você já deveria saber, meu foco está somente em uma mulher."

"Olha o que o gato trouxe", a voz de Aiden corta o momento.

Zoey se aproxima, com os braços cheios de guloseimas e limonadas enormes, claramente tendo usado Aiden como seu assistente pessoal de compras o dia todo.

"Eu disse que eles viriam", Zoey exclama, correndo para abraçar Eden.



O olhar de Zoey permanece em Eden, sua expressão mudando para preocupação. "Por que você está tão quente?"

Ela pergunta, sua voz tingida de preocupação. "Sua pele está queimando."

"Estou bem, Zo", Eden a tranquiliza, ignorando os sinais óbvios das atividades da cabine.

Guardo as fotos no fundo do meu bolso, com a lembrança daquele momento gravada vividamente em minha mente.

Eu também te amo, Roman. Então faça uma coisa por mim. Não vá embora.

O jeito que ela olhou para mim quando disse isso era assustador. Durante toda a sua vida, as pessoas tinham ido e vindo, indo embora sem dizer uma palavra. Quando eu disse a Eden que a amava, não eram meras palavras; era a essência do meu ser.

"Eu realmente gostaria de um desses", diz Eden com um sorriso largo, olhando para a limonada grande.

Pego uma nota de cinco e entrego a ela, cutucando em direção ao suporte.

"Vai. Você mereceu", brinco, observando suas bochechas corarem de prazer.

Zoey agarra a mão dela e a leva até o púlpito, deixando Aiden e eu conversando sozinhos.

"Por quanto tempo você planeja bancar o namorado amoroso atrás de portas fechadas antes de destruir o coração da minha irmã?" Aiden pergunta, seu olhar firme enquanto observa as garotas.

"Não é uma atuação. Quando as crianças estiverem seguras, terei terminado meu sacerdócio," digo, encontrando seu olhar. "Levarei sua irmã para bem longe daqui. E se você e Zoey escolherem vir conosco, vocês são bem-vindos."

Aiden levanta as sobrancelhas, confusão evidente. "Você se dedicou tanto para se tornar um padre.

Por que desistir disso pela minha irmã?”

“Eu amo sua irmã, Aiden,” admito, sua confusão aumentando. “Uma vida sem ela é uma vida que não posso suportar. Se eu for ver os portões do Céu, pretendo que ela esteja lá comigo. Eu já vi nosso relacionamento como pecaminoso, mas agora vejo que ela é a razão pela qual acredito na vida após a morte.”

“Você estava cético?”

“Posso vestir as vestes clericais e pregar para as massas, mas a crueldade do mundo muitas vezes torna difícil acreditar em um Deus amoroso”, confesso.

“Suponho que é por isso que ele nos deu o livre-arbítrio”, Aiden reflete. “A capacidade de pecar — e amar.”

“Se amar o Éden é um presente Dele, então eu o valorizarei.”

“Você não tem medo das repercussões de estar tão envolvido com os segredos da igreja quando eles descobrirem que você é o informante?”, pergunta Aiden.

Aterrorizado. Estou aterrorizado pra caralho.

“Eles não saberão até que seja tarde demais”, suspiro. “Minha prioridade hoje é garantir que sua irmã tenha um momento de alegria.”

O escárnio de Aiden chama minha atenção. “Eu costumava pensar que você era incapaz de sorrir, pai.

Parece que eu estava enganado.”

Toco o canto da minha boca, sentindo a curva dos meus lábios.

Eden Faulkner. Olhe a vida que você soprou em mim.

Éden

“Isso definitivamente vai me fazer mijar nas calças”, brinco, maravilhado com a limonada enorme.

Entre os avanços recentes de Roman e essa bebida de 32 onças, eu poderia muito

bem estar convidando uma UTI para participar da festa.

“Isso não é parte da emoção?” Zoey ri. “Andar por essas feiras, sempre tendo que correr pelo terreno para encontrar um banheiro?”

Isso, ou cavalgar meu padre na cabine de fotos. Acho que nossas ideias de emoção diferem.

“Sabe, quando ele está com você, é como se ele tivesse uma alma”, Zoey sorri.

“O que você quer dizer?”, pergunto, curioso.

“Quando ele está com você, Eden, ele olha para você como se você fosse a razão pela qual a Terra gira. É como se o tempo que vocês passaram juntos tivesse mudado a perspectiva dele sobre a vida.”

Ao refletir sobre as palavras anteriores de Roman sobre deixar seu sacerdócio, um pensamento permanece. Eu dei a ele uma razão para ver a vida de forma diferente, para vê-la como mais do que uma batalha?

“Embora eu tenha que admitir, ele é bem bonitão”, Zoey sussurra. “Não posso dizer que não estou curiosa sobre como ele é na cama.”

“Digamos que preciso de um dia para me recuperar depois que ele terminar comigo—”

"Olá", uma voz grave interrompe, fazendo com que Zoey e eu nos viremos para um grupo de homens de meia-idade parados perto da estação de sidra.

Ignorando-os, continuamos andando.

"Não é aquela garota do telefone daquele babaca?", diz um dos homens, imediatamente fazendo soar um alarme em minha mente.

Continue andando, Eden. Continue andando.

Mas um dos homens agarra meu braço, puxando-o dolorosamente enquanto minha bebida se espatifava no chão.

Seu olhar demora-se sobre minhas cicatrizes antes de se fixar em meu rosto.

“Não consegui ver todas essas cicatrizes na foto, mas, droga, você tem um rosto bonito—”

"Tire suas mãos dela, porra!" Zoey grita, empurrando o homem para longe e envolvendo seus braços em volta de mim.

“Zoey, vamos logo—”

Mas os outros dois homens se aproximam, bloqueando nosso caminho e nos cercando como abutres.

“Sim, é ela mesmo. Os mesmos olhos lindos e lábios rosados,” O homem na minha frente sibila, se aproximando. “Onde está seu namorado agora?”

Você parece muito mais atraente quando ele não está batendo minha cabeça na parede,” Ele zomba, uma cicatriz nova na testa.

“Namorado?”, pergunto, horrorizada. “Roman machucou você?”

“Ele fez muito mais do que me machucar. Ele humilhou a mim e meus amigos,” ele retruca, acenando para seus companheiros.

Os homens atrás de nós nos agarram, seus dedos apertando nossas cinturas enquanto lutamos, causando uma comoção que chama a atenção dos espectadores que começam a registrar a cena.

“Acho que é justo retribuir o favor—”

Antes que eu possa reagir, Roman e Aiden irrompem na cena. O cabelo escuro de Roman e os cachos cacheados de Aiden são visíveis enquanto eles arrastam os homens para longe, espancando-os sem piedade. A multidão assiste, muitos gravando, enquanto Roman esmurra um dos homens até deixá-los inconscientes e então se vira para o próximo.

Quando Roman vai atrás do segundo homem, Aiden intervém, tentando acompanhar a luta.

Roman, agora focado no homem que me segura, saca um canivete. O

homem pressiona a faca contra a parte inferior das minhas costas, sua mão

apertando minha garganta.

“Como é ser tão vulnerável, hm, Roman?” O homem provoca, usando o nome que eu forneci.

Roman entrega Zoey para Aiden e levanta as mãos em um gesto de rendição.

A segurança finalmente chega, com Aiden os informando enquanto Roman tenta argumentar com o homem.

"Pegue essa porra dessa arma, e eu vou garantir que ela nunca mais ande", o homem ameaça, apertando minha garganta com mais força.

O olhar de Roman é intenso, claramente buscando uma solução enquanto os espectadores, incluindo fiéis, assistem ao impasse.

“Seu problema é comigo, não com ela. Certamente você é homem o bastante para colocar essa faca nas minhas costas—”

“Por que eu faria isso?” O homem zomba, cravando a faca mais fundo na minha pele. “A dor dela parece tão boa. Quase tão boa quanto o olhar no seu rosto.”

A multidão assiste, alguns gravando, enquanto Roman tenta desviar a atenção do homem de mim.

“Porque é de mim que você está tentando chamar a atenção, e funcionou—”

“Eu avisei você. Eu avisei o que aconteceria se eu a visse—”

“Bem, aqui estou eu,” Roman exclama, tirando sua flanela, pronto para lutar.

“Então por que você não se torna um homem e—”

Alcançando atrás de mim, agarro a faca, arrastando-a pelas minhas costas até que ele a solte. Sibilo de dor enquanto piso no pé do homem, fazendo-o xingar e afrouxar o aperto.

Roman aproveita a chance, me afastando do homem apesar dos gritos da segurança. Ele enfia o punho no rosto do homem repetidamente. Pegando a faca do chão, ele golpeia o homem com a lâmina, continuando a ameaçá-lo mesmo depois que a segurança interveio.

Um médico pressiona um pano nas minhas costas, aplicando pressão enquanto me afastam do caos. Roman é eventualmente contido pela segurança, mas continua a lutar, tentando pegar uma das armas deles.

Zoey e Aiden me ajudam, com Aiden trabalhando para acalmar os seguranças.

"Sai de cima de mim", Roman grita, libertando-se do aperto dos seguranças, cuja atenção está dividida entre ele e os três homens inconscientes.

"Eu entendi", Roman insiste, assumindo o papel de médico, pressionando o pano nas minhas costas com uma firmeza que me surpreende.

“Senhor, eu realmente deveria—”

“Eu disse que entendi”, Roman interrompe, focando apenas em mim.

Ele segura meu rosto gentilmente, seu olhar cheio de preocupação. "Você está bem?"



“Podemos ir para casa?”, pergunto, com a voz trêmula.

“Com certeza”, ele responde, com o maxilar cerrado de determinação.

Enquanto examino a multidão, vejo alguém com um moletom preto parado na beirada, com a cabeça baixa e um pingente de cruz pendurado no pescoço. Eles rapidamente guardam o telefone e se viram, desaparecendo na multidão.

Ignorando os espectadores, Roman mantém a mão na parte inferior das minhas

costas e nos guia, junto com Aiden e Zoey, de volta aos carros.

Enquanto dirigimos para longe, Roman me verifica repetidamente, sua preocupação palpável.

“Naquela noite eu fui ao reservatório e você viu meu rosto todo machucado, eu tive um desentendimento com os caras que te pegaram. Ele viu uma foto sua no meu telefone—”

Eu agarro sua mão, interrompendo seus pensamentos em espiral. “Vamos voltar para sua casa. Tenho certeza de que você pode encontrar uma maneira de me compensar.”

Roman não diz mais nada enquanto liga o carro, a figura do moletom ainda permanece em minha mente.

Capítulo 31

Davi

O que estou vendo aqui?” pergunto, meus olhos fixos na tela do telefone.

“W “Só observe. Um dos nossos caras na feira pegou isso na câmera.”

O vídeo mostra três homens cercando Eden e Zoey, ambos vestidos com roupas reveladoras. A cena rapidamente se intensifica quando os homens agarram as meninas com intenção agressiva.

“E daí? Minha filha provavelmente falou besteira,” eu digo desdenhosamente.

“Continue assistindo.”

Conforme o vídeo avança, Roman e Aiden aparecem, intervindo com força brutal. A visão das tatuagens escuras de Roman confirma sua identidade.

Ele está envolvido em uma luta feroz, tentando resgatar Eden, que está sendo mantida refém pelo maior homem.

“Ele não fará nada,” eu zombo. “Ele sabe que ela merece—”

Os ataques implacáveis de Roman aos homens contradizem minhas expectativas.

Ele concentra sua fúria nos atacantes, empurrando-os para o chão. Um médico cuida dos ferimentos de Eden até que Roman assume, sua natureza protetora é evidente em seu tratamento terno de seus ferimentos.

“A próxima parte é o que você vai querer ver”, diz o assistente, com um tom sério.

Observo incrédula enquanto Roman gentilmente segura o rosto de Eden, seu toque é terno e preocupado.

A visão da intimidade deles me atinge profundamente.

“Roman Briar não está disciplinando minha filha. . Ele a ama,” eu sibilo, minha frustração palpável.

“Sim,” o assistente confirma, assentindo. “Roman Briar é um espião. Seu relacionamento com Eden é mais do que apenas um fingimento. Ele tem sido o advogado do diabo sob o pretexto de trazer luz.”

Bato o telefone na minha mesa, minha raiva aumentando. “Quanto tempo até os licitantes darem uma boa olhada no lote?”

“Um mês”, eles respondem.

“E Roman ainda não sabe a localização das crianças?” Eu exijo.

“A menos que ele veja os planos de construção da reforma, ele não encontrará o porão tão cedo.”

“Tem mais uma coisa”, eles acrescentam, com a voz tensa.

"Prossiga."

“O padre Kevin ligou. Roman tem falado com o Vaticano sobre deixar o sacerdócio.”

Estou enfurecida. A influência de Roman sobre minha filha é evidente. “O que vem depois?”

“Precisamos dar a Roman uma razão para se submeter, para recuar. A cidade

pode estar em lockdown, mas Roman tem recursos. Um movimento errado e a Homeland Security pode intervir. Precisamos de uma abordagem estratégica.”

"Uma ameaça não será o bastante. Precisamos alavancar seu apego ao Éden", planejo, imaginando como isso poderia funcionar a nosso favor.

“Vamos colocar Eden na escalação”, eles sugerem, folheando um portfólio de fotos. Eles substituem a foto de Zoey pela de Eden, enfatizando a nova ameaça.

“Não era isso que eu pretendia?”, questiono, com um toque de satisfação na voz.

“Era uma ameaça, mas agora é um movimento tático. O amor obscurece o julgamento. O apego de Roman a Eden pode ser nossa alavanca.”

Sorrindo, saboreio o pensamento do choque de Roman quando ele vê a escalação atualizada. “Balance seu bem mais valioso e observe-o reagir.”

“Sim. O valor de Eden para os licitantes será significativo, especialmente dada sua resiliência. Isso pode levar Roman a agir de forma imprudente.”

“E se Eden estiver fora de cena, Aiden terá que voltar para casa”, acrescento, considerando as implicações.

“Exatamente. Ele prepara o cenário para que recuperemos o controle.”



A voz da minha esposa interrompe, suave e obediente. “O jantar está pronto.”

“Prepare um prato extra para o nosso convidado”, eu instruo, voltando ao plano.

Brindamos aos novos começos, saboreando o pensamento da queda de Roman.

“Até o fim do Padre Briar”, nós dois concordamos, brindando.

Capítulo 32

Éden

Oman joga suas chaves no balcão, sua exaustão palpável. Sua mente é um redemoinho R de pensamentos, cada um arrastando-o mais fundo para o desespero. Suas mãos, machucadas e manchadas com sangue seco, falam da violência que ele suportou.

“Eu deveria saber que não deveria confiar naqueles homens,” ele murmura, sua voz pesada de arrependimento. Ele passa a mão pelo cabelo desgrenhado, seus olhos refletindo o peso de seus fracassos.

Eu estendo a mão, apertando gentilmente suas mãos para parar seus pensamentos em espiral. “Roman, você não sabia—”

“Mas eu fiz,” ele interrompe, sua voz cortante. “Eu sabia que eles eram escória de baixa qualidade, e eu deveria tê-los confrontado. Eu fui embora, Eden, e por causa disso, você se machucou.”

“É só um corte—”

“Não para mim,” ele retruca, segurando meu rosto com uma intensidade desesperada. “Eu deveria te proteger, te proteger de toda a escuridão do mundo —”

“Isso não é viver, Roman,” eu contra-ataco suavemente, meu olhar cheio de arrependimento. “Ninguém pode ser protegido de todos os males do mundo.

Se você tentar, só vai enlouquecer.”

Seus olhos se voltam para sua camisa, ainda manchada com o sangue de Eric. A realidade sombria da nossa situação pesa entre nós.

"Você já arriscou tanto ficando. Não se atormente pelo fato de que algumas pessoas estão além da redenção", eu o conforto.

“Está me consumindo,” ele sussurra, pressionando sua testa na minha.

“Esse desejo, essa vontade avassaladora de te manter por perto, de ter certeza de que você é só minha—”

Seu olhar cai sobre o corte nas minhas costas, e eu estremeço quando ele o toca gentilmente.

“Isso me irrita”, ele continua, sua voz tremendo de emoção. “Isso me irrita que sua dor não trouxe satisfação. Isso me irrita ainda mais que eu queria ser aquele que a infligiu—”

“Roman,” eu interrompo suavemente, interrompendo seu discurso angustiante. “Eu pedi para você vir aqui, não apenas para minha casa, por um motivo. Eu sei quem você é, Roman Briar. Então pegue a chave, e—”

Antes que eu possa terminar, ele me levanta sem esforço sobre seu ombro, colocando a parte superior do meu corpo em suas costas. Sua mão repousa possessivamente na minha bunda enquanto ele caminha em direção ao quarto.

"Lembre-se, Eden, você pediu por isso", ele rosna, com um sorriso predatório aparecendo em seus lábios.

“Eu sei,” eu sussurro, um sorriso meu se formando. “Então não me decepcione.”

Enrolando a corda em volta dos meus pulsos, ele os amarra acima da minha cabeça, mantendo meu corpo contido na cama. A porta do armário está entreaberta, revelando uma coleção de torturas

dispositivos: grampos de mamilo, separadores de pernas, vibradores — tudo o que uma mente pode conceber. Roman acumulou tudo.

“Quantas mulheres já viram o interior do seu armário?”, pergunto, observando-o se afastar dos meus pulsos.

“Só você,” ele responde, com um toque de orgulho na voz. “Achei que colecionar poderia conter a vontade de usá-los. Claramente, não é o caso.”

Ele tira minha saia, me deixando vestida apenas com meu top curto e calcinha, minha expectativa crescendo a cada movimento que ele faz. Sem camisa, seu

corpo na luz fraca é uma visão para ser vista.

Tatuagens serpenteiam por seu braço e pescoço, terminando em seu quadril, os desenhos intrincados acentuando sua forma muscular. Seu moletom escuro pende baixo, e ele puxa o cordão, deixando sua mão roçar em seu comprimento crescente.

"Então, Angel", ele ronrona, aproximando-se, "você está pronta?"

“Depende”, eu retruco com um sorriso malicioso, “quão duro você planeja ir?”

"Tão forte quanto você puder aguentar", ele murmura, sua voz baixa e intensa.

Roman recua para o armário, emergindo com um objeto escondido. Com lentidão deliberada, ele me puxa para o final da cama por um tornozelo, me esticando até onde meus pulsos amarrados permitem, a tensão adicionando uma ponta emocionante.

Ele puxa minha calcinha para baixo e se ajoelha aos pés da cama. Com minhas pernas dobradas sobre seus ombros, ele ganha acesso total, a antecipação fazendo meu coração disparar. Ele pega um grande brinquedo de silicone de trás das costas, o mesmo que ele usou para me preparar para seu tamanho.

"Se você gozar disso", ele ameaça, sua voz um sussurro sombrio, "vou garantir que você se arrependa. O único prazer que você terá é do meu pau."

Ele cospe no meu calor exposto antes de arrastar sua língua lentamente pelas minhas dobras, seu toque deliberado e torturante. Minha respiração falha, pequenos gemidos escapam enquanto fecho meus olhos, me perdendo na sensação.

"Você quer isso dentro de você?" Ele provoca, mordiscando a parte interna das minhas coxas, me fazendo contorcer.

Olho para ele, um sorriso brinca em meus lábios. "Não quero mais nada."

Seus olhos escurecem com uma mistura de desejo e raiva enquanto ele desliza o brinquedo para dentro de mim, me preenchendo completamente.

Meus quadris se movem, e minhas costas arqueiam em resposta, desejando mais.

“Você gostou, Eden?” Ele pergunta, sua voz não admitindo discussão.

“Eu gostaria ainda mais da sua boca,” eu sussurro, minha voz tremendo.

“Por que você não—”

Ele não precisa de mais encorajamento. Sua boca pousa no meu clitóris inchado, sua língua trabalhando em conjunto com o brinquedo. Ele enfia o brinquedo em mim com força implacável, sua boca provocando e atormentando, me levando ao limite. Eu luto contra as amarras, desesperada para libertar minhas mãos, para empurrá-lo para longe antes que o clímax me domine.

"Qual é o problema, menina bonita?" Ele pergunta, seu aperto firme na minha coxa. "Você vai gozar em algo que não é meu pau?" Sua língua desliza lentamente sobre meu clitóris, enviando arrepios por mim.

Tentando desesperadamente me segurar, encontro seu olhar. A visão dele trabalhando o brinquedo dentro e fora de mim enquanto esbanja atenção no meu clitóris é avassaladora.

Não consigo parar.

O calor surge através do meu estômago inferior enquanto eu arqueio minhas costas, deixando escapar um gemido gutural, minha liberação cobrindo o brinquedo. Roman rapidamente o puxa para longe, respirando várias vezes enquanto examina o brinquedo, sua língua saboreando o gosto do meu esperma.

“Não sou eu,” ele sibila, sua voz afiada com frustração. “Menina má, Eden.”

Levantando-se, ele tira o moletom e pega algo do alto da cômoda. Meu coração dispara quando avisto a faca brilhante, sua lâmina afiada captando a luz. Roman a manuseia com uma calma perigosa, passando o dedo sobre a lâmina.

“Eu te disse,” Ele murmura, “me irritou como ele te trouxe dor. Você só vai sangrar comigo, Eden Faulkner.”

Ele paira sobre mim, pressionando a lâmina da faca sob minha camisa, cortando para cima até que ela seja arrancada, expondo meus seios doloridos. Com meu corpo em plena exibição, ele arrasta a ponta da faca suavemente pelo meu peito até meu estômago inferior, traçando um caminho de tensão e antecipação.

Ele faz um pequeno corte, que tira um fio de sangue, e minha respiração fica presa num chiado agudo.

“Continue cantando para mim, Angel,” Ele ordena suavemente. “Continue cantando, porra.”

Jogando a faca na mesa de cabeceira, ele deixa o sangue escorrer pelo meu osso do quadril, sua língua lambendo avidamente o sangue da minha pele.

Deixando cair sua cueca, ele se dá algumas carícias deliberadas antes de agarrar minhas pernas, seus olhos intensos com uma emoção persistente.

“Espero que você seja flexível, querida.”

Ele agarra a parte de trás das minhas coxas, puxando meus joelhos para os lados da minha cabeça, me esticando o máximo possível. Totalmente exposta, mordo meu lábio com força suficiente para tirar sangue, minha antecipação aumentando.

Cuspindo mais uma vez no meu calor para lubrificação, ele desliza para dentro de mim. A sensação dele é mais intensa comparada ao brinquedo.

Soltei um som em algum lugar entre um grito e um gemido, envolvendo-o, cantando para ele do jeito que ele deseja.

"Aí está minha linda garota", ele geme, se afastando lentamente antes de empurrar novamente para dentro de mim.

"Deus, você é tão linda", ele elogia, seus movimentos ficando mais intensos.

"Olhe para mim te fodendo, Eden", ele sibila, sua voz rouca de desejo.

"Olhe para o meu pau entrando na sua boceta perfeita."

Forçando minha cabeça para baixo, observo-o enquanto seu pau desliza para dentro e para fora de mim, atingindo meu ponto G perfeitamente devido à posição em que ele me colocou. Esforçando-me contra as amarras, tento desviar o olhar, mas sou recebida com um tapa forte no rosto.

“Eu já disse para você parar de assistir, porra?” Ele exige, sua raiva palpável.

Desafiadoramente, encontro seu olhar. "Por que você não tira essas amarras e me fode como um homem de verdade?"

O olhar familiar cruza seu rosto. Ele pega a faca da mesa de cabeceira, cortando as amarras com movimentos rápidos e praticados, e joga a faca fora.

Ele me vira de bruços com um movimento decisivo, a picada de sua mão na minha bunda me deixando ofegante. Meus quadris instintivamente se levantam em direção a ele, um gemido escapando dos meus lábios.

Com força deliberada, ele se alinha e penetra em mim, cada estocada causando uma dor reverberante em meus quadris. Seu ritmo é implacável, me levando ao limite a cada movimento. Eu agarro os lençóis, meus gemidos se misturando ao som de nossos corpos colidindo.

"É isso que você quer, Eden?" Ele rosna, seus dedos cravando em meus quadris. "Você quer que eu faça você sentir cada centímetro de mim, que eu faça você se despedaçar para mim?" Sua voz é áspera, um contraste gritante com o tom crescente dos meus gemidos.

Sinto sua intensidade e meu próprio prazer se misturando em uma mistura inebriante. Meus dedos encontram seu caminho para meu clitóris, esfregando com urgência. Ele agarra a parte de trás do meu pescoço, me puxando para mais perto para que seus lábios possam roçar meu pescoço, sua mão livre acariciando um dos meus seios. A sensação dupla de seu toque e do brinquedo me deixa louca.

"Goze para mim, menina," Ele comanda, sua voz tensa de desejo. "Deixe ir para mim.

Agora."

No momento em que me rendo ao meu clímax, ele abafa meu grito com a mão, nossos corpos se entrelaçando em um emaranhado caótico de paixão.

Nós caímos na cama, sem fôlego e exaustos.

Ele me puxa para seu abraço, cobrindo nós dois com um cobertor. Descanso minha cabeça em seu peito, seu batimento cardíaco estável abaixo de mim.

Ele inclina meu queixo para cima, seu beijo terno e reverente.

“Você foi perfeita,” Ele murmura contra meus lábios. “Eu te amo.”

“Eu também te amo, Roman,” eu sussurro, minha voz suave, mas cheia de afeição.

Ele me cobre com o cobertor, seus beijos gentis enquanto ele cuida do corte que fez. “Vai sarar”, ele me tranquiliza, seu toque demorando.

“Eu não me importo,” sorrio, passando meus dedos pelos cabelos dele. “É uma parte de você.”

Seus beijos traçam meu corpo, retornando aos meus lábios. “Você me deixa louco, sabia?” Ele sussurra, me segurando perto.

“Vou aproveitar cada pedacinho disso”, respondo, com um sorriso brincalhão no rosto.

“Quando sairmos dessa confusão, vou levar você para longe de Idlewood, para qualquer lugar que você quiser.”

“Em qualquer lugar?”, pergunto, meus olhos brilhando.

“Basta dizer uma palavra”, Ele promete.

“Sempre quis conhecer a Escócia no outono”, digo, abrindo mais um sorriso.

“Então será a Escócia”, ele declara. “Exploraremos o mundo juntos, criando nossas próprias regras ao longo do caminho”, ele acrescenta com um brilho provocador nos olhos.

“Promete que vai ficar comigo?” pergunto, meu tom sério.

“Eden Faulkner, no momento em que estivermos livres, colocarei um anel em seu dedo e nunca mais deixarei você ir.”

“Eden Briar,” murmuro. O nome parece um ajuste perfeito.

“Quase como se o próprio Deus tivesse feito isso”, ele responde suavemente, me

abraçando.



Eclesiastes 4:9: “Ter alguém em quem se apoiar nos momentos bons e ruins é uma tarefa sagrada. presente.”

Capítulo 33

Éden

parece absolutamente ridículo”, eu ferveo, olhando para a fantasia de elfo que está grudada em mim.

“Não se preocupe, Eden,” Zoey retruca com uma alegria forçada. “As crianças vão adorar.”

O espírito festivo é avassalador, com luzes cintilantes e enfeites espalhados.

Um enorme pinheiro, abarrotado de decorações, domina o canto do café, sua presença um lembrete constante da estação.

“Acho que o Natal foi contaminado para mim pela igreja”, suspiro, sentindo o peso das memórias.

Para mim, o Natal sempre foi sobre manter uma imagem e evitar a ganância. Na superfície, o Natal da minha família foi perfeito — árvores brilhantes, luzes

douradas e presentes infinitos.

Ninguém suspeitaria da verdade: as fúrias violentas do meu pai, o anjo no topo da árvore servindo como símbolo de sua ira e os presentes jogados no



fogo quando ele bebia demais.

“Putá merda,” Aiden ri enquanto entra no café, nos observando. “Quando você disse que eles estavam fazendo você se arrumar, eu não esperava isso!” Ele pega o telefone para tirar uma foto.

“Faça isso e eu vou moer seu telefone até virar pó de café”, eu sibilo, dando um tapa nele.

Enquanto me movo, o anel de ouro de Roman brilha por baixo da minha camisa, chamando a atenção de Aiden e Zoey.

“É isso—”

Eu rapidamente guardo o anel antes que eles possam dar uma boa olhada, retornando ao meu trabalho atrás do balcão. Seus olhares questionadores são difíceis de ignorar.

“Esse é o anel do Roman?” Zoey sussurra, claramente intrigada. “Ele te deu o anel dele—”

“Ele vai deixar o sacerdócio quando tudo isso acabar”, sussurro de volta, olhando ao redor para garantir que ninguém mais esteja ouvindo. “Ele me deu como um lembrete de que seu papel na igreja é apenas temporário.”

Já faz quatro meses desde que conheci Roman e três desde que nos tornamos exclusivos. Apesar do pouco tempo, nosso vínculo parece profundo e profundo, como se nos conhecêssemos há anos.

“Essa é a maneira de um padre dar um anel de promessa?”, brinca Aiden,

involuntariamente chegando mais perto da verdade do que imagina.

Roman estava falando sério. Suas palavras de duas semanas atrás não eram brincadeira. Desde então, sua afeição só se intensificou — flores no meu apartamento, encontros espontâneos e intimidade apaixonada. Tudo tem sido emocionante.

“Talvez seja,” suspiro. “Mas isso não muda o fato de que estou preso nessa fantasia ridícula servindo café às nove da manhã,” acrescento, entregando uma bebida a um cliente com um sorriso forçado.

“A missa é hoje à noite,” Aiden sussurra. “E a reunião de Roman—”

“Eu sei o que é hoje à noite, Aiden,” eu estalo, minha paciência se esgotando. “Eu não preciso de um lembrete.”

“Eu só pensei que você poderia precisar de alguma preparação mental. É muita coisa,” Ele diz com genuína simpatia.

“Vai ficar tudo bem,” digo pelo que parece ser a milionésima vez. “Roman vai ficar bem.”

Quanto mais profundo meu apego a Roman se torna, mais me preocupo com seu bem-estar.

“Eu quase quero aparecer com essa fantasia”, Zoey diz com um toque de desafio. “Chapéu de elfo e tudo, mostrando o dedo do meio para qualquer um que olhe para mim errado.”

“Você falou com seu pai?”, pergunto, percebendo que sua expressão vacilou.

“Não, nem minha madrasta. Minha mãe colocou travas e alarmes extras, e ela até mantém uma arma debaixo do travesseiro. Se meu pai tentar alcançá-la, ela vai se certificar de mantê-lo afastado.”

É difícil ver Zoey indo tão longe para sua própria segurança. Ela se mostra corajosa, mas eu consigo ver o medo por baixo.

Estamos todos com medo.

Enquanto o expresso flui para a xícara, eu brinco com o anel de Roman, contando até dez na minha cabeça.

Tudo acabará em breve.

Enquanto me visto, aperto o cinto de corda em volta da minha cintura, apertando-o bem.

A igreja já está cheia de vida com a alegria festiva do Natal, mesmo sendo ainda o começo do mês.

Olho no espelho e, pela primeira vez em algum tempo, meu reflexo não parece tão cansado. Meus olhos estão brilhantes com uma energia recém-descoberta, algo que estava me faltando há muito tempo.

Tudo graças ao Roman.

Ouçó os murmúrios de pessoas se reunindo na sala de espera enquanto as portas da missa se preparam para abrir. Verificando o tempo, noto que Roman ainda tem vinte e cinco minutos restantes na confissão.

Talvez seja hora de me livrar de alguns pecados.

Na sala mal iluminada, olho para a divisória que separa Roman de seu confessionário. Ela projeta uma sombra sinistra, acrescentando gravidade ao ato de confessar os segredos mais profundos de alguém. Fecho a porta com um barulho deliberado para que ele saiba que cheguei.

“Sente-se, meu filho, e—”

"Pequei terrivelmente, padre", interrompo, minha voz suave e provocadora enquanto o ouço se mover atrás da divisória.

“Sério?” Ele responde, seu tom profissional deslizando para algo mais íntimo.

“O que você fez, Angel?” Sua pergunta desperta uma emoção dentro de mim.

“Vamos ver,” começo, suspirando provocativamente. “Parece que não consigo

tirar meu padre da cabeça.

Às vezes, acordo no meio da noite, imaginando como seria o toque dele.”

Uma risada suave escapa dele enquanto ele continua.

“Você quer que ele toque em você?”

“Desesperadamente,” eu respondo, empurrando mais. “Estou consumida por pensamentos pecaminosos de seu toque, sua língua explorando cada centímetro do meu corpo.”

Ele se mexe novamente, a tensão é palpável.

“Não acho que posso ajudar você por trás dessa divisória”, Ele murmura.

“O que você precisa é de uma oração individual.”

Sorrindo, passo pela divisória e a fecho atrás de mim. Roman se inclina casualmente em sua cadeira, seus olhos pesados de frustração e desejo.

“Você viu o que fez?” Ele geme. “Tenho missa em vinte e três minutos.”

“Que pena,” eu sorrio, me apoiando na parede. “Você ainda não me ajudou com meus pensamentos pecaminosos.”

“Venha aqui,” Ele comanda, sua voz afiada com urgência. “Eu vou te dar uma razão para ficar de joelhos.”

Chego mais perto e observo enquanto ele levanta a bainha do meu robe, expondo meu vestido preto por baixo.

“Padre Briar, o que você está fazendo?”, pergunto, embora meu tom seja mais curioso do que preocupado.

Ele encontra meu olhar com olhos ardentes cheios de luxúria.

“Você quer sentir meu toque?” Ele pergunta, sua voz baixa e áspera. Eu aceno lentamente. “Então cavalgue em mim como a pequena vagabunda que você é.”

Eu arranco seu robe e me atrapalho com suas calças, finalmente revelando sua

cueca. Eu puxo minha calcinha para baixo, deixando-a cair em volta dos meus tornozelos, dando a ele uma visão clara. Puxando sua cueca para baixo, eu rapidamente monto nele, alinhando-me com ele. A música do coral cresce, mascarando os sons do nosso encontro.

Roman me guia enquanto eu o monto, o alto coro do coro cobrindo meus gemidos. Sua mão aperta minha boca enquanto continuo me movendo, o rosário que eu trouxe do meu bolso enrolado em seu pescoço. A pressão do rosário o deixa ainda mais intenso.

“Deus, olha pra você. Era isso que você queria? O pau do seu padre enterrado na sua boceta linda?”

A porta se abre de repente e ficamos congelados, presos em nosso ato ilícito.

“Pai, você ainda está aqui?” Vem a voz de Luca.

O aperto de Roman aperta enquanto ele me força para baixo, sua mão ainda sobre minha boca. A música do coral esconde os sons de nossos corpos.

“Claro,” Roman diz com contenção. “Sente-se.”

Eu encontro os olhos de Roman, apertando-os enquanto ele tenta esconder seu gemido.

“Pai, tenho muito a confessar”, continua Luca, com a voz cheia de tensão.

"Fale", Roman retruca, as pontas dos dedos cravando-se em minha pele.

Inclinando-me para perto, sussurro em seu ouvido: "Perdoe-me, Pai, pois pequei."

Os olhos de Roman se arregalam enquanto eu arranco o resto do meu manto e vestido, me revelando completamente.

Ele devora a minha visão, sua língua percorrendo meu corpo, mordiscando meus mamilos.

“Eu fiz algo ruim, pai”, diz Luca. “Eu machuquei alguém com quem eu me importava profundamente. Eu a queria tanto, que fiz coisas que eu normalmente

nunca faria—”

“Eu sou seu, certo, Pai?” Eu sussurro. “Você vai deixá-lo dizer isso?”

"Acho que você está melhor sem ela", Roman diz, cobrindo minha boca enquanto investe dentro de mim.

A música do coral e a voz alta de Roman abafam as palavras de Luca.

“Veja, é isso. Eu quero ela—”

“Você não a terá,” Roman estala, segurando meus quadris firmemente enquanto eu me movo. “Você nunca a terá.”

Sorrio, tiro o rosário e o beijo apaixonadamente, mordendo seu lábio inferior até sangrar.

“Não acho que seja esse o caso”, Luca desafia. “Ela vai encontrar uma maneira de voltar—”

“Não, ela não vai,” Roman rosna, seu pau se contorcendo dentro de mim.

“Ela não é mais sua.

Quanto mais cedo você aceitar isso, melhor.”

Aperto sua garganta enquanto o monto, saboreando o poder que possuo.

“Você fala como se estivesse investido, padre—”

“Saia,” Roman late. “Eu cansei de ouvir você.”

Os passos de Luca desaparecem e a porta se fecha atrás dele.

“Você vai conseguir isso hoje à noite—”

"Por que você não cala a boca, Roman, e goza para mim?"

Com esse encorajamento, a liberação de Roman me preenche, e eu gemo, abafada por sua mão. Eu o monto até ficar dolorida, então saio, ajoelhando-me diante dele.

“Perdoe-me,” eu sussurro, lambendo-o até limpá-lo. “Eu nunca vou parar de pecar com você.”

Assim que termino, ele me puxa para cima, me ajuda a me vestir e amarra o cinto de corda em volta da minha cintura. Eu me acomodo de volta em seu colo, beijando-o gentilmente, sentindo o gosto do sangue em meus lábios.

“Sou viciado em você, Eden,” Ele confessa. “Você é uma droga para mim.”

“Eu te amo, Roman Briar”, respondo suavemente.

“O amor mal cobre o quanto você significa para mim,” Ele retruca. “Agora, você está pronta para acabar com essa missa?”

Eu desço do seu colo, e ele pega minha mão, me guiando para além da divisória.

Ele beija o topo da minha cabeça e acaricia meu pescoço, sua voz suave em meu ouvido.

“Você foi uma menina tão boa para mim. Mal posso esperar para recompensá-la quando estivermos em casa.”

Parece que finalmente tenho algo pelo que esperar depois da missa de domingo.





Capítulo 34

romano

verifique o tempo enquanto os outros membros deste clube nefasto se infiltram no espaço, seus movimentos I sincronizados com uma precisão assustadora. Eu instruí Eden a trancar todas as portas e janelas e ficar confinada no meu quarto. A proximidade de tantos indivíduos vis com minha casa e com ela me perturba profundamente.

Está quase acabando.

Só mais uma reunião para suportar—

"Roman!" A voz de David corta a tensão enquanto ele caminha até mim, com um sorriso brilhante incomum no rosto.

Seu comportamento alegre não é típico dele.

Aperto sua mão suja, forçando um sorriso. "David. Como estão as coisas?

Como estão as mudanças de humor da esposa?"

"Poderia ser melhor", ele responde, descartando a menção à saúde mental declinante de sua esposa. "Ela tem sido insuportável desde que as crianças foram embora. Mas quem se importa com os sentimentos dela? Ela não

passa de um incômodo”, ele zomba, sem demonstrar remorso por menosprezar a mãe de Aiden e Eden.

“Pronto para a última reunião?” David pergunta, olhando ao redor da sala.

“Último encontro?”, ecoo, intrigado.

“O último antes do leilão”, ele explica com um sorriso. “Todo mundo está vindo neste domingo. Eles estão ansiosos para ver o lote deste ano.” Seu tom sugere algo mais. “Milhões estão entrando. Imagino que você esteja ansioso para deixar Idlewood.”

“Saindo de Idlewood?” Estreito meus olhos para ele.

“Kevin não te contou?” David continua, seu sorriso se alargando. “Ele terminou de observar a escalação do ano que vem e decidiu voltar para casa mais cedo do que o esperado. Seu tempo aqui logo acabará. Até o final da semana que vem, você não será mais necessário.”

Eu encontro o olhar de David diretamente, levantando minhas sobrancelhas.

“Eu não estava ciente da minha partida iminente.”

“Você está realmente surpreso, Roman?” Os olhos de David passam rapidamente por mim, seu olhar pousando nos outros na sala. “Estou ciente da sua pequena cena na feira,” ele sibila, fazendo meu coração disparar.

“Não posso permitir nenhum vazamento nesta operação. Estou lhe dando uma chance de deixar Idlewood sem minha filha até o final da semana que vem. Não haverá consequências se você fizer isso,”

David avisa. “Eu odiaria que alguém se machucasse porque você não consegue se livrar dos seus caminhos pecaminosos.”

Dou um passo para trás, ajustando minha gola enquanto as palavras de David ecoam em minha mente. A urgência da situação se intensifica —

tenho ainda menos tempo para expor os horrores que espreitam por trás dessas paredes.

Clico no botão de gravação, o pequeno dispositivo escondido no meu bolso.

Sentando-me entre o grupo, lanço um olhar cauteloso para a cadeira vaga de Seth. Ele está monitorando Eden e eu de fora?

“Olá a todos e bem-vindos a uma das nossas últimas reuniões do ano antes do grande dia”, David anuncia com uma saudação forçada, arrancando aplausos e vivas da multidão.

Tolos com lavagem cerebral.

“Como alguns de vocês sabem, este será o último encontro do Padre Briar conosco antes que nosso amado Kevin retorne para casa”, David continua, seu olhar varrendo a assembleia. Todos os olhos se voltam para mim.

Por que David ainda não me expôs?

O que ele está escondendo?

Qual é o jogo dele?

“Por que Kevin está voltando tão cedo? Ano passado, levou nove meses—”

“Após a partida abrupta de Seth, Kevin sentiu a necessidade de retornar mais cedo, para estar aqui com todos vocês,” David responde brilhantemente, seu foco travado em mim. “Estou preocupado que Seth não estivesse trabalhando sozinho quando matou aquele pobre garoto Eric.

Suspeito que podemos ter mais traidores entre nós do que eu gostaria de admitir,” David acrescenta, sua voz tingida de preocupação, causando murmúrios que se espalham pelo grupo.

O que David quer?

O que ele está tentando alcançar com tudo isso?

“Além de anunciar a saída do Padre Briar, tenho o prazer de informar que uma nova família está se juntando à nossa organização”, anuncia David.

“Eles não estarão presentes até a noite do leilão, mas suas contribuições

financeiras são um fator significativo em nossas operações este ano... e Padre Briar”, ele diz, finalmente travando os olhos em mim. “Você é obrigado a comparecer. Kevin deseja se despedir de você e lhe dar um vislumbre do que você está deixando para trás”, acrescenta David com um sorriso desconcertante, causando um arrepio na minha espinha.

Juro por Deus que vou invadir esta igreja num piscar de olhos.

“Como está a escalação?” Alguém pergunta.

David, com seu portfólio debaixo do braço, apresenta o catálogo repleto de crianças como um bem precioso.

“Acho que há algumas neste ano que vão deixar vocês na ponta da cadeira”, ele se gaba.



“Lembre-se, os licitantes não podem dar lances no que não podem ver. Se você favorecer algum dos lotes, certifique-se de mantê-lo limpo.”

A raiva ferve dentro de mim. Imagino a SWAT invadindo este lugar, destruindo-o de cima a baixo. Agarro o gravador com força.

“Alguma pergunta?” David examina o grupo.

“Vamos ver o portfólio atualizado”, exijo, observando o sorriso de David se alargar.

“Com prazer, Pai.”

Com um floreio, ele coloca o portfólio no meu colo. Meus olhos disparam para o fundo da pasta, onde meus piores medos são confirmados. Engulo em seco enquanto a bile sobe na minha garganta.

Olhos brilhantes me encaram de volta — Eden Faulkner, Lance nº 30, Ativo.

Eu jogo o portfólio no chão, agarrando David pelo colarinho. Minha fúria irrompe.

"Por que diabos ela está aí?" Eu rugo, empurrando-o contra a borda da piscina de água benta, pronta para liberar minha raiva assim como fiz com Zack.

"Você sabe muito bem por que ela está lá dentro," David sibila. "Então é melhor pagar, ou ela vai embora, e não há nada que você possa fazer sobre isso."

Eu bato meu punho em seu maxilar. Suspiros irrompem ao meu redor, e alguns ficam em pé em alarme.

Enquanto seu sangue espirra, mantenho meu pé em seu peito, recuperando o fôlego.

"Se algum de vocês encostar a mão nela, juro por Cristo que mato todos vocês", rosno, revelando minhas verdadeiras intenções.

Eu piso na mão de David. Ele grita, seus companheiros se preparando para atacar.

Preparada, tiro minha Glock da cintura e miro na cabeça de David.

"Eu fiz isso com o Eric, e farei isso com prazer com esse pedaço de merda", eu sibilo. "Se algum de vocês tentar alguma coisa, eu vou ter o DHS aqui em minutos", eu aviso, esperando que meu blefe não seja muito óbvio.

"Não me ameace nesta casa, porra", David zomba, olhando para a estátua de Jesus acima do altar.

"Vou levar Eden e Aiden e vamos dar o fora de Idlewood", declaro, pronto para dar um tiro na cabeça de cada um desses filhos da puta.

"Você vai se arrepender disso, Roman", David cospe.

"É?", eu retruco. "Aparentemente você não sabe com quem está lidando."

Miro em uma artéria femoral na perna de David e atiro. O tiro ressoa com uma satisfação doentia. Seu grito ecoa nas paredes. Eu nivelo a arma para qualquer um que tente se aproximar, meu dedo posicionado no gatilho.

"Estou indo embora", eu retruco. "Chame a polícia, e você só vai deixar o DHS mais desconfiado", eu ameaço.

Com a arma ainda na mão, pego a pasta e passo por qualquer um que apareça no meu caminho, indo em direção às portas.

“Você vai se arrepender pra caramba!” A voz de David, dolorida e desesperada, me segue.

Eu me viro, levanto a arma e atiro novamente, atingindo sua mão com um prazer cruel.

Enquanto ele grita, eu sorrio, a sede de sangue me consumindo.

“Eu desisto, porra,” eu rosno. “Todos vocês vão queimar no Inferno.”

Sem dizer mais nada, saio, determinado a levar Eden para longe desse pesadelo.

“Roman, o que está acontecendo—”

“Pegue suas coisas, Eden. Não há tempo para explicações. Vamos para sua casa e depois daremos o fora daqui. Só até as coisas se acalmarem.”

Jogo alguns itens essenciais em uma mochila, mantendo a única coisa mais preciosa para mim por perto. Os olhos de Eden, pesados de sono e confusão, seguem meus movimentos apressados.

“Roman, preciso de algumas respostas—”

“Eles te colocaram na lista de lances, baby,” eu estalo, segurando seu rosto em minhas mãos. “Eles te colocaram na lista de lances, e eu preciso te manter segura. Por favor, me escute. Eles estão todos aqui. Temos que sair antes que eles percebam que ainda estamos por aqui.”

Por fim, ela concorda com a cabeça, seu medo é palpável.

Saímos de casa e corremos para o meu carro. Eu me certifico de que Eden está seguro antes de arrancar as placas da frente e de trás, jogando-as no banco de trás. Ligando o motor, vejo as pessoas começando a sair da igreja.

Eu recuo rapidamente, mantendo as luzes apagadas, e corro para lá.

Ao chegarmos à rodovia principal, minhas mãos tremem de adrenalina.

"Romano—"

"Me passa meu telefone," eu sussurro, observando-a pegá-lo. A tela está cheia de chamadas perdidas de Kevin. Meu disfarce foi descoberto.

"Chame Echo", ordeno, tentando estabilizar minha respiração.

O telefone toca várias vezes antes de Echo atender, com sua voz grogue e cheia de irritação.

"Jesus Cristo, Roman. São tipo 3 da manhã no meu horário—"

"Echo, cala a boca," eu estalo, minha mente correndo. "Eu preciso da sua ajuda. Este não é o momento de ridicularizar minhas escolhas de vida. Você ainda trabalha para o DHS?"

"Sim—"

"Estou ligando a meu favor", aviso, ouvindo-o se mexer na cama.

"Roman, o que está acontecendo? Você nunca ligou assim—"

"Aquela igreja em que eu aceitei um emprego? É uma porra de uma rede de tráfico", eu grito. "E eles pegaram a mulher que eu amo nisso—"

"Mulher que você ama?" A surpresa de Echo é evidente. "Jesus, Roman, eu não pensei que Idlewood—"

"Echo, eu imploro," eu imploro, minha voz falhando. "Eu não posso deixar nada acontecer com ela.

Quando foi a última vez que dei a mínima para minha própria vida? Essa mulher me deu uma razão para viver. Eu quase a perdi antes mesmo de ter uma chance. Me ajude, por favor."

"Posso pegar um avião com alguns dos meus caras em algumas horas", diz Echo, mudando o tom.

"Quão ruim estamos falando, Roman?"

"Há um catálogo inteiro de crianças", suspiro, olhando para o portfólio

descartado.

“Minha garota também está lá.”

O silêncio paira pesadamente antes que Echo fale novamente.

“Quando é a entrega?”

“No próximo domingo. Aqui na igreja. Não sei onde eles estão guardando-os—”

“Vejo você em breve, irmão,” Echo responde firmemente. “Fico feliz em ver que você encontrou alguma luta novamente.”

Termino a ligação, uma onda de alívio me inunda. Pego a mão trêmula de Eden, dando-lhe um aperto reconfortante.

“Quem era?”, ela pergunta, com a voz cheia de medo.

“Echo. O nome verdadeiro dele é Elijah. Nós servimos juntos. Ele trabalha para o DHS desde que saiu. Era hora de cobrar um favor.”

Conforme nos aproximamos do prédio de apartamentos dela, olho ao redor.

Ninguém parece estar nos seguindo, nenhum policial à vista.

Estaciono e desligo o carro. Agarrando Eden em meus braços, sussurro: “Eu atirei no seu pai. Não podia continuar fingendo...”

“Eu não quero mais ficar aqui, Roman,” ela soluça, sua voz quebrando com dor genuína. “Eu não quero estar em perigo—”



g

q

p g

Eu a abraço forte, me preparando para a incerteza que está por vir.

"Não vou deixar que eles te machuquem, Eden", sussurro, minha voz firme apesar da turbulência interior.

"Você precisa ficar comigo o tempo todo. Aiden também. Eu vou manter vocês dois seguros—"

"Aiden está na casa da mãe de Zoey hoje à noite," ela grita, sua voz tremendo de urgência. "Precisamos ir buscá-lo—"

"Ele está mais seguro lá esta noite," eu a tranquilizo. "Eu vou buscá-lo logo de manhã—"

Ela me beija, segurando-me como se sua vida dependesse disso, e eu respondo com um fervor que nunca demonstrei antes, beijando-a como se fosse a primeira vez. Meus braços a envolvem com uma intensidade que me faz esquecer de tudo, menos dela.

"Podemos entrar?" Ela soluça. "E, por favor, não saia do meu lado esta noite."

Enxugo suas lágrimas e assinto solenemente.

“Só se você prometer fazer o mesmo.”

Com pouca hesitação, eu a ergo em meus braços, carregando-a para dentro.

Eu só a solto quando estamos no quarto, deitando-a gentilmente na cama.

Capítulo 35

Éden

Acordado pelo zumbido incessante do meu telefone, olho para Roman, que dorme pacificamente ao meu lado. Parece que tudo o que ele precisa para uma boa noite de sono é esgotar cada gota de energia, deixando-me dolorida e andando de forma estranha por dias.

Estremecendo com a dor, saio cuidadosamente da cama, vestindo um par de moletons e uma camiseta do Roman. Pego meu telefone e vou silenciosamente para a sala de estar, fechando a porta o mais gentilmente possível.

O contato na tela faz meu coração disparar: “Mãe?”

São 3 da manhã. Por que ela estaria ligando a essa hora?

Talvez eu não devesse responder. Talvez—

"Olá?", sussurro, tentando manter a voz baixa pelo bem de Roman.

"Eden?" A voz da minha mãe está áspera e crua, um sinal claro de que ela estava chorando.

“Sim, mãe. Como você conseguiu esse número—”

“Eden, querida, ouça com atenção”, ela interrompe, seu tom urgente.

Ela não me chama de "bebê" desde que eu era criança.

“Preciso que você e seu irmão saiam de Idlewood. Levem Roman e Zoey com vocês. Façam o que for preciso para deixar esta cidade. Mas, por favor, não fiquem aqui—”

“Mãe, o que está acontecendo? Você está bem?”

“Eu errei, Eden,” ela soluça. “Eu errei por continuar neste casamento. Eu errei por deixá-lo machucar vocês, crianças. Não há como desfazer o que aconteceu, mas posso tentar consertar as coisas agora mesmo—”

“Mãe, o que ele fez?”, pressiono, lutando para manter minha voz firme.

“Eden, não há tempo para explicar tudo. Você e seu irmão precisam sair da cidade hoje à noite,” ela chora. “E fiquem o mais longe que puderem—”

“Com quem diabos você está falando?!” A voz do meu pai irrompe, interrompendo minha mãe abruptamente.

“Eu amo você e seu irmão, Eden,” a voz da minha mãe treme pelo telefone.

“Desculpe por nunca ter dito isso quando importava.”

De repente, há um barulho alto, como se o telefone tivesse caído e sido empurrado para baixo de algo pesado. Os soluços da minha mãe agora estão distantes, abafados pelo peso do que quer que tenha sido colocado sobre o receptor.

“Com quem diabos você estava falando?” A voz do meu pai rosna com raiva crescente.

Ela me empurrou para baixo do sofá.

“N-Ninguém, David—”

O som de um tapa faz meu corpo estremecer. Os gritos da minha mãe atravessam a fila, crus e desesperados.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, quentes e ofuscantes, enquanto tremo de medo.

“Sua puta mentirosa de merda,” Meu pai sibila. “Onde diabos está? Onde está o telefone?”

“Você não vai continuar prejudicando nossos filhos, David!” A voz da minha mãe se eleva, desafiadora apesar do medo. “Olhe o que essa igreja fez com você. Olhe o que ela fez conosco. Você quer pregar sobre o pecado? Bem, adivinhe,

estou olhando o Diabo na cara agora, e isso é vil pra caralho—”

"Cale a sua maldita boca!" Ele ruge, sua raiva fazendo-a gritar cortando bruscamente a linha.

O som de batidas e suspiros preenche o chamado, minha mãe lutando para respirar.

“H-Socorro—”

“Você ouviu isso, seu filho da puta sorrateiro?” A voz do meu pai é fria e cruel, claramente inconsciente de quem está do outro lado. “Você ouviu minha esposa gritando enquanto minhas mãos estão em volta do pescoço dela? Aposto que você quer chamar a polícia. Vá em frente, fique à

vontade. Veja o que eles dizem quando você contar que algo está acontecendo na casa dos Faulkner—”

“D-David—”

“Já faz algum tempo que estou querendo uma nova esposa obediente.”

Um baque alto se segue, o som de algo quebrando faz meu estômago revirar.

Respirando fundo e com dificuldade, mal consigo distinguir a voz do meu pai, fria e indiferente.

“Vá em frente e aproveite ouvindo os últimos suspiros dela. Apodreça no inferno, sua vagabunda.”

O som dos passos do meu pai se afastando preenche a fila, e os suspiros da minha mãe atravessam o caos.

“Mãe?”, eu grito, minha voz tremendo de desespero.

"A-Aiden", ela geme, mal conseguindo falar.

Aiden? Por que ela está mencionando Aiden agora?

“Mãe, o que há de errado com Aiden? Preciso que você pegue seu telefone

—”

“A-Aiden,” ela geme em agonia.

Ela não consegue me ouvir. Ela não percebe que ainda estou na linha.

Envio uma mensagem para Aiden, mas as mensagens ficam verdes e não são entregues.

Olhando para Roman, um dilema moral surge em minha mente.

Eu poderia esperar Roman acordar—

“E-Éden,” Minha mãe implora. “H-Socorro.”

A frustração cresce dentro de mim.

Se eu acordar Roman, ele vai sozinho. E se meu pai fizer algo com ele?

Meu pai precisa de mim vivo para a candidatura.



Preciso saber se Aiden está bem.

Saindo silenciosamente da cama, vou até a cozinha, pego a Glock de Roman e a enfio na cintura.

Peço um Uber e digito meu endereço com uma sensação de pavor.

"É para Aiden", murmuro para mim mesma.

Olho de volta para o quarto, dilacerada pela urgência da situação.

“Alguém tem que manter Roman seguro também.”

É tudo o que é preciso para me jogar porta afora e direto para o fogo.

Trinta minutos depois, após uma viagem estressante de Uber e uma espera agonizante no meu gramado, olho para a porta da frente da minha casa

entreaberta.

Empurrando a porta silenciosamente para abrir, sei que chamar a polícia seria inútil. Eles ficariam do lado do meu pai em um instante.

O corredor está coberto de cacos de vidro e porta-retratos estilhaçados.

Uma mancha perturbadora de sangue risca a parede, intensificando meu pavor. Minha mão permanece fechada em volta do cabo da arma enfiada sob minha camisa, todos os sentidos alertas.

Uma única luz sai do escritório do meu pai, projetando uma poça vermelha no chão.

Mãe.

Acelerando o passo, saco a arma, com uma bala na câmara, pronta para disparar se necessário.

Espiando para o escritório, meu coração afunda. Lá está ela — seu cabelo emaranhado e corpo sem vida no chão, uma poça de sangue se formando ao redor de sua cabeça.

“Mãe,” eu sussurro, agachando-me ao lado dela. Eu gentilmente a rolo de costas.

“Mãe, onde está o Aiden—”

Engasgo com minhas palavras, cobrindo minha boca enquanto examino o horror. Sua testa está afundada, sangue escorrendo do ferimento, seus olhos vidrados e cegos. Rasgo a parte inferior da camisa de Roman, pressionando o pano em sua cabeça, e corro para pegar meu telefone. Rezo para que os paramédicos façam seu trabalho, apesar da reputação da casa.

“Mãe?”, sussurro, desesperada por uma resposta.

Nada.

“Porra,” murmuro, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. “Que porra é essa?”

Ligo para o 911.

“911, qual é sua emergência?”

“É minha mãe”, eu soluço. “Ela—”

“Me passa o telefone, Eden,” sibila uma voz que faz meu sangue gelar.

Eu me viro e vejo meu pai parado na porta, com sua própria arma tremendo na mão.

“Senhora, você ainda está aí?” A voz da operadora ecoa pelo telefone.

“Entregue para mim, ou eu vou dar um tiro na sua perna”, meu pai ameaça.

Estendo meu braço em sua direção, mantendo a arma escondida entre minhas pernas. Ele pega o telefone de mim, sua expressão mudando para uma máscara falsamente alegre.

“Olá, desculpe pela confusão”, ele diz, sua voz suave enquanto fala no receptor. “Meu filho discou o número errado por acidente.” Ele ri, o som distorcido e zombeteiro.

“Obrigada por entender. Tenha uma ótima noite, Donna.”

Meu pai desliga a ligação, deixa meu telefone cair no chão e o esmaga com o pé.

“Você viu o que aconteceu com sua mãe?” Ele late, pressionando o cano da arma contra a parte de trás da minha cabeça. “Tudo porque você e Roman

p

ç

p q

não conseguiram manter suas mãos imundas longe um do outro.”

“Ela está morta?”, sussurro, ainda pressionando o pano contra sua cabeça.

“Ela está com Deus agora”, ele suspira, “aproveitando a vida eterna no céu”.

Sua falta de remorso é assustadora.

Soltei um soluço, tentando pensar com clareza apesar da dor avassaladora.

“Se você fizer alguma coisa comigo, Roman irá atrás de você”, eu imploro.

“Espero que sim,” Meu pai estala, pressionando a arma com mais força em meu crânio. “Talvez então ele aprenda a não brincar.”

“Você não pode me matar,” eu sibilo, forçando o desafio em minha voz.

“Você precisa de mim para o lance.”

Ele puxa a arma para trás, guardando-a no coldre com um aceno severo.

“Pelo menos você entende isso,” ele sussurra, seu olhar gelado enquanto me olha de cima a baixo. “Levante-se, Eden. É hora de te preparar.”

Com as mãos trêmulas, agarro a arma de Roman, levantando-me. Coberta com o sangue da minha mãe, aponto a arma para sua cabeça, lutando para firmar meu aperto.

Ele levanta as mãos e um sorriso torto se espalha pelo rosto.

“Vejo que você veio preparado.”

“Dê mais um passo, e eu vou colocar uma bala bem no meio dos seus olhos,” eu aviso. “Agora, onde está Aiden?”

Meu pai balança a cabeça, com um tom de zombaria na voz.

“Aiden não está aqui. E você não é a única que veio preparada, Eden.”

Antes que eu possa reagir, algo duro e frio bate na parte de trás da minha cabeça, me jogando no chão. A dor explode pelo meu crânio e minha visão fica turva. Eu arranho o chão, tentando alcançar a arma, mas ela é chutada para longe. Uma mão forte agarra meu cabelo, puxando meu rosto para cima do chão.

“Nocauteie-a. É hora de deixá-la pronta para o lance.”



p

p

Meu rosto é forçado a cair no chão de madeira, a escuridão se aproximando.

Se você pode me ouvir, Deus, por favor, não me deixe morrer aqui.

Salmo 91:1: “Quem busca a segurança do Senhor, quem permanece sob

o manto da

proteção do Todo-Poderoso, pode dizer-lhe: “Tu és meu defensor e

protetor”

Capítulo 36

romano

Tentando encontrar o calor de Eden, fiquei surpreso ao encontrar apenas um espaço vazio onde ela deveria estar.

Ao sentar-se, a tênue luz do amanhecer mal ilumina o quarto, oferecendo pouco em que se basear.

"Eden?", eu chamo, minha voz ecoando sem resposta. Não há sinal dela no banheiro.

Saio da cama e encontro as gavetas onde guardo minhas roupas desorganizadas, com seu conteúdo espalhado pelo chão.

"Éden?", tento de novo, minha voz aumentando de preocupação. Pego meu telefone, esperando por algumas pistas.

Nenhuma chamada perdida.

Meus olhos examinam a sala e então me dei conta: algo mais está faltando.

Vou até a cômoda e olho para o topo.

Onde diabos está minha Glock?

Abro a porta do quarto e mexo no cós do meu moletom, indo em direção à cozinha. Meu olhar se cruza com o de Aiden, que está sentado à mesa com uma colher pendurada na boca.

"Onde está sua irmã?", pergunto, notando os hematomas e arranhões nas laterais do meu corpo.

"Ela não está com você?", pergunta Aiden, parecendo desganhado e confuso, como se ele próprio tivesse tido uma noite difícil.

Todas as chaves do nosso carro estão no lugar de sempre, intocadas.

"Vou ligar para ela", eu digo bruscamente, pegando meu telefone.

Disco o número dela, mas vai direto para o correio de voz. Disquei novamente mais três vezes, cada chamada não atendida aumentando meu medo.

Zoey sai do quarto de Aiden, esfregando os olhos para afastar o sono.

"Ei pessoal-"

"Ligue para Eden", eu a interrompi. "Algo parece estranho."

Sem dizer uma palavra, Zoey pega seu telefone. Momentos depois, ela olha para mim com uma expressão que eu temo.

"Correio de voz", Zoey murmura. "O que está acontecendo?"

Abro "Find My iPhone" e meu coração aperta ao ver o último local onde o telefone de Eden estava ativo.

"Ela estava na sua casa hoje às 2 da manhã", sussurro, meus olhos encontrando os de Aiden.

"O telefone dela não está mais ligado desde então, e minha Glock sumiu."

Ao colocar a tigela de cereal na mesa, o rosto de Aiden endurece e todos os traços de brincadeira desaparecem.

"Por que diabos ela iria lá?" A voz de Aiden treme de desconforto.

"Eu não sei porra nenhuma," eu rosno, vestindo um moletom e prendendo um dos meus canivetes no meu cós. "Mas eu não vou ficar sentado esperando por respostas."

Abro a porta da frente com força, prendendo a respiração ao ver o visitante.

Echo está ali, sua mão pronta para bater, um café grande na outra. Apesar dos anos, seu cabelo castanho dourado e seus ricos olhos escuros permanecem inalterados, embora uma cicatriz profunda corra como um rio por sua bochecha — sua única falha.

"Jesus, se você estivesse tão animado para me ver, eu poderia ter passado um pouco de ChapStick e te dado um beijo—"

"Sai da minha frente, Echo", eu digo bruscamente, empurrando meu velho amigo com uma ponta de desespero.

O aperto de Echo aperta meu braço, seus olhos brilhando de preocupação.

"Você e sua garota são os que me chamaram aqui, Roman—"

"Ela se foi," eu digo, meu tom duro como aço. "O último lugar onde ela estava é o último lugar onde ela precisa estar. Sai da frente, ou eu quebro seu braço."

A voz de Aiden corta a tensão. "Roman, é meu pai," ele diz, sua voz quase um sussurro.

Eu me viro e vejo o nome de David iluminando a tela do celular de Aiden, meu coração disparado no peito.

"Dê isso para mim!" Eu grito, arrancando o telefone da mão de Aiden.

"David—"

"Coloque-me no viva-voz, Roman. Estou supondo que meu filho esteja aí se você tiver o telefone dele."

Com um movimento relutante, apertei o botão do alto-falante, permitindo que Echo entrasse, sua presença era uma sombra sombria na porta.

"Estou no viva-voz?" A voz de David ecoa pela linha.

"Onde diabos ela está, David—"

"Cuidado com o tom comigo, Roman. Eu odiaria que alguém se machucasse por causa do seu desrespeito."

Um grito penetrante rasga o ar, os gritos de Eden distorcidos pelo abafamento, sua angústia me cortando como uma lâmina. Meu coração se contrai a cada soluço, a dor crua é palpável até mesmo pelo telefone.

"Éden—"

"Pronto para ouvir?" A voz de David é fria, distante, enquanto os soluços de Eden desaparecem no fundo.

"David, se você colocar outra mão nela—"

"Você vai o quê?" Sua voz é um sorriso irônico, imperturbável.

Echo, sempre profissional, registra a conversa com seu olhar firme e focado.

"Aqui está o acordo, Roman," a voz de David ronrona. "Nós jogamos esse jogo pelas minhas regras. Você coopera, e todos conseguem o que querem."

"O que você precisa de mim?" Minha voz é um fio tenso, cada palavra misturada com desespero.

Meu único foco é manter Eden vivo, não importa o custo.

“O que preciso que você faça é bem simples. Compareça ao leilão. Faça seu juramento à igreja.

Jure manter seus segredos enterrados profundamente, e então encontre seu caminho para fora de Idlewood. Somente quando você deixar a cidade Eden estará livre dos confins em que eu a enlacei.”

Aperto o botão de mudo na tela e meu olhar se volta para Echo.

"Não tem porra nenhuma de como eu concordar com isso. Ele está me pedindo para confiar que ele não vai machucá-la mais."

“Precisamos de alavancagem”, Echo insiste. “Prova de que isso não é só conversa. Se você puder me dar uma filmagem daquela igreja, eu posso trazer minha equipe da cidade mais próxima. Provas são a única maneira de

q p

p

acabarmos com isso, Roman. Eu posso montar uma câmera em você, canalizar a transmissão ao vivo para mim. Estamos em uma encruzilhada.

Ou agimos agora e esperamos que ela esteja segura, ou não agimos e enfrentamos o desconhecido.”

Olhando para Echo, sinto como se uma arma carregada estivesse apontada não para mim, mas diretamente para Eden.

“Romano? 5, 4, 3, 2—”

“Eu ainda estou aqui, David,” eu rosno. “Tudo bem. Eu concordo com seus termos, mas preciso de confirmação de que ela está bem agora.”

Eu o ouço zombar, seguido por um movimento arrastado.

“Fala mais alto, vadia”, David rosna.

Não fale com ela desse jeito, porra.

Juro por Deus que vou matar David.

“Romano”, Eden suspira.

Ela estava gritando?

“Eden, você está bem—”

“Roman. Eu não quero estar aqui. Por favor—”

Um tapa forte soa, e ela suspira. Agarrando meu telefone com intensidade de punhos brancos, eu luto para manter minha compostura.

“Viu o que você me fez fazer, Roman?”

“Apodreça no inferno, seu bastardo!” Eu rugi, seus soluços abafados tornando a situação ainda mais insuportável.

A risada de David ecoa pela fila, seguida por um pigarro.

“Tem mais alguém que gostaria de falar com você, Roman”, a voz de David assume um tom de zombaria.

Outra voz pigarreia, profunda e autoritária.

“Que confusão você fez, Roman.”



Padre Kevin.

“Diz o homem que me enganou sobre a verdadeira natureza do meu sacerdócio nesta igreja depravada—”

“Agora não é hora de moralismo elevado, Roman. Pelo menos eu nunca manchei um coroinha e cometi o erro de me apaixonar por ela,” ele retruca.

“Eu tinha grandes planos para você. Eu pensei que você superaria aqueles que estavam diante de você. Mas olhando para sua preciosa garota agora, eu entendo por que você vacilou. Ela é realmente deliciosa. Vejo você em breve, Roman.”

"Espere-"

A tela fica preta quando a ligação termina. Tremendo de adrenalina, jogo o telefone de Aiden do outro lado da sala, observando-o quebrar com o impacto. Minha raiva explode em um grito, meu único foco agora é Eden.

“Roman, você precisa se acalmar”, a voz de Echo é uma força calmante, sua mão apoiada firmemente em meu ombro.

“Calma?” Explodo, cara a cara com ele. “A mulher que eu amo está sendo torturada, e eu estou aqui parado sem fazer nada—”

“Você tem uma entrada,” Echo retruca. “Eu vou acompanhá-la ao evento.

Eles não podem me impedir.

Nós vamos tirá-la de lá, e todas as outras crianças também. Mas até lá, temos que ser estratégicos. Então, faça

seu maldito trabalho, mantenha uma fachada forte e, quando chegar a hora, ajude-me a expor tudo isso”,

Eco implora.

Os gritos e soluços de Eden ecoam em minha mente, deixando-me com uma sensação única, além de derrota.

"Então eu devo apenas sentar e esperar, torcendo pelo melhor?" Minha pergunta fica no ar, recebida com silêncio por todos ao meu redor.

É

"É tudo o que podemos fazer por enquanto, Roman", a voz de Echo é um apelo suave.

Balançando a cabeça, pego meu casaco e vou em direção à porta da frente, ignorando a enxurrada de perguntas do grupo.

"Romano-"

“Eu ainda tenho um emprego”, eu estalo. “Ou estamos todos fingindo que está

tudo bem?”

A sala fica em silêncio, o peso das minhas palavras é pesado.

“Se alguma coisa acontecer com o Éden, eu vou queimar aquela igreja até o chão com todos lá dentro.”

Com isso, bato a porta atrás de mim, minha mão segurando a faca no bolso.

Eles querem esperar? Tudo bem.

Ninguém disse que eu tinha que seguir em frente.

Dada a luz da tarde, é muito cedo para alguém estar na igreja em uma sexta-feira. Enquanto toco minha mão para mexer no meu anel, uma onda de náusea me toma quando percebo sua ausência.

Está no pescoço de Eden.

Coloco as mãos nos bolsos, tentando acalmar meus pensamentos.

Ao me aproximar do escritório, sei que os arquivos lá dentro podem ser críticos para os esforços da Echo de expor esse lugar mais cedo. Lá dentro, a sala parece assustadoramente imaculada, como se alguém tivesse passado por lá recentemente e arrumado.

Procurro por qualquer coisa útil, mas todas as gavetas estão vazias. O único item restante na prateleira é uma Bíblia solitária.

Deslizando para a cadeira do escritório, tento ligar o computador, apenas para descobrir que os fios estão cortados.

Eles já passaram por aqui.

"Tentando encontrá-la?" A voz de Kevin sai da porta, sua presunção é palpável.

Eu me viro lentamente para encará-lo. Ele fica ali com um sorriso satisfeito consigo mesmo.

“Eu realmente pensei que você já teria descoberto onde ela estava, dada sua experiência militar em navegação terrestre.”

Navegação terrestre? Isso é tudo sobre caminhos e mapas—mapas.

Os novos planos de construção. As renovações.

“Onde você colocou as plantas?”, pergunto, minha mão ainda apertada em volta da faca.

Kevin se levanta, um sorriso de escárnio brincando em seus lábios. “Você está juntando as peças tarde demais, Roman. Se eu quisesse que você visse as plantas, eu as teria deixado onde você pudesse encontrá-las.”

"Ela está nesta igreja", eu rosno.

“Talvez. Tivemos que transportar todos os itens aqui para o grande dia no domingo. Fechar a igreja para um evento privado não é simples. Tudo deve estar perfeito—”

Eu me movo rapidamente, agarrando sua gola. "Onde ela está, Kevin?"

Estreito meus olhos, minha voz grossa de raiva.

“Eu imagino que agora eles estejam preparando ela para o maior lance.

Porém, ela é uma grande lutadora. Eles vão precisar de muita maquiagem para esconder os hematomas quando terminarmos—”

Eu o golpeio com força, fazendo-o cair no chão. Subo em cima dele, tirando a faca do meu bolso. Pressionando-a contra sua garganta, ele sorri com um prazer doentio.

"Onde está minha garota? Última chance de merda."

Tossindo, Kevin balança a cabeça desafiadoramente. “Você acha que eu tenho medo da morte, Roman? Sempre haverá outro pronto para tomar meu lugar. Deus está observando você, e Ele está julgando. Matar-me não resolverá nada —”

“Não”, eu sibilo, “acho que isso manda uma mensagem.”

Deslizo a lâmina pela garganta dele, e seu choque é palpável. Enquanto seu

sangue escorre pelo meu rosto, mudo a faca para seu peito, esfaqueando-o repetidamente até que seus movimentos cessem.

Tateando, encontro as chaves da igreja e decido trancá-lo lá dentro.

Quando tudo isso acabar, eu enfrentaria alegremente qualquer pena de prisão se isso significasse estar um passo mais perto do Éden.

Procuro qualquer outra coisa útil, encontro o telefone dele e o coloco no bolso.

Passando por cima do seu corpo ensanguentado, tiro os sapatos e limpo o rosto com a jaqueta antes de cobri-lo.

Ao sair do escritório, tranco a porta atrás de mim. O telefone vibra no meu bolso. Verificando a tela, um lampejo de esperança acende.

David Faulkner:

Está tudo pronto.

O Éden está bem.

Os licitantes chegarão hoje à noite.

Estamos entendidos? O escritório está limpo?

Respondo com um conciso "sim" e guardo o telefone de volta no bolso.

Se Deus está me observando agora, esperemos que Ele ainda tenha algum perdão.

Colossenses 3:13 “Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos

mutuamente, se algum de vós tiver algum

queixa contra alguém. Perdoe como o Senhor perdoou você.”



Capítulo 37

Éden

minha cabeça — é como um tambor batendo incessantemente, a dor é insuportável.

M Por que dói tanto?

Eu rolo de costas, segurando minha cabeça latejante, tentando desesperadamente juntar os fragmentos da minha memória fraturada. O

telefonema da minha mãe ecoa na minha mente, sua voz tremendo de medo.

E meu pai. Ele a agarrou. Ele a machucou.

Minha casa. Corri para minha casa.

Fecho os olhos, e a imagem horrível do corpo sem vida da minha mãe esparramado no chão inunda minha mente. Minha mão alcança a arma de Roman antes—

O impacto. Ele me atingiu na cabeça.

Forçando meus olhos a abrir, tento me levantar, mas sou sacudido por uma colisão brusca com metal frio.

Piscando através do véu de escuridão que ainda nublava minha visão, meus

olhos gradualmente se ajustam à penumbra opressiva do quarto.

Eu tato ao redor, minhas mãos não encontram nada além de metal. A percepção surge em mim: estou fechado em uma gaiola.

Uma gaiola de cachorro.

Que diabos é isso?

Eu sacudo as barras, o som de chocalho se misturando com soluços fracos e tristes por perto. O quarto é iluminado apenas pelo brilho bruxuleante das velas, lançando sombras erráticas que dançam nas paredes. O ar está denso com o cheiro de mofo de umidade e decomposição.

Ouço os soluços novamente e sacudo as barras com mais força, meus dedos sondando as aberturas na tentativa de agarrá-las com firmeza.

“Tem alguém aí?”, eu resmungo, surpreso com o quão seca minha garganta parece.

Um movimento chama minha atenção a alguns metros de distância. Outra gaiola de metal se move, e percebo que não estou sozinho.

“Sim,” uma voz jovem sussurra, carregada de desespero. “Há cerca de vinte outros aqui embaixo.”

As crianças.

As malditas crianças.

Eu sacudo o portão da minha gaiola com todas as minhas forças, desesperado para encontrar alguma saída.

“Está tudo bem, querida,” eu sussurro, tentando soar reconfortante apesar da dor na minha cabeça. “Eu vou encontrar uma maneira de sair daqui—”

“Você é Eden,” a voz da jovem garota treme. “Eles estão falando em trazer você aqui para baixo há dias.”

“H-Há quanto tempo você está aqui embaixo?”, pergunto, minha voz quase

áspera.

“E-eu não sei,” ela responde, sua voz abafada pelas lágrimas. “Eles nos bombeiam com coisas daqueles sacos transparentes,” ela gesticula fracamente, e eu finalmente noto o soro intravenoso preso a ela e ao meu braço. “Isso deixa tudo confuso.”

Arrancando o IV do meu braço, aperto a agulha com força, minha mente correndo. Preciso sair, preciso—

“Tirem os seus,” eu sussurro urgentemente. “Todos vocês, tirem-nos—”

“Isso só piora as coisas,” ela sibila, o medo evidente em sua voz. “Por favor, fique quieto e escute—”

Olho para mim mesma e percebo, com um choque de repulsa, que não estou mais com as roupas de Roman. Estou usando um avental médico branco.

Minhas roupas íntimas sumiram.

O que diabos está acontecendo?

“O lance vai acontecer em breve,” a garota soluça. “Os homens lá em cima prometem que iremos para um lugar melhor do que este. Talvez minha nova família me ajude a encontrar minha mãe—”

“Lá em cima?”, questiono, com a voz trêmula.

A garota fica em silêncio, deixando-me para ouvir os gemidos abafados e soluços das outras garotas em suas gaiolas. Meu foco muda para o som distante de um piano tocando em algum lugar acima de nós.

Jesus Cristo.

Estamos no porão da igreja.

Alcançando o anel de Roman em busca de consolo, descubro que ele foi levado. Eles me despiram completamente.

Eu sacudo a gaiola novamente, a fechadura deslizando tentadoramente para

perto, mas ainda fora de alcance.

“Alguém de vocês já tentou sair?”, pergunto.

O silêncio da menina diz muito.

Essas gaiolas foram construídas para crianças, não para mulheres adultas.

Arrastando-me de costas, pressiono meus pés contra a porta do portão, me preparando para uma tentativa desesperada de me libertar.

Com cada grama de força que consigo reunir, bato meus pés contra o portão. O barulho alto faz algumas das outras garotas suspirarem.

"Não-"

Ignorando seu apelo, continuo batendo no portão com meus pés, gritando a cada impacto.

“Só,” eu grito. “Porra,” a fechadura chacoalha a cada batida. “Abre!”

O portão se abre com um rangido, meu coração dispara no peito.

Ainda segurando a agulha, eu me arrasto pelo chão frio e sujo. Pego a primeira vela que consigo encontrar e me forço a ficar de pé, usando a parede como apoio. A luz bruxuleante revela a cena horripilante diante de mim.

Dezenas de gaiolas me cercam, algumas cheias de várias crianças pequenas.

Elas estão sujas e magras, seus olhos implorando enquanto esfregam seus rostos com mãos sujas.

Todas essas crianças.

Eles estavam aqui, escondidos embaixo desta igreja, e ninguém tinha a mínima ideia.

Ajoelhando-me perto da gaiola ao meu lado, eu a destranco, colocando a mão lá dentro antes que a garota possa protestar.

“Não, não—”

Agarro os braços da garota, fazendo com que ela se concentre em mim.

"A intravenosa está saindo, e então vou encontrar uma maneira de sair daqui", sussurro ferozmente.

"O que eles estão colocando em você não vai te ajudar a voltar para casa, para sua mãe. Preciso que você trabalhe comigo aqui. Qual é seu nome?"

Ela hesita, mas então encontra meu olhar.

"Hannah," ela sussurra, com a voz trêmula.

"Okay, Hannah, vou tirar isso", eu digo, gentilmente puxando o IV do braço dela. Ela recua, e eu sou atingido pelas olheiras abaixo dos seus olhos.

Como um Deus amoroso pode permitir isso?

Onde está meu sinal para ter fé Nele?

p

Eu jogo o IV de lado, segurando a agulha. Estou determinado a arrastar Hannah para fora desta gaiola e encontrar uma maneira de escapar.

"Ok, Hannah, vamos tirar você e as outras garotas daqui—"

De repente, uma porta se abre com um rangido, e a luz se espalha por uma escada a algumas centenas de metros de nós.

Hannah coloca um dedo nos lábios, sinalizando para eu ficar quieto e voltar para minha jaula.

Balanço a cabeça, mantendo a gaiola fechada, e me pressiono nas sombras, esperando que elas me escondam bem o suficiente.

Duas grandes figuras descem a escada, lanternas nas mãos, varrendo as gaiolas mais distantes de nós.

"Todos eles estão aqui?", questiona a voz do meu pai, cheia de ameaça.

Porco vil.

“Sim, todos eles—”

Padre Kevin.

"Devemos conseguir limpá-los todos hoje à noite, quando estiverem frios por causa dos pingos. Então, nós os exibimos amanhã e finalmente recebemos nosso pagamento", a voz de Kevin ferve de ganância.

Homens vis.

As lanternas deles balançam na minha direção, e eu me pressiono contra a parede, meu coração batendo forte enquanto observo o IV de Hannah sendo reconectado. O medo dela é palpável.

"Espere," meu pai sibila. "A... a gaiola da minha filha está aberta?"

Prendo a respiração, olhando para a escada. Eu poderia correr. Eu poderia—

"Onde diabos ela está?" Kevin grita, sacudindo a gaiola de Hannah.

"Eu—eu não sei—"

"Não minta para mim, porra!" Meu pai ruge, chutando a gaiola com força suficiente para fazer a cabeça de Hannah bater contra a lateral.

"Não ouse mentir para mim agora mesmo—"

Eu corro em direção ao meu pai, agulhas cerradas em meus punhos. Com toda a minha força, eu as enfio no seu lado, subindo em suas costas e as puxando para fora antes de enfiá-las de volta. Eu grito com cada gota de ar em meus pulmões, chutando Kevin para longe e me preparando para enfiar as agulhas novamente.

"Isto é para a porra da minha mãe!", grito, a segundos de enfiar estas agulhas imundas na jugular do meu pai.

"E isso é para todas essas crianças—"

A dor me toma enquanto meu cabelo é puxado, e sou jogado no chão frio. O

impacto tira o ar dos meus pulmões. Ofegante, sinto algo frio pressionar minha testa, me forçando para baixo.

“Sua puta de merda—”

“Cale a boca, David. Meus pais não pagam você para permitir deslizos como esse.”

Uma sensação fria e metálica pressiona minha testa.

“L-Luca?” sussurro, reconhecendo o peso da arma.

"Olá, Angel", Luca sibila, sua sombra pairando sobre mim.

Meu olhar recai sobre o anel de Roman, pendurado no pescoço de Luca, um lembrete provocador do que foi roubado de mim.

“Luca, o que diabos você está fazendo—”

“Ah, vamos lá, Eden. Podemos ser honestos um com o outro agora”, ele diz, sua voz pingando malícia. “Você fode o padre. Eu tento te dar uma saída sendo minha. Claramente, você queria a opção mais nuclear”, ele zomba, passando a mão pela minha coxa. “Embora eu não ache que já precisei pagar tanto por uma mulher que eu quero tanto”, ele retruca.

“Coloque suas mãos, porra—”

“Ah,” Luca interrompe, pressionando a arma com mais força na minha cabeça. “Tenho certeza de que você e o padre fizeram coisas desagradáveis.

Não que eu seja alguém que tenha vergonha, mas tem uma bala nesta

câmara, Eden. Tenho certeza de que você é muito menos divertido como um cadáver,” ele diz friamente. “Então fique no chão e escute.”

Permaneço imóvel, meu pai agora segurando seu lado, seu rosto contorcido de raiva.

“Onde está seu irmão, Eden?” Meu pai exige, aproximando-se com Kevin.

Cuspi em seus sapatos e um sorriso desafiador se abriu em meu rosto.

“Foda-se—”

Luca usa o cano da arma para atingir meu queixo, depois agarra meu queixo, seu toque é doloroso e invasivo.

“Vamos, Eden, é realmente tão difícil cooperar?” Ele provoca, sua mão subindo mais para cima na minha perna.

“Pare de me tocar, porra—”

“Então diga a ele onde seu irmão está,” Luca retruca. “E nada mais precisa acontecer com você.”

"Apodreça no inferno", eu sibilo desafiadoramente.

“Tudo bem,” Luca suspira com um tom sinistro. “Eu deveria ter presumido que você preferiria que as coisas fossem dolorosas.”

Ele agarra uma das agulhas descartadas e me mantém presa com suas pernas, apoiando a arma acima do meu coração. Com força brutal, ele arrasta a agulha pela minha coxa. A dor lancinante me faz gritar, meus gritos abafados por sua mão apertada sobre minha boca.

“Tenho certeza de que Roman está com o irmão dela,” Luca sussurra.

“Ligue para o novo número do Aiden. Está no meu telefone.”

Balanço a cabeça, tentando desesperadamente desviar a atenção do meu pai para outro lugar.

"Não-"

“Cale a boca,” Luca estala, sua mão deslizando perigosamente perto de uma área que eu quero desesperadamente que ele evite. “Ou eu vou garantir que sua primeira vez comigo seja em um chão frio de porão.”

Fecho a boca enquanto meu pai fala com alguém no telefone, colocando-o no viva-voz.

Luca se inclina, sua respiração quente contra meu ouvido.

“Motivação extra para o amante.”

O terror é sufocante. Os dedos de Luca me invadem, fazendo os gritos irromperem da minha garganta, crus e desenfreados. Sua intrusão é uma violação que amplifica meu pavor e desamparo.

Choro até não poder mais, a agonia é implacável enquanto seus dedos continuam o ataque.

“Ele precisa ouvir a voz dela,” Kevin sussurra. “Pare o que está fazendo.”

A mão de Luca permanece sobre minha boca enquanto ele relutantemente afasta os dedos, meu corpo tremendo devido ao trauma.

"Fala mais alto, vadia", meu pai exige, segurando o telefone perto da minha boca.

Luca tira a mão, pressionando a arma na lateral da minha cabeça, seus dedos ainda contaminados com meu cheiro.

“R-Roman?” Eu engasgo, olhando para os homens que se aproximam de mim.

“Éden?” Sua voz, uma tábua de salvação na escuridão, chega até mim.

É ele.

É ele mesmo.

“Você está bem—”

“Roman, eu não quero estar aqui,” eu soluço, minha voz falhando. “Por favor—”

Um tapa forte atinge meu rosto enquanto meu pai me bate, silenciando meus apelos.

“Hora de voltar a dormir,” Luca sibila, sua voz uma promessa cruel.

“Quando você acordar, você será minha, e não há nada que você possa fazer sobre isso.”



Enquanto meu pai e Kevin vão embora, provocando Roman no telefone, Luca me força a voltar para a gaiola. Ele enfia uma seringa na minha perna, empurrando o êmbolo para baixo com uma finalidade cruel.

Minha visão fica turva, manchas escuras nublam minha visão, meu corpo fica cada vez mais pesado e sem resposta.

“Boa noite, Angel,” Luca zomba. “Essa é a última vez que você ouve a voz de Roman.”

Deitado, a dor lateja através de mim, cada batida do coração é um lembrete da minha impotência.

Meus olhos lutam para permanecer abertos enquanto me agarro ao eco sumindo da voz de Roman, meu último resquício de esperança.

Toda a luz diminuiu.

Deus rejeitou minhas orações mais uma vez.

Capítulo 38

Éden

sempre me perguntei como minha mãe se sentia, deitada naquele chão frio, com um punhado de Xanax na mão e uma garrafa de vinho para engolir.

Atordoado e confuso, sempre presumi que ela estava tentando anestesiá-la dor.

Dor pelo fracasso do casamento.

Dor por não ter sido mãe para Aiden e para mim durante a maior parte de nossas vidas.

Dor era tudo o que ela conhecia.

Toda vez que ela abria o frasco de comprimidos, ela estava se dando um breve alívio de sentir qualquer coisa.

Agora, com uma intravenosa no meu braço, meus pensamentos confusos pelas drogas, eu entendo seu desespero mais intimamente. A dor que uma vez a consumiu agora é silenciada pelas mesmas drogas correndo em minhas veias.

Este é o fundo do poço.

E não tem saída.

Mulheres mascaradas, claramente frequentadoras da igreja que podem ter me visto crescer, se movem ao meu redor. O que elas pensam enquanto limpam minha pele e me apoiam nesta cadeira, me forçando a ficar acordado enquanto as drogas me pesam?

Eles veem a garota acabada, marcada pelas cicatrizes de sua própria mente torturada?

Ou eles veem a garota inocente que antes vagava pela igreja com um sorriso, pura demais para estar neste pesadelo?

Enquanto eles aplicam rímel e prendem meu cabelo em um rabo de cavalo elegante, eu finalmente vejo o que eles veem.

Mercadoria.

Assim como elas são para seus maridos.

Uma mulher descartável.

Um destinado a ser vendido como um porco.

“Acho que ela está pronta,” Um deles sussurra, removendo o IV do meu braço.

“Eles deram uma dose dupla nela depois da pequena façanha dela.”

ç

p

p

p q

ç

Duas mulheres sustentam meu peso enquanto me arrastam pelo chão neste vestido vermelho apertado.

Meus olhos se encontram com os de Hannah entre as jovens sendo preparadas. O pavor em seus olhos é palpável.

Pensei que encontraria uma saída para nós dois.

Pensei que escaparia desse pesadelo infernal.

Agora, questiono se algum dia haverá uma fuga.

Roman desistiu de mim?

Aiden fugiu?

Deus, espero que sim.

Tenho ouvido esse nome cada vez mais na minha mente.

Deus.

Eu nunca fui muito de rezar antes de tudo isso.

Sempre pareceu algo que eu fazia por rotina, sem realmente tentar alcançar o divino.

Agora, tudo o que me sinto capaz de fazer é rezar.

Rezando por uma saída.

Rezando pela morte.

Rezando por qualquer libertação desse tormento.

Nos meus últimos momentos de suicídio, pensei que minha dor era suficiente para me fazer querer chegar ao outro lado.

Agora, sei que sempre pode piorar.

“O que acontece depois que a noite acaba?”, pergunto em um tom lento enquanto as mulheres me arrastam pelas portas duplas para dentro da catedral principal, me guiando em direção à sala de confissão.

"Eles vão te colocar naquele altar e te vender. O que acontece depois disso depende da boa vontade de Deus", sussurra um deles.

“Foi isso que aconteceu com você?”, pergunto com um sorriso amargo.

“Você se deixou ser vendida e usada por aqueles homens?” As mulheres ficam em silêncio.

“Esse foi o caso da sua mãe”, um deles responde bruscamente depois de um momento.

Meu pai.

Ele deu um lance na minha mãe.

"O que-"

“Você não sabia?” Uma delas zomba, seu tom pingando com superioridade.

“Deus, ela realmente protegeu você e Aiden da verdade. Talvez seu pai encontre uma nova madrasta para você esta noite,” ela ri.

Sinto náuseas no estômago.

Todas aquelas jovens esposas circulando pela igreja.

Sempre pensei que fosse um produto da tradição religiosa.

Como uma base militar cheia de jovens esposas de militares tentando escapar de suas famílias.

Eu nunca imaginei—

“Hora de entrar na fila e esperar com os outros,” Uma das mulheres grita, me empurrando para uma sala lotada cheia de crianças drogadas vestidas para impressionar. “Você é a primeira na fila, Eden, então talvez seja melhor sorrir.”

"Espere-"

A porta bate atrás de mim, e eu bato meus punhos contra a madeira, sacudindo a fechadura.

Porra.

Afundo no chão, cercado por dezenas de expressões de dor.

“Por que você está aqui?” Uma das meninas pergunta, com os olhos cheios de tristeza genuína.



“Meu pai é um homem mau,” eu sussurro. “E ele me odeia por amar uma boa.”

“O bom homem vai estar aqui esta noite?” A garota pergunta, uma risada de derrota escapando da minha garganta.

“Se for”, sussurro, “então Deus respondeu às minhas orações pela primeira vez”.

Capítulo 39

romano

como eu disse, estarei com você esta noite, caso algo dê errado”, Echo reitera,

“L ajustando sua gravata pelo que parece ser a milionésima vez.

Por baixo do traje, um fio se aninha em seu peito, transmitindo todas as conversas sussurradas para sua equipe na van estacionada perto da igreja.

Ele coloca uma Glock na cintura, o traje completando sua aparência formidável.

“E como você planeja entrar?”, pergunto, levantando uma sobrancelha.

“Eles não estão esperando você.”

“Eu já joguei o jogo do ringue de pedófilos antes, Roman. Este não é meu primeiro rodeio. Entrar é a parte fácil. Não matar todos os filhos da puta lá dentro é o mais difícil,” ele retruca, seu olhar afiado.

“Tirar essas crianças de lá sempre será o ponto alto do meu trabalho”, ele diz, com um sorriso no rosto.

Eu abaixo a gola da camisa, permitindo que um sorriso irônico apareça no meu rosto.

“Tenho certeza de que não há nada melhor do que destruir toda a operação deles”, digo.

“E agora você também pode fazer parte disso,” Echo sorri. “Faulkner,” ele retruca, virando-se para Aiden e Zoey. “Quais são as regras básicas?”

Aiden e Zoey sentam-se no sofá, revirando os olhos.

“Ficamos aqui e não fazemos nada para ajudar”, reitera Aiden.

“Perfeito, fico feliz que estejamos todos na mesma página.”

Batendo o pé ansiosamente, os soluços de Eden ecoam em minha mente.

Vou buscá-la de volta esta noite.

Não vou sair daquela maldita igreja sem ela.

“E qual é o seu papel esta noite, Roman?” Echo pergunta, pronto para me questionar pelo que parece ser a milionésima vez.

“Esperamos que eles confessem em áudio, então seus caras entram e os pegam”, eu sussurro.

“E o que não vamos fazer?” Echo pressiona.

Minha única resposta é o silêncio.

"Exatamente, não vamos simplesmente chegar e matá-los", diz Echo, com um sorriso condescendente enquanto dá um tapa em minhas costas com simpatia.

Às vezes, seu otimismo equivocado me deixa louco.

"Não posso prometer nada se vir que Eden está machucado", eu sibilo.

“E eu não estou pedindo para você fazer isso,” Echo avisa. “Mas minhas proteções para você começam a diminuir se você matar esses babacas antes que eu tenha a prova que preciso. Então faça o oposto do que você normalmente faria, e tudo ficará bem.”

Esse babaca.

Ele tem sorte que eu tenha tanto respeito por ele.

“Minha mãe ainda não atende o telefone”, diz Aiden calmamente, olhando para o telefone.

“O telefone dela ficou em casa a noite toda. Ela nunca vai a lugar nenhum sem ele.”

“Talvez seu pai tenha feito da noite um evento sem tecnologia para as mulheres da família dele”, Echo sugere com um suspiro.

É fácil questionar como David conseguiu criar filhos como Eden e Aiden.

É um milagre que eles não sejam pirralhos psicopatas.

“Você está pronto?” Echo pergunta, me observando.

Concordo, incapaz de oferecer mais do que uma simples afirmação.

Cruzar os dedos não será suficiente.

A última coisa que posso prometer a Echo é que não terminarei a noite em derramamento de sangue.

Echo reúne seu equipamento e deixa uma pistola na mesa de centro.

“Vocês dois, tranquem as portas quando sairmos. Nós os atualizaremos quando tudo estiver dito e feito.”

Zoey e Aiden se recostam e concordam.

“Traga minha irmã para casa, Roman”, diz Aiden severamente.

Vou até o sofá, viro as costas para Echo e furtivamente pego a pistola, guardando-a onde Echo não possa ver.

Sem nem piscar, Aiden sabe meu verdadeiro objetivo.

“É meu único objetivo.”



Deixando isso de lado, Echo e eu saímos.

É hora de queimar esta igreja até o chão.

Juízes 6:23: “Mas o Senhor lhe disse: Paz! Não tenha medo. Você não vai morrer.”

Capítulo 40

romano

“Que inferno. Não é uma porra de configuração?” Echo assobia.

“F O local está lotado de carros caros, todos estacionados por manobrista.

Paramos na frente, recebidos por um criado contratado exclusivamente para este evento.

“Suas chaves, senhor”, diz o manobrista com um sorriso treinado.

Estou pronto para arrastar esse homem para fora e espancá-lo até deixá-lo inconsciente no carro, mas Echo responde por mim.

“Entendido, amigo.”

Echo entrega as chaves, e seus homens ficam do lado de fora com equipamentos táticos, prontos para invadir o local sob o comando de Echo.

Ao sairmos do carro, outros casais entram na igreja, vestidos com suas melhores roupas para a noite.

Echo dá um tapinha no ombro do manobrista, me empurrando para frente.

“Você não pode matar cada pessoa envolvida nisso. Esses trabalhadores provavelmente acham que isso é só uma festa,” Echo murmura. “Mantenha sua merda sob controle, Roman.”

Nos aproximamos da porta da frente e somos recebidos por outro garçom.

“Nome?” Ele pergunta, sorrindo enquanto examina a lista em sua prancheta.

“Roman Briar,” eu retruco.

Os olhos do garçom se movem para o topo da lista e ele sorri.

“Ah, Pai, bem-vindo. E o nome do seu convidado?” Ele pergunta.

O que Echo vai fazer de tudo para isso?

“Jacob Harkins,” Echo mente suavemente.

O garçom olha a lista e acena com a cabeça em aprovação.

“Bem-vindo, Sr. Harkins.”

Ele nos deixa entrar, e eu olho para Echo.

“Ele está amarrado na van agora. Meus caras o agarraram antes que ele pudesse chegar ao carro. Tenho a identidade dele no meu bolso”, Echo diz, com um sorriso satisfeito no rosto. “Eu te disse, Roman, este não é meu primeiro rodeio.”

Lá dentro, o espaço está lotado com dezenas de pessoas. Novos rostos cruzam os olhos comigo, cada um vestido com esmero.

O ar está carregado com o fedor de dinheiro — Botox e lifting facial, uma prova da riqueza em exibição.

“Mantenha a cabeça erguida, Roman. A noite mal começou,” Echo sussurra. “Agora, vou socializar. Tente não matar ninguém.”

Ele para e percebe que está conversando com um grupo próximo.

Não há a mínima chance de eu fazer isso—

“Romano”, uma voz corta o barulho.

Espio através da multidão e vejo seus olhos dourados: Luca.

Ele se aproxima, parecendo presunçoso, dispensando o homem e a mulher que o seguiam.

“O que diabos você está fazendo aqui—”

“Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa, pai. Se você veio por Eden, lamento dizer que ela não ficará em leilão por muito tempo. Meus pais economizaram muito para o evento desta noite”, ele sorri.

Ele sabia, porra.

Durante todo esse tempo, ele sabia o que estava acontecendo.

“É por isso que você fez amizade com Eden?” Eu sibilo. “Você sabia sobre esse lance—”

"Se você não tivesse fodido o que era meu, ela não estaria nessa disputa de jeito nenhum", ele retruca, sua raiva atíçando a minha. "Eu estava disposto a mantê-la fora disso, mas suponho que ela precisa de disciplina verdadeira de alguém que não seja você", ele sorri, puxando o colar em volta do pescoço.

Reconheço a corrente. Dou um passo em sua direção, punhos cerrados.

“Duvido que você queira fazer uma cena aqui, Roman. Nós temos guardas nossos,” Luca sorri, acenando para os homens de terno observando a multidão.

“Eu não podia permitir que Eden subisse para seu lance usando essa coisa medonha,” Luca diz, puxando a corrente de baixo da camisa. Minha aliança de ouro está pendurada na ponta.

“Onde diabos está minha garota?” Eu exijo, a fúria fervendo.

“Uma hora atrás, ela estava no chão, aprendendo um pouco de disciplina comigo,” Ele sorri, meu estômago afundando. “Ela estava tão nervosa, tensa como o inferno. Talvez você ainda consiga sentir o cheiro dela nos meus dedos,” Ele sibila, arrastando os dedos em direção ao meu nariz.

Agarrando sua mão, estou a dois segundos de quebrar seus ossos.



"Você machucou ela, porra?" Eu rosno, finalmente vendo medo em seus olhos.

“Talvez se ela tivesse aceitado em vez de gritar, eu não teria que—”

Eu arrasto a mão dele para baixo, apertando até que algo se quebre. Eu cubro a boca dele, puxando-o para um canto longe dos olhos errantes dos guardas. Soluçando, eu tiro a arma do meu cós, apontando-a para seu estômago inferior.

“Eu poderia matar você e seus pais antes que aqueles guardas sequer percebessem. Há um silenciador nesta pistola,” eu aviso, olhando para ele.

“Agora me leve para minha garota e aquelas crianças, ou então Deus me ajude, eu vou derrubar esta igreja—”

"Roman", a voz de David interrompe, separando Luca e eu.

Caminhando com outro membro de seu pequeno culto, ambos os homens estão vestidos com esmero.

Perfeito.

Olhando feio para Luca, vejo que ele sabe que não deve falar.

"Eu não sabia se você conseguiria. O leilão está prestes a começar", David sorri, presunçoso como sempre.

“Perfeito,” eu sibilo. “Eu não perderia isso por nada no mundo.”

Ao entrar na catedral principal, vejo que a maioria das decorações habituais do altar foram movidas, revelando uma exibição perturbadora.

Uma cadeira de cetim vermelho agora domina o altar, com uma bela jovem de pé ao lado dela, segurando uma placa com os preços dos lances.

Forçado a se sentar ao lado de David, Luca esconde sua mão mutilada e se posiciona na frente da sala.

Procuro Echo pela área, mas ele não está à vista.

“Se você tentar alguma coisa estúpida, eu vou garantir que os guardas coloquem uma bala no seu crânio,”

David sibila, dando um tapinha na minha coxa com fingida simpatia.

Eu verifico os guardas; há muitas pessoas entre nós. Eles não me alcançariam

antes que eu pudesse lidar com David e seu fiel seguidor.

Perfeito.

“Senhoras e senhores, bem-vindos à 10ª licitação anual”, anuncia o homem que estava acompanhando Luca. “Sei que vocês estão todos ansiosos para ver o lote deste ano, então não vou desperdiçar meu fôlego com teatralidade”, ele brinca, arrancando algumas risadas da plateia.

Eles acham isso engraçado?

O homem sorri enquanto olha ao redor. “Estou emocionado com o comparecimento este ano. Suas generosas contribuições mantêm nossa organização funcionando. Boa licitação, e que Deus agracie todos vocês esta noite.”

Enquanto ele se senta, as luzes diminuem. Minha mão roça o punho da minha pistola.

Eu poderia matar os dois agora. Eu poderia—

Jesus Cristo, porra.

Machucada e desgastada, ela tropeça no altar, seu rosto vermelho e inchado pelo que parecem ser incontáveis tapas. Cambaleando, ela precisa de duas pessoas para ajudá-la a chegar à cadeira de cetim.

Arrastada, seus saltos raspam o chão. O vestido vermelho que ela usa é tão transparente que é quase transparente sob a luz forte.

Petrificado, meu coração aperta enquanto sua cabeça permanece abaixada, recusando-se a encarar o público.

Éden.

Meu anjo.

"Ela não é uma gracinha—"

Agarrando a parte de trás da cabeça de David, eu o forço para baixo no que

parece ser um abraço severamente afetuoso. Com o cano pressionado firmemente contra seu peito, as camadas de suas roupas oferecem o amortecedor necessário para abafar o tiro. Minha única intenção é eliminar cada alma ao meu redor. Enquanto a arma dispara, o corpo de David cai, sua mão instintivamente agarrando seu peito antes de desabar contra mim, quase como se ele estivesse cochilando em meu abraço.

Eu pego o olhar assustado do seguidor de David. Ele mal tem tempo de reagir antes de também se encontrar em um aperto similar.

A multidão, fascinada pelo Éden, permanece alheia à sutil perturbação que se desenrola ao redor deles.

"Começaremos o lance com dois milhões", a voz do locutor ecoa pelo ar enquanto cartazes surgem ao meu redor, indicando o lance inicial.

Malditos animais.

Outro puxão no gatilho, e os olhos do seguidor se arregalam em choque.

Seu corpo cai sobre meu outro ombro, ambos os homens agora sangrando de seus ferimentos, ofegando silenciosamente por ar.

A penumbra do quarto encobre o sangue que escorre pelo chão.

"Sangrem lentamente, seus porcos de merda," eu sussurro. "E saibam que o Diabo espera por vocês."

Eu guardo a pistola de volta no meu cós. O número do lance sobe cada vez mais alto enquanto a cabeça de Eden se levanta um pouco antes de—

"Vendido", declara o locutor, gesticulando em direção à placa orgulhosamente erguida de Luca.

Ao vê-lo se deleitar com sua vitória, luto para conter minha fúria.

"Ela estará esperando por você no lobby. Traga o próximo lance."

Enquanto Eden é arrastada pelo chão mais uma vez, sua cabeça finalmente levanta e seu olhar examina a multidão.

Sua voz se eleva em gritos desesperados, seus olhos fixos em uma jovem garota sendo trazida, sem vida e carregada por uma única mulher.

"Foda-se todos vocês!", grita Eden. "Hannah, acorde!" Sua voz falha enquanto ela alcança a jovem, lutando contra o que quer que tenham injetado nela.

Preciso agir agora.

Eu tenho que—

“Segurança Interna! Todos deitem-se no chão, porra!” Uma voz de comando rompe o caos enquanto tiros irrompem. Oficiais táticos invadem todas as saídas.

Empurro David e seu seguidor para o lado, permitindo que eles se contorçam de dor, e corro em direção ao altar. Luca, mais rápido que eu, já está agarrando Eden, tentando arrastá-la para longe.

Nós colidimos com a cadeira vermelha, meus nós dos dedos cravando em seu rosto. A raiva me cega enquanto não sinto nada além de uma onda de vermelho.

O foco de Eden permanece na jovem. Em nossa luta emaranhada, Luca pega minha pistola de baixo da minha camisa. Eu luto para mantê-la longe dele, meu aperto apertando em volta de sua garganta.

Agarrando minha mão, ele luta até ter a oportunidade de jogar a pistola para longe de nós dois. O medo envolve meu peito ao som da arma deslizando pelo chão.

“Sempre haverá mais de nós”, ele sibila entre os dentes cerrados.

“E eu sempre te encontrarei—”

Suas palavras são silenciadas enquanto uma explosão de sangue espirra em meu rosto. Um buraco perfeito se forma em sua testa, vapor subindo do ferimento.

Trêmula, Eden pega a pistola espalhada, seu olhar se fixando em mim com uma mistura de medo e descrença. A jovem, ainda escondida atrás dela, treme.

"Roman?" Ela sussurra, sua voz embargada enquanto ela abaixa a arma, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Ao me levantar, sinto como se o próprio Deus finalmente tivesse me agraciado com Sua presença.

E ela está bem na minha frente.

Corro até ela, envolvendo-a em meus braços, beijando-a com um desespero fervoroso. Suas lágrimas se misturam às minhas enquanto a seguro o mais perto que posso, saboreando o momento do nosso reencontro.

Ao ouvir os gritos frenéticos dos homens de Echo, meu mundo se estreita para o Éden. Seu corpo treme de medo enquanto sua testa descansa contra a minha.

"Você veio por mim", ela sussurra, sua voz quase inaudível.

"Acabou tudo, baby," eu prometo, tentando oferecer-lhe consolo. "Acabou tudo —"

Um tiro ecoa pela sala. Os olhos de Eden se arregalam e um suspiro sufocado escapa de sua garganta.

"Éden?", grito, desesperada.

Seu olhar cai para sua mão, segurando seu torso, onde o vermelho começa a aparecer.

Seu corpo se inclina para trás, apoiado apenas pelo meu aperto desesperado.

"Não, não", grito, virando a cabeça para ver David com uma arma, um sorriso sinistro curvando seus lábios.

Os homens de Echo respondem com precisão, derrubando David com um tiro fatal na cabeça.

Outros começam a retirar crianças dos espaços escondidos da igreja.

Ofegante, concentro-me novamente em Eden, pressionando firmemente suas mãos contra seu ferimento.

"Preciso de ajuda!", grito, observando seus olhos tremerem enquanto seu sangue se acumula sob ela.

“Droga, preciso de ajuda, porra!”, grito novamente, vendo as luzes piscantes distantes dos veículos médicos se aproximando.

Uma mão agarra meu ombro e eu estalo.

“Eu não vou deixá-la, porra—”

“Roman,” a voz de Echo corta o caos. “Temos serviços médicos da cidade.

“Os paramédicos estão chegando”, ele sibila, e homens e mulheres com bolsas médicas correm em nossa direção.

“Eu não vou deixá-la!” Eu grito novamente, sentindo a única coisa que nunca pensei que sentiria—

lágrimas—rolam pelo meu rosto.

A última vez que chorei foi quando minha mãe morreu.

Quem diria que esse momento poderia ser ainda mais doloroso?

“Roman, eles vão ajudá-la, mas preciso que você os deixe trabalhar—”

“Não, não—”

“Dê-me isso”, Echo exige.

Observo atordoadado enquanto um paramédico entrega uma seringa para Echo.

"O que você está-"

Antes que eu possa reagir, Echo enfia a agulha no meu pescoço. Uma onda fria de sedativo me toma.

Desabando no chão ao lado de Eden, vejo sua forma imóvel sendo erguida em uma maca. Lutando para permanecer consciente, estendo a mão para ela, virando de costas. Os vitrais acima refletem as luzes piscantes dos veículos de serviço.

Talvez Deus tenha respondido minhas orações esta noite.

No entanto, eu me pergunto: o que seria da minha vida sem Eden Faulkner?

Talvez Ele me conceda um último milagre.

Marcos 9:23: “Se podes? disse Jesus. Tudo é possível ao que crê.”



Capítulo 41

Éden

asping, eu me forço a ficar ereto, instintivamente me preparando para atacar a primeira pessoa que vejo. Meu punho G conecta-se com um torso, provocando um grito de dor que parece assustadoramente familiar.

"Ai", Aiden sibila. "Eu estava só pegando pudim para você", ele retruca, as sobremesas de chocolate caindo de suas mãos no chão.

Piscando incrédula, belisco meu braço, na esperança de confirmar que isso não é um sonho cruel.

Observando os arredores, vejo equipamentos médicos e um soro intravenoso circulando constantemente em minhas veias.

Meu primeiro instinto é arrancar o soro, mas a mão de Aiden gentilmente me segura.

"Você está em um hospital, Eden", ele murmura. "A equipe do Echo cuidou de tudo. Todas as crianças estão seguras", ele acrescenta, um sorriso de alívio suavizando suas feições.

Todas as crianças? Elas conseguiram sair?

"O-O que aconteceu?", começo a perguntar, mas hesito, segurando meu lado, lutando para respirar fundo.

"Calma, guerreiro", Aiden acalma. "Você levou um tiro."

"Pai-"

"Está morto", diz Aiden com firmeza.

"Mãe-"

"Também morta", ele responde com um suspiro. "Fui ver como ela estava.

Eu a encontrei..." Sua voz some, revelando a profundidade de sua tristeza.

"Romano-"

"Ela acordou?" A voz de Roman interrompe, suas mãos transbordando de flores. A visão dele, um farol de esperança em meio ao meu caos, traz uma onda de alívio que fica presa na minha garganta.

Tentando me mover, Roman e Aiden gentilmente me seguram.

"Você precisa ficar parada, baby", Roman insiste suavemente. "Você levou um golpe sério."

"O-O que aconteceu?", pergunto, minha voz um sussurro enquanto tento juntar os fragmentos de memória.

"Vou deixar vocês dois sozinhos", Aiden diz com um sorriso caloroso. "Mas não tenho certeza de quanto tempo posso manter Zoey sob controle."

Ele sai do quarto, e Roman se aproxima, cuidadosamente me colocando de volta na cama. Ele me envolve em seus braços, seu toque uma força de aterramento em meio ao turbilhão de emoções.

"Putá merda. Nunca pensei que você pudesse se sentir tão bem quanto se sente agora", Roman suspira, dando um beijo carinhoso no topo da minha cabeça.

"Eu matei Luca?", pergunto, enquanto os fragmentos de memória surgem em flashes nebulosos.

"Ele está morto, querida. É tudo o que você precisa saber", Roman sussurra, seus dedos gentilmente colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Lágrimas brotam e rompem a linha d'água dos meus olhos. Enterro meu rosto no peito de Roman, permitindo que seu abraço me ancore.

"Foi assustador, Roman", soluço. "O que eles fizeram com aquelas crianças, o que eles fizeram comigo—"

"Eu nunca mais vou deixar nada acontecer com você, Eden. Eu juro por Deus—"
Deus.

Ele finalmente ouviu minhas preces desesperadas? É por isso que Roman estava aqui?

"Ele te enviou para mim", eu sussurro, levantando meu olhar para Roman.

"Eu precisava de você, e Ele te enviou para mim."

"Deus tem um jeito engraçado de trabalhar", ele murmura suavemente.

"Não só dessa vez", eu fungo. "No parque, Ele te enviou para mim. Você sempre estive lá quando eu precisei de você", eu continuo, minha voz falhando enquanto suas mãos embalam meu rosto.

"Aquelas vinte e quatro horas sem você foram literalmente um inferno, Eden. Nunca mais quero me separar de você", Roman sussurra, seus lábios finalmente encontrando os meus.

Ele me beija com uma paixão temperada pela ternura, tomando cuidado para não ser muito agressivo. Enquanto me agarro a ele, meus dedos alcançam seu anel, apenas para descobrir que ele desapareceu.

"Seu anel—"

"Eu não preciso disso", ele responde suavemente. "A única coisa que preciso está

aqui."

Uma batida suave nos interrompe. "Sra. Faulkner?" Uma enfermeira chama da porta.

Estou ansioso para me livrar desse sobrenome.

"Você tem alguém que está esperando ansiosamente para vê-lo. Se você não se importar com um pouco de companhia extra," A enfermeira sorri, olhando para Roman, que está ocupando a cama.

"Alguém está aqui para me ver?"



"Deixe-me entrar!", uma voz jovem exige, passando pela enfermeira com uma energia nova e brilhante.

Ana.

Ela sobe na minha cama, sua excitação palpável, ignorando completamente o olhar atônito de Roman.

"Você está vivo!", ela exclama, agarrando minhas bochechas. "As coisas que eles colocam nessas sacolas me fizeram sentir incrível. Você levou aquela bala como um campeão", ela diz com um sorriso.

Na luz, posso ver quantos dentes ela perdeu. Uma nova vitalidade parece ter sido soprada nela.

"Você parece estar se sentindo muito melhor do que eu", brinco, tentando descontraí-la.

"Graças a você", ela sorri. "Eles encontraram meus pais! Eu posso ir para casa."

Hannah finalmente percebe Roman, seu olhar cheio de curiosidade.

"Quem é ele?", ela pergunta, examinando-o com intriga. "Ele é o homem de quem você falou?"

"Sim", sorrio para Roman.

"Prazer em conhecê-lo, Sr. Roman", ela diz, estendendo a mão. "Eu e sua esposa aqui somos bem próximos—"

"Esposa?" Os olhos de Roman se arregalam de surpresa.

"Eu posso ter insinuado que estávamos falando sério. A imaginação dela deve ter corrido solta", admito, um rubor de constrangimento aquecendo minhas bochechas.

"Prazer em conhecê-lo.. "

"Hannah", ela responde.

"Hannah", Roman ecoa, seu tom caloroso. "Parece que você fez um trabalho louvável cuidando da minha esposa enquanto eu estava fora", ele diz, sua aceitação do rótulo inabalável.

"Eu me saí muito bem", Hannah sorri. "Embora ela nunca tenha mencionado o quão bonito é seu rosto."

Eu rio baixinho, puxando Hannah para um abraço apertado, saboreando o conforto do seu abraço.

"Estou interrompendo?", pergunta uma voz masculina da porta, com os braços carregados de flores comparáveis às de Roman.

Hannah salta da cama, dando high fives ansiosamente para o recém-chegado. Roman e eu assistimos com diversão enquanto seus olhos se iluminam.

"Eu disse que a medicação faria você se sentir fantástica", diz o homem com um sorriso, lançando um olhar para a enfermeira, que está igualmente satisfeita.

"Acho que está na hora de Hannah se preparar para ver os pais", ele acrescenta gentilmente, tentando conduzir Hannah para fora da sala.

Apesar dos protestos, Hannah segue a enfermeira, acenando com um sorriso radiante.

Depois que as flores são colocadas, o homem se aproxima de mim e estende a mão.

"Echo", ele se apresenta com um sorriso. "Acredito que a última vez que falamos foi por telefone."

Aperto sua mão com entusiasmo, finalmente comparando a voz com o rosto.

"Foi você quem nos tirou de lá", digo agradecida.

"Eu era apenas uma parte disso", Echo sorri. "Os verdadeiros heróis são vocês dois. Embora, devo admitir, eu não achava que Roman fosse capaz de um sorriso tão largo."

Roman cutuca Echo de brincadeira, e uma risada genuína escapa dele.

"Agora, vocês dois," Echo diz com um sorriso. "Vocês estão prontos para compartilhar tudo o que sabem?"

romano

Deixando Eden dormir em paz, eu a abraço forte, dividindo um frasco com Echo.

"Jesus, eu não pensei que seria tão ruim quanto foi", Echo suspira, tomando um gole generoso do frasco.

Meu olhar permanece fixo em Eden, meus dedos traçando levemente seus traços delicados.

"Você realmente a ama, não é?" Echo observa, com um sorriso caloroso enquanto nos observa.

"Vou me casar com ela assim que sairmos daqui", respondo, meus lábios roçando suavemente sua testa.

"Nunca pensei que veria seu sorriso novamente", Echo ri, embora contenha um sentimento mais profundo.

"Fala logo", eu insisto, sentindo que ele tem mais alguma coisa para dizer.

"Você se saiu bem, Roman. Qual é a chance de você considerar se juntar à minha linha de trabalho?" Echo pergunta, seu tom sincero, mas investigativo.

"Você está me convidando para o seu mundo?", eu retruco, apontando para ele com um toque de descrença.

"Você seria capaz de manter Eden seguro. Viajar. Se aposentar", ele provoca, me cutucando. "Você encontraria um propósito real—"

"Meu propósito é o Éden", eu o interrompi bruscamente. "Nada mais."

"Bem", Echo diz com um suspiro. "Você sabe onde me encontrar. Vou ficar em Idlewood por um tempo, de olho nas coisas. Tenho a sensação de que há mais nesta cidade do que aparenta."

Ele me entrega seu cartão, seus olhos brilhando com palavras não ditas.



"Estou a apenas uma chamada de distância. Podemos fazer uma grande diferença juntos", diz ele, dando um passo para trás.

Olho para o cartão e depois para ele novamente.

"Não vou ligar para você", digo, com um sorriso irônico nos lábios.

"Terei notícias suas em breve, irmão."

Com isso, Echo desaparece noite adentro.

Enquanto sento ao lado de Eden, reflito sobre as provações que enfrentamos e a estrada à frente. Olho para os céus, encontrando consolo na promessa da graça divina.

Capítulo 42

Éden

9 anos depois

"Diga-me o que você vê, Sra. Briar", ele sussurra, seu hálito quente contra meu ouvido.

Observando as vastas colinas ondulantes da Escócia, aninho-me mais perto dele na toalha de piquenique, permitindo que a serenidade me inunde.

"Liberdade", eu sussurro suavemente. "Liberdade absoluta."

Já faz dois anos que estou felizmente casada com Roman.

Nunca a vida foi tão feliz.

"Você está feliz que eu finalmente tirei uma folga do trabalho?", pergunto, pressionando meus lábios nos dele.

"Tão feliz quanto você por eu ter feito isso", ele responde com um sorriso terno, seus lábios roçando meu pescoço.

No ano passado, tenho ensinado fotografia em uma universidade local em Spokehaven, uma cidade pitoresca longe de Idlewood.

É um lugar que Aiden e Zoey abraçaram ansiosamente quando decidimos partir.

Echo falou muito bem dessa cidade, elogiando-a como a mudança perfeita.

A transição de Roman para sua nova função ocorreu sem problemas, com o incentivo de Echo.

"Estou feliz por finalmente passar algum tempo com minha garota", Roman sorri, seus beijos descendo pelo meu pescoço.

"As pessoas podem tropeçar na gente aqui a qualquer momento, Roman", provoco, passando os dedos pelos seus cabelos.

"Quando foi que isso me impediu?", ele responde, suas mãos descendo pela minha frente.

Alcançando a bainha do meu vestido, ele desliza a mão pela minha coxa, encontrando o calor que procura.

"Você parece bastante pronto para mim."

Ele desliza os dedos dentro de mim, enviando ondas de prazer pelo meu corpo. Eu suspiro e agarro seus ombros, minhas unhas cravando.

"Continue cantando para mim, baby", ele murmura, sua língua traçando meu pescoço. "Eu adoro isso."

Eu o paro agarrando seu pulso.

"O que-"

"Roman, tem uma coisa que preciso te contar", eu sussurro, minha voz tremendo. "Não posso continuar sem você saber."

Sua testa franze em confusão.

"Tenho certeza de que ainda vou querer ficar com você", ele brinca, me puxando para mais perto.

Descansando entre suas pernas, pego a cesta de piquenique e retiro uma pequena caixa preta.

Nervosamente, ofereço a ele. Ele pega, seus dedos roçando meus braços.

"Por que você está tão nervosa, querida?", ele pergunta.

"Você verá", eu respondo. "Só abra."

Com curiosidade, ele abre a caixa e seus olhos se arregalam com o conteúdo.

"É isso—"

Eu mostro o pequeno DIU de cobre, que eu havia removido recentemente.

"Você estava falando tanto sobre querer uma família", eu digo suavemente.

"Então, eu decidi ver meu médico—"

"Esse é o seu DIU?", ele pergunta, examinando o pequeno dispositivo com os olhos.

Concordo com a cabeça, observando enquanto ele coloca o objeto no cobertor e então dá uma segunda olhada no item restante na caixa.

Pegando um teste de gravidez, mostro a ele as duas linhas vermelhas.

"Fiz o teste há dois dias", sussurro. "Estou grávida, Roman."

Seu olhar muda do teste para mim, suas emoções são uma mistura de descrença e admiração.

"Você está grávida?", ele pergunta, com a voz firme, mas cheia de admiração.

Concordo, tomado pelo nervosismo.

"Meu bebê está aí?", ele repete, colocando a mão na parte inferior da minha barriga.

Outro aceno meu.

"Olha, eu sei que não foi exatamente planejado—"

"Nós vamos ser pais?" Ele sorri largamente. "Você vai ser a mamãe deles?"

Seu rosto está iluminado com pura alegria.

"Você está chateado?", pergunto, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço.

"Chateada?" Ele responde, balançando a cabeça vigorosamente. "Deus, não, Eden Briar. Isso é só mais uma parte sua para amar."

Ele me beija profundamente, e eu rio em meio às lágrimas, sentindo suas mãos

explorarem meu corpo com ternura.

"Bem, já que você já está grávida, acho que não se importa se eu—"

"Não viemos aqui só para um piquenique, pai", provoco, sentindo sua mão dar um tapa brincalhão em meu traseiro.

"Cuidado, mamãe. Você sabe o que acontece quando você usa esse nome", ele sussurra, seus lábios roçando meu pescoço.

"Sim, eu faço", eu respondo, minha voz baixa e convidativa. "Então, vá em frente, Pai."

Ele desliza os lábios até a parte inferior da minha barriga, beijando-a com reverência.

"Eu te amo, Eden", ele murmura. "E eu te amo também", ele acrescenta, seu sorriso largo. "Embora, possa ser uma viagem turbulenta."

Seguro delicadamente seu queixo, meu polegar roçando sua bochecha.

"Eu te amo infinitamente, Roman", eu digo, minha mão descansando em meu estômago. "Vocês dois."

Sorrindo como um homem em um sonho, ele me beija com um fervor que me faz sentir viva e querida. Continuamos a nos abraçar, perdidos em nosso amor e alegria até o sol se pôr.

Se é isso que minha vida é, então Deus realmente ouviu minhas orações.

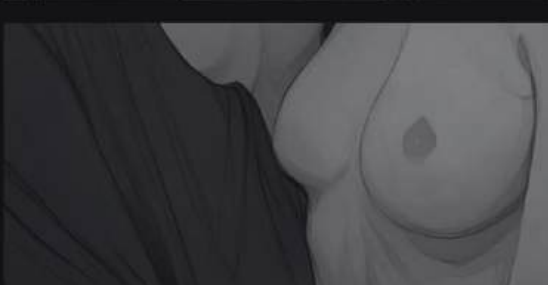
q

,

ç

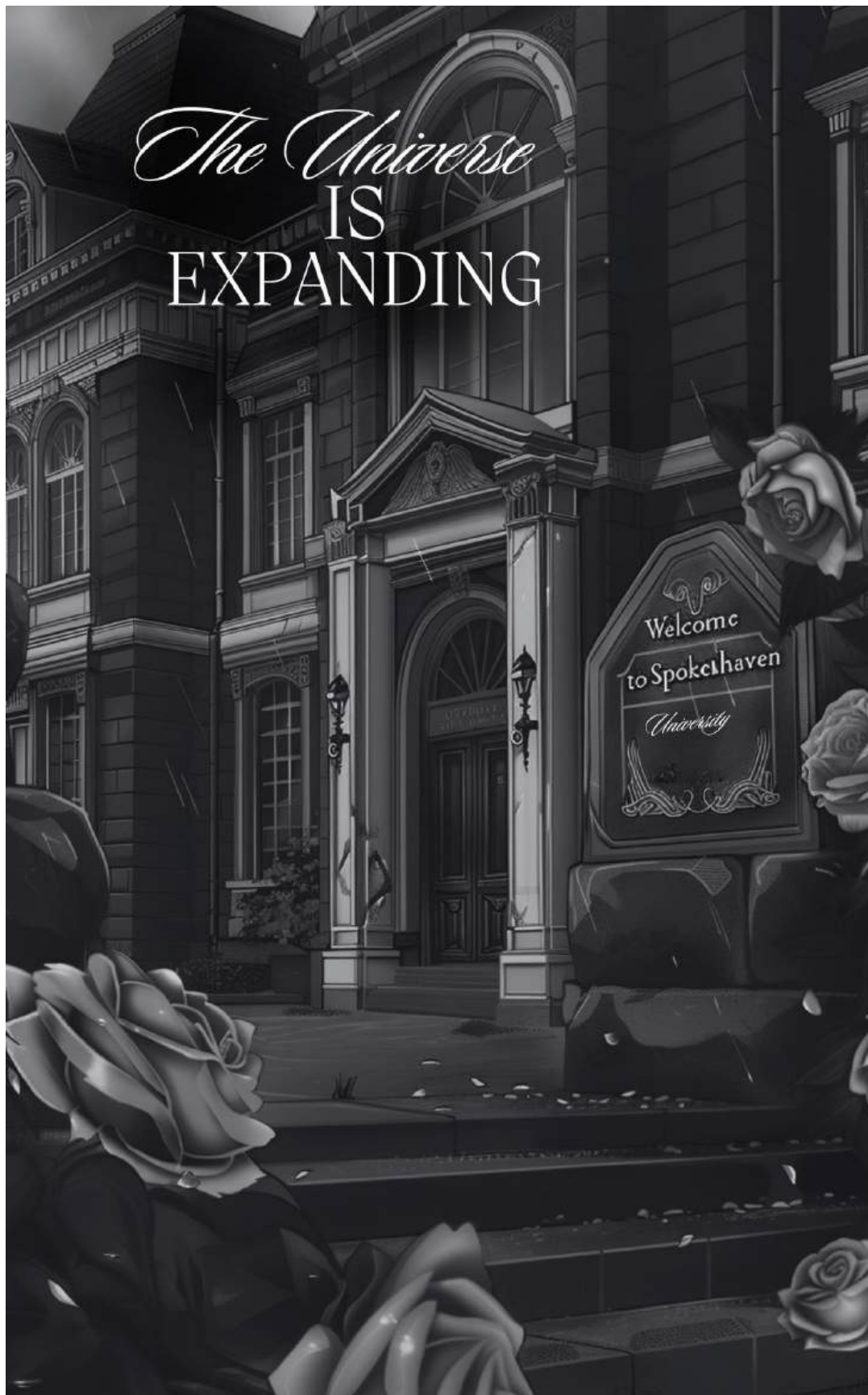
E ele me enviou Roman Briar.





The Universe
IS
EXPANDING

Welcome
to Spokethaven
University



-Porque eu pequei.

Agradecimentos

Dark Romance? Quem diria que eu estaria dando uma espiadinha nesse campo?

Quero expressar minha sincera gratidão ao meu marido e ao meu pai pelo apoio inabalável durante toda essa jornada. Seu encorajamento, paciência e crença em mim foram os pilares sobre os quais construí esse esforço. Sou infinitamente grata por seu amor e orientação.

Para minha melhor amiga, Bekah, sua presença constante e apoio infinito foram inestimáveis. Sua crença em minhas habilidades me impulsionou para frente quando a dúvida surgiu. Obrigada por ser minha rocha e por sempre me animar. Minhas meninas da Indie Forge, obrigada por serem minhas rochas nos altos e baixos.

E a todos os leitores que abraçaram meu trabalho, obrigada por tornarem esse sonho uma realidade. Seu apoio e entusiasmo me inspiram a continuar escrevendo e compartilhando minhas histórias com o mundo.

Amo todos vocês,

-Katerina

ABOUT THE AUTHOR

Katerina St Clair



YOURLOCALWRITERZ



KATERINASTCLAIRAUTHOR



WWW.KATERINA
STCLAIR.COM

KATERINA ST CLAIR IS AN ACCOMPLISHED AUTHOR CURRENTLY PURSUING AN ACADEMIC PATH TOWARD BECOMING A CREATIVE WRITING INSTRUCTOR AT THE HIGHER EDUCATION LEVEL. RESIDING IN THE MIDWEST WITH HER PARTNER AND HER BELOVED LABRADOR SONS, SHE IS A DEDICATED PROFESSIONAL WITH A MULTIFACETED LIFESTYLE. WHEN NOT IMMERSED IN ORCHESTRATING HER NEXT LITERARY ENDEAVOR WHILE ENJOYING MUSIC, SHE FINDS SOLACE IN CULINARY PURSUITS OR INDULGES IN EXTENSIVE READING FROM HER EVER-EXPANDING TO-BE-READ LIST. HER LITERARY PREFERENCES GRAVITATE TOWARDS NARRATIVES CHARACTERIZED BY UNFORESEEN TWISTS, A QUALITY SHE ENDEAVORS TO INFUSE INTO EACH OF HER NOVELS.



Também por

Catarina:

A Série Ordem

A Ordem: Reino das Cinzas Caídas

A Ordem: Labirinto de Jogos Distorcidos

A Ordem: Abismo dos Pecados Malignos

A Ordem: Ascensão do Novo Império

Document Outline

- [Capítulo 3](#)
- [Uma mensagem para meus leitores:](#)
- [Lista de avisos de gatilho](#)
- [Lista de reprodução](#)
- [Dedicação](#)
- [2. Capítulo 1](#)
- [3. Capítulo 2](#)
- [4. Capítulo 3](#)
- [5. Capítulo 4](#)
- [6. Capítulo 5](#)
- [7. Capítulo 6](#)
- [8. Capítulo 7](#)
- [9. Capítulo 8](#)
- [10. Capítulo 9](#)
- [11. Capítulo 10](#)
- [12. Capítulo 11](#)
- [13. Capítulo 12](#)
- [14. Capítulo 13](#)
- [15. Capítulo 14](#)
- [16. Capítulo 15](#)
- [17. Capítulo 16](#)
- [18. Capítulo 17](#)
- [19. Capítulo 18](#)
- [20. Capítulo 19](#)
- [21. Capítulo 20](#)
- [22. Capítulo 21](#)
- [23. Capítulo 22](#)
- [24. Capítulo 23](#)
- [25. Capítulo 24](#)
- [26. Capítulo 25](#)
- [27. Capítulo 26](#)
- [28. Capítulo 27](#)
- [29. Capítulo 28](#)
- [30. Capítulo 29](#)

- [31. Capítulo 30](#)
- [32. Capítulo 31](#)
- [33. Capítulo 32](#)
- [34. Capítulo 33](#)
- [35. Capítulo 34](#)
- [36. Capítulo 35](#)
- [37. Capítulo 36](#)
- [38. Capítulo 37](#)
- [39. Capítulo 38](#)
- [40. Capítulo 39](#)
- [41. Capítulo 40](#)
- [42. Capítulo 41](#)
- [43. Capítulo 42](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Também por](#)